



Ana Valéria M. Medonça

Luana Dias da Costa

Elmira Luzia M. S. Simeão

Maria Fátima de Sousa

**Relatos de Experiências
para a prevenção
de arboviroses: Centro-Oeste,
Norte e Nordeste**

Volume - I

Brasília-DF

2022

Editora ECoS



© 2022 Editora ECoS

Relatos de Experiências para a prevenção de
arboviroses: Centro-Oeste, Norte e Nordeste

Organizadoras

Ana Valéria M. Medonça

Luana Dias da Costa

Elmira Luzia M.S. Simeão

Maria Fátima de Sousa

Revisão de Textos

Yuri de Lavor

Design Gráfico e Diagramação

Sparkgroup Treinamento e Capacitação em Tecnologia

Identidade Visual e Capa

Sparkgroup Treinamento e Capacitação em Tecnologia

Tiragem

325 unidades

Brasil. Catalogação na fonte. Bibliotecária responsável:
Mônica Regina Peres – CRB-1/1339

Relatos de Experiências para a prevenção de arboviroses: Centro oeste, norte e
nordeste / organizadoras, Ana Valéria M. Mendonça, Luana Dias da Costa, Elmira Luzia
M. S. Simeão, Maria Fátima de Sousa; autores, Adna Rodrigues ... [et al.]. – Brasília :
Editora ECoS, 2022. (RedeBrasil Arbocontrol, v.1)

PDF 247p. : il. Color. Brochura
Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-84856-01-1

1. Arbovirose. 2. Dengue.3. Zika. 4. Chikungunya. 5. Aedes aegyptil. Mendonça, Ana
Valéria M. II.Costa, Luana Dias da.III Simeão, Elmira Luzia M. S.IV.Sousa, Maria Fátima
de.V. Título

CDU: 614.449
CDD: 614.571

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que
citada a fonte. Todos os direitos desta edição reservados à Editora ECoS.



Conselho Editorial

Ana Valéria Machado Mendonça
Presidente

Maria Fátima de Sousa
Vice-Presidente

Elmira Luzia Melo Soares Simeão
Editora

Luana Dias da Costa
Secretária Editoria

Conselho Honorífico

Antonio Lisboa Carvalho de Miranda
Professor Emérito da Universidade de Brasília

Ena de Araújo Galvão
Academia de Letras de Brasília

Lise Renaud
Professora Emérita da Université du Québec à Montréal, Canadá

Conselho Editorial Consultivo (Nacional)

Aida Varela Varela (UFBA)
Ana Valéria M. Mendonça (UnB)
Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira (UnB)
Cristianne Maria Famer Rocha (UFRGS)
Elmira Luzia Melo Soares Simeão (UnB)
Fernando Passos Cupertino de Barros (UFG)
Maria da Glória Lima (UnB)
Maria Fátima de Sousa (UnB)
Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)
Rackynelly Alves Sarmento Soares (IFPB)
Regina Célia Belluzzo (UNESP)
Wania Ribeiro Fernandes (UFAM)

Conselho Editorial Consultivo

(Internacional) Aurora Cuevas Cerveró (Espanha) Carlos Vassalo (Argentina) Maria João Lopes Antunes (Portugal) Patrícia Hernández Salazar (México) Paulo Ferrinho (Portugal)

Organização

Ana Valéria M. Mendonça
Luana Dias da Costa
Elmira Luzia M. S. Simeão
Maria Fátima de Sousa

Autores/as Convidados/as

Adna Rodrigues
Alana Beatriz Bentes dos Santos
Alessandra Rosas Grants
Allysson Viana Martins
Ana Paula Benetolli Camargo
Ana Valéria M. Mendonça
Andayra França
Andrea Silva Domingues
Angéli do Prado Casagrande
Bárbara Souza Rocha
Benedita Celeste de Moraes Pinto
Bruna Maria Becegatto Costa
Camila Gonzaga Brasil
Camila Rodrigues Barbosa Nemer
Camilla Moreira Fernandes
Carla Morales
Carla Targino da Silva Bruno
Carolina Paz
Cláudia Araújo de Lima
Cleisson Vitor Soares Pereira
Cristianne Maria Famer Rocha
Cristiano Alves Viana
Cristiano Santos
Cynthia Mara Miranda
Daniele Achilles
Danielli Santos da Silva
Deise Sabbag
Délisson Pereira da Luz
Elijance Marques dos Santos
Elmira L. Melo S Simeão
Fabrícia Luane da Silva Santos
Fabrício Martins Mendonça
Felipa Rafaela Amadigi
Fran Wallafé dos Santos Martins
Francisco Dias do Nascimento
Gabriela Falconi Vieira Gonçalves
Germana Plácido
Giovana Mesquita
Helder Bruno Alves Mendonça de Souza
Izani Mustafá
Jaciane Lira
Jeanine Pacheco Moreira Barbosa
Jefferson Araújo do Nascimento
Jessé Luiz Ribeiro de Melo

João Armando Alves
João Carlos Alcântara
João Pedro Nazário de Souza
João Pedro Pacheco
João Pedrosa Wanderley Neto
Jorge Luiz Silva
Juliana Cardoso Álvares
Juliana Maia
Karine Wlasenko Nicolau
Keila Fernandes Santos
Kesley Willian Crisóstomo Guimarães
Laís Tavares
Larissa Rezende Fazza
Leonardo Caamaño Natividade Silva
Lívia Cirne de Azevedo Pereira
Lívia Sabioni
Luana Braga dos Reis Oliveira
Lucas Piazzini de Castro
Luís Carlos da Silva Duarte
Luiz Filipe Barcelos Macêdo
Luiza Sheyla Evenni Porfírio Will Castro
Luzilena de Sousa Prudêncio
Maísa Rodrigues dos Santos
Marcelo Rodrigo da Silva
Márcia Brasil
Márcio de Oliveira
Marco José dos Santos Matos
Marcos Aurélio da Silva
Maria Alice dos Santos
Maria Aparecida Bezerra
Maria Eduarda Bispo da Silva
Maria Fátima de Sousa
Maria Fernanda Soares Gonçalves
Matheus Lopes dos Santos
Meri Nadia Marques Gerlin
Michele Neves Meneses
Mylena Xavier Butrago
Nathália Lima de Souza
Nely Dayse Santos da Mata
Norma Meireles
Orlando Pilar Arruda
Patrícia Monteiro
Pedro Lourenço
Pedro Vinicius Falcão Paiva dos Santos
Rackynelly Alves Sarmento Soares
Rafael Alves Guimarães
Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho
Ralf Amaral Santos
Ralf Cordeiro Batista
Raquel do Monte
Renata Ferreira Siqueira







Rhana Beatriz Maia de Freitas
Ricardo Lemos
Rodolfo Rodrigo
Rodrigo Eduardo Botelho-Francisco
Roseana Maria Barbosa Meira
Ruylon C. Peixoto
Sarah Bianca Trindade
Sílvia Ribeiro de Souza
Smyrna Menezes Oliveira
Suzy Nascimento da Silva
Taináh Mota e Silva
Thaísa Bueno
Thiago Emanuel Rodrigues Novaes
Tiffany Yassuda Taira
Valeska Barimacker
Vanderléia Laodete Pulga
Vânia Cristina Pires Nogueira Valente
Vitória Lima



Esta obra é licenciada nos termos Creative Commons sob a licença: Atribuição - Sem Derivações - Sem Derivados - CC BY-NC-ND, sendo todos os direitos reservados. É permitida a reprodução, disseminação e utilização desta obra, em parte ou em sua totalidade, desde que citada a fonte.

©2022 Universidade de Brasília - Editora ECoS
Faculdade de Ciências da Saúde Laboratório de Educação, Informação e Comunicação em Saúde
- LabECos Campus Darcy Ribeiro, s/n - Gleba FS/
FM - Sala CT 77/12, Asa Norte Brasília/DF - Brasil
CEP:70.910-900 Telefone: +55 61 3107-1820 /
E-mail: ecos@unb.br / www.ecos.unb.br


Sumário

Conteúdo	Página
 Os fios que conduzem à construção do trabalho em rede: o Projeto ArboControl no Brasil	
Ana Valéria M. Mendonça, Rackynelly A. Sarmento Soares e Maria Fátima de Sousa	11
Região Centro-Oeste	29
 Projeto ArboControl no Centro-Oeste: a comunicação e o diálogo na saúde em pauta	
Karine Wlasenko Nicolau, Maísa Rodrigues dos Santos, Luís Carlos da Silva Duarte, Cláudia Araújo de Lima, Leonardo Caamaño Natividade Silva, Orlando Pilar Arruda, Marcos Aurélio da Silva, Ana Paula Benetolli Camargo, Luana Braga dos Reis Oliveira, Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho, Maria Alice dos Santos, Camilla Moreira Fernandes, Rafael Alves Guimarães, Alessandra Rosas Grants, Camila Gonzaga Brasil, Kesley Willian Crisóstomo Guimarães, Marco José dos Santos Matos e Bárbara Souza Rocha.	31
Região Nordeste	57
 Como um programa informativo distribuído pelo celular contribui para o combate à desinformação: a experiência de produção do ArboZap no Maranhão	
Thaísa Bueno, Izani Mustafá, Germana Plácido e João Carlos Alcântara.	59
 Comunicação e Saúde: mídia sonora no combate às arbovirozes na Paraíba	
Patrícia Monteiro, João Pedrosa Wanderley Neto, Cristiano Santos, Maria Aparecida Bezerra e Norma Meireles.	79
 Entre a lagoa e a parte alta da cidade: memórias, reflexões e testemunhos acerca de duas oficinas de audiovisual sobre arbovirozes em Maceió	
Raquel do Monte, Juliana Maia e Jaciane Lira.	99
 Radionovela como estratégia de comunicação para a prevenção das arbovirozes no campo	
Giovana Mesquita, Adna Rodrigues, Carolina Paz, Rodolfo Rodrigo, Vitória Lima, Pedro Lourenço, Ricardo Lemos, Andrayra França e Laís Tavares.	115


-  Do media training aos podcasts: as ações do ArboControl no Rio Grande do Norte

Livia Cirne de Azevedo Pereira, Jorge Luiz Silva e Smyrna Menezes Oliveira. • • • • • **131**

Região Norte • • • • • **143**

-  Comunicação em saúde e tecnologias digitais no combate às arboviroses na Região Norte do Brasil

Marcelo Rodrigo da Silva, Francisco Dias do Nascimento e Ralf Cordeiro Batista. • • **145**

-  As estratégias lúdicas para a construção de conhecimentos sobre arboviroses em um quilombo na Amazônia Brasileira

Luzilena de Sousa Prudêncio, Matheus Lopes dos Santos, Sarah Bianca Trindade, Fabricia Luane da Silva Santos, Camila Rodrigues Barbosa Nemer e Nely Dayse Santos da Mata. • • • • • **161**

-  Comunicação e Saúde: experiências locais do controle das arboviroses em Palmas

Cynthia Mara Miranda, Keila Fernandes Santo e Cristiano Alves Viana. • • • • • **175**

-  Dengue, zika, chikungunya: a experiência de um projeto realizado em Manaus-AM

Márcio de Oliveira, Jefferson Araújo do Nascimento e Fran Wallafe dos Santos Martins. • • • • • **197**

-  Partilhando experiências e vivências: ações da equipe ArboControl Estação Norte – Cabetá-PA

Rhana Beatriz Maia de Freitas, Renata Ferreira Siqueira, Benedita Celéste de Moraes Pinto e Andrea Silva Domingues. • • • • • **209**

-  Produção de conteúdo digital sobre arboviroses em Rondônia: experiência no Instagram e no TikTok do @grupomidi

Allysson Viana Martins, Alana Beatriz Bentes dos Santos e Cleisson Vitor Soares Pereira. • • • • • **229**

Prefácio

Depois de cinco anos de pesquisa, passados entre inúmeras atividades, individuais e coletivas, são apresentadas, neste livro, boa parte das experiências realizadas no Projeto Integrado - ArboControl Brasil, Arbovírus dengue, zika e chikungunya compartilham o mesmo inseto vetor: o mosquito *Aedes aegypti* - moléculas do Brasil e do mundo para o controle, novas tecnologias em saúde e gestão da informação, educação e comunicação. Este livro representa o trabalho árduo de várias mentes que têm a missão de produzir, traduzir e disseminar o conhecimento científico para a prevenção da dengue, zika e chikungunya, principais arboviroses que, embora evitáveis, ainda matam no Brasil.

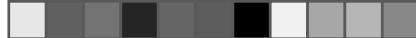
Estão organizados nessa obra os relatos da experiência dos pesquisadores da Rede Brasil de Gestão da Informação e Tradução do conhecimento, que é composta por representação nacional de Instituições de Ensino Superior (IES) das cinco regiões brasileiras, situadas não somente nas capitais do país, mas também em municípios onde estão instaladas unidades avançadas, polos e campi das Universidades envolvidas no projeto.

Tem por objetivo propor melhorias e inovações às ações de informação, educação e comunicação em vários setores do Estado e da sociedade civil organizada, para traduzir o conhecimento à comunidade acadêmica, à população e gestores do Sistema Único de Saúde (SUS), de modo a contribuir nas tomadas de decisões em saúde.

Antes de detalhar os aspectos orientadores da pesquisa fazendo uma leitura atenta desta publicação, precisamos destacar aos leitores a ação da "Rede Brasil" no projeto. Trata-se de uma rede composta por pesquisadores, alunos(as) e professores(as), oriundos de todas as regiões brasileiras, integrados por pesquisas que compartilharam teorias e práticas, atualizando e inovando metodologias. Além dessa multiplicidade de territórios e riqueza nos métodos de investigação, a ação desse coletivo se enriquece com a experiência de pessoas que trabalham em diferentes áreas do conhecimento atuando em distintas instituições. Desse horizonte marcado por diferentes nuances, surge o livro "RedeBrasil Arbocontrol:

Relatos de Experiências para a prevenção de arboviroses". São 26 capítulos, reunidos por região, indicando as principais ações desenvolvidas no âmbito da prevenção, combate e controle das Arboviroses no Brasil. Esperamos que esse trabalho contribua para as ações dos gestores e que as políticas públicas passem a adotar algumas de suas ações no âmbito da comunicação e informação para educação em saúde.

As organizadoras.



Os fios que conduzem à construção do trabalho em rede: o Projeto ArboControl no Brasil

The threads leading to the construction of networking: the ArboControl Project in Brazil

Ana Valéria M. Mendonça
Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB).
valeriamendonca@gmail.com

Rackynelly A. Sarmento Soares
Doutora em Modelos de Decisão e Saúde pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
rackynelly.soares@ifpb.edu.br

Maria Fátima de Sousa
Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília (UnB).
mariafatimasousa09@gmail.com

Resumo

De 2016 a 2022, o Projeto ArboControl desenvolveu um trabalho de ensino, pesquisa e extensão em rede nacional e internacional. Este relato objetiva apresentar as origens desse projeto multicêntrico e longitudinal, desde as discussões técnicas e teórico-metodológicas até sua realização. Utilizou-se a narrativa histórica para a apresentação dos quatro componentes do projeto, culminando na criação e no desenvolvimento da Rede Brasil de Gestão da Informação e Tradução do Conhecimento, rede multidisciplinar que consolidou as ações e as produções de conteúdos nas cinco regiões do Brasil, no que concerne ao Componente 3 do ArboControl, aqui destacado. O relato apresenta ainda o perfil dessa rede, composta por 181 pessoas, que permitiu a inclusão de mulheres e o esforço do referido grupo de pesquisa em minimizar a hegemonia branca na ciência. Palavras-chave: ArboControl; Dengue; Zika; Chikungunya; Ciência Cidadã.

Abstract

From 2016 to 2022, the ArboControl Project developed teaching, research and extension work in a national and international network. This report aims to present the origins of this multicentric and longitudinal project, from the technical and theoretical-methodological discussions to its realization. The historical narrative was used to present the four components of the project, culminating in the creation and development of the Brazil Network for Information Management and Knowledge Translation, a multidisciplinary network that consolidated actions and content production in the five regions of Brazil, regarding Component 3 of ArboControl, highlighted here. The report also presents the profile of this network, composed of 181 people, which allowed the inclusion of women and the effort of the research group to minimize white hegemony in science. Keywords: ArboControl. Dengue. Zika. Chikungunya. Citizen Science.

1 - Introdução

Há cinco anos, o Projeto “ArboControl: arbovírus dengue, zika e chikungunya compartilham o mesmo vetor: o mosquito *Aedes aegypti* – moléculas do Brasil e do mundo para o controle, novas tecnologias em saúde e gestão da informação, educação e comunicação” tomava corpo entre os/as pesquisadores/as da Faculdade de Ciências da Saúde (FS), do Núcleo de Estudos em Saúde Pública do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (NESP/CEAM) e do Laboratório de Educação, Informação e Comunicação em Saúde (LabECoS) da Universidade de Brasília (UnB), mediante financiamento do Ministério da Saúde (MS).

Levamos quase um ano, entre os finais de 2015 e 2016, em tratativas visionárias da então diretora da FS, a enfermeira sanitarista e professora doutora Maria Fátima de Sousa, junto à Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, que tinha como secretário à época, Dr. Antonio Carlos Figueiredo Nardi.

Os dados eram alarmantes. Até o Natal de 2015, exatamente em 24 de dezembro, somavam-se 1.001 mortes: 984 por dengue, 14 por chikungunya e 3 por zika. No mesmo período em 2016, foram 794 as mortes por dengue, zika e chikungunya, sendo 629 por dengue, 159 por chikungunya e 6 por zika (BRASIL, 2022). Ao final de 2016, chegamos a 1.976.029 casos, sendo 1.496.282 de dengue, 265.554 de chikungunya e 214.193 de zika (BRASIL, 2022).

Nesse sentido, fomos convidados a constituir um projeto de largo alcance, longitudinal e que dialogasse com as várias necessidades da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do ministério nas seguintes vertentes: desenvolvimento de inseticida; monitoramento tecnológico dos vetores; ações de educação, informação e comunicação para prevenção da dengue, zika e chikungunya (DZC); e ações de educação permanente para os profissionais e os gestores do Sistema Único de Saúde (SUS).

Inúmeras foram as oficinas internas à UnB e outras em conjunto com as equipes técnicas da SVS/MS para que chegássemos a um denominador comum que alinhasse os múltiplos e complexos desafios com os quais nos deparávamos. Inicialmente a equipe da UnB foi composta pelas professoras doutoras Ana Valéria Machado Mendonça (Saúde Coletiva), coordenadora do NESP/UnB até 2016, Laila Salmen Espíndola (Farmácia) e Maria Paula do Amaral Zaitune (Saúde Coletiva), depois substituída pelo professor doutor Jonas Lotufo Brant de Carvalho (Saúde Coletiva), convidadas/o para delinear os quatro componentes que deram vida ao Projeto ArboControl. O nome fantasia foi sugerido pela professora Laila e ganhou a simpatia de todo o conjunto de pessoas desta exitosa atividade de ensino, pesquisa e extensão em âmbito nacional e internacional, que hoje encerra suas atividades executivas, mas não sua produção, pois é agora que seus frutos ganham o Brasil e o mundo.

Diante desse cenário, foi firmado convênio entre o Fundo Nacional de Saúde e a Universidade de Brasília para a execução das ações previstas no Projeto ArboControl, por meio dos Termos de Execução Descentralizada (TED) 74/2016 e 42/2017, sob a coordenação geral da professora Fátima Sousa.

2 - O projeto ArboControl e seus componentes

Visando a mobilizar uma rede de pesquisadores/as nacionais e internacionais que, junto aos órgãos governamentais de saúde, desafiasse as dificuldades do controle vetorial, iniciamos nossos esforços em 2016 com uma demanda do Ministério da Saúde para a análise da composição química e da atividade inseticida de produtos recebidos pelo órgão. Assim, o ArboControl constituiu seu Componente 1, dedicado às pesquisas para o controle de vetor (metas 1 a 6), sob a coordenação da professora Laila, do Laboratório de Farmacognosia, Departamento de Farmácia (FS/UnB).

As ações do Componente 2, dedicado às novas tecnologias em saúde, tiveram início sob a coordenação do professor Jonas Lotufo Brant de Carvalho, da Sala de Situação (SDS) do Departamento de Saúde Coletiva

(FS/UnB). Suas atividades previam contribuir com o programa nacional de controle do vetor *Aedes aegypti* e das arboviroses. A SDS FS/UnB é responsável pelas metas 07, 08 e 09 do projeto: revisão sistemática; avaliação de sistemas de informação entomológica, ambiental, epidemiológica e assistencial; desenvolvimento de aplicativo para uso em campo; e construção de um Business Intelligence (BI) para subsidiar a tomada de decisões nas três esferas de governo.

Já o Componente 3, dirigido a educação, informação e comunicação para o controle do vetor, contou desde sempre com a parceria estratégica do Laboratório de Educação, Informação e Comunicação em Saúde (LabECoS), coordenado pela professora Ana Valéria, também do Departamento de Saúde Coletiva (FS/UnB) e do NESP/UnB.

O Componente 4, voltado à formação e à capacitação profissional, teve como parceiros estratégicos o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – Mestrado Profissional, que promoveu turmas de mestrado, bem como o Programa de Pós-Graduação em Medicina Tropical, com o professor doutor Rodrigo Gurgel Gonçalves, e o curso de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia, com o professor doutor Marcos Takashi Obara e as professoras doutoras Flávia Reis de Andrade e Vanessa Resende Nogueira Cruvinel, para oferta de cursos de especialização lato sensu em Entomologia Médica e em Epidemiologia para Vigilância e Controle do *Aedes aegypti* e de Arboviroses.

Neste texto, nos debruçaremos sobre o Componente 3 do Projeto ArboControl, que vem se dedicando às ações de educação, informação e comunicação para o controle do vetor. Metodologicamente, está distribuído em três metas com seus respectivos objetivos, que se inter-relacionam a partir de três eixos programáticos: (1) comunicação científica; (2) comunicação comunitária; e (3) comunicação para tomada de decisões do gestor do SUS.

Dividido em três metas – de 10 a 13 – com seus respectivos objetivos, de forte cunho qualitativo, esse componente desafiou-se, em sua meta 10, a avaliar e orientar as estratégias de educação, informação e comunicação produzidas pelo Ministério da Saúde no controle do vetor *Aedes aegypti* e das arboviroses DZC. Seu objetivo geral foi estimular o uso de evidências científicas nas ações de educação, informação e comunicação para a promoção da saúde, tendo em vista a avaliação das estratégias de comunicação do Ministério da Saúde voltadas ao controle do vetor *Aedes aegypti* e das arboviroses DZC.

Entre os objetivos específicos dessa meta, destacam-se: realizar revisão sistemática sobre a eficácia das estratégias atuais de comunicação como indutoras da adoção de hábitos de prevenção pela população; elaborar proposta de utilização das estratégias de comunicação que apresentassem os melhores resultados na revisão sistemática; realizar estudos-piloto;



desenvolver a avaliação das estratégias de educação, informação e comunicação adotadas pelo Ministério da Saúde no controle do vetor *Aedes aegypti* e das arboviroses DZC em diferentes regiões e estratos populacionais, com a metodologia de comunicação que apresentasse melhores resultados na revisão sistemática, em três municípios de cada uma das cinco regiões do Brasil; e identificar práticas exitosas de gestão e uso do conhecimento da população no controle do vetor *Aedes aegypti* e das arboviroses DZC.

A meta 11 do Componente 3 previa analisar modelos de recepção e mediação de mensagens visando à identificação de estratégias para a publicização das atividades do projeto e os processos de educação, informação e comunicação. Seu objetivo geral foi desenvolver e implementar estratégias de comunicação para estimular o engajamento da sociedade no combate aos vetores. Seus objetivos específicos consistiam em realizar oficinas de produção de conteúdo em pelo menos um município de cada uma das cinco regiões brasileiras com maior incidência das arboviroses DZC para tradução do conhecimento à população de risco, visando à sustentabilidade das campanhas e ações de educação, informação e comunicação produzidas pelo Ministério da Saúde; e identificar práticas exitosas de gestão e uso do conhecimento da população no controle do vetor *Aedes aegypti* e das arboviroses DZC.

Realizar cinco workshops com participação de especialistas nacionais e internacionais foi a meta 12. Já a meta 13 envolvia a criação de um ambiente virtual para compartilhar experiências exitosas, práticas de educação e comunicação em saúde e os resultados do projeto junto aos gestores, aos profissionais, aos pesquisadores, aos estudantes e à população em geral.

3 - Rede Brasil de gestão da informação e tradução do conhecimento

A Rede Brasil de Gestão da Informação e Tradução do Conhecimento foi criada pelo LabECoS da UnB em abril de 2020, com representação nacional de instituições públicas de ensino superior das cinco regiões brasileiras, situadas não somente nas capitais do país, mas também em municípios onde estão instaladas unidades avançadas, polos ou campi das universidades envolvidas. Seu objetivo é propor melhorias e inovações às ações de informação, educação e comunicação em vários setores do Estado e da sociedade civil organizada para traduzir o conhecimento à comunidade acadêmica, à população e aos gestores do SUS, de modo a contribuir nas tomadas de decisões.



A partir de suas ações integradas, a Rede Brasil busca a realização de diagnósticos locais regionais no que tange a perfis epidemiológicos, sanitários e socioculturais; o mapeamento de lideranças locais regionais; a mobilização e sensibilização de lideranças e parcerias locais regionais para o desenvolvimento das ações que lhes forem estratégicas; a identificação das potencialidades e das lacunas temáticas locais regionais quanto à prevenção das arboviroses DZC; o estímulo ao protagonismo local regional na produção de conteúdo para a prevenção das arboviroses DZC; a promoção da educação midiática, respeitando os princípios da qualidade da informação em saúde; o reconhecimento dos saberes locais regionais; a divulgação e socialização da produção local regional em suas mídias individuais e/ou institucionais; o monitoramento do progresso e alcance das ações; e, sobretudo, a contribuição com os processos formativos para a promoção da Ciência Cidadã.

Trata-se de uma iniciativa multicêntrica que abrange a produção de revisões sistemáticas e sínteses de evidências; a aplicação de metodologias quantitativas e qualitativas; e a tradução do conhecimento para as instituições do mundo acadêmico, os gestores e os usuários do SUS, de forma a contribuir nas estratégias de promoção dos modelos teórico-metodológicos e das ações comunicativas para a superação da fase aguda de contaminação das arboviroses. Envolve ainda apoiar o desenvolvimento de ações estratégicas para a ampliação e a extensão do conhecimento público, da conscientização e da confiança nas medidas de prevenção, bem como estratégias voltadas à boa comunicação e à prevenção de circulação de notícias falsas, para o desenvolvimento da consciência sanitária e da ciência cidadã.

A Rede Brasil é composta pelas seguintes instituições de ensino: Universidade Federal da Fronteira Sul – campus Passo Fundo (UFFS); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal do Paraná (UFPR); Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes); Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp); Universidade Federal de Juiz Fora (UFJF); Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Universidade Federal do Piauí (UFPI); Universidade Federal de Sergipe (UFS); Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Universidade Federal de Paraíba (UFPB); Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Universidade Federal de Pernambuco – campus Caruaru (UFPE); Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB); Universidade Estadual do Ceará (UECE); Universidade Federal do Amazonas – campi Manaus e Parintins (UFAM); Universidade Federal de Rondônia (UNIR); Universidade Federal de Roraima (UFRR); Universidade Federal do Acre (UFAC); Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); Universidade Federal do Tocantins (UFT); Universidade Federal do Pará – campus Cametá (UFPA); Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT);

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – campus Pantanal (UFMS); Universidade Federal de Goiás (UFG); Instituto Federal da Paraíba– campus Sousa (IFPB); e Universidade de Brasília (UnB), coordenadora nacional da rede.

Por sua capilaridade e fortaleza, a Rede Brasil associou-se ao Projeto ArboControl nos eixos temáticos de Educação, Informação e Comunicação em Saúde, referentes ao Componente 3, visando à prevenção das arboviroses DZC. A partir de suas ações integradas, foram organizadas cinco coordenações de estações regionais com suas respectivas coordenações estaduais, correspondentes aos 27 estados da federação, incluindo o Distrito Federal, todas corresponsáveis e cocriadoras de processos e aprendizados coletivos.

Às coordenações das estações regionais coube organizar as ações programadas em sua região de abrangência; acompanhar as coordenações estaduais da rede de acordo com os princípios pactuados; auxiliar a seleção da equipe de auxiliares de pesquisa em sua região; monitorar o cronograma da pesquisa; supervisionar regionalmente o desenvolvimento das ações previstas; fazer a interlocução com as secretarias estaduais e municipais de educação e/ou saúde, os Conselhos de Secretarias Municipais de Saúde (COSEMS), as associações locais de ACS/ACE, as associações de rádios comunitárias e outros veículos comunitários, as lideranças comunitárias e outros órgãos necessários ao cumprimento dos objetivos da pesquisa em apoio às coordenações estaduais; manter contato periódico com a coordenação nacional do projeto, viabilizando o bom andamento do fluxo de gestão da informação e comunicação das atividades; colaborar nos processos de análise dos dados da pesquisa; participar de reuniões e sessões de estudos; elaborar relatórios mensais das atividades desenvolvidas; e contribuir para a produção técnico-científica junto à coordenação nacional.

Já às coordenações estaduais coube coordenar as ações programadas em seu estado e/ou município de origem; acompanhar as coordenações das estações regionais de acordo com a matriz de programação acordada; realizar a seleção da equipe de auxiliares de pesquisa em seu local de origem; monitorar o cronograma local da pesquisa; supervisionar localmente o desenvolvimento das ações previstas; fazer a interlocução com as instâncias locais e outros órgãos necessários ao cumprimento dos objetivos da pesquisa; manter contato periódico com a coordenação da estação regional do projeto, viabilizando o bom andamento do fluxo de gestão da informação e comunicação das atividades locais; colaborar nos processos de análise dos dados da pesquisa; participar de reuniões e sessões de estudos; elaborar relatórios mensais das atividades desenvolvidas; e contribuir para a produção técnico-científica junto à coordenação nacional.

3.1 - Metodologia da Rede Brasil

A metodologia da pesquisa-ação foi empregada para a consolidação da Rede Brasil, por se tratar de uma estratégia que promove a participação social e, por sua vez, a integração com as universidades envolvidas no âmbito do Projeto ArboControl (DENZIN; LINCOLN, 2006).

A rede seguiu o desenho metodológico do Projeto ArboControl no âmbito do Componente 3, anteriormente apresentado. Além disso, oportunizou o trabalho em conjunto para a definição de objetivos e percursos trilhados, visando ao alcance de produtos de interesse comum aos que dela participaram, respeitando as regionalidades e singularidades do território brasileiro.

Vejamos no Quadro 1 o resumo dos momentos e das fases correspondentes à rede.

Quadro 1 – Resumo metodológico da Rede Brasil e suas fases, 2022

MOMENTO 1 - Diagnóstico Sócio Sanitário e epidemiológico loco regional

FASE 1 Identificação de liderança comunitária, grupos estratégicos e parcerias em potencial

FASE 2 Diagnóstico situacional das potencialidades e lacunas temáticas das instituições e/ou comunidades no âmbito do conhecimento, habilidades e atitudes visando a prevenção das arboviroses DZC

FASE 3 Mapeamento dos meios de comunicação alternativos e preferências na busca da comunicação pela comunidade em âmbito loco regional

MOMENTO 2 - Oficinas para produção de conteúdo loco regional

FASE 4 Realização de, pelo menos, uma oficina para produção de conteúdo loco regional, com a participação de, pelo menos, dois representantes da comunidade e/ ou parceria locais

FASE 5 Produção de conteúdos

FASE 6 Validação dos conteúdos junto à comunidade e/ou parcerias locais

MOMENTO 3 - Circulação e divulgação dos conteúdos

FASE 7 Divulgação ampla dos conteúdos

FASE 8 Mobilização dos meios de comunicação alternativos loco regionais e comunicadores populares

MOMENTO 4 - Circulação e divulgação dos conteúdos

FASE 9 Monitoramento de progresso das ações loco regionais

FASE 10 Avaliação do alcance das ações junto à comunidade e/ou parcerias locais

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

Rigorosamente cumpridas, as fases de atuação da Rede Brasil foram acompanhadas por oficinas de trabalho, sessões de estudo e reuniões para o planejamento estratégico das atividades previstas, em especial a produção de conteúdos e objetos de aprendizagem não lineares e em sintonia com as línguas que dialogassem com as culturas e os saberes do Norte ao Sul do país.

3.2 - Procedimentos éticos e integridade da rede

Os princípios éticos e de integridade em pesquisa foram ancorados nas pesquisas aplicadas às ciências humanas e sociais, conforme a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 510, de 7 de abril de 2016, que trata das normas e dos procedimentos metodológicos que envolvem a utilização de dados obtidos diretamente com participantes, por meio de informações identificáveis ou que possam incorrer em riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana.

Tais normas e procedimentos são: reconhecimento da liberdade e da autonomia de todos os envolvidos no processo de pesquisa; defesa dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo nas relações que envolvem os processos de pesquisa; respeito aos valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes das pesquisas; garantia de assentimento ou consentimento dos participantes das pesquisas, esclarecidos sobre seu sentido e suas implicações; garantia da confidencialidade das informações, da privacidade dos participantes e da proteção de sua identidade, inclusive do uso de sua imagem e voz; e garantia da não utilização, por parte do pesquisador, das informações obtidas em pesquisa em prejuízo dos seus participantes.

Desse modo, apesar de termos vivenciado e atuado conjuntamente frente à pandemia da covid-19, não nos ativemos aos impedimentos de ordem física. Com criatividade, entre muitos/as que ainda não tiveram oportunidade de contatos presenciais, a Rede Brasil de Gestão da Informação e Tradução do Conhecimento soube incorporar o espírito colaborativo ao calor humano que nos atraiu solidariamente.

Reforçamos que ao longo deste projeto de pesquisa, de dimensão nacional, buscamos estreitar laços intelectuais e afetivos entre pesquisadores/as brasileiros/as de todas as regiões. Essa rede colaborativa é um exemplo de ação comunicativa de “todos para todos” (MENDONÇA, 2021), uma comunicação extensiva e sem fronteiras (MIRANDA; SIMEÃO, 2014) que constrói uma ciência cidadã em nosso país.

A comunicação extensiva deve ser feita com mente aberta, em espaço horizontal, sem fronteiras, e pode ser ampliada com a construção de linguagens complexas, de caráter multidimensional, potencialmente agregadoras de sentidos. Sua força é tamanha, que pode transformar cenários; tem convencimento e motivação. Trata-se de uma ação comunicativa de todos para todos, da universidade para as cidades, e vice-versa. Esse é o princípio da ciência que se dedica à cidadania, que se pauta pelos direitos humanos e que preza por uma agenda social mobilizadora. Somos seres múltiplos e complexos numa sociedade global e multifacetada, mas somos iguais em direitos e deveres.

A ciência cidadã defende que ideias mais complexas se tornem presentes, transformando o cotidiano do cidadão comum, levando a ele uma ação comunicativa transformadora, que possa garantir qualidade de vida e igualdade social, de todos para todos.

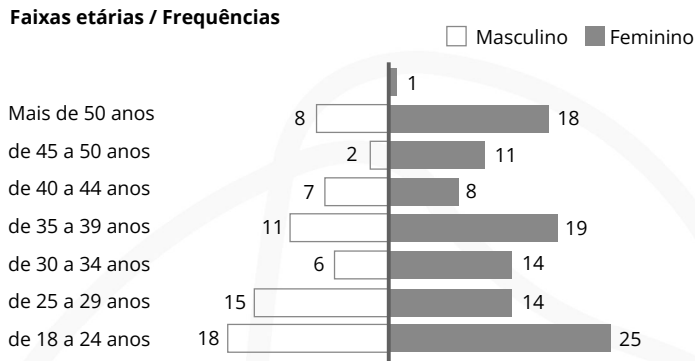
4 - Perfil dos/as pesquisadores/as do projeto ArboControl

Diante dos desafios propostos, o Projeto ArboControl contou com o engajamento de uma rede nacional que totaliza 181 pessoas somente em seu Componente 3. É no perfil dos/as pesquisadores/as dessa rede que nos aprofundaremos um pouco mais, mediante o resultado de um questionário eletrônico aplicado ao corpo de docentes, discentes de graduação e pós-graduação e pesquisadores/as.

Nossa rede caracteriza-se por ser majoritariamente adulta jovem, compreendida na faixa etária entre 18 e 24 anos (23,8%). Cabe ressaltar que a faixa etária de maior idade corresponde a pessoas com 50 anos ou mais, que representam 14,9% da equipe. O/a pesquisador/a mais jovem tem 19 anos de idade, e o mais velho, 64 anos, resultando em desvio padrão de 11,9 anos (Tabela 1 e Figura 1).

Com relação ao critério raça/cor, verifica-se o esforço do referido grupo de pesquisa em minimizar a hegemonia branca na ciência, garantindo a inclusão de pesquisadores pretos/pardos. Dito isso, verifica-se que as pessoas da equipe que se identificam como pretas (12,2%) ou pardas (38,7%), quando somados (50,9%), superam o número de pessoas brancas (47,0%). O mesmo cuidado se verifica quanto à questão de gênero, dado que o sexo feminino (60,8%) também representa a maioria (Tabela 1).

Figura 1 – Distribuição de frequências das faixas etárias segundo o sexo dos/as pesquisadores/as do projeto no Componente 3



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

O caráter inclusivo da Rede Brasil dialoga com estudos de Senkevics e Mello (2019). Ao cruzarem os dados do Censo da Educação Superior e do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) a partir dos ingressos em cursos de graduação no país entre 2012 e 2016, analisando a procedência escolar, a autodeclaração de cor e raça e a renda domiciliar per capita, o pesquisador brasileiro e a pesquisadora espanhola afirmam que a política de cotas é responsável pelo aumento em mais de 50% de pessoas negras e indígenas no ensino superior.

Nos cursos de pós-graduação, Venturini e Feres Júnior (2020) revelam que, dos 1.090 programas de pós-graduação brasileiros, 39,4% ofertam alguma modalidade de ação afirmativa. Destes, o estudo aponta que a área de ciências humanas e sociais é a que acumula o maior número de programas com ações afirmativas.

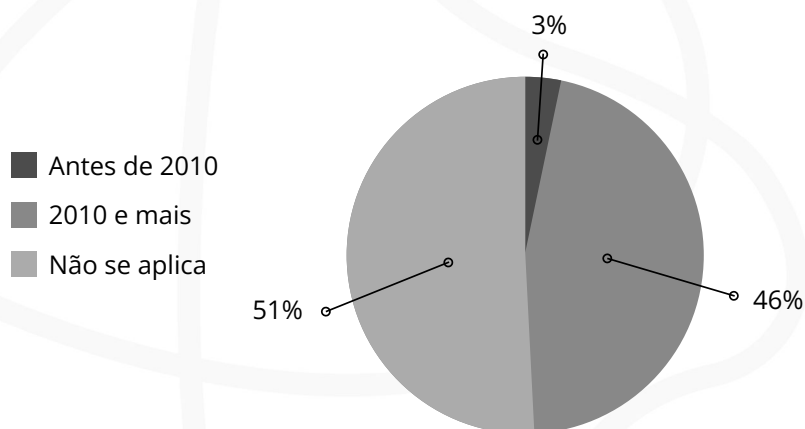
No tocante ao vínculo institucional dos/as pesquisadores/as participantes do Componente 3, a Rede Brasil, constituída nacionalmente, possui 38,7% vinculados/as à Universidade de Brasília (Tabela 1). Relativamente a isso, constata-se outras 24 universidades envolvidas no projeto e distribuídas em todas as regiões do país (Universidade Estadual do Ceará, Universidades Federais da Bahia, Fronteira do Sul, Paraíba, Alagoas, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Rondônia, Roraima, Sergipe, Acre, Amapá, Amazonas, Ceará, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Pará, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Tocantins e outras).

Com relação à graduação/titulação dos/as pesquisadores/as vinculados/as ao projeto, verifica-se alta frequência de profissionais com alguma pós-graduação (56,8%), contrapondo-se a apenas 27,1% com ensino superior

incompleto, indicando o alto nível de qualificação da equipe. Esse resultado corrobora o percentual de pesquisadores/as credenciado/as a algum programa de pós-graduação (39,8%), também relativamente alto (Tabela 1).

Entre os/as pesquisadores/as que apresentam alguma pós-graduação, com 89 pessoas, verifica-se que essa formação aconteceu principalmente no país (85,4%). Relativamente ao período de formação, verifica-se que esta ocorreu principalmente nos últimos dez anos (Tabela 1 e Figura 2).

Figura 2 – Distribuição de frequência do tempo de realização da pós-graduação pelos/as pesquisadores/as do projeto no Componente 3



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

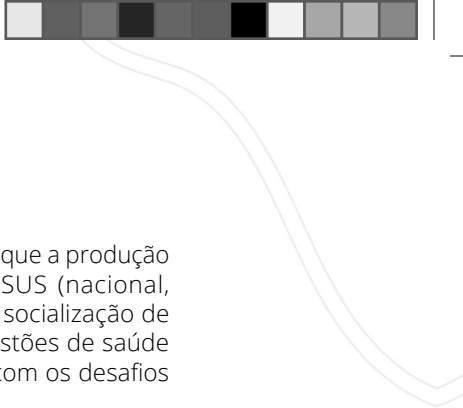

No que concerne à formação-base dessa equipe, constata-se o aspecto multidisciplinar de forma bastante evidente, incluindo formações de várias áreas de conhecimento, sobretudo aquelas relacionadas às ciências sociais e humanas e da saúde. Destacam-se as formações relativas a Jornalismo e Publicidade, Saúde Coletiva, Enfermagem, Educação, entre outras, conformando assim uma equipe interprofissional (Figura 3).

Em cada região do país, a Rede Brasil teve especialistas voltados a uma temática/objetivo, com uma função específica, observando o alinhamento de suas ações no projeto, o cronograma e o prazo de entrega de um produto ou serviço. Cada ação envolveu um leque enorme de especialidades das ciências sociais aplicadas, das ciências humanas, da saúde e da tecnologia.

Tabela 1 – Caracterização da equipe de pesquisadores/as do projeto no Componente 3

Variáveis	Total (n=181)	Percentual (%)	
Qual a sua faixa etária?	de 18 a 24 anos	43	23,8
	de 25 a 29 anos	32	17,7
	de 30 a 34 anos	20	11,0
	de 35 a 39 anos	30	16,6
	de 40 a 44 anos	15	8,3
	de 45 a 50 anos	13	7,2
	Mais de 50 anos	27	14,9
No que se refere a cor, raça/etnia, como você se identifica?	NI	1	0,6
	Amarelo	4	2,2
	Branco	85	47,0
	Pardo	70	38,7
Com qual gênero você se identifica?	Preto	22	12,2
	Feminino	110	60,8
	Masculino	67	37,0
A qual instituição de ensino superior é vinculado/a?	Não binário	4	2,2
	Outros	0	0,0
	Universidade de Brasília	70	38,7
	Outras	111	61,3
Qual sua graduação/titulação?	Ensino superior incompleto	49	27,1
	Ensino superior completo	29	16,0
	Especialização	14	7,7
	Mestrado	31	17,1
	Doutorado	39	21,5
É credenciado/aa em programa de pós-graduação?	Pós-doutorado	19	10,5
	Não	109	60,2
	Sim	72	39,8
Em que país cursou mestrado, doutorado ou pós-doutorado?	Brasil	76	42,0
	Outros	13	7,2
	Não se aplica	92	50,8
Em que ano cursou o mestrado, doutorado ou pós-doutorado?	Antes de 2010	6	3,3
	2010 e mais	83	46
	Não se aplica	92	51
	Auxiliar de pesquisa	63	34,8
	Coordenação de estação	8	4,4
Participou da pesquisa com qual atribuição?	Coordenação estadual	21	11,6
	Coordenação nacional	2	1,1
	Pesquisador/a	72	39,8
	Pós-graduação	15	8,3
Início do vínculo com a pesquisa	Antes de 2021	43	23,7
	2021 e mais	138	76,3

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)



Os fios condutores desse trabalho em rede confirmam que a produção do conhecimento e sua tradução para a gestão do SUS (nacional, estadual e municipal) é imperativa para a integração e a socialização de saberes e práticas capazes de enfrentar as grandes questões de saúde coletiva, sobretudo neste momento de crise sanitária e com os desafios contemporâneos do SUS.

Os resultados do percurso em rede vêm se apresentando como uma estratégia acertada para ampliar e capilarizar a geração de novos conhecimentos. O Projeto ArboControl e seus componentes apontaram que o país segue na disposição de desenhar estratégias criativas e inovadoras para as ações e atividades de prevenção das arboviroses dengue, zika e chikungunya, e de construir territórios livres desses agravos. Destaca-se a necessidade de o Ministério da Saúde e as secretarias estaduais e municipais de saúde seguirem investindo em pesquisas que resultem em conhecimento técnico-científico para o desenvolvimento e o fortalecimento da rede de pesquisadores dos agravos em questão.

Estes registros-memórias demonstram a necessidade de superar as desigualdades no acesso a ações e serviços de saúde, sobretudo em territórios com precárias condições socioambientais, nos quais a população se encontra em maior exposição ao risco de adoecer e morrer. Dessa forma, somente o trabalho em rede poderá fortalecer e consolidar as ações e atividades em curso, transformando seus fios condutores em pontos firmes de consciência sanitária dos gestores públicos do SUS, dos indivíduos, das famílias, das comunidades e dos/as pesquisadores/as das instituições públicas de ensino superior.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Casos de Dengue. Brasil, Grandes Regiões e Unidades Federadas, 1998 a 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/dengue/arquivos/serie-historica-1998-a-2019-provaveis_dengue_site.pdf/view>. Acesso em: 05 abr 2022.

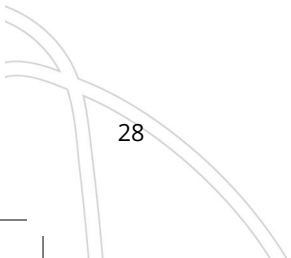
DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MENDONÇA, Ana Valéria Machado. O papel da comunicação em saúde no enfrentamento da pandemia: erros e acertos. In: SANTOS, Alethele de Oliveira; LOPES, Luciana Tolêdo (Orgs.). Competências e regras. Brasília: Conselho Nacional de Secretários de Saúde, 2021. p. 164-179. (Coleção Covid-19, v. 3)

MIRANDA, Antonio Lisboa Carvalho de; SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares. Da comunicação extensiva ao hibridismo e animaverbivocovisualidade (AV3). Informação & Sociedade: Estudos, v. 24, n. 3, p. 49-62, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/19075/12401>>.

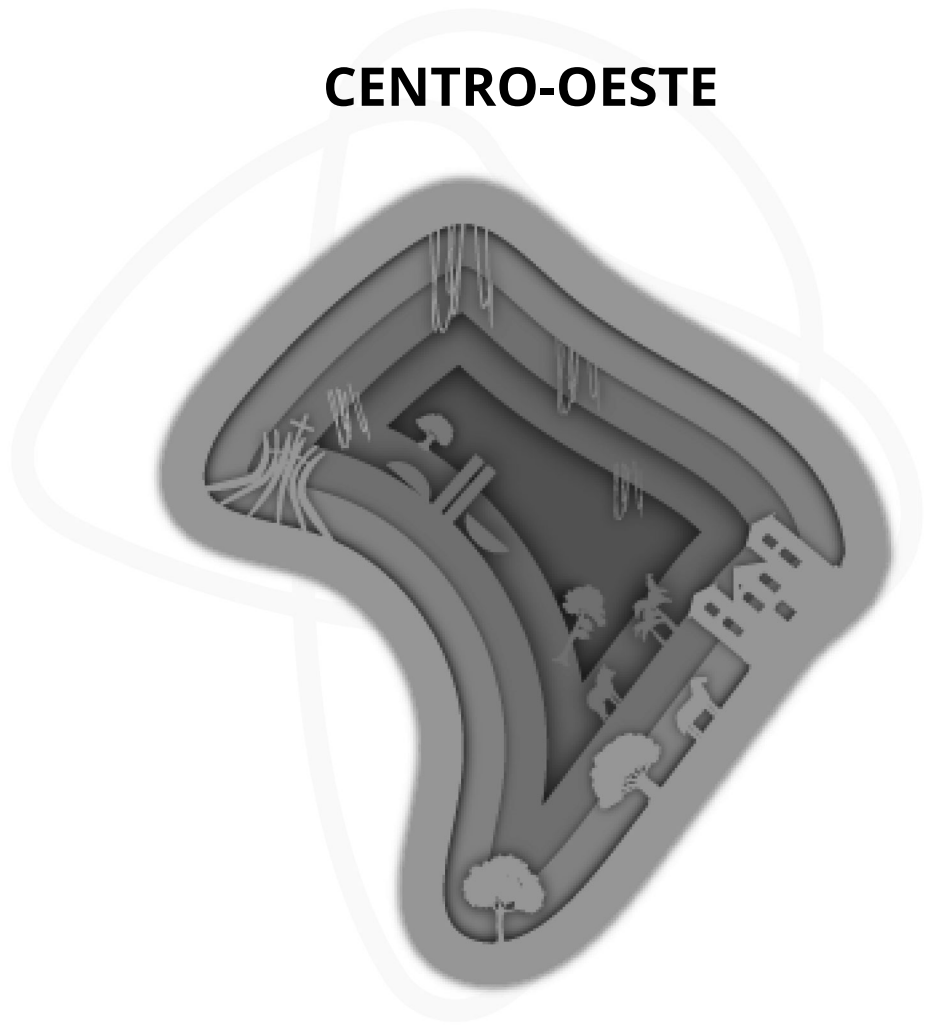
SENKEVICS, Adriano Souza; MELLO, Ursula Mattioli. O perfil discente das universidades federais mudou pós-lei de cotas? Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 49, n. 172, p. 184-208, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/KSvkm3DG3pPZYvpXxQc6PFh/?lang=pt#>>.

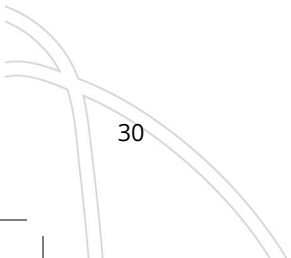
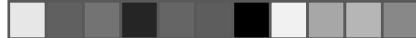
VENTURINI, Anna Carolina; FERES JÚNIOR, João. Política de ação afirmativa na pós-graduação: o caso das universidades públicas. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 50, n. 177, p. 882-909, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/dyyLjXzMKQCwnbz4DwZCGdK/?lang=pt#>>.





CENTRO-OESTE





Projeto ArboControl no Centro-Oeste: a comunicação e o diálogo na saúde em pauta

ArboControl Project in Central-West Brazil: setting communication and health in dialogue

Karine Wlasenko Nicolau
Doutora em Ciências e Tecnologias em Saúde (UnB). Docente na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
karine.nicolau@ufmt.br

Maísa Rodrigues dos Santos
Graduanda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
maisa.pesquisas@gmail.com

Luís Carlos da Silva Duarte
Graduando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
luisduarte0806@gmail.com

Cláudia Araújo de Lima
Doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz). Docente na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).
claudia.araujolima@gmail.com

Leonardo Caamaño Natividade Silva
Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).
contato.fetleo@gmail.com

Orlando Pilar Arruda
Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).
orlandopilar23@gmail.com

Marcos Aurélio da Silva
Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
marcoarelios@hotmail.com

Ana Paula Benetolli Camargo
Graduanda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
ana_vic.amg@hotmail.com

Luana Braga dos Reis Oliveira
Pós-graduanda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
luabreis@hotmail.com

Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho
Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Docente na Universidade de Brasília (UnB).
rafiza@gmail.com

Maria Alice dos Santos
Graduanda em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UnB).
mariaalicedirection@gmail.com

Camilla Moreira Fernandes
Graduanda em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UnB).
fernandesmoreira10@gmail.com

Rafael Alves Guimarães
Doutor em Medicina Tropical pela Universidade de São Paulo (USP). Docente na Universidade Federal de Goiás (UFG).
rafaelalves@ufg.br

Alessandra Rosas Grants
Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG).
ale_grants@discente.ufg.br

Camila Gonzaga Brasil
Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG).
camilagbr@discente.ufg.br

Kesley Willian Crisóstomo Guimarães
Graduando em Sistemas de Informação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
kesleywillian@gmail.com

Marco José dos Santos Matos
Mestre em Ensino de História pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Docente da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC).
marco.matos@yahoo.com.br

Bárbara Souza Rocha
Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente na Universidade Federal de Goiás (UFG).
barbararocha@ufg.br

Resumo

Na Estação Centro-Oeste, o Projeto ArboControl direcionou suas ações para a comunicação em saúde na vertente dialógica e participativa, orientada pelas bases da Educação Popular em Saúde. Na região, algumas arboviroses, como a dengue, tornaram-se endêmicas, com

taxas de incidência superiores à média nacional. O capítulo refere-se a um estudo descritivo, qualitativo, do tipo relato de experiência, com o objetivo de problematizar as experiências e ações desenvolvidas nos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal e Goiás pelo Projeto ArboControl, Componente 3. Os resultados mostraram-se diversificados e heterogêneos, porém apresentam em comum a intenção de alcançar o público infantojuvenil de forma lúdica, simples e inteligível. Para a equipe, tornou-se evidente que a troca de informações com multiplicadores e a dialogicidade no âmbito da comunicação em saúde constituem elementos fundamentais para a sustentabilidade das propostas de enfrentamento às arboviroses, em especial dengue, zika e chikungunya. Palavras-chave: Arboviroses; Comunicação em Saúde; Prevenção e Controle.

Abstract

At Brazil's Central-West Station, the ArboControl Project directed actions towards health communication in a dialogic and participatory way, guided by the bases of Popular Health Education. In Central-West Brazil, some arboviruses (such as dengue) have been endemic, with rates above the national average. The chapter refers to descriptive and qualitative analysis of the experience report type, problematizing the experiences and actions developed in the states of Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, and Goiás by the ArboControl Project, Component 3. The results proved to be diversified and heterogeneous, but presented the common intention of reaching children in a playful, simple, and intelligible way. For the team, it became evident that the exchange of information with multipliers and dialogicity in the health communication field are fundamental elements for the sustainability of the combat against arboviruses, especially dengue, zika, and chikungunya. Keywords: Arbovirus Infections. Health Communication. Prevention and Control.

1 - O Projeto ArboControl na estação Centro-Oeste

Em seu Componente 3 – Educação, Informação e Comunicação para o controle do vetor, o projeto de pesquisa da Rede Brasil de Gestão da Informação e Tradução do Conhecimento, “Arbovírus dengue, zika e chikungunya compartilham o mesmo inseto vetor: o mosquito *Aedes aegypti* – moléculas do Brasil e o mundo para o controle, novas tecnologias em saúde e gestão da informação, educação e comunicação”, apresenta como um de

seus objetivos desenvolver e implementar estratégias de comunicação para estimular o engajamento da sociedade no combate aos vetores, por meio da realização de oficinas de produção de conteúdos voltados à tradução do conhecimento para a população de risco, visando à sustentabilidade das campanhas e ações de educação, informação e comunicação produzidas pelo Ministério da Saúde (ARBOCONTROL, c2020).

Centralizando seus esforços nessa direção, a equipe da Estação Centro-Oeste planejou atividades majoritariamente voltadas à produção de materiais acessíveis e interativos sobre arboviroses. Para tanto, contou com a participação de cinco docentes coordenadores/as das Universidades Federais de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Brasília e Goiás, dois docentes convidados, além de 12 bolsistas, sendo 11 da graduação e uma da pós-graduação. Também participou das ações um gerente de projeto, graduando em Sistemas de Informação.

2 - Estação Mato Grosso: Produzindo subjetividades ativas em educação e comunicação para as arboviroses

A oportunidade de realizar o Projeto ArboControl em Mato Grosso, mais especificamente na cidade de Cuiabá, deixou evidente a necessidade de condução pelos princípios da Educação Popular em Saúde (EPS) (BRANDÃO, 2017); ou seja, não se pensou em uma campanha pronta, mas na construção de uma proposta conjunta para a produção de material, dialogando com a comunidade sobre como temas relacionados às arboviroses poderiam ser trabalhados:

A educação popular em saúde tem uma concepção diferenciada da hegemônica da educação em saúde. Organiza a partir da aproximação com outros sujeitos no espaço comunitário, privilegiando os movimentos sociais locais, num entendimento de saúde como prática social e global e tendo como balizador ético-político os interesses das classes populares. Baseia-se no diálogo com os saberes prévios dos usuários dos serviços de saúde, seus saberes “populares”, e na análise crítica da realidade. (FALKENBERG et al., 2014, p. 849)

Assim, partiu-se para a busca de parcerias em alguma comunidade local. Em Mato Grosso, as infecções por dengue, zika e chikungunya acontecem em contextos urbanos, na maioria dos casos (HEINEN et al., 2015). Assim, optou-se pela busca de um bairro localizado no perímetro central da capital,

não tanto pelo número de infecções, mas pelas possibilidades apresentadas para a realização do trabalho proposto pelo Projeto ArboControl, em seu Componente 3 (ARBOCONTROL, c2020), com foco na intervenção comunitária e na produção de material educativo no campo das arboviroses.


As redes pessoais acabaram por conduzir a equipe ao bairro Morada do Ouro e à Escola Estadual Djalma Ferreira de Souza. O bairro apresenta uma história de menos de 50 anos e foi criado como espaço para moradias de servidores públicos do estado de Mato Grosso. Pela proximidade ao Centro Político Administrativo (CPA), onde se localizam os principais órgãos do governo estadual, a Morada do Ouro é ainda hoje um bairro de classe média, circundado por bairros de classe baixa, todos com muitos funcionários públicos.

A Escola Djalma Ferreira de Souza atende essa região desde 1987, contando hoje com cerca de 300 alunos entre o 6º e o 9º anos do ensino fundamental, que estudam em período integral, das 7h às 16h, na modalidade conhecida como escola plena. Isso significa que esses/as alunos/as frequentam tanto disciplinas curriculares tradicionais como as chamadas eletivas ou atividades complementares – o que se tornou uma porta de entrada para o Projeto ArboControl.

Nessas disciplinas, a escola enfatizava ainda mais o uso de metodologias ativas, de modo que as práticas ganhassem centralidade, incentivando os/as professores/as a oferecer oficinas de interesse dos/as alunos/as. No mapeamento de possíveis lideranças que pudessem participar do projeto, um dos autores deste capítulo, lotado na escola e responsável pela disciplina de História, estava ministrando aulas de cinema a uma das turmas, o 8º ano, cujos/as alunos/as se mostraram interessados/as.

Desse modo, foi estabelecida uma parceria inicial com a coordenação do Projeto ArboControl em Mato Grosso, pois o docente da disciplina de História soube das noções de linguagem cinematográfica do coordenador, nutrindo a expectativa de que isso pudesse contribuir com as aulas de história do cinema. De pronto, foi sugerido que, a partir dessa oficina, se pensasse em um produto que atendessem às demandas do Projeto ArboControl. Para tanto, seria necessário constituir um espaço de discussão sobre saúde.

Assim, criou-se conjuntamente uma disciplina chamada História, Cinema e Saúde, que também considerou o cenário sanitário atual, provocado pela pandemia de covid-19. As atividades da escola já vinham ocorrendo de forma presencial desde o mês de agosto de 2021. Assim, a disciplina contou com aulas de história do cinema e da linguagem cinematográfica (seis semanas) e de história das pandemias, epidemias e endemias (quatro semanas), em que dengue, zika e chikungunya apareciam junto a surtos epidêmicos que marcaram a história do ocidente – como a peste bubônica



no século XIV; a peste negra nos séculos XVI e XVII; a varíola durante o século XIX; e a gripe espanhola de 1918. Era também a oportunidade de se pensar coletivamente como certas doenças se tornaram endêmicas – uma probabilidade bastante presente para o que se apresenta hoje em relação à covid-19 – e, no caso das arboviroses, podem voltar com carga total, quando não são mais identificadas como um perigo iminente. A equipe preocupou-se com a necessidade de trazer o debate para um contexto mais local, baseando-se em características do estado de Mato Grosso; foi quando solicitaram à equipe do Projeto ArboControl que colaborasse com as atividades que seriam realizadas no Dia da Árvore, em 21 de setembro. Essa atividade seria direcionada a todos/as os/as alunos/as da escola. Sugeriu-se então a possibilidade de abordar o desmatamento e a sua relação com as pandemias. Tendo em vista ser o Mato Grosso um dos estados que mais desmatam no Brasil, segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) (CASTRO; OLIVEIRA, 2021); e também considerando a inegável relação entre o surgimento de novos vírus e o desmatamento de coberturas vegetais (ACOSTA et al., 2020), foi proposta uma conversa sobre a quebra de barreira, que ocorre quando certos vírus restritos a espécies de animais selvagens passam a infectar também humanos (ANDRADE, 2020). Considerou-se além disso o fato de que o estado de Mato Grosso possui três dos mais importantes biomas brasileiros (Pantanal, Amazônia e Cerrado), cujas áreas ainda preservadas podem ser habitat de vírus que ainda não quebraram a barreira (ACOSTA et al., 2020). A equipe reconheceu a necessidade de chamar atenção para questões mais cotidianas da vida local – no dia dessa conversa, uma espessa camada de fumaça cobria Cuiabá, resultado de queimadas no entorno da capital.

Concomitantemente à participação na disciplina de História, Cinema e Saúde, ofereceu-se à comunidade escolar – em formato on-line, de modo a atingir pais, professores/as e alunos/as – uma oficina específica sobre o controle de arboviroses, planejada e realizada pelas bolsistas do projeto em Mato Grosso. Ainda que não houvesse um número expressivo de participantes – em torno de 30 –, foi importante estabelecer mais um espaço para que informações básicas sobre as arboviroses pudessem ser compartilhadas. A live, em forma de conversa, orientou-se por conhecimentos prévios que os participantes haviam acumulado nos últimos anos: a dengue é de conhecimento geral, e todos/as conheciam alguém que já tinha se infectado; a zika estava marcada nas lembranças por conta da microcefalia – um vídeo sobre a vida dessas crianças foi exibido –; e a chikungunya assustava por remeter a uma doença que produz dores e inchaços pelo corpo. A própria ideia de evitar a proliferação do mosquito controlando lixo, água parada e outros repositórios foi citada pelos/as participantes, que concordaram se tratar de uma informação simples mas que, mesmo sendo conhecida, precisaria ser reforçada com frequência. Nessa direção, pode-se afirmar que havia um clima favorável na escola para

as atividades desenvolvidas, e esses temas se coadunavam nos encontros da disciplina eletiva.

Os/as alunos/as foram então convidados/as a pensar como seria possível um produto audiovisual que desse conta dessas demandas sanitárias, mas que também refletisse a participação deles/as na oficina como produtores/as. Nas aulas de cinema, eram apresentados trechos de filmes clássicos, que os/as faziam compreender como a magia do cinema era produzida por meio da montagem. Da teoria, sempre se caminhava para a prática, o que levou a equipe a vários exercícios de gravação e edição de imagens, em sequências bastante simples – caminhada no bosque, alguém batendo à porta da sala etc. Após esses exercícios e discussões sobre as pandemias e as arboviroses, propôs-se aos/às alunos/as que recriassem alguma cena famosa da história do cinema, articulando-a ao controle das arboviroses.

Como haviam sido apresentadas aos/às alunos/as cenas clássicas do cinema, imaginou-se a reconstituição de uma cena tal qual as que ficaram famosas em filmes como ...E o vento levou, Psicose ou Metrópolis. Para surpresa geral da equipe, os/as alunos/as sugeriram – um grupo tomou a frente e foi seguido pelos/as demais – recriar a cena de uma série que estava fazendo sucesso na Netflix naqueles dias de setembro: o drama sul-coreano Round 6. Imediatamente, perguntou-se aos/às alunos/as como estavam assistindo a essa série, uma vez que ela se destacava por apresentar cenas bastante violentas, inclusive não recomendadas para menores de 16 anos – as turmas do 8º ano contam com alunos entre 12 e 14 anos, em média. Todos/as relataram tê-la assistido em casa, geralmente em companhia dos pais.

A ideia seria a recriação de uma das várias provas apresentadas na série – é importante lembrar que na série as pessoas participavam de provas baseadas em brincadeiras infantis, nas quais a eliminação dos/as participantes era, literalmente, a morte! Os/As próprios/as alunos/as pontuaram a necessidade de adaptação, recriando a brincadeira original, e não, obviamente, a versão sanguinolenta da série. Optou-se então pela prova que ficou mais famosa na série, chamada de “batatinha frita, 1, 2, 3”: uma das adolescentes ficaria posicionada de costas para o grupo, que poderia se movimentar enquanto ela não se virasse; quando ela se virasse, cantando “batatinha frita, 1, 2, 3”, todos/as deveriam congelar, e os que se mexessem seriam desclassificados e sairiam da brincadeira – no filme, eram metralhados/as...

A brincadeira foi gravada uma vez por semana ao longo do mês de novembro. Para relacioná-la com as arboviroses, os/as alunos/as sugeriram que cenas que remetiam ao surgimento de vírus – como os desmatamentos – ou à proliferação de mosquitos – como o lixo e a água parada – substituíssem os/as participantes eliminados/as do jogo. Assim, toda vez que o/a adolescente postado/a à frente indicasse quem deveria

sair, essas imagens negativas seriam mescladas ao jogo para mostrar que essas situações deveriam ser eliminadas (e não as pessoas!).

Enquanto as cenas são mostradas, uma das adolescentes, em voz over, chama atenção para a necessidade de evitarmos os desmatamentos e cuidarmos do lixo e da água parada, a fim de impedir novos vírus e a proliferação de mosquitos.

Acredita-se que a contribuição do Projeto ArboControl nesse espaço social tenha ocorrido de acordo com os princípios de uma produção da saúde como afirmação da vida (COSTA; BERNARDES, 2012). Com a constituição de um espaço lúdico e artístico, as informações de saúde foram trabalhadas em um idioma em que a morte e a doença não desfrutam de centralidade. Mais do que um comportamento sanitário, idealizado num higienismo datado (FALKENBERG et al., 2014), houve a possibilidade de fomentar subjetividades ativas por meio de processos comunicativos que desfizessem a separação entre produtores/as e receptores/as, tornando o conhecimento menos hierárquico e menos alheio ao cotidiano daqueles/as que as campanhas sanitárias precisam atingir.

3 - Estação Mato Grosso do Sul: Pedagogos e a Comunicação em saúde para crianças do Pantanal

As arboviroses estão no cotidiano das populações urbanas, do campo, das florestas, das águas; são transmitidas, numa linguagem usual, por mosquitos; em linguagem científica, pelo *Aedes aegypti*, vetor de doenças como dengue, zika e chikungunya (VALLE et al., 2021).

No segundo semestre de 2021, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus do Pantanal, por intermédio do Núcleo de Estudos Interdisciplinares (NEPI/Pantanal), foi convidada pela coordenação regional do Projeto ArboControl, em seu Componente 3 – Educação, Informação e Comunicação para o controle do vetor, a se integrar por meio da graduação em Pedagogia e dos Programas de Pós-Graduação em Educação – Educação Social e Estudos Fronteiriços, com uma professora pesquisadora que transita entre as áreas da Educação e da Saúde Pública e dois estudantes de graduação em Pedagogia com características diferenciadas – sendo um artista plástico, desenhista, com atributos de gestor em educação, e um compositor e cantor, rapper, com habilidades manuais.

Uma proposta desafiadora e interessante, na qual a possibilidade de junção entre Educação e Saúde, preconizada para ações no Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 1990) voltadas à comunidade, foi reconfigurada

sob a orientação da formação de pedagogos. Trabalhou-se com um olhar direcionado às questões de saúde, de vigilância epidemiológica de vetores, por meio de tecnologias acessíveis em celulares e computadores, mas também em formatos tradicionais, como brincadeiras e expressões da arte-educação, como ferramentas de comunicação para crianças e adolescentes do ensino fundamental I.


As ações foram desenvolvidas no município de Corumbá, cidade brasileira localizada na fronteira com os países vizinhos Bolívia e Paraguai, cercada pelas águas do Rio Paraguai. Em Corumbá, a região urbana é aquela onde se concentra a maior parte da população. A zona rural configura-se pelos assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), por fazendas localizadas na região e pelos agrupamentos humanos ribeirinhos que se localizam ao longo do Rio Paraguai, componentes do Pantanal de Mato Grosso do Sul.

Para uma melhor compreensão do território onde ocorreu a experiência de produzir educação e saúde para crianças, convém destacar que a macrorregião de saúde de Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, oferece cobertura para uma população aproximada de 170 mil habitantes, compreendendo uma população local aproximada de 112 mil habitantes (IBGE, 2022); o restante da população flutua entre o município lindeiro de Ladário, no Brasil; os da região boliviana, situados a oeste com o município de Arroyo Concepción, distrito de Puerto Quijarro; e também o distrito de Puerto Suárez, que se localiza na província de Germán Busch, departamento de Santa Cruz.

As cidades de linha e faixa de fronteira entre o Brasil e a Bolívia apresentam todos os anos ocorrências de doenças causadas pelos arbovírus, como dengue, zika e chikungunya (COSTA et al., 2018). Essas doenças virais são acompanhadas pelas secretarias municipais de saúde; no entanto, em situações de maior complexidade, os pacientes são atendidos no único hospital público da região entre os países, localizado em Corumbá.

Na fronteira com o Paraguai, Corumbá faz faixa com o município de Fuerte Olimpo, que está localizado no departamento de Alto Paraguay. As conformações geográficas da região apresentam extensas distâncias ocupadas pelos chacos, grandes regiões alagadiças, sem registros de comunicação entre as populações (COSTA, 2013).

Esse emaranhado de informações sobre fronteiras pode ser traduzido na perspectiva de autores como Raffestin (1987) e Costa (2013), ao discutirem territórios, mobilidade humana, fluxos de políticas públicas no cotidiano fronteiriço e intervenções estratégicas. Para os autores, trata-se de um espaço territorial em que não se podem controlar todos os aspectos, dentre os quais algumas questões de saúde pública, como as arboviroses.



Para iniciar os estudos sobre as arboviroses, o grupo de pesquisadores orientou-se pela leitura de artigos, como o de Lopes et al. (2014), para as primeiras aproximações com o tema. Foram realizadas reuniões semanais para as leituras e o planejamento das estratégias de ensino e aprendizagem sobre as arboviroses.

As perspectivas do grupo de trabalho seguiram teorias da educação baseadas em Piaget (1975), para o qual a criança desenvolveria símbolos e projetaria valores sociais baseando-se em novos conhecimentos, brincadeiras dirigidas e jogos focados na aprendizagem; e em Vygotsky (2001), buscando-se trabalhar o contexto de construção do pensamento e o desenvolvimento da linguagem e da comunicação infantil apoiado pelo fortalecimento da aprendizagem, da alfabetização e do letramento. As contribuições da teoria de Wallon (1984) trouxeram informações sobre o direcionamento da curiosidade infantil para o crescimento da criança como indivíduo em sociedade, no que possa ser construtivo para o lugar onde vive e no que concerne à sua influência sobre o grupo familiar e comunitário. De acordo com esse autor, crianças podem alterar uma determinada cultura trazendo o novo, informações diferentes, influenciando e alterando o cotidiano.

Assim, as teorias estruturais da pedagogia tradicional se aliaram às teorias da Educação Popular em Saúde (EPS), como as discussões empreendidas por Stotz e Araújo (2004), que tratam das proposições da Saúde Pública como processo de desenvolvimento humano, como mecanismo de comunicação que se transforma por meio do olhar de uma determinada população para as questões de saúde. Essa tecnologia pode parecer distante do trabalho de educar crianças; no entanto, ela se aproxima quando combina variados métodos de comunicação em saúde em momentos mágicos de criação e expressões artísticas, voltados para o público-alvo com leveza e assertividade.

A decisão coletiva de trabalhar com crianças e adolescentes do ensino fundamental I mostrou-se acertada, considerando-se que a formação dos pedagogos no Campus do Pantanal é voltada para esse público (UFMS, 2018). Em acréscimo, sabe-se que ações de prevenção da dengue com crianças podem ser transformadoras quando acessadas de forma lúdica, criativa, divertida, informativa e formativa, envolvendo a família e a comunidade. De acordo com Abreu et al. (2021), as crianças, especialmente as que estão no ensino fundamental, encontram-se em desenvolvimento cognitivo, e por isso é fundamental que as escolas introduzam temas relativos à saúde pública e à sua relação com a sociedade já nesse período, como parte do processo formativo.

Desse modo, optou-se pela triangulação de metodologias tradicionais e modernas, utilizando ferramentas aparentemente simples, mas que exigem articulações dialógicas a fim de que produzam os efeitos desejados.

A elaboração de produtos de comunicação em saúde resultou em um interessante exercício de criatividade. A produção de animação pelo manuseio de massa de modelar; desenhos em quadrinhos, com cores e voz para torná-los mais acessíveis aos que não sabem ou não conseguem ler por problemas de visão; filtros para páginas pessoais em aplicativos de internet; e música com conteúdos sobre arboviroses tornaram-se estratégias de ensino-aprendizagem ancoradas nas teorias da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (2016), de acordo com as quais o/a educador/a se prepara para possibilitar autonomia de pensamento ao educando; ou seja, os produtos apresentados às crianças e aos/as adolescentes servem como estímulo à criação de novas estratégias de enfrentamento às arboviroses e também fomentam a criatividade e a inovação.

Para uma aproximação um pouco maior com o universo infantojuvenil e as teorias de ensino-aprendizagem, incentivou-se o uso das produções em espaços sociais para além da escola, em movimentos de criação de formas alternativas de comunicação em saúde. Essa ideia encontrou respaldo nas teorias da espiral construtivista, que adota a noção da aprendizagem baseada em problemas, elaborando percursos com a capacitação de habilidades e atitudes, o diálogo entre pares e a busca por soluções negociadas, materializando possibilidades de aprendizagens orientadas à comunidade, conforme discorre Lima (2001).

Apostou-se na utilização dos produtos elaborados pela Estação Mato Grosso do Sul do Projeto ArboControl pelas secretarias municipais de educação e de saúde, a fim de que as informações sobre dengue, zika e chikungunya chegassem a uma parcela considerável da população de Corumbá e região e contribuíssem para que as ações de prevenção, atenção e recuperação da saúde, baseadas na educação ambiental, nas orientações sobre higiene dos espaços físicos, na diminuição dos criadouros nos quais se desenvolvem as larvas do *Aedes aegypti*, pudessem alterar a realidade pela voz das crianças, com posturas positivas, proativas e com a participação da comunidade. É preciso ser mais rápido do que o mosquito!

4 - Estação Distrito Federal: intervenção precoce pela comunicação na prevenção de arboviroses

As atividades da Estação Distrito Federal do Projeto ArboControl iniciaram no mês de maio de 2021, de forma remota, com reunião entre coordenadora e bolsistas para o planejamento das ações de comunicação

e a seleção de prováveis comunidades para parcerias no projeto. O objetivo da reunião era a apresentação do plano inicial e das estratégias de comunicação para a saúde, bem como sua modificação, caso necessário, com base na discussão e nas sugestões das bolsistas.

Nesse momento, a delimitação das ações se daria conforme descrito abaixo:

No caso específico do Distrito Federal, as estratégias de comunicação deverão focar na acessibilidade da população à telefonia móvel, meios digitais de comunicação e uso acentuado de mídias sociais (muitas vezes disponibilizadas de forma gratuita pelos serviços de telefonia móvel). De acordo com o IBGE (2018), 85,3% dos moradores do DF acessam a internet, sobretudo para troca de mensagens. Desse número, 97,1% usam o celular para acessá-la. Esse índice supera a média do Brasil em mais de 20 pontos percentuais. Desse modo, as ações de produção de conteúdo informativo serão efetuadas para circulação em mídias sociais, como Facebook, Instagram e WhatsApp. Esta última entrará de forma estratégica no planejamento, uma vez que, de acordo com vários estudos (por exemplo, MUZELL, 2021), é nesse aplicativo que se encontra a maior disseminação de desinformação, inclusive sobre saúde, no Brasil. Assim, a ferramenta será utilizada de forma reversa à disseminação de fake news e informações incorretas, sendo uma aliada, no DF, na propagação de informação de qualidade sobre saúde, no escopo do projeto (ESTAÇÃO ARBOCONTROL DF, 2021.).

Considerou-se esse momento uma etapa de idealização e imaginação sobre o que seria feito, como seria feito e como se daria a vinculação às comunidades. Trata-se de fases importantes no processo de construção de estratégias de comunicação, que, longe de corresponderem a blocos rígidos, são elementos dinâmicos e passíveis de modificações ao longo da execução do planejamento; este também se apresenta como mutável, pois é o contato com a comunidade que deve orientar as ações de campo (ANDRADE et al., 2020), em ações extensionistas ou de ensino.

Em outras palavras, é a comunidade quem transforma em realidade aquilo que foi sonhado, materializando-o por meio de seus anseios, entraves e possibilidades – afastando uma antiga visão assistencialista nesse estreitar de laços entre universidade e sociedade, uma vez que o conhecimento é gerido por todos os partícipes da ação. Assim, adotou-se desde o início uma postura que facilitasse uma aprendizagem de saberes recíprocos, agregando integrantes da universidade e da população sob uma linha horizontal do conhecimento (CALIPO, 2009).

A ferramenta-chave escolhida pela equipe para a circulação dos produtos realizados pela Estação Distrito Federal foi o WhatsApp, porém definiu-se

que os conteúdos também circulariam em outras mídias sociais, como o Facebook e o Instagram.

Inicialmente, não havia uma definição objetiva de público-alvo, conceito fundamental para o sucesso de ações de comunicação e produção de materiais. Analisou-se uma possível parceria com a comunidade do Sol Nascente, pelos inúmeros problemas que esta enfrenta em relação a urbanização, acúmulo de lixo, falta de saneamento básico etc. A região transformou-se em foco de reprodução do mosquito *Aedes aegypti*, vetor da dengue, zika e chikungunya.


Assim, buscou-se contato com a primeira parceria estipulada em reunião: a Casa da Natureza, Organização Não-Governamental (ONG) localizada no Sol Nascente, 32ª Região Administrativa do Distrito Federal (DF) (associada ao Pôr do Sol), que foi por 20 anos parte da Região Administrativa de Ceilândia (a 9ª do Distrito Federal). Em 2019, com a Lei nº 6.359 e seus mais de 80 mil habitantes, o Sol Nascente foi reconhecido como região autônoma, tendo direito à administração própria e à implementação de políticas específicas para o local.

O Sol Nascente é uma região periférica e de baixa renda em relação a outras áreas do DF, com infraestrutura sanitária deficiente, além de problemas associados à disponibilidade de transporte, segurança, educação e urbanização. Junto à Cidade Estrutural (25ª RA), o Sol Nascente é a região mais vulnerável do DF segundo o Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) do DF, elaborado pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN, 2021).

Nesse contexto, o trabalho realizado pela Casa da Natureza se destaca, pois busca oferecer uma educação ambiental de modo a não só minimizar as carências individuais da população local, mas promover impactos coletivos ao disseminar a educação entre grupos familiares da comunidade, reforçando a responsabilidade comum e cidadã aos habitantes da região, sem com isso minimizar as responsabilidades do poder público.

Criada em maio de 2016 com o objetivo de ensinar aos jovens (de 9 a 15 anos) do Sol Nascente a importância do meio ambiente por meio de ações socioeducativas, a Casa da Natureza possui uma dinâmica que envolve as famílias, sendo um importante polo comunitário e possuindo forte inclinação pedagógica. Segundo a fundadora e presidente da instituição, Ivanete Silva dos Santos, especialista em Educação Ambiental, a ideia era abarcar toda a comunidade: “As famílias têm de entender que o que consumimos é responsabilidade nossa [...]. A ideia principal é levar a educação ambiental como ferramenta de transformação e de conscientização” (PROJETO, 2016).

Merece destaque a presença das famílias na Casa da Natureza na primeira reunião com a ONG. Apresentou-se como fator decisivo para as



mudanças no plano inicialmente elaborado pela coordenadora e pelos bolsistas.

Além disso, outro aspecto relevante, mencionado pela presidente da organização, foi a necessidade de que as universidades desenvolvessem trabalhos contínuos, e não só parcerias esporádicas, pois eventualmente os membros da Casa relatam a sensação de abandono e de mero uso instrumental da comunidade para o cumprimento de metas de projetos extensionistas.

Assim, modificou-se a comunicação estipulada no planejamento original, de modo a englobar as famílias nas trocas de mensagens via WhatsApp, Facebook e Instagram sobre arboviroses, produzindo conteúdos mais lúdicos e com uma linguagem que alcançasse especialmente as crianças, motivando os pais ou cuidadores a circular as informações com outras famílias e a comunidade escolar. Os esforços foram direcionados para a consolidação de uma comunicação preventiva para a saúde como intervenção precoce, educando sobretudo as crianças para a necessidade do combate às arboviroses. Ao mesmo tempo, buscou-se desenvolver uma comunicação ambiental dialógica (FIGUEIREDO, 2006), construindo os produtos com base nas sugestões dos membros da Casa da Natureza.

A fim de minimizar os possíveis sentidos de uso instrumental, optou-se pelo estreitamento de laços apenas com a Casa da Natureza, especialmente devido à pandemia da covid-19, que já torna a conexão (literal e metafórica, social e tecnológica) entre os membros da comunidade e os pesquisadores mais difícil de ser realizada, em virtude dos encontros remotos.

Após o estabelecimento da parceria, foram realizadas três oficinas de forma remota: (1) a primeira com treinamento voltado a desinformação e fake news sobre saúde, com foco em arboviroses; (2) a segunda sobre como utilizar o Instagram para divulgar conteúdos referentes ao meio ambiente (a Casa da Natureza já possuía um perfil na rede, e a oficina se deu pela demanda); e (3) a terceira voltada à produção de podcast comunitário (também sob demanda da Casa da Natureza).

Com relação aos produtos (todas as comunicações sobre arboviroses e sua prevenção), foram produzidos: (1) um vídeo de animação com enfoque amplo em arboviroses, voltado ao público adulto mas com apelo infantil pela animação, para que pudesse ser compartilhado em grupos familiares não só como informação verídica, educativa, mas também como entretenimento; (2) uma série de cinco vídeos, com animações, destinados ao público infantil mas com apelo ao público adulto, para compartilhamento também em grupos familiares, como conteúdo informativo e ao mesmo tempo credível, educativo e divertido sobre a prevenção de arboviroses; (3) figurinhas de WhatsApp sobre prevenção de arboviroses; (4) uma revistinha de

passatempos educativos para as crianças da comunidade Casa da Natureza, também com foco educativo e lúdico em arboviroses.

Todos os materiais foram produzidos para serem compartilhados especialmente no WhatsApp, aplicativo de uso comum na comunidade, mas foram publicados também nas redes da Casa da Natureza. Uma vez que o WhatsApp já é utilizado “como um meio de comunicação rápido e ágil entre profissionais da saúde e pacientes” (LADAGA et al., 2018, p. 1370), a intenção era fazer com que seus usuários vinculados à Casa da Natureza se tornassem multiplicadores de informação confiável sobre saúde, fossem participantes ativos do processo e, com isso, fossem agentes transformadores não apenas de si mesmos, nem apenas dos pesquisadores do ArboControl, mas das realidades múltiplas que vivenciam em suas comunidades, com um impacto positivo na prevenção e na educação sobre as arboviroses, entendendo a comunicação para a saúde como uma ação cidadã que deveria ser direito de todos (ANDRADE et al., 2020). Espera-se que os produtos contribuam para a geração de uma cultura de prevenção, em que os/as pequenos/as também sejam chamados/as à cidadania, como sujeitos de direitos.

A Estação Distrito Federal, seguindo a orientação de Paulo Freire (2016), adotou a premissa de que a capacitação humana relacionada aos saberes instrumentais jamais pode prescindir de sua formação ética. Orientou-se também pelo ideário segundo o qual a sociedade informacional requer uma educação intercultural de conhecimentos e valores, assim como a vontade de corrigir a desigualdade das situações e das oportunidades (FLECHA; TORTAJADA, 2000). A intervenção ética e precoce em ações de comunicação para a saúde apresentou-se, assim, como o norteador das contribuições da Estação Distrito Federal.

5 - Estação Goiás: Diagnóstico e comunicação em arboviroses com comunidades quilombolas e assentados

As arboviroses representam um grave problema de saúde pública no Brasil (VALLE et al., 2021) e em Goiás (PREFEITURA DE GOIÂNIA, 2021). Essas doenças são causadas por uma centena de vírus e são transmitidas por artrópodes, em sua maioria mosquitos hematófagos. No cenário epidemiológico atual, os arbovírus de maior circulação são o vírus da dengue (DENV), o vírus da zika (ZIKV) e o vírus da chikungunya (CHIKV), bem como o vírus da febre amarela e outros arbovírus com potencial de provocar epidemias no Brasil (VALLE et al., 2021). O principal vetor das arboviroses

são os mosquitos do gênero *Aedes aegypti* (DONALISIO; FREITAS; ZUBEN, 2017). As estratégias de Informação, Educação e Comunicação (IEC) são fundamentais para o estabelecimento de medidas preventivas e a adoção de hábitos favoráveis ao controle do vetor pela população (ANDRADÉ et al., 2020).

As atividades de IEC com vistas à prevenção e ao controle da dengue são ações-chave, segundo as Diretrizes Nacionais para Prevenção e Controle de Epidemias de Dengue do Ministério da Saúde (MS). O objetivo dessas ações é a mobilização, com a adesão consciente e voluntária das pessoas, das famílias e das comunidades para o enfrentamento das arboviroses. De acordo com as diretrizes mencionadas, a comunicação deve compreender estratégias de ocupação de mídias, incluindo a produção de materiais informativos junto à comunidade e de acordo com o conhecimento, a linguagem e a realidade regionais, incentivando a divulgação e a multiplicação de medidas preventivas, como a eliminação de criadouros; o conhecimento sobre a biologia e os hábitos do vetor *Aedes aegypti*, seus locais de concentração, os principais sintomas do adoecimento e as possíveis complicações acarretadas; as medidas de autocuidado; e as recomendações para acesso à rede de serviços de saúde de acordo com a realidade local (BRASIL, 2009).

Nesse contexto, iniciativas como o Projeto ArboControl em Goiás são fundamentais para a produção de materiais informativos inovadores que apresentem uma linguagem eficaz e abordem as temáticas recomendadas pelo MS, contribuindo assim para as estratégias de prevenção e controle das arboviroses no estado.

Em Goiás, as atividades do Projeto ArboControl tiveram início em maio de 2021, por meio de reuniões com a coordenação geral e a coordenação da Região Centro-Oeste. Essas reuniões, realizadas de forma remota, tiveram como objetivos o compartilhamento de materiais e produtos já desenvolvidos pela coordenação nacional, a apresentação dos objetivos do projeto e dos produtos esperados, o planejamento macro-operacional e a organização das frentes de trabalho, entre outros. As reuniões também avaliavam as atividades desenvolvidas ou em processo.

Em Goiás, a coordenação do projeto foi realizada por um pesquisador da área de saúde pública e epidemiologia, com domínio em análise de dados, avaliação de políticas públicas e inquéritos epidemiológicos. Participou ainda uma pesquisadora docente da área de Saúde Coletiva, com domínio nas áreas de promoção da saúde, prevenção de doenças, educação e comunicação em saúde. Ambos os docentes possuíam experiência e publicações relacionadas ao trabalho de educação em saúde com populações vulneráveis, como quilombolas, assentados e ribeirinhos. Também participaram do projeto quatro estudantes de graduação, dois como bolsistas diretos e dois como bolsistas de iniciação científica. Os

estudantes possuíam habilidades e conhecimentos em diversas áreas, como revisão de literatura, criação de roteiros, edição de vídeos, coleta de dados e elaboração de relatórios.

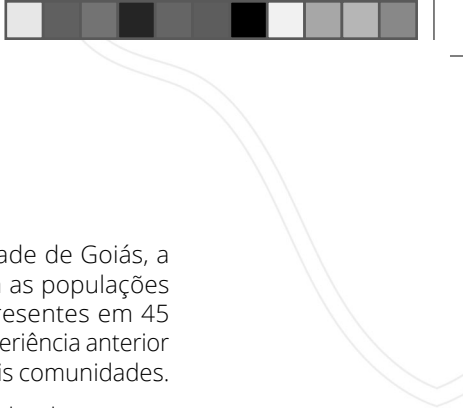

O desenvolvimento inicial das atividades da Estação Goiás envolveu reuniões mensais com a equipe, de forma remota, a partir de julho de 2021. O objetivo dessas reuniões era realizar o planejamento das atividades do projeto, incluindo o estabelecimento de objetivos claros, metas bem definidas e cronograma; também era preciso selecionar a frente de trabalho e as comunidades que seriam englobadas no projeto, além de mapear as parcerias. Estabeleceu-se ainda quais seriam as populações-alvo e as temáticas dos materiais informativos a serem produzidos pela Estação Goiás.

Goiás é um estado localizado na Região Centro-Oeste do Brasil, com uma população estimada em 7.206.589 habitantes em 2021, densidade demográfica de 17,65 habitantes/km², renda per capita de R\$ 1.276,00 e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) alto, de 0,735, em 2010 (IBGE, 2022). Apresenta 246 municípios divididos em cinco grandes macrorregiões de saúde.

Inicialmente, realizou-se um estudo epidemiológico com as bases de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), os boletins epidemiológicos da Secretaria Estadual de Saúde de Goiás (SES-GO) e as bases populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O objetivo do estudo foi conhecer o cenário epidemiológico de infecção por DENV, ZIKV e CHIKV em Goiás. Realizou-se uma análise de série temporal e espacial dessas infecções no período de 2015 a 2022.

Os dados mais recentes das semanas epidemiológicas 4 a 7 de 2022 mostraram que foram notificados 14.711 casos suspeitos de dengue e que 66 municípios estavam em alto risco para a doença em Goiás. Em 2022, foram notificados 534 casos de chikungunya, e 19 municípios apresentaram pelo menos um caso confirmado da doença. Com relação à zika, já foram notificados 26 casos, e quatro municípios apresentaram casos confirmados.

A fim de se compreender melhor esse cenário, realizou-se revisão de literatura sistematizada nas bases de dados PubMed, SciELO e LILACS para verificar as lacunas de conhecimento em arboviroses, as populações-alvo das campanhas e as estratégias de comunicação para essas doenças em Goiás e no Brasil. Foram analisadas 22 publicações referentes aos temas. Essa análise mostrou que a população apresentava, predominantemente, lacunas em relação aos sinais e sintomas das doenças, à busca por serviços de saúde e às complicações das arboviroses. Além disso, verificou-se que as campanhas e a comunicação em sua maioria eram voltadas para a população em geral, e poucas eram direcionadas para populações vulneráveis, como assentados, ribeirinhos e quilombolas.



Após a revisão da literatura e considerando a realidade de Goiás, a produção de materiais informativos foi direcionada para as populações de quilombolas, assentados e ribeirinhos do estado, presentes em 45 municípios. Esse público-alvo também foi escolhido pela experiência anterior dos docentes na realização de pesquisa e extensão com tais comunidades.

O critério de escolha para delimitar a população-alvo baseou-se na seleção dos municípios que possuíam uma ou mais comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Palmares e/ou comunidades ribeirinhas encontradas na Pesquisa de Informações Básicas Municipais, além de possuírem assentamentos de reforma agrária sob gestão da Superintendência Regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária Superintendência Regional (INCRA SR-04), totalizando 48 comunidades.

Optou-se por produzir os materiais na forma de vídeos curtos com imagens lúdicas e interativas. As etapas de produção dos vídeos englobaram: (i) elaboração do roteiro; (ii) edição dos vídeos; e (iii) validação do conteúdo. O meio de divulgação dos materiais escolhido foi o WhatsApp das comunidades, após estabelecimento de parcerias com os líderes comunitários. O aplicativo corresponde a uma estratégia rápida, amplamente utilizada pelas comunidades e que tem se mostrado uma via de comunicação aberta, imediata e eficaz em estudos relacionados à comunicação em saúde (LIMA et al., 2018).

A elaboração dos produtos voltados para a comunicação em arboviroses mobilizou habilidades e competências, como adequação da linguagem técnica à linguagem popular, capacidade de síntese, criatividade e capacidade de tornar os vídeos acessíveis.

A terceira frente de trabalho da estação Goiás englobou o desenvolvimento de um inquérito primário intitulado “Inquérito sobre Conhecimentos, Atitudes e Práticas (CAP) e comunicação em arboviroses em comunidades quilombolas, assentadas e ribeirinhas”. O objetivo primário deste inquérito foi investigar CAP e o acesso às estratégias de educação, informação e comunicação em arboviroses, para que, posteriormente, ocorra a produção de materiais direcionados para suprir as lacunas encontradas nas comunidades.

As abordagens baseadas no saber da população constituem uma importante forma de identificar a situação local e, conseqüentemente, melhor direcionar as ações àquela realidade. Também é de grande relevância a colaboração da sociedade, tanto no planejamento quanto nas práticas de controle de doenças como as arboviroses. Os inquéritos aplicados em amostras populacionais através dos estudos do tipo CAP podem esclarecer alguns aspectos intrínsecos dos problemas de determinadas áreas. A metodologia CAP, por meio de inquéritos e após ações educativas,

objetiva realizar um diagnóstico da comunidade, verificando as mudanças no conhecimento, nas atitudes e nas práticas. Por meio da compreensão dos níveis de conhecimento, atitude e prática, um processo mais eficiente de conscientização poderá ser criado, uma vez que permitirá ao programa de vigilância existente adaptar-se mais adequadamente às necessidades da comunidade (SANTOS; CABRAL; AUGUSTO, 2011).

Estimou-se um cálculo amostral de 300 pessoas. A coleta de dados está ocorrendo de forma remota, por meio de chamada telefônica e pela mobilização com os líderes comunitários. Todas as pessoas que aceitaram participar do estudo, mediante consentimento verbal, serão entrevistadas sobre dados sociodemográficos, conhecimentos sobre dengue, zika e chikungunya, atitudes e práticas preventivas das arboviroses e os meios pelos quais tiveram acesso a informações nessa temática. Além disso, se perguntará sobre quais métodos de comunicação em arboviroses consideram mais e menos eficazes. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFG.

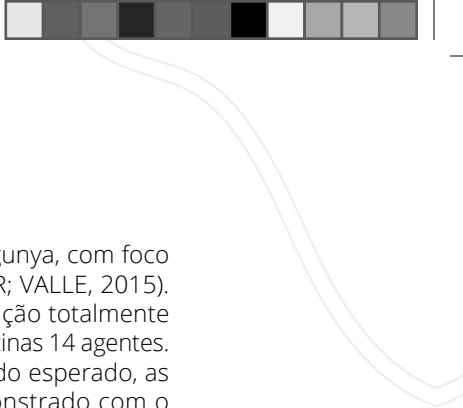

Em conclusão, as atividades desenvolvidas pela Estação Goiás têm contribuído para preencher a lacuna em comunicação voltada às arboviroses no estado, além de possibilitar a produção de conhecimento técnico-científico na área de CAP e comunicação em comunidades vulneráveis.

Espera-se que os materiais gerados sejam divulgados para a população e os órgãos governamentais, com o objetivo de disseminar as informações e contribuir para controle e a prevenção de dengue, zika e chikungunya; espera-se também que os resultados orientem a produção de artigos científicos, contribuindo assim para o avanço do conhecimento dessa temática também no meio acadêmico.

6 - A tecnologia a serviço da prevenção e do controle das arboviroses

Em acréscimo às produções apresentadas, a equipe de coordenação da Estação Centro-Oeste realizou duas oficinas estratégicas de comunicação em saúde para arboviroses com Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e Agentes de Combate às Endemias (ACE) da Secretaria Municipal de Saúde de Cuiabá. Elas ocorreram nos meses de outubro e novembro de 2021 por meio da plataforma Google Meet, aos sábados pela manhã, com duração aproximada de duas horas cada.

As oficinas apresentavam como objetivo dialogar sobre o conjunto de processos sociais básicos e multifatoriais que envolvem o controle e



o enfrentamento das arboviroses dengue, zika e chikungunya, com foco no aperfeiçoamento da comunicação em saúde (AGUIAR; VALLE, 2015). Foram disponibilizadas 44 vagas, com listas de pré-inscrição totalmente preenchidas; no entanto, participaram efetivamente das oficinas 14 agentes. Embora o número de participantes tenha ficado abaixo do esperado, as participações surpreenderam pelo compromisso demonstrado com o trabalho em saúde e pela necessidade percebida de espaços de diálogo e representatividade. A demanda apresentada voltou-se a materiais informativos e cursos de aperfeiçoamento/qualificação profissional.

A equipe também atualizou o aplicativo mobile EspeculaSUS, disponível gratuitamente na Play Store para download. O projeto de atualização, com duração de aproximadamente quatro meses, foi gerenciado por um graduando de Sistemas de Informação da UFMT. Utilizou-se o método Scrum, ágil para gestão e planejamento de projetos em equipe, intencionando resolver problemas complexos e adaptativos por ciclos que se aproximam gradativamente dos resultados esperados (SANTOS et al., 2018).

As sprints que compuseram o referido método dividiram o projeto em pequenas tarefas a serem cumpridas em determinado tempo, geralmente uma semana. Todas as reuniões ocorreram de forma virtual pela plataforma Google Meets, com duração aproximada de uma hora, no período noturno.

Optou-se por registros simples, objetivos e focados nas tarefas relacionadas à atualização do aplicativo. Convém destacar a produção das informações sobre arboviroses, de forma simples e direta, e do banco de perguntas para o Arbo Quiz, com 37 questões e quatro opções de resposta de múltipla escolha, além da inserção de pop-ups (ou janelas para informações extras) trazendo curiosidades sobre a questão. O Arbo Quiz foi organizado de modo a fornecer informações sobre arboviroses de forma gamificada, com dez perguntas rotativas, liberadas a cada acesso ao aplicativo. Segundo Oliveira et al. (2021), a gamificação na educação em saúde pode apresentar um reflexo positivo, especialmente na motivação e na retenção de conhecimentos.

O aplicativo, que já continha informações sobre a Rede de Atenção à Saúde (especialmente na Atenção Básica) e sobre a covid-19, ampliou-se para permitir que o pensar e refletir sobre as arboviroses fosse uma tarefa divertida e desafiadora. No entanto, é preciso reconhecer, conforme apontado por Jardim e Schall (2015), a falta de relação sistemática, causal ou correlacional entre aquisição de conhecimento e mudança de comportamentos e atitudes para a prevenção e o controle das arboviroses.

Ainda que o conhecimento relacionado às arboviroses traga informações relevantes para o cotidiano e visibilidade ao tema, não se pode ignorar a necessidade premente de que o comportamento para a redução e o controle do vetor seja literalmente incorporado no dia a dia, de modo concreto

e responsivo, especialmente quando se consideram as características domésticas do *Aedes aegypti*.

7 - Refletindo sobre contribuições e desafios...

Após quase um ano de atividades e produções, destaca-se no balanço da equipe a potencialidade das parcerias e do diálogo. Deve-se valorizar também o caráter vivo da produção conjunta de conhecimentos, inclusive no meio acadêmico, muitas vezes afeito apenas à letra fria dos conteúdos.

Apresenta-se como desafio desdobrar as ações do Projeto ArboControl em propostas de extensão universitária cujo objetivo seja a participação social concreta e situada e para as quais o conhecimento e a informação mostrem-se relevantes, porém insuficientes caso não estejam articulados ao cotidiano e aos coletivos singulares, tão característicos do país.

Agradecimentos

A coordenação da Estação Centro-Oeste, em nome de todas/os as/os suas/seus coordenadoras/es e bolsistas, agradece à Universidade de Brasília (UnB), em especial à professora doutora Ana Valéria Machado Mendonça, pela coordenação dedicada e atenta do Componente 3 do inovador e extenso Projeto ArboControl. À Finatec, nosso reconhecimento pela gestão do financiamento.

Referências

ABREU, Geraldo Junio; QUEIROZ, Carla Maria; SOARES, Fabiana Vieira; FERNANDES, Israel Lucas dos Santos; CARVALHO, Natália Alves de; CRUZ, Brenda Linique Sousa da; VIANA, Janine Alves Silva Martins; SILVA, Patrícia Pereira da; GONÇALVES, Gleisy Kelly Neves. Educação em saúde para crianças: estratégia de combate à dengue. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 1, e2110110864, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10864>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

ACOSTA, André Luis; XAVIER, Fernando; CHAVES, Leonardo Suveges Moreira; SABINO, Ester Cerdeira; SARAIVA, Antonio Mauro; SALLUM, Maria Anice Mureb. Interfaces à transmissão e spillover do coronavírus entre florestas e cidades. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 99, p. 191-208, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/GNgmdbbDG5t6rtLwxkvbNq4k/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

AGUIAR, Raquel; VALLE, Denise. Prevenção da dengue: práticas de comunicação e saúde. In: VALLE, Denise; PIMENTA, Denise Nacif; CUNHA, Rivaldo Venâncio (Orgs.). *Dengue: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015. p. 339-356.

ANDRADE, Natália Fernandes de; PRADO, Elizabeth Alves de Jesus; ALBARADO, Ádria Jane; SOUSA, Maria Fátima de; MENDONÇA, Ana Valéria Machado. Análise das campanhas de prevenção às arboviroses dengue, zika e chikungunya do Ministério da Saúde na perspectiva da educação e comunicação na saúde. *Saúde Debate*, v. 44, n. 126, p. 871-880, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/HKBCNqt4vs8kdfdCY4pKQzJ/?lang=pt>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. Da floresta para as cidades: degradação ambiental pode favorecer emergência de vírus desconhecidos e desencadear pandemias como a do novo coronavírus. *Revista Pesquisa FAPESP*, 10 de junho de 2020. Disponível em <<https://revistapesquisa.fapesp.br/da-floresta-para-as-cidades/>>. Acesso em: em 20 fev. 2022.

ARBOCONTROL. Componente 3. Educação, Informação e Comunicação para o controle do vetor.

Objetivos. c2020. Disponível em: <https://ArboControl.unb.br/?page_id=1265>. Acesso em: 09 jan. 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação popular*. Ebook. São Paulo: Brasiliense, 2017.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 8080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm>. Acesso em: 10 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Diretrizes Nacionais para Prevenção e Controle de Epidemias de Dengue. Brasília: MS, 2009. Disponível em: <https://bvsm.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_prevencao_controle_dengue.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2022.

CALIPO, Daniel Bortolotti. Projetos de extensão universitária crítica: uma ação educativa transformadora. 2006. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000390135>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

CASTRO, Greicy Hellen Soares de; OLIVEIRA, Ginarajadaça Ferreira dos Santos. Degradação ambiental e os impactos do desflorestamento na Amazônia Legal. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, v. 2, n. 2, p. 19-29, 2021. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/engenharia-ambiental/impactos-do-desflorestamento>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

CODEPLAN. Índice de Vulnerabilidade Social do Distrito Federal. 2020. Disponível em: <<https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/IVS-DF-Resultados-2020.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

COSTA, Edgar Aparecido da. Mobilidade e fronteira: as territorialidades dos jovens de Corumbá, Brasil. Revista Transporte y Territorio, n. 9, p. 65-86, 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3330/333029872004.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

COSTA, Elisângela Martins da Silva; COSTA, Edgar Aparecido da; CUNHA, Rivaldo Venâncio da. Desafios da prevenção e controle da dengue na fronteira Brasil/Bolívia: representações sociais de gestores e profissionais de saúde. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 28, n. 4, e280415, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physis/a/C7kRjpXjmLHKGYcKXzNMgdC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

COSTA, Márcio Luis; BERNARDES, Anita Guazzelli. Produção de saúde como afirmação de vida. Saúde e Sociedade, v. 21, n. 4, p. 822-835, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nbxGMc7J6K6G8gDDHWRHnvK/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

DONALISIO, Maria Rita; FREITAS, André Ricardo Ribas; ZUBEN, Andrea Paula Bruno Von. Arboviroses emergentes no Brasil: desafios para a clínica e implicações para a saúde pública. Revista de Saúde Pública, v. 51, p. 1-6, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/Nym8DKdVfL8B3XzmWZB7hJH/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

ESTAÇÃO ARBOCONTROL DF. Plano Individual de Trabalho dos Bolsistas [não publicado]. Brasília: Projeto ArboControl, 2021.

FALKENBERG, Miriam Benites; MENDES, Thais de Paula Lima; MORAES, Eliane Pedrozo de; SOUZA, Elza Maria de. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. Ciência & Saúde Coletiva, v.

19, n. 3, p. 847-852, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/kCNFQy5zkw4k6ZT9C3VntDm/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 09 jan. 2022.

FIGUEIREDO, João Batista de Albuquerque. As contribuições de Paulo Freire para uma educação ambiental dialógica. Anais da ANPEd, 29ª RA. GT Educação Ambiental, 2006. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT22-2184--Int.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2022.

FLECHA, Ramón; TORTAJADA, Iolanda. Desafios e saídas educativas na entrada do século. In: IMBERNÓN, Francisco. A educação no século XXI: os desafios imediatos. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 21-36.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 53. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Uso de internet, televisão e celular no Brasil. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 21 ago. 2021.

HEINEN, Letícia Borges da Silva; ZUCHI, Nayara; CARDOSO, Belgath Fernandes; SANTOS, Marcelo Adriano Mendes dos; NOGUEIRA, Maurício Lacerda; DEZENGRINI-SLHESSARENKO, Renata. Dengue outbreak in Mato Grosso state, Midwestern Brazil. Revista do Instituto de Medicina Tropical, v. 57, n. 6, p. 489-496, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rimts/a/CYQgscFKkcNPxf3x8MXy3m/?format=pdf&lang=en>>. Acesso em: 08 fev. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE Cidades. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso 03 fev. 2022.

JARDIM, João Bosco; SCHALL, Virgínia Torres. Participação social no controle da dengue: a importância de uma mudança conceitual. In: VALLE, Denise; PIMENTA, Denise Nacif; CUNHA, Rivaldo Venâncio da. Dengue: teorias e práticas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015. p. 317-338.

LADAGA, Flavia Mariana Aymoré; ANDRADE, Gabriel Rodrigues de; SARTORI, Amanda Caroline; YAMAGUCHI, Mirian Ueda. WhatsApp uma ferramenta emergente para a promoção da saúde. Enciclopédia Biosfera, v. 15, n. 28, p. 1370-1384, 2018. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2018B/SAU/whatsapp.pdf>>. Acesso 05 fev. 2022.

LIMA, Ivana Cristina Vieira de; GALVÃO, Marli Teresinha Gimenez; PEDROSA, Samyla Citó; CUNHA, Gilmar Holanda da; COSTA, Ana Karoline Bastos. Uso do aplicativo WhatsApp no acompanhamento em saúde de pessoas com HIV: uma análise temática. Escola Anna Nery, v. 22, n. 3, e20170429, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/qScGdXF9ZW5L85ZWgR8M65n/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 04 jan. 2022.

LIMA, Valéria Vernaschi. Learning issues raised by students during PBL tutorials compared to curriculum objectives. Dissertation (Health Education) – Department of Health Education, University of Illinois at Chicago, Chicago, 2001.

LOPES, Nayara; NOZAWA, Carlos; LINHARES, Rosa Elisa Carvalho. Características gerais e epidemiologia dos arbovírus emergentes no Brasil. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, v. 5, n. 3, p. 55-64, 2014. Disponível em: <<http://scielo.iec.gov.br/pdf/rpas/v5n3/v5n3a07.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2022.

MUZELL, Rodrigo Bersch et al. Desinformação e propagabilidade: uma análise da desordem informacional em grupos de Whatsapp. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2020. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9262>>. Acesso em: 04 jun. 2021.

OLIVEIRA, Aline Mara de; RAMBO, Ana Paula Schmitz; GONÇALVES, Laura Faustino; BOSSO, Janaina Regina; HAAS, Patrícia. Efetividade do uso da gamificação na educação em saúde. *RECIMA21*, v. 2, n. 6, p. 1-14, 2021. Disponível em: <<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/422/374>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, sonho e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PREFEITURA DE GOIÂNIA. Boletim Epidemiológico Arboviroses. Semana Epidemiológica 19/2021. Disponível em: <<https://saude.goiania.go.gov.br/wp-uploads/sites/3/2021/05/Informe-Semanal-Arboviroses-SE-20-21.pdf>>. Acesso 18 jan. 2022.

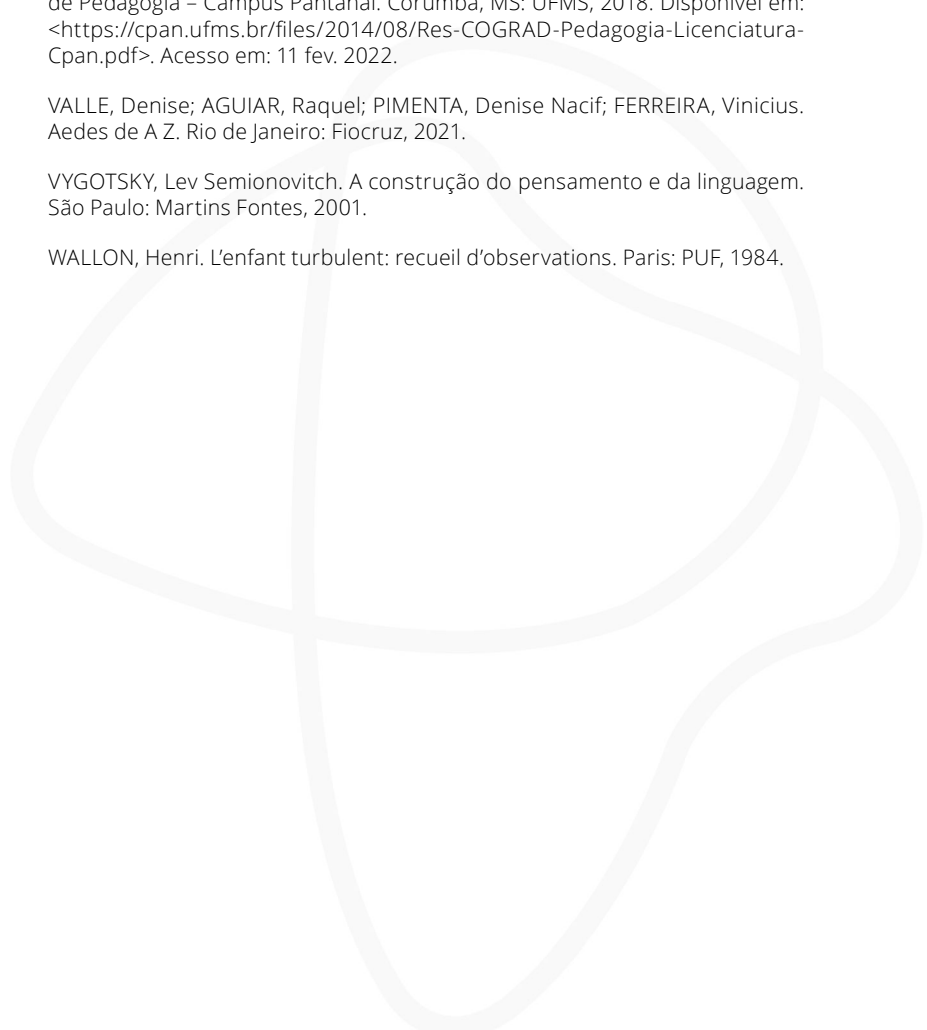

PROJETO ensina aos jovens do Sol Nascente importância do meio ambiente. *Correio Braziliense*, 22 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/04/22/interna_cidadesdf,528627/projeto-ensina-aos-jovens-do-sol-nascente-importancia-do-meio-ambiente.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2021.

RAFFESTIN, Claude. Repères pour une théorie de la territorialité humaine. *Cahier/Groupe Réseaux*, n. 7, p. 263-279, 1987. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/flux_1162-9630_1987num_3_7_1053?q=Rep%C3%A8res+pour+une+th%C3%A9orie+de+la+territorialit%C3%A9+humaine>. Acesso em: 25 jan. 2022.

SANTOS, Francisco Alan de O.; SANTOS, Márcio Fabiano O. M.; REIS, Ednelson M.; COSTA, Anderson de O. Metodologias híbridas de desenvolvimento de software: uma opção viável para gestão de projetos. *Escola Regional de Informática do Piauí*, 4, 2018, Teresina. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2018, p. 316-321.

SANTOS, Solange Laurentino dos; CABRAL, Ana Catarina dos Santos Pereira; AUGUSTO, Lia Giraldo da Silva. Conhecimento, atitude e prática sobre dengue, seu vetor e ações de controle em uma comunidade urbana do Nordeste. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, suppl. 1, p. 1319-1330, 2011. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/csc/v16s1/a66v16s1.pdf>>. Acesso 06 fev. 2022.

STOTZ, Eduardo Navarro; ARAUJO, José Wellington Gomes. Promoção da Saúde e cultura política: a reconstrução do consenso. *Saúde e Sociedade*,



v. 13, n. 2, p. 5-19, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/HWVzHHTPtqpyw9WHsnYT9yC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 05 jan. 2022.

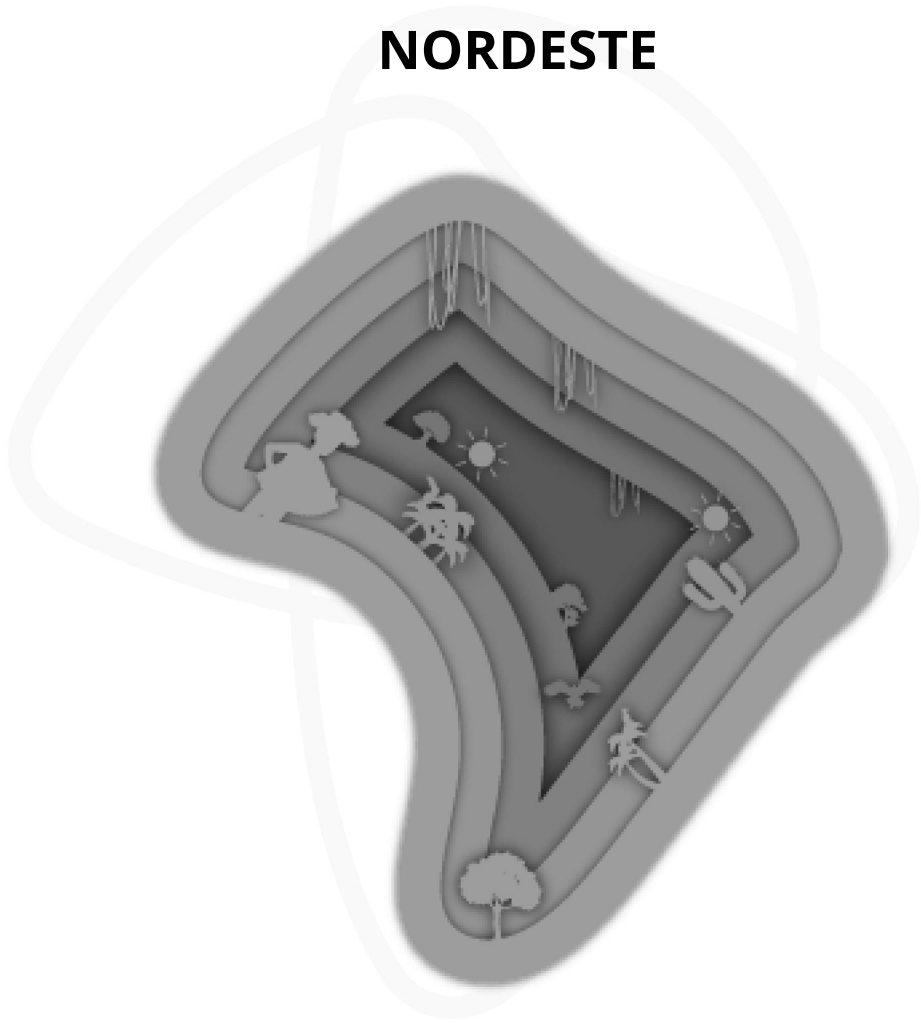
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia – Campus Pantanal. Corumbá, MS: UFMS, 2018. Disponível em: <<https://cpan.ufms.br/files/2014/08/Res-COGRAD-Pedagogia-Licenciatura-Cpan.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

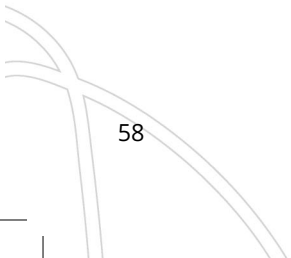
VALLE, Denise; AGUIAR, Raquel; PIMENTA, Denise Nacif; FERREIRA, Vinicius. Aedes de A Z. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021.



VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, Henri. L'enfant turbulent: recueil d'observations. Paris: PUF, 1984.

NORDESTE







Como um programa informativo distribuído pelo celular contribui para o combate à desinformação: a experiência de produção do ArboZap no Maranhão

How an informative program distributed by cell phone contributes to the fight against disinformation: the ArboZap production experience in Maranhão

Thaisa Bueno
Doutora em Comunicação. Docente na Universidade Federal do Maranhão (UFMA/Imperatriz).
thaisabu@gmail.com

Izani Mustafá
Doutora em Comunicação. Docente na Universidade Federal do Maranhão (UFMA/Imperatriz).
izani.mustafa@gmail.com

Germana Plácido
Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA/Imperatriz).
placidogermana@gmail.com

João Carlos Alcântara
Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA/Imperatriz).
alcantara.sousa44@gmail.com

Resumo

Este relato de experiência descreve e reflete sobre como um programa pensado com uma linguagem acessível e a ser distribuído por celular, por meio do aplicativo WhatsApp, pode contribuir para combater a desinformação sobre as arboviroses. Para isso, descreve o processo produtivo e de circulação do podcast ArboZap, um informativo de até três minutos pensado e criado como parte das ações educacionais do Projeto ArboControl em Imperatriz, no Maranhão. Ao todo, a equipe

lançou 15 programetes em áudio, que foram distribuídos em Imperatriz para líderes comunitários e coordenadores de projetos parceiros e, a partir desses envios, disseminados para mais pessoas. O programa também foi replicado em rádios parceiras na web e pode ser ouvido no Spotify (<https://anchor.fm/arbocontrolmaranhao>). Embora em Imperatriz a proliferação das arbovirose esteja sob controle – dados do último Levantamento de Índices para *Aedes aegypti* (LIRAA) apontam que o índice de infestação predial auferido em Imperatriz foi de 0,2%, o que coloca o município em uma condição de baixo risco –, algumas comunidades ainda vivem em risco, por conta da desassistência e das precárias condições sanitárias nos bairros. Assim, a proposta tenta contribuir para esclarecer e diminuir a incidência dessas doenças. Palavras-chave: ArboControl; ArboZap; Podcast; Maranhão.

Abstract

This experience report describes and reflects on how a program designed with an accessible language and to be distributed by cell phone, through the WhatsApp application, can contribute to combating misinformation about arboviruses. For this, it describes the production and circulation process of the ArboZap podcast, a newsletter of up to three minutes designed and created as part of the educational actions of the ArboControl Project in Imperatriz, Maranhão. In all, the team released 15 audio programs, which were distributed in Imperatriz to community leaders and coordinators of partner projects and, from these submissions, disseminated to more people. The program was also replicated on partner radio stations on the web and can be heard on Spotify (<https://anchor.fm/arbocontrolmaranhao>). Although in Imperatriz the proliferation of arboviruses is under control – data from the last Survey of Indexes for *Aedes aegypti* (LIRAA) indicate that the rate of building infestation in Imperatriz was 0.2%, which places the municipality in a low condition risk –, some communities still live at risk, due to lack of assistance and precarious sanitary conditions in the neighborhoods. Thus, the proposal tries to contribute to clarify and reduce the incidence of these diseases. Keywords: ArboControl. ArboZap. Podcast. Maranhão.

1 - Introdução

Nos últimos dois anos, particularmente por conta da pandemia do novo coronavírus, o tema de fake news e desinformação chamou a atenção da comunidade científica. A desinformação e mesmo notícias falsas criadas propositalmente não são um fenômeno atual, mas ganharam maior

proporção com a distribuição por meio de redes sociais e grupos de WhatsApp (BRAGA, 2018).

Nesse contexto, a equipe do Projeto ArboControl da Estação Maranhão, formada por professores e discentes de graduação e pós-graduação da universidade federal daquele estado, na cidade de Imperatriz – localizada a 639 quilômetros da capital, São Luís –, desafiou-se a propor um tipo de informativo que fosse distribuído pelo WhatsApp com o intuito de propagar informações verdadeiras, com linguagem adequada e útil, sobre riscos, identificação e prevenção das arboviroses (zika, dengue e chikungunya).

Tendo como foco oferecer um serviço de combate à desinformação e de enfrentamento aos seus impactos, surgiu o “ArboZap – Um Drop de Informação e Prevenção”. Trata-se de programetes em áudio de até três minutos para serem distribuídos pelo celular e veiculados em rádios parceiras, também acessíveis na plataforma Spotify (<https://anchor.fm/arbocontrolmaranhao>), com dados, dicas e dúvidas em torno dos riscos, da prevenção e dos tratamentos das arboviroses. O informativo, que simula o formato de um podcast mais enxuto, integra uma ação maior, que inclui representantes de universidades públicas em todos os estados do Brasil. Faz parte do ArboControl, projeto da Universidade de Brasília (UnB) sob a coordenação geral da professora doutora Ana Valéria Machado Mendonça, e conta com a coordenação regional da professora doutora Patrícia Monteiro, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A produção dos programas foi a segunda etapa do projeto, que em 2021 promoveu oficinas de capacitação nas comunidades parceiras. Ao todo, foram ofertadas para os representantes das comunidades quatro oficinas voltadas à produção de conteúdo visual e em áudio. Além de capacitar os participantes com atividades que potencializam a comunicação desses grupos e seus projetos, a iniciativa aproveitou para dar esclarecimentos sobre as arboviroses e alertar para os riscos dessas doenças. Pelo menos 80 pessoas foram capacitadas diretamente nessas oficinas e divulgaram os programas em suas comunidades.

Embora em Imperatriz a proliferação das arboviroses esteja sob controle – dados do último Levantamento Rápido de Índices para *Aedes aegypti* (LIRAA) apontam que o índice de infestação predial auferido em Imperatriz foi de 0,2%, o que coloca o município em uma condição de baixo risco –, a cidade sofre com alagamentos sazonais e pouca infraestrutura sanitária, o que a torna um campo propício para a proliferação dessas doenças, principalmente entre a população menos assistida pelas políticas públicas.

Tendo como objetivo oferecer informação para o enfrentamento às notícias falsas, o projeto elegeu a rede social WhatsApp para a distribuição do conteúdo. O uso do aplicativo foi indicado e acordado junto às próprias comunidades parceiras da iniciativa, que escolheram esse meio por ser o

mais popular entre eles e aquele pelo qual costumam consumir informações. Conforme foi levantado, boa parte dos participantes não dispunha de computador nem tinha hábito de leitura, o que inviabilizaria a produção de textos e similares. A informação por áudio, por outro lado, foi apontada como a mais consumida.

Assim, este relato de experiência se propõe a apresentar o processo de produção e divulgação científica do projeto ArboZap, a fim de registrar suas ações, bem como contribuir para a discussão em torno das estratégias de combate à desinformação, particularmente no que tange ao conteúdo científico.

Metodologicamente, o artigo se apresenta como um relato descritivo, cujo embasamento teórico dialoga com temas como o podcast enquanto aliado na divulgação de informações de ciência e no combate às notícias falsas.

Conclusivamente, este artigo, que apresenta uma ação de extensão desenvolvida pela equipe no Maranhão, pretende contribuir para as discussões em torno das ferramentas digitais para fins de esclarecimento e popularização da ciência.

2 - Podcast, Informação e Educação pelo Whatsapp

A internet e as novas tecnologias que surgiram a partir de 1995 têm favorecido a produção de áudios e programas de rádio que agora podem ser divulgados em formato de podcasts nas plataformas de *streaming*, para serem ouvidos sob demanda, quando o ouvinte quiser e no suporte que desejar ou que estiver ao seu alcance, como o computador de mesa, o notebook, o iPad ou o celular. Estamos falando do rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) e hipermediático, “que conjuga a construção de conteúdo sonoro com a produção em linguagem multimídia” (LOPEZ, 2011, p. 126), do áudio que ocupa várias plataformas, sendo compartilhado nas redes sociais e em aplicativos de conversa como o WhatsApp. O século 21 tem a marca da convergência digital e transformou o jornalista e comunicador em um profissional multiplataforma, que precisa ter conhecimentos básicos para escrever para a internet e para o jornal, para produzir um vídeo ou um podcast e fotografar.

Segundo Lopez (2011),

No rádio hipermediático, o jornalista fala em diversas linguagens, em distintos suportes e, ainda assim, mantém no áudio seu foco. Isso não significa o abandono da narrativa multimídia, mas sim uma preocupação com seu caráter complementar e fundamental para atender ao que pede o ouvinte-internauta. O áudio precisa ser independente e, ao mesmo tempo, complementar. (LOPEZ, 2011, p. 129)

No rádio contemporâneo, existe a necessidade de aprofundar as informações e aproveitar a multiplicidade que a internet oferece. Para Lopez (2011), “o áudio base da programação é a ferramenta narrativa essencial do rádio digital e deve ser independente das demais estratégias e plataformas nas quais ele se apresenta” (LOPEZ, 2011, p. 129). E, por funcionar de forma independente, o áudio voltou a ganhar força. Não é preciso estar ou trabalhar numa rádio com transmissão hertziana ou pela internet para se produzir um conteúdo sonoro e compartilhá-lo como podcast; muitas vezes basta uma ideia na cabeça, um roteiro escrito, um microfone e conhecimentos de edição de áudios e finalização da produção, aplicados em programas gratuitos e disponíveis on-line. O formato conhecido como podcast surgiu em setembro de 2004 como iPodder, criado por Adam Curry. Já a inovação na forma de distribuição dessas informações com áudio no Really Simple Syndication (RSS) foi desenvolvida por Dave Winer.

Nos últimos anos, principalmente a partir de 2020, por causa da pandemia da covid-19, a produção de podcasts aumentou significativamente. Há conteúdos informativos e de entretenimento para todos os gostos, idades, raças e credos. Uma pesquisa da Kantar Ibope Media (2021) apresenta um ranking dos tipos de áudio mais ouvidos na internet. Em primeiro lugar estão a música e outros produtos em áudio do canal YouTube (59%), seguidos de músicas nas plataformas de *streaming*, como o Spotify, o Deezer e o Google Play (37%), e em terceiro lugar estão os podcasts (31%), com um aumento de 32% em relação a 2020 (KANTAR IBOPE, 2021, p. 23-24). São novas formas de ouvir. São também novas formas de divulgar informação e contribuir com a educação, o que ajuda a conscientização sobre os direitos e os deveres do cidadão, da comunidade. “Os podcasts são um elo entre o dial e o online: unem a credibilidade e o companheirismo do rádio com a dinâmica do consumo ‘on demand’.” (KANTAR IBOPE, 2021, p. 26) Os podcasts falam sobre “diferentes temas, desde aqueles de interesse geral até os mais segmentados: são uma ferramenta para falar com todos, independentemente dos interesses, a qualquer hora e em qualquer lugar” (KANTAR IBOPE, 2021, p. 26).

Os dados sobre a expansão dos podcasts, que demonstram o interesse maior das pessoas pelo áudio, apenas ouvindo ou gravando e enviando

mensagens pelo WhatsApp, fizeram com que a equipe da Estação Maranhão do Projeto ArboControl pensasse na criação de um produto sonoro que chegasse a todas as pessoas, independentemente de idade, escolaridade e conhecimentos científicos, de maneira abrangente e democrática. A ideia contou com o apoio do público que participou das duas oficinas ofertadas para os parceiros de Imperatriz. Em vez de um podcast longo, a equipe entendeu que um áudiozap seria mais eficaz e atenderia melhor ao objetivo de informar, esclarecer e educar de acordo com pesquisas fundamentadas na ciência e na saúde.

Para essa iniciativa, não faltaram ótimos exemplos que servissem de referência à Estação Maranhão. Um deles são podcasts, vídeos e áudios com curto tempo de duração produzidos e compartilhados quase diariamente pela Agência Mural de Jornalismo das Periferias, com sede em São Paulo, dentro de um grupo de WhatsApp. O material também fica disponível no site com a seguinte descrição numa das abas: “Um podcast jornalístico diário, com histórias, notícias e relatos mais conectados com a realidade das periferias do Brasil e, em especial, São Paulo” (AGÊNCIA MURAL, 2022, s. p.).

Outro importante exemplo está em Mato Grosso. Trata-se do ÁudioZap Povos da Terra, que ganhou importância principalmente durante a pandemia da covid-19. Tal pandemia, de acordo com Chagas, Cruz e Bartniski (2021),

[...] escancarou uma tragédia que se configura no cotidiano de diferentes povos pelo mundo entre os centros e as periferias. As comunidades originárias já esquecidas diante da ausência de políticas públicas eficientes em suas dinâmicas e vivências específicas foram atingidas diretamente neste período. (CHAGAS; CRUZ; BARTNISKI, 2021, p. 371)

O ÁudioZap Povos da Terra foi criado como uma nova estratégia de comunicação em áudio dentro do projeto de extensão da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) com o objetivo de “fortalecer a rede de informações preventivas para o enfrentamento da Covid-19, tendo como público-alvo os povos originários aldeados em terras de Mato Grosso” (CHAGAS; CRUZ; BARTNISKI, 2021, p. 378). Os áudios informativos a serem compartilhados pelo WhatsApp foram “pensados para evidenciar o protagonismo dos povos originários e assim trabalhar a oralidade e manter a raiz sonora como característica do rádio” (CHAGAS; CRUZ; BARTNISKI, 2021, p. 378). De acordo com os autores, cada episódio se inicia com uma fala de introdução dos estudantes que gravam a locução; na sequência, há a fala dos indígenas, com a sua língua nativa, abordando o tema proposto; em seguida, é incluída a fala do especialista que detém o conhecimento científico. Cada conteúdo sonoro também contém o quadro Conexão Indígena, que é o momento para compartilhar as vivências e os saberes dos indígenas sobre o coronavírus

nas aldeias (CHAGAS; CRUZ; BARTNISKI, 2021, p. 378). No final, junto aos créditos, o aluno informa o número de WhatsApp, meio de comunicação criado para quem quiser contribuir com o projeto, considerado informático e intercultural por ser executado nas línguas originárias indígenas, abrangendo cerca de sete etnias.

O ÁudioZap Povos da Terra tem divulgação central nos grupos de WhatsApp, mas todas as produções estão sendo armazenadas na plataforma digital de áudio Spotify, como forma de socializar o material e divulgar o projeto.

Os dois projetos e o conhecimento sobre a produção de 65 podcasts universitários, em sua maioria criados dentro das universidades públicas e divulgados durante o ano de 2020 para combater a desinformação e dar esclarecimentos, a partir de informações com fundamento científico e sanitário, sobre o coronavírus (CHAGAS et al., 2020), contribuíram para inspirar a equipe da Estação Maranhão da UFMA, campus Imperatriz. Observando-se os dois cases, e com o apoio dos parceiros, nasceu o ArboZap, que é compartilhado pelo WhatsApp para os grupos de parceiros e divulgado na página do Instagram do projeto de extensão Web Rádio UFMA ITZ, do curso de Jornalismo da UFMA.

3 - Desinformação (combate às fake news na ciência)

A informação, a desinformação e as notícias falsas sempre existiram na sociedade, mas é nos momentos de crise que as notícias falsas ganham maiores proporções. Geralmente, elas são criadas de forma proposital e contam com um compartilhamento muito grande nas redes sociais e nos grupos de amigos e familiares no WhatsApp (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017; BRAGA, 2018).

O caso mais recente ocorreu quando a pandemia da covid-19 foi anunciada pelo diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, Tedros Adhanom Ghebreyesus, em 11 de março de 2020. A doença, que já estava presente em 114 países e teve início na China, foi o ponto de partida para se abrir espaço para uma nova onda de produção de fake news pelos grupos negacionistas – movimento mundial que nega a ciência e as pesquisas científicas e que, desde o surgimento do coronavírus, boicotou, por exemplo, o distanciamento social, o uso de máscaras e a vacinação, estratégias recomendadas pelos especialistas da área da saúde para evitar ao máximo a contaminação das pessoas. Assim como a desinformação, o negacionismo sempre existiu e, na história da humanidade, colocou a Igreja Católica contra a ciência, na Idade Moderna.

O impacto da informação sobre a pandemia da covid-19 provocou uma avalanche de desinformação, a ponto de Tedros Adhanom alertar durante a Conferência de Segurança de Munique, em 15 de fevereiro de 2020, que a luta era travada contra a pandemia e a infodemia:

Mas não estamos apenas lutando contra uma epidemia; estamos lutando contra uma infodemia. As notícias falsas se espalham mais rápido e facilmente do que esse vírus e são igualmente perigosas. É por isso que também estamos trabalhando com empresas de pesquisa e mídia como Facebook, Google, Pinterest, Tencent, Twitter, TikTok, YouTube e outras para combater a disseminação de rumores e desinformação. (MUNIQUE, 2020, s. p.)

Em seguida, Adhanom apelou aos governos, às empresas e às organizações para que trabalhassem com a OMS sem “atiçar as chamas da histeria”; disse ainda que o trabalho não era “apenas para os ministros da saúde. É preciso uma abordagem de todo o governo. Mas essa abordagem deve ser coerente e coordenada, guiada por evidências e prioridades da saúde pública” (MUNIQUE, 2020, s. p.).

Naquele ano, em função da pandemia da covid-19, a maior autoridade da OMS enfatizava a importância da ciência para tratar de questões relacionadas à saúde e ao combate às notícias falsas. E como barrar as informações falsas, a desinformação? Ferraretto e Morgado (2020) afirmam que a função do jornalista, do radialista e do profissional de comunicação é imprescindível, porque eles são capazes de procurar as fontes sérias e responsáveis para serem ouvidas:

A partir de fontes sérias, há que explicar e explicar novamente. Na dúvida, coloque, hoje, um epidemiologista ou um virologista à disposição do público para esclarecer dúvidas. E faça isso novamente amanhã. E isso depois de amanhã também. (FERRARETTO; MORGADO, 2020, p. 18)

Sob a perspectiva do jornalismo, são consideradas fontes sérias autoridades como presidentes, governadores, prefeitos, ministros e secretários; protagonistas diretos como médicos, enfermeiros, profissionais da saúde e pacientes; especialistas como epidemiologistas, infectologistas e pesquisadores de instituições de referência – Instituto Butantan e Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz); e testemunhas que presenciaram determinados fatos e acontecimentos (FERRARETTO; MORGADO, 2020, p. 29). É necessário que todos tenham ética e responsabilidade na divulgação das informações, ocorra ela por meio de veículos de comunicação tradicionais – jornal, televisão e rádio –, por outras mídias, como redes sociais – Facebook, Twitter, Instagram e YouTube – ou por aplicativos como o WhatsApp e o Telegram.

De acordo com Recuero, Soares e Zago (2020), “a circulação de informações enganosas, fabricadas ou simplesmente enquadradas de modo falso sobre o assunto foram ampliadas durante todo o primeiro semestre de 2020” (RECUERO; SOARES; ZAGO, 2021, p. 3). Para os autores, desinformação “é um tipo de discurso que disputa visibilidade e legitimação” num determinado espaço, e a

[...] desinformação é um conceito proposto por Derakhshan & Wardle (2017), como um dos três tipos de “desordens informativas”. O que diferenciaria a desinformação é sua intencionalidade, ou seja, a desinformação é uma informação falsa propositalmente fabricada ou manipulada para enganar um grande público, para causar dano a algo ou alguém e, portanto, não compreenderia, por exemplo, piadas ou sarcasmo. (RECUERO; SOARES, 2021, p. 5)

Recuero e Soares (2021) destacam alguns tipos de desinformação, que podem ser

(1) o conteúdo enganoso, usado para criar um enquadramento negativo; (2) o conteúdo impostor, ou seja, conteúdo publicado por fontes impostoras de fontes reais; (3) conteúdo fabricado (que se aproximaria mais da noção de “fake news”), em que são divulgadas informações completamente falsas; (4) falsa conexão, ou seja, quando uma conexão falsa é criada entre dois conteúdos, como título e texto; (5) falso contexto, quando um contexto falso é oferecido para um conteúdo verdadeiro e; (6) conteúdo manipulado, quando um conteúdo verdadeiro é manipulado para enganar. (RECUERO; SOARES, 2021, p. 5)

Com relação ao espalhamento, os autores alertam que conteúdos de desinformação podem ser produzidos por veículos hiperpartidários, que se valem de discursos políticos, e por veículos fraudulentos, que têm o objetivo de espalhar informações falsas se passando por veículos jornalísticos de fato. Isso significa que se trata de conteúdos distorcidos, manipulados ou totalmente falsos, produzidos para enganar o público e gerar vantagens políticas para um determinado grupo.

Para evitar que a infodemia ganhe espaço, as agências de fact-checking são fundamentais, completando o trabalho de apuração e divulgação de informações veiculadas pelas mídias tradicionais e sociais sérias. Para combater as notícias falsas e as desinformações criadas, as agências de checagem são fundamentais em sociedades democráticas e prestam um serviço importante de interesse público. No Brasil podemos destacar o trabalho incessante da Agência Lupa, da Aos Fatos, da Fato ou Fake e da Comprova.

Foi nessa linha, com o objetivo de informar com ética e responsabilidade, que se criou o “ArboZap – Um Drop de Informação e Prevenção”.

4 - Arbozap

O ArboZap consiste em programetes em áudio de até três minutos, produzidos para serem divulgados inicialmente nos grupos de WhatsApp. Eles também foram compartilhados em veículos de comunicação parceiros, entre eles a Web Rádio UFMA ITZ – em processo de criação –, que distribuiu o conteúdo sonoro em duas redes sociais: Instagram e Facebook. Cada episódio destacou um tema, abordando a prevenção contra as doenças provocadas pelas arboviroses. Para isso, foram ouvidas fontes autorizadas e especializadas, como médicos e testemunhas, a fim de dar veracidade às informações, definidas em diferentes pautas. A Estação Maranhão do Projeto ArboControl produziu e divulgou 15 episódios, detalhados mais à frente.

4.1 - Contexto da pesquisa

O projeto ArboZap foi desenvolvido por uma equipe de professores e alunos da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz. A coordenadora é a professora doutora Thaisa Bueno, que conta com o apoio voluntário da professora doutora Izani Mustafá; ambas são do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Integraram a equipe os bolsistas Germana Plácido, da pós-graduação, e Carlos Alcântara, da graduação. A cidade de Imperatriz, de 1.376 quilômetros quadrados, é considerada a segunda maior do estado e ocupa um ponto central na mesorregião conhecida como Bico do Papagaio, que abrange 66 municípios (25 no Pará, 25 no Tocantins e 16 no Maranhão) e cuja população chega a 1,6 milhões de habitantes, conforme o último censo (2010). Inclusive, essa posição geográfica reforça o vínculo da universidade com moradores de todo o entorno.

Apesar de, levando-se em conta seu Produto Interno Bruto (PIB), a cidade estar entre as mais ricas do estado, juntamente a São Luís e Balsas, o acesso às condições básicas de saúde não está disponível de maneira equânime a toda a população. Isso fica mais evidente quando se olha para o alcance dos moradores aos serviços de tratamento de esgoto. Conforme dados de 2019 do Saneamento, divulgados pela Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (ABES), apenas 10 municípios, dos 85 que compõem o Maranhão, cumprem os requisitos básicos de condições sanitárias. A própria associação destaca que a ausência de saneamento adequado e a falta de higiene trazem impactos negativos e significativos à saúde da população.

Felizmente, apesar de todas essas dificuldades, a cidade de Imperatriz tem conseguido controlar a proliferação das arboviroses. Dados municipais mostram que em 2021 foram registrados na cidade 36 casos confirmados de dengue e zika, o que representa uma redução de 73,13% em relação ao mesmo período em 2019, quando haviam sido registrados 134 casos. Os dados do último Levantamento Rápido de Índices para *Aedes aegypti* (LIRAA) apontam que o índice de infestação predial auferido em Imperatriz foi de 0,2%, e por isso o município encontra-se em condição de baixo risco.

4.2 - Detalhamento do projeto

Metodologicamente, este artigo apresenta um relato de experiência, texto acadêmico marcado pela descrição detalhada de uma experiência individual ou coletiva com a finalidade de contribuir para o conhecimento e servir de inspiração/orientação para iniciativas semelhantes.

A exposição aqui detalhada diz respeito ao programa ArboZap, que foi produzido pelos integrantes do Projeto ArboControl (UnB) no Maranhão e integra as ações educacionais desenvolvidas nas cidades de Imperatriz e São Luís. Os programetes/informativos em áudio foram distribuídos para líderes comunitários e coordenadores de projetos parceiros. A produção foi a segunda etapa da iniciativa, que em 2021 promoveu oficinas de capacitação nas comunidades a fim de pensar as temáticas e o formato do programa.

Ao todo, 15 programas (Quadro 1) foram distribuídos para o público-alvo, com dados, dicas e dúvidas em torno dos riscos, da prevenção e dos tratamentos das arboviroses. A curadoria dos temas foi feita com base nos assuntos sobre os quais a comunidade mais questionava quando o foco eram as arboviroses.

Quadro 1 – Episódios ArboZap

Nº	NOME
1	Curiosidades sobre o mosquito
2	Características do mosquito
3	Foco do mosquito? O que devo fazer?
4	O que não fazer caso sinta os sintomas?
5	Informar para prevenir?
6	Há vacinas para as arboviroses?
7	Foco na ciência – pesquisas sobre as arboviroses
8	Cuidados nos períodos de chuvas
9	Giro geográfico – dados epidemiológicos no Maranhão
10	Microcefalia, gravidez e arboviroses
11	Práticas educacionais – experiências em casa e na escola
12	De olho nos sintomas
13	Cada caso, uma experiência
14	Tratamentos – o que podemos fazer?
15	Um por todos – iniciativas que geram resultados

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Durante a ministração das oficinas e o contato prévio com as lideranças dos bairros com baixo acesso a informação, foi possível notar que muitos não tinham grandes conhecimentos sobre estratégias de prevenção ou mesmo formas de combate às arboviroses, como a quem recorrer em caso de contaminação pelos vetores. Logo, o ArboZap surgiu com o objetivo inicial de sanar dúvidas e ajudar comunidades mais distantes dos centros das cidades. A partir da divulgação em massa dos episódios pela rede social WhatsApp, outros públicos foram atingidos, como pesquisadores, alunos de diferentes níveis educacionais e a população em geral, visto que os programas foram compartilhados em outras redes e mídias locais.

As comunidades assistidas durante as ações implementadas pelo projeto no Maranhão tiveram uma aceitação positiva em relação ao convite e, posteriormente, aos conhecimentos adquiridos no decorrer das capacitações e da divulgação do ArboZap. O público-alvo inicial compreendeu líderes e representantes do Centro Espírita Gastão Pereira,

que desenvolve um projeto social com 15 mães em bairro da cidade de Imperatriz; do Centro Espírita Recanto da Paz, que conta com um projeto social que atende 50 famílias com doações de alimentos e capacitações; da Paróquia Menino Jesus, que promove ações para 9 bairros e 14 comunidades; da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Imperatriz (Ascamari); dos Escoteiros do Maranhão, que atendem crianças e adolescentes com atividades sócio e educacionais; e contou com outros líderes comunitários de bairros de Imperatriz.

Com o término de cada oficina promovida, grupos no WhatsApp foram criados para envio dos episódios em massa, com frequência média de 1,5 programa por semana (Tabela 1).

Tabela 1 – Circulação dos episódios em 2021 e 2022

DATA	EPISÓDIOS	QUANTIDADE
Novembro/21	01	01
Dezembro/21	02, 03 e 04	03
Janeiro/22	05, 06, 07, 08 e 09	05
Fevereiro/22	10, 11, 12, 13, 14 e 15	06
TOTAL		15

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

A construção dos episódios deu-se a partir do mapeamento de temas que fossem comuns para as comunidades contempladas no projeto. Após a definição dos assuntos e a escolha dos participantes e dos mediadores, os idealizadores do ArboZap elaboraram um roteiro-padrão para montar a estrutura de cada episódio, contemplando desde o texto da vinheta de abertura até a assinatura do programa, conforme a Figura 1. Os participantes e convidados dos episódios foram os voluntários do projeto, os parceiros e a comunidade.

Figura 1 – Roteiro/script do ArboZap

PROGRAMA: ARBOZAP – UM DROP DE PREVENÇÃO E INFORMAÇÃO	
EPISÓDIO/Nº: 03 O MOSQUITO TEM CARA?	
PRODUÇÃO: ARBOCONTROL MARANHÃO	
LOCUÇÃO: G.P	DATA: 00/00/2021
DURAÇÃO: 1 MINUTO	VEICULAÇÃO: 00/00/2021
EDIÇÃO: G.P	REDAÇÃO: G.P
TECNICA	OFF
Vinheta – abertura	
(trilha com referência local/nome do projeto e slogan/nome do programa/nome do episódio). Ex: trilha: Baião pra Ursulina – Trio Macaíba; Guerra, Perré – A Barca; Baião Destemperado – Barbatuques.	<p>PROJETO ARBOCONTROL MARANHÃO, NO COMBATE À DEGUE, ZIKA E CHIKUNGUNYA,</p> <p>APRESENTA: PROGRAMA “ARBOZAP”.</p> <p>UM DROP DE PREVENÇÃO E INFORMAÇÃO.</p> <p>[PAUSA]</p> <p>EPISÓDIO DE HOJE: O MOSQUITO TEM CARA?</p> <p>[LOCUTOR]</p> <p>AS DOENÇAS COMO DENGUE, ZIKA E CHIKUNGUNYA SÃO TRANSMITIDAS PELA FÊMEA DO MOSQUITO <i>Aedes Aegypti</i>.</p> <p>[LÍDER COMUNITÁRIO/CRIANÇA]</p> <p>MAS COMO IDENTIFICÁ-LO?</p> <p>[LOCUTOR]</p> <p>OBSERVE O TAMANHO DO MOSQUITO!</p> <p>COM MENOS DE UM CENTÍMETRO DE COMPRIMENTO, O MOSQUITO TEM LISTRAS BRANCAS NO CORPO E NAS PATAS, SENDO ESSA É A PRINCIPAL DIFERENÇA EM</p>
BG – TRILHA DE ABERTURA	
INSERIR SOM MOSQUITO: https://www.youtube.com/watch?v=R188YXIY8m4	

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Descrição da imagem: Documento em formato A4 na cor branca, contando com cabeçalho com o título do programa e colunas que dividem as falas/áudios dos participantes.

No **episódio 01** – Curiosidades sobre o mosquito –, o foco foi apresentar aos ouvintes do ArboZap o contexto geográfico e histórico do *Aedes aegypti*, assim como os mitos e as verdades associadas a ele. Já no **episódio 02** – Características do mosquito –, o objetivo foi mostrar os traços que diferem o vetor de dengue, zika e chikungunya dos demais insetos, sinalizando suas cores e seu tamanho.

Partindo para as ações de combate ao mosquito, o **episódio 03** – Foco do mosquito? O que devo fazer? – apresentou alguns cuidados e ações necessárias caso seja encontrado foco de larvas do mosquito em ambientes públicos e privados. No **episódio 04** – O que não fazer caso sinta os sintomas? –, o ArboZap convidou o médico Antônio Augusto Moura Silva, epidemiologista e pesquisador da Universidade Federal do Maranhão, para esclarecer e alertar sobre alguns erros cometidos por pessoas que estão infectadas como forma de prevenção e tratamento.

Os **episódios de 05 a 10** – Informar para prevenir; Há vacinas para as arboviroses?; Foco na ciência – pesquisas sobre as arboviroses; Cuidados nos períodos de chuvas; Giro geográfico – dados epidemiológicos no Maranhão; e Microcefalia, gravidez e arboviroses – contribuíram para a disseminação de informações científicas, dados e estatísticas sobre a proliferação do mosquito e a taxa de contágio das doenças oriundas do vetor; contaram também com dúvidas e suas respectivas orientações, compartilhadas por especialistas. Nos episódios direcionados para tratamentos, o programa contou com a parceria de pesquisadores e profissionais da área para enriquecer o tema proposto.

A partir do **episódio 11** e finalizando com o **episódio 15** – Práticas educacionais – experiências em casa e na escola; De olho nos sintomas; Cada caso, uma experiência; Tratamentos – o que podemos fazer?; e Um por todos – iniciativas que geram resultados –, o programa trouxe relatos e dúvidas da comunidade para serem sanadas com o especialista convidado. Nesses últimos cinco episódios da série, os ouvintes puderam conhecer experiências de pessoas de diferentes faixas, com suas contribuições para o combate e a prevenção.

O ArboZap, desde a vinheta de abertura até o encerramento do programa, trouxe elementos audiovisuais que contribuíssem e reforçassem a ideia principal do produto: disseminar informações sobre as arboviroses. Logo, foi pensada uma trilha sonora e elementos gráficos que fizessem referência à região a que o programa se destinava, como também ao projeto ArboControl (Figura 2).

Figura 2 – Capa/ilustração dos episódios do ArboZap



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)



Descrição da imagem: Capas ilustrativas do programa ArboZap, tendo como cores predominantes o verde, o amarelo e o branco. No centro da imagem, há um círculo verde com pessoas no centro. Essas pessoas são um jovem negro, uma jovem negra, uma criança branca, uma senhora e um casal de idosos, ambos com um aparelho de celular nas mãos. Abaixo da imagem, há um retângulo na cor verde com o título do episódio na cor branca. Na parte inferior de cada imagem, há as logomarcas de diferentes instituições. Na parte superior, há o título “ArboZap – Um Drop de Prevenção e Informação”, na cor verde.

4.2.1 - Receptividade

Como o projeto foi pensado em conjunto com a comunidade, foi importante tentar, num segundo momento, entender como o conteúdo foi recebido pelos envolvidos. Alguns relatos colhidos durante as atividades mostraram como os participantes se envolveram nas ações e como elas tiveram importante papel na sua conscientização sobre o tema de prevenção e identificação.

Seguem alguns depoimentos dos participantes do projeto sobre o conteúdo recebido:

Fiquei muito satisfeito com o conteúdo dos instrutores, é bem acessível para quem não entende muito. Fiquei inspirado com a dedicação da equipe e com os materiais de apresentação. Ah, e como ficaram lindos os produtos que foram mostrados nos intervalos. Gostei muito! (LOUDEGLAN LIMA, estudante da UFMA, em informação verbal)



Fiquei muito feliz quando nossa comunidade foi incluída em algo tão importante. Já sabia que precisaríamos de um conteúdo assim, porque a saúde não é tão fácil na nossa comunidade. E muita gente não tem acesso ao conhecimento, e, da forma que os professores ensinaram, fica muito fácil chamar todo mundo pra dar uma olhada, ficou muito bonito! (ODAY RIBEIRO, líder comunitária do bairro Bom Jesus, em informação verbal)

É muito importante ver e continuar conversando sobre essa temática do Aedes. Achei muito didático, isso geralmente não vemos na TV e na internet, e pior ainda com os agentes de saúde, que deveriam saber mais do assunto. (JOSÉ MARIA ROCHA, líder do Centro Espírita Gastão Pereira, em informação verbal)

Gostei muito do conteúdo, me ajudou a entender melhor a seriedade desses vírus. Ainda que o corona esteja rodeando a gente, o Aedes não tirou folga. Me senti bem acolhida e motivada a combater isso com os meus vizinhos, que são bem unidos. Foi bem divertido, todos bem descontraídos e sorridentes. Espero que tenha mais. (ALESSANDRA CAETANO, enfermeira, em informação verbal)

Fiquei bem feliz durante a oficina. Por causa disso, descobri muito conteúdo bacana sobre a dengue, e conheci mais das redes sociais. Toda a equipe ficou de parabéns! Se tiver mais, me chamem, gostei muito e já compartilhei meu conteúdo com minha família! (EDILENE VIEIRA, trabalhadora doméstica, em informação verbal)

Oficinas como essa são essenciais para quem quer aprender um pouco mais de redes sociais. Foi muito importante pra mim, que quero iniciar um negócio. Toda a equipe está de parabéns! Todo o conteúdo estava muito lindo e interativo. (JULIANA XAVIER, empreendedora, em informação verbal)

Tais declarações e depoimentos ratificam a importância do projeto e o papel da comunicação como aliada no esclarecimento e no combate efetivo à desinformação.

5 - Considerações finais

O projeto ArboZap teve como meta esclarecer seu público, formado por comunidades e pessoas ligadas a projetos sociais na cidade de Imperatriz (MA), sobre formas de identificar, prevenir e tratar doenças como zika, dengue e chikungunya. A partir do processo de idealização, produção e distribuição do programa de áudio, detalhado neste relato de experiência, muitas reflexões e aprendizados foram compartilhados para além do objetivo principal da iniciativa, que era combater a desinformação, tão constante no ciberespaço.

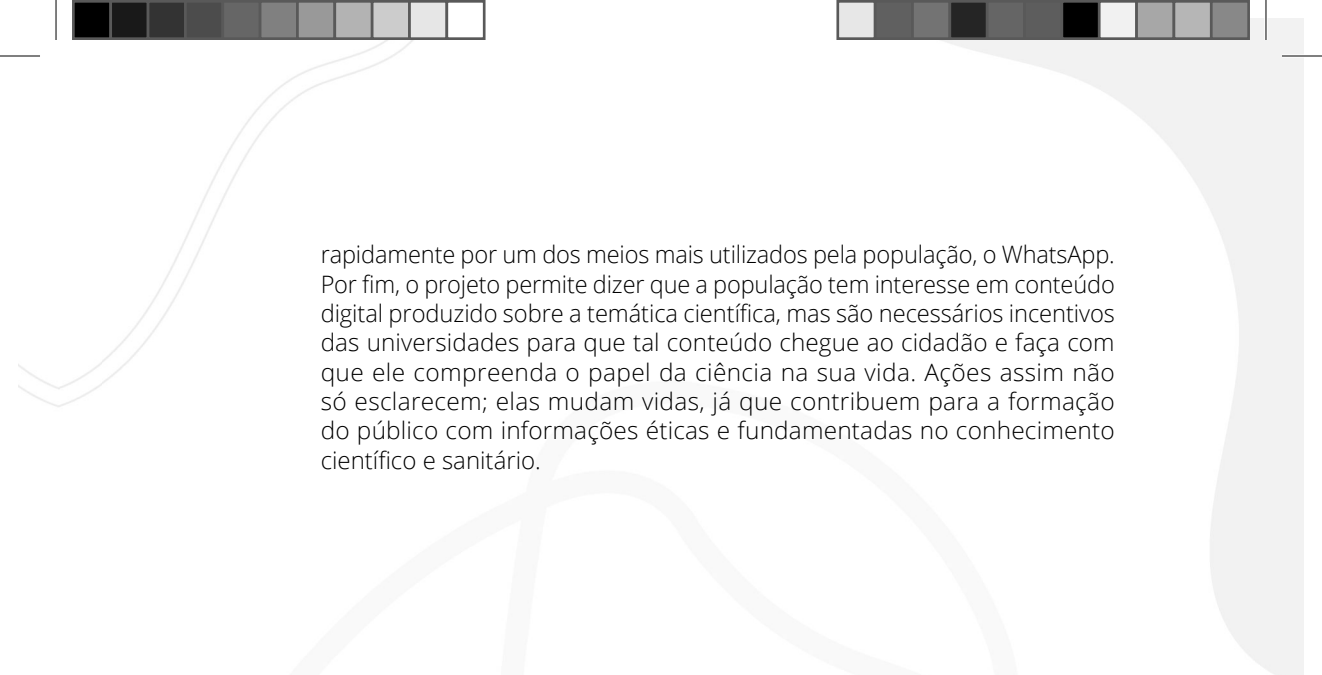
Pontos como as condições de acesso a informação, o papel das ferramentas digitais no combate às fake news, a importância da extensão universitária e, por fim, como a comunicação que se propõe a traduzir o conhecimento científico pode contribuir para diminuir as distâncias entre a universidade e a sociedade, e com isso fortalecer vínculos benéficos para ambos, foram reflexões que este trabalho levantou.

Ao se parar para pensar na temática dos programas e em sua estratégia de produção e compartilhamento, bem como nas conversas com os líderes comunitários, ratificou-se a noção, já de conhecimento da equipe Arbo, de que as disparidades de acesso da população brasileira a boas condições de saneamento básico ampliam as dificuldades de combate às arboviroses.

Essas disparidades não se encerram no pouco alcance a políticas públicas e condições sanitárias mínimas; também limitam o alcance e o consumo de informações sérias, corretas, que dialoguem com seu público e façam sentido para ele. O resultado da iniciativa, desenvolvida dentro de uma universidade e com a utilização de ferramentas de apuração jornalística, mostrou que ter acesso a uma comunicação ética e comprometida amplia a cidadania e contribui, juntamente a outras ações, para diminuir o alcance das arboviroses.

Ciente dessa realidade, o ArboZap, como projeto de extensão, confirmou o papel da universidade como força importante em ações que visem a construir uma sociedade mais igualitária, crítica e esclarecida. Mostrou também como a comunicação precisa estar atenta aos modos de dizer, para se aproximar de seus públicos. Assim, ambas, a comunicação e a universidade, reforçam seu compromisso social e de construção da cidadania, a fim de se tornarem ferramentas para a popularização do saber e para a mudança.

Por fim, ao longo do projeto pudemos notar que as plataformas digitais, tão amplamente utilizadas para a propagação de conteúdos equivocados e falsos, podem ser, sim, um grande aliado no combate à desinformação. Isso principalmente porque são também abrangentes e chegam ao destino



rapidamente por um dos meios mais utilizados pela população, o WhatsApp. Por fim, o projeto permite dizer que a população tem interesse em conteúdo digital produzido sobre a temática científica, mas são necessários incentivos das universidades para que tal conteúdo chegue ao cidadão e faça com que ele compreenda o papel da ciência na sua vida. Ações assim não só esclarecem; elas mudam vidas, já que contribuem para a formação do público com informações éticas e fundamentadas no conhecimento científico e sanitário.

Referências

AGÊNCIA MURAL DE SÃO PAULO. Disponível em: <<https://www.agenciamural.org.br/>>. Acesso em: 16 fev. 2022.

ARELLANO, Miguel Angel. Preservação de documentos digitais. *Ciência da Informação*, v. 33, n. 2, p. 15-27, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ci/a/FLfgJvpH3PZKf3HbpKYchZr/?lang=pt>>. Acesso em: 01 out. 2018.

CHAGAS, Luãn et al. Cartografia da produção de podcasts universitários no contexto da pandemia. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, v. 11, n. 3, p. 6-36, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/download/4421/3642/>>.

BARTNISKI, Jenisson Edy Viana; CRUZ, Marcio Camillo da; CHAGAS, Luãn José Vaz. O podcast e o “áudiozap” como estratégias etnomidiáticas no combate ao coronavírus em comunidades indígenas. *Razón y Palabra*, v. 25, n. 110, p. 370-382, 2021. Disponível em: <<https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/1730>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt; LYON, David. *Vigilância líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRAGA, Renê Moraes da Costa. A indústria das fake news e o discurso de ódio. In: PEREIRA, Rodolfo Viana (Org.). *Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio*, v. 1. Belo Horizonte: IDDE, 2018. p. 203-220.

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. *Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise*. Rio de Janeiro: Válega, 2020.

KANTAR IBOPE MEDIA. *Inside Radio 2021*. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/>>. Acesso em: 14 fev. 2022.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. *Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LOPEZ, Debora Cristina. *Radiojornalismo hipermediático: um estudo sobre a narrativa multimidiática e a convergência tecnológica no Radio France Info*. *Libero*, v. 14, n. 27, p. 125-134, 2011. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/8-Radiojornalismo-hipermedi%C3%A1tico.pdf>>.

MUNIQUE, Conferência de Segurança. *Munique: 15 de fevereiro de 2020*. World Health Organization, 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/director-general/speeches/detail/munich-security-conference>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe. O discurso desinformativo sobre a cura do covid-19 no Twitter: estudo de caso. *E-Compós*, v. 24, 2021. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2127>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe; ZAGO, Gabriela. Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre covid-19 no Twitter. *Contracampo*, v. 40, n. 1, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/45611>>.

Comunicação e Saúde: mídia sonora no combate às arboviroses na Paraíba

Communication and Health: sound media in the fight against arboviruses in Paraíba

Patrícia Monteiro
Doutora em Comunicação. Docente na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
patricia.monteiro@academico.ufpb.br

João Pedrosa Wanderley Neto
Mestrando em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
jpwn@academico.ufpb.br

Cristiano Santos
Graduando em Radialismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
cristianobraz22@gmail.com

Maria Aparecida Bezerra
Doutora em Ciências da Saúde. Docente na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
mab6@academico.ufpb.br

Norma Meireles
Doutora em Educação. Docente na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
norma.meireles@academico.ufpb.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é relatar as ações desenvolvidas pelo Projeto ArboControl a partir do núcleo regional Nordeste, na Paraíba. Para isso, utilizou-se embasamento teórico sobre comunicação em saúde, com foco na informação para prevenção das doenças dengue, zika e chikungunya, abordando-se também jornalismo multiplataforma, rádio expandido e podcast. As atividades foram assim distribuídas: levantamento de informações sobre as doenças transmitidas pelo vetor *Aedes aegypti*; captação de parcerias; realização de oficinas; e, por fim, produção de conteúdo. As ações possibilitaram parcerias com organizações da sociedade civil, a rádio CBN João Pessoa e a rádio comunitária Cruz das Armas FM, bem como a realização de duas temporadas dos podcasts Saúde em Comunidades e Jornadas, três episódios do ArboPlay e dez infográficos, com distribuição multiplataforma. Desse modo, o projeto, em parceria com a universidade pública, a sociedade e emissoras

de rádio, potencializa o acesso à comunicação sobre arbovirozes, contribuindo para a promoção da saúde a partir da prestação de serviço à sociedade em diversos canais de informação. Palavras-chave: Comunicação; Saúde; Arbovirozes; ArboControl; Paraíba.

Abstract

This article's objective is to report the actions developed by the ArboControl Project from the Northeast regional nucleus, in Paraíba. For this, a theoretical basis on health communication was used focusing on information for the prevention of dengue, zika and chikungunya diseases, also addressing cross-platform journalism, expanded radio and podcast. The activities were distributed as follows: collection of information on diseases transmitted by the *Aedes aegypti* vector; attracting partnerships; holding workshops; and, finally, media content production. The actions enabled partnerships with civil society organizations, radio CBN João Pessoa and community radio Cruz das Armas FM, as well as the creation of two seasons of the podcasts Saúde em Comunidades and Jornadas, three Arboplay episodes and 10 infographics, with multiplatform distribution. Therefore, the project, in partnership with the public university, society and radio stations, improves access to communication about arboviruses, contributing to health promotion through a service to society in various information channels. Keywords: Communication. Health. Arboviruses. ArboControl. Paraíba.

1 - Introdução

O entendimento das arbovirozes dengue, zika e chikungunya, assim como do principal vetor a elas associado, o *Aedes aegypti*, atravessa a compreensão dos processos de urbanização e desenvolvimento das cidades brasileiras. Estas, segundo Ribeiro e Vargas (2015), apresentam maiores incidências de doenças infecciosas quanto maior é sua densidade populacional. Além das questões associadas ao elevado número de pessoas em uma mesma região, a disseminação das arbovirozes relaciona-se às condições e aos determinantes de saúde das populações brasileiras, conforme destacamos neste trabalho.

Apesar dos desafios impostos aos processos de comunicação que se propõem a fomentar a promoção da saúde, iniciativas como as do Projeto ArboControl levam à população informações que contribuem para a adoção de mudanças de comportamento no enfrentamento da dengue, da zika e da chikungunya.

Iniciado no ano de 2016, o projeto é coordenado pelo Departamento de Saúde Coletiva e pelo Núcleo de Estudos em Saúde Pública (NESP) da Universidade de Brasília (UnB) e consiste em uma rede de pesquisadores, articulada a órgãos governamentais de saúde (a exemplo do Ministério da Saúde e do Sistema Único de Saúde), que atuam no desenvolvimento de alternativas sustentáveis para o controle do *Aedes aegypti*.

Em 2021, com a expansão do Projeto ArboControl para todos os estados brasileiros, foi implantada a Estação Nordeste, que se situa na Universidade Federal da Paraíba, campus João Pessoa, e conta com a presença de uma coordenação regional, um bolsista de graduação, um bolsista de pós-graduação e duas professoras voluntárias.

Tendo em vista o contexto social e o estado em que está inserido, o núcleo regional Nordeste iniciou suas atividades com a seguinte problemática: como os meios de comunicação, sobretudo a mídia sonora, podem contribuir para disseminar informações relevantes e confiáveis sobre as arboviroses na Paraíba?

Neste relato, descrevemos os embasamentos teóricos e metodológicos que fundamentaram as ações realizadas pela Estação Nordeste do Projeto ArboControl. Em seguida, apresentamos as experiências desenvolvidas e, por meio disso, as contribuições pertinentes ao debate e às ações efetivas para a prevenção e o combate das arboviroses dengue, zika e chikungunya.

2 - Arboviroses e Comunicação em Saúde

O processo de urbanização irregular e acelerado que ocorreu sobretudo durante a segunda metade do século XX contribuiu para o aumento das desigualdades sociais no Brasil. Desse modo, a ocupação de áreas inapropriadas e de proteção ambiental, os processos de desmatamento e o surgimento de espaços sem infraestrutura adequada acarretaram o surgimento e a disseminação de doenças infectocontagiosas (RIBEIRO; VARGAS, 2015; ALMEIDA et al., 2020).

Em decorrência dos fatores citados e dos aspectos climáticos tropicais e subtropicais do país, o principal vetor das arboviroses dengue, zika e chikungunya, o *Aedes aegypti*, proliferou de forma intensa no Brasil. Além disso, aspectos como “o aumento da produção de resíduos não-orgânicos, os modos de vida na cidade, a debilidade dos serviços e campanhas de saúde pública, bem como o despreparo dos agentes de saúde e da população para o controle da doença” (MENDONÇA et al., 2009), atuam como barreiras no processo de erradicação desse inseto.

Encontrando uma realidade propícia à sua proliferação, o *Aedes aegypti* atuou e atua na disseminação das arboviroses dengue, zika, chikungunya e febre amarela. Essas viroses são assim denominadas porque parte de seus ciclos replicativos – pelos quais se multiplicam – ocorre nos insetos, isto é, nos artrópodes, conferindo a elas o nome arthropod-borne viruses, ou seja, vírus transmitidos por artrópodes. A transmissão se dá aos humanos a partir da picada de artrópodes hematófagos (como no caso do *Aedes aegypti*), que correspondem aos insetos que se alimentam de sangue (LOPES et al., 2014).

Segundo Patterson et al. (2016), embora essas doenças sejam compreendidas inicialmente como zoonoses, atualmente os seres humanos são os hospedeiros principais para sua disseminação. A forma corriqueira de transmissão acontece quando um mosquito *Aedes aegypti* pica um indivíduo infectado e, ao infectar-se, transporta diretamente o vírus para uma próxima pessoa que venha a picar. Além disso, um mesmo mosquito infectado pode contaminar vários humanos durante um período único no qual está se alimentando, o que lhe confere grande potencial para transmitir o vírus a vários hospedeiros distintos em um curto espaço de tempo (PATTERSON et al., 2016).

Como citado, os arbovírus que apresentam maior incidência com importância epidemiológica no Brasil são a dengue, a zika e chikungunya (CAMPOS et al., 2018). Embora tais vírus causem sinais e sintomas semelhantes aos indivíduos que acometem, Patterson et al. (2016) pontuam que alguns aspectos podem ser destacados em relação a cada um deles.

Quanto à dengue, os aspectos clínicos são variados e o curso da doença pode ser imprevisível; contudo, nos casos sintomáticos essa arbovirose costuma apresentar as fases febril, crítica e de recuperação. Já com relação à zika, nos casos sintomáticos identifica-se – assim como na dengue – uma fase febril, sendo nesse aspecto indistinguível uma doença da outra. Entretanto, de forma geral a zika não costuma gerar hospitalizações ou quadros graves, sendo normalmente associada a sinais e sintomas como febre, conjuntivite não purulenta, erupções na pele, dores nas articulações, dores de cabeça e vômitos. Por fim, os indivíduos infectados pela chikungunya – a qual possui sintomatologia similar a dengue e zika – em sua maioria apresentam sinais e sintomas durante o período da infecção. Além disso, um dos sintomas corriqueiros corresponde às dores articulares, as quais, em certas circunstâncias, podem limitar ou incapacitar as habilidades motoras dos sujeitos (PATTERSON et al., 2016).

Evidenciado o potencial reprodutivo – sobretudo nos espaços urbanos – do *Aedes aegypti*, vetor das arboviroses citadas, assim como a capacidade que este possui de disseminar doenças que geram comprometimentos significativos à saúde da população brasileira, convém destacar a importância de ações que visem a estimular a promoção da saúde através de estratégias de educação, informação e comunicação.

2.1 - Educação, Informação e Comunicação: O Projeto Arbocontrol

De acordo com Mialhe et al. (2009), diversas definições apontam como pode ser compreendido o conceito de educação em saúde; contudo, os autores destacam que essas definições precisam ser observadas a partir de uma perspectiva histórica e complexa. Através desse viés, eles evidenciam a crítica de que a educação no campo da saúde, embora tenha passado por mudanças ao longo dos anos, “é fortemente definida e orientada por pressupostos biomédicos e foca-se em metodologias que facilitam a apreensão, pelo usuário, dos conhecimentos técnico-científicos” (MIALHE et al., 2009, p. 446).

Tal perspectiva dialoga com o entendimento de que “a saúde tem determinações sociais, econômicas, políticas e culturais mais amplas do que simplesmente a herança genética, a biologia humana e os fatores ambientais mais imediatos” (BUSS, 2003, p. 36), e, conseqüentemente, revela a necessidade de a promoção em saúde constituir uma responsabilidade não apenas dos profissionais da saúde, mas dos diversos atores políticos, técnicos e dos setores sociais que não estão diretamente ligados à área da saúde.

Logo, segundo Pellegrini Filho et al. (2014), recai sobre a compreensão dos determinantes sociais da saúde o ponto de maior importância para uma operacionalização eficaz da promoção da saúde da população. Segundo os autores, “promover saúde coincide com enfrentar os determinantes sociais e ambientais da saúde, isto é, as ‘causas das causas’ das iniquidades socio sanitárias”, o que conseqüentemente revela a necessidade de ações intersetoriais e políticas públicas que “tenham a explícita intenção de produzir saúde, como políticas equitativas de distribuição de renda e riqueza, saneamento básico, educação, moradia [...], emprego e trabalho dignos” (PELLEGRINI FILHO et al., 2014, p. 306).

Embora diversos atores atuem na perspectiva das ações intersetoriais e de políticas públicas voltadas à promoção da saúde, cabe evidenciar a importância das diversas mídias como agentes de socialização de conhecimentos e comportamentos, uma vez que “mídias como o rádio, a televisão e a internet exercem grande influência em todas as fases da vida e, portanto, nos processos de socialização primária [infância], secundária [adolescência] e terciária [fase adulta]” (MIALHE et al., 2009, p. 457).

Ainda segundo os autores, observa-se que circulam através das mídias informações persuasivas que contribuem para a adoção de atitudes não condizentes com uma efetiva promoção de saúde. Tal realidade coloca-se como um desafio àqueles que se propõem a utilizar as mídias como

ferramentas de comunicação em saúde, uma vez que tais produtos – a fim de que proporcionem mudanças nos comportamentos de seus consumidores – necessitam possuir características que despertem curiosidade e interesse em relação aos temas abordados, isto é: devem apresentar layouts chamativos, ser produzidos em linguagem acessível e de fácil compreensão e expor conteúdos contextualizados às realidades sociais e aos modos de vida dos usuários (MIALHE et al., 2009, p. 458).

As áreas de atuação do Projeto ArboControl estão distribuídas em quatro componentes: (1) Pesquisa para o controle do vetor; (2) Novas tecnologias em saúde; (3) Educação, informação e comunicação para o controle do vetor; e (4) Formação e capacitação profissional. Em cada um deles são desenvolvidas ações como as de formação e capacitação profissional; prospecção de substâncias para o controle do *Aedes aegypti*; diagnóstico de sistemas de informações relacionados ao controle do vetor e das arboviroses; desenvolvimento de aplicativos; e avaliações de ações do Ministério da Saúde. Apesar da diversidade de estratégias abordadas, este relato de caso deteve-se especificamente nas ações desenvolvidas no Componente 3.

Dentre os objetivos desse componente estão o desenvolvimento e a implementação de estratégias de comunicação a fim de engajar a sociedade no combate ao vetor das arboviroses dengue, zika e chikungunya, isto é, o *Aedes aegypti*. Além disso, a realização de oficinas e a elaboração de produtos midiáticos também compõem o rol de ações desse componente, uma vez que se busca oferecer às comunidades uma oportunidade de empoderar-se das tecnologias de comunicação a fim de se fomentar nelas a promoção de saúde.

2.2 - O Podcast e a Promoção da Saúde em Multiplataforma

O amplo acesso da população aos dispositivos móveis e o desenvolvimento das tecnologias digitais estão na base de uma série de mudanças nas formas de produção e consumo do rádio, identificada por Prata (2008) como “radiomorfose”. O podcast é resultado desse processo de transformação, que redesenhou as formas de ouvir e fazer rádio; o veículo centenário atualmente é expandido (KISCHINHEVSKY, 2017), hipermidiático (LOPEZ, 2010) e presente nas diversas plataformas midiáticas.

Ainda considerado um formato recente, o podcast inaugura uma nova etapa de desenvolvimento, denominada por Bonini (2020) de “segunda era do podcasting”. Para o autor, o formato deve ser compreendido como uma

mídia digital massiva, mas com produtores, modelos de negócio, mercados e públicos próprios, se comparado à radiodifusão.

O jornalismo multiplataforma compreende a combinação de múltiplos formatos comunicativos, diversificando as atividades desempenhadas pelo profissional de comunicação, as linguagens e os conteúdos, como aponta Salaverría (2014). Para o autor, constituem conteúdo multimídia: (1) texto; (2) fotografia; (3) gráficos, iconografia e ilustrações estáticas; (4) vídeo; (5) animação digital; (6) discurso oral; (7) música e efeitos sonoros; e (8) vibração. A partir dessas linguagens, a produção de mídia sonora encontra no cotidiano diversas possibilidades para alcançar o público que navega na web com seus tablets e smartphones, a partir do consumo móvel, convergente e instantâneo das redes sociais digitais.

Desde que foi declarada a maior crise sanitária da história mundial, em março de 2020, a pandemia do novo coronavírus mobilizou um aumento no consumo do rádio, bem como na produção e na escuta de podcasts. De acordo com o Kantar Ibope Media (2020), a audiência de rádio aumentou 20% já nos primeiros meses da pandemia. Em 2021, a pesquisa destacou que a diversificação de canais como o YouTube e plataformas de *streaming* de áudio potencializa a audiência do veículo, consumido por 80% dos brasileiros. O levantamento também apontou um aumento de 31% na escuta de podcasts, em comparação com o ano anterior (KANTAR IBOPE, 2021).

É nesse contexto que, também no segmento universitário, a produção de podcasts encontra solo fértil. No âmbito da Universidade Federal da Paraíba, Meireles e Monteiro (2020) identificaram a emergência de 19 podcasts com diversas temáticas e fontes produtoras (discentes, docentes, projetos de ensino, projetos de extensão etc.), o que demonstra o potencial criador que deriva da universidade.

Em tempos de distanciamento social, de amplo consumo de dispositivos móveis pela população e de convergência de mídias, a realização de podcasts de forma remota viabiliza a continuidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão, como se deu com o núcleo regional Nordeste do Projeto ArboControl em sua profícua parceria com os projetos de extensão da UFPB já atuantes nas áreas de Comunicação e Saúde, com foco na produção de podcasts.

3 - Método

Após apresentar os fundamentos teóricos que alicerçam as ações do núcleo regional Nordeste do Projeto ArboControl, convém destacar que este relato de experiência se estrutura como uma pesquisa qualitativa, com

objetivo descritivo, visando a apresentar um levantamento de informações sobre as doenças transmitidas pelo vetor *Aedes aegypti*: dengue, zika e chikungunya.

Os resultados foram organizados nas seguintes etapas: (1) levantamento de dados e captação de parcerias no estado da Paraíba; (2) realização de oficinas de capacitação; (3) produção de conteúdos sonoros; e (4) produção de recursos visuais, conforme apresentamos a seguir.

4 - Resultados

4.1 - Levantamento de dados e Parcerias firmadas no Estado da Paraíba

A fim de que fossem consolidadas as estratégias de comunicação e desenvolvimento dos produtos midiáticos apresentados neste relato, inicialmente realizou-se um levantamento de informações referentes aos aspectos epidemiológicos do estado da Paraíba. Para tal, foram consultados os boletins disponibilizados pela Gerência Executiva de Vigilância em Saúde da Secretaria de Estado da Saúde da Paraíba através do site institucional do próprio estado (paraiba.pb.gov.br).

A partir da consulta, na qual foi observado um comparativo do intervalo das semanas de 1 a 25 entre os anos de 2020 e 2021, identificaram-se as áreas de maior incidência de casos prováveis das arboviroses dengue, zika e chikungunya. As três gerências regionais que apresentaram os números mais elevados de casos foram a 1ª Região (cuja sede é a cidade de João Pessoa, capital do estado), com 1.849 casos prováveis de arboviroses; a 14ª Região (cuja sede é a cidade de Mamanguape), com 1.793 casos prováveis; e a 3ª Região (cuja sede é a cidade de Campina Grande), com 1.359 casos prováveis.

A partir desses dados, embora tenham sido realizados contatos com assessorias de comunicação, órgãos de saúde (secretarias de saúde estadual e municipais, Vigilância Epidemiológica de João Pessoa) e outros órgãos públicos (orçamentos democráticos municipais, gerências de educação, secretarias de cultura municipais), foi empenhada uma maior atenção à consolidação de parcerias com os atores sociais que apresentassem maior vínculo com suas comunidades, a exemplo das rádios comunitárias e comerciais, dos líderes comunitários, dos projetos de extensão desenvolvidos por universidades públicas, dos representantes de movimentos sociais e grupos da sociedade civil.

Nesse sentido, com relação às parcerias firmadas com atores sociais da cidade de João Pessoa (situada na 1ª Região), obteve-se êxito com os representantes da rádio comunitária Cruz das Armas FM, meio de comunicação que se situa no bairro que apresentou áreas com maior risco para presença de focos e reprodução do *Aedes aegypti*, segundo o primeiro Levantamento de Índice Rápido de Infestação por *Aedes aegypti* (LIRAA), realizado em 2021 na cidade de João Pessoa. A partir da parceria, foram realizadas divulgações e a veiculação de produtos sonoros desenvolvidos pelo ArboControl.

A fim de potencializar o desenvolvimento das mídias sonoras voltadas à promoção de saúde e ao combate às arboviroses, as parcerias na cidade de João Pessoa foram iniciadas a partir da articulação de três projetos de extensão da Universidade Federal da Paraíba: Web Rádio Porto do Capim; Espaço Experimental: Integrando a Universidade e Comunidades nas Ondas do Rádio; e Promoção da Saúde em Comunidade com Ênfase nas Estratégias da Família, coordenados respectivamente pelas professoras Norma Meireles, Patrícia Monteiro e Maria Aparecida Bezerra. O vínculo com o Projeto ArboControl passou a pautar os podcasts Jornadas e Saúde em Comunidades, que já existiam desde 2019 e foram ainda mais impulsionados a partir de então.

Quanto aos parceiros ligados a movimentos sociais e grupos da sociedade civil, destacam-se a coordenadora da Central Única de Favelas na Paraíba, Kalyne Lima, profissionais de saúde da Unidade Básica de Saúde da Comunidade do Timbó (João Pessoa/PB), chefes escoteiros dos grupos Almirante Barroso e 5 de Novembro (João Pessoa/PB) e a presidente da Associação de Quadrilhas Juninas de Patos (Patos/PB), Lana Escarião. Essas parcerias contribuíram sobretudo na divulgação das oficinas e dos produtos desenvolvidos pelo ArboControl.

Em novembro de 2021, a partir dos diálogos estabelecidos entre a coordenadora regional do ArboControl no Nordeste, Patrícia Monteiro, e a editora-chefe da rádio CBN Paraíba, Carla Visani, firmou-se vínculo com o intuito de ampliar a divulgação dos produtos desenvolvidos pelo Projeto ArboControl e seus respectivos parceiros. Nesse sentido, os podcasts Jornadas e Saúde em Comunidades obtiveram espaço para veiculação no site da rádio CBN Paraíba e nas plataformas de áudio da emissora, que completou, em fevereiro de 2022, 10 anos de vínculo com a Rede Paraíba de Comunicação, afiliada da Rede Globo.

Figura 1 – Participação da coordenadora regional Patrícia Monteiro no programa CBN João Pessoa



Figura 2 – Divulgação do podcast Saúde em Comunidades no site da CBN João Pessoa



Fonte: Captura de tela do site CBN Paraíba

Figura 3 – Divulgação do podcast Jornadas no site da CBN João Pessoa



Fonte: Captura de tela do site CBN Paraíba

As rádios comunitárias exercem um papel significativo na construção da opinião pública; atuam diretamente na esfera local, com uma função importante nas comunidades em que estão inseridas. Em janeiro de 2022, firmou-se uma parceria para a divulgação do podcast Saúde em Comunidades na rádio comunitária Cruz das Armas, 104,9 FM, em João Pessoa.

Figura 4 – Participação do bolsista Cristiano Santos no programa Rádio Experiência



Fonte: Arquivo pessoal

4.2 - Oficinas de Capacitação

Após os contatos feitos com os diversos grupos, entidades, rádios comunitárias, associações, escolas e outros veículos de comunicação com o objetivo de estabelecer parcerias, iniciamos o projeto de produção e divulgação dos conteúdos. Foram oferecidas três oficinas com o intuito de capacitar os parceiros para a criação de conteúdos educativos, visando, sobretudo, a facilitar a disseminação de informação no combate às

arboviroses, levando em consideração a sua aplicabilidade no contexto vivido por cada pessoa e os aspectos culturais de cada bairro e cidade.

No dia 19 de outubro de 2021, das 19h às 21h, realizamos a Oficina de Comunicação em Mídia Sonora: Comunicação e a Linguagem Sonora para Rádio Comunitária e Podcast, com a professora Izani Mustafá, da Universidade Federal do Maranhão, voluntária do núcleo maranhense do Projeto ArboControl. No dia 20 de outubro de 2021 ocorreu o segundo dia de oficina, com as temáticas Roteiro e Narração, abordadas pelas professoras da UFPB Patrícia Monteiro e Norma Meireles. As duas oficinas foram realizadas por meio do Google Meet, com a participação de 45 pessoas.

Figura 5 – Divulgação das Oficinas de Comunicação em Mídia Sonora



Fonte: Elaboração própria; captura de tela do Instagram Espaço Experimental

A segunda oficina foi realizada no dia 23 de outubro de 2021, das 14h às 17h, por meio do Google Meet. Intitulada Fotografia e Vídeo para Redes Sociais: Fundamentos, Mecanismos, Composição, Iluminação, Edição e Softwares, a capacitação se destinou sobretudo a adolescentes e jovens do grupo de escoteiros 5 de Novembro, à Associação de Quadrilhas Juninas de Patos, além de lideranças comunitárias do bairro do Timbó, em João Pessoa, e da Central Única das Favelas (CUFA). Na oficina, foram aprofundados aspectos que contemplam a produção de conteúdo por meio de diversos equipamentos, estimulando-se o uso de smartphones devido à praticidade e à acessibilidade facilitada no cotidiano. A oficina foi ministrada pelos bolsistas João Pedrosa e Cristiano Santos, com a participação de 60 pessoas. Ao término das duas oficinas, foi disponibilizado um formulário de avaliação para que os participantes relatassem as experiências e o aprendizado.

Figura 6 – Divulgação da Oficina Fotografia e Vídeo para Redes Sociais



Fonte: Elaboração própria; captura de tela do Instagram Espaço Experimental

4.3 Produção de Conteúdo Sonoros

A partir da parceria dos projetos de extensão da UFPB com o ArboControl, a terceira e atual temporada dos podcasts Saúde em Comunidades e Jornadas trataram das arboviroses e do papel do Sistema Único de Saúde, respectivamente.

Até fevereiro de 2022 foram produzidos três episódios do Saúde em Comunidades, com duração de 9 a 11 minutos. O primeiro episódio fala sobre a linha histórica do *Aedes aegypti*; o segundo trata de mitos, sintomas e prevenção; e o terceiro aborda as principais diferenças entre dengue e chikungunya.

O podcast Jornadas trabalha a importância do Sistema Único de Saúde e como o SUS se tornou uma ferramenta essencial para promover justiça social no Brasil. O primeiro episódio destacou o que é o SUS e seu funcionamento; no segundo episódio, o enfoque foi o papel do agente comunitário de saúde; no terceiro episódio, foi abordada a importância da vacinação para a prevenção de doenças e da campanha de combate ao novo coronavírus (covid-19). Os episódios têm duração de 9 a 12 minutos.

Os áudios produzidos nos dois podcasts foram armazenados na plataforma Anchor, que faz a distribuição para diversos agregadores de áudio, sendo o Spotify o principal deles. Os episódios são veiculados também

na web rádio Porto do Capim, no canal do Espaço Experimental no YouTube, no site da CBN Paraíba e na rádio comunitária Cruz das Armas.

Todo o conteúdo dos dois podcasts é produzido por alunos extensionistas e voluntários da UFPB, além dos bolsistas da Estação Nordeste do ArboControl, com direção das professoras Norma Meireles, Maria Aparecida Bezerra e Patrícia Monteiro. Um total de 23 pessoas trabalha diretamente na produção. Cada novo lançamento é publicizado no Instagram dos projetos de extensão envolvidos.

Figura 7 – Cards dos podcasts Saúde em Comunidades e Jornadas, no Spotify



Fonte: Captura de tela do Spotify

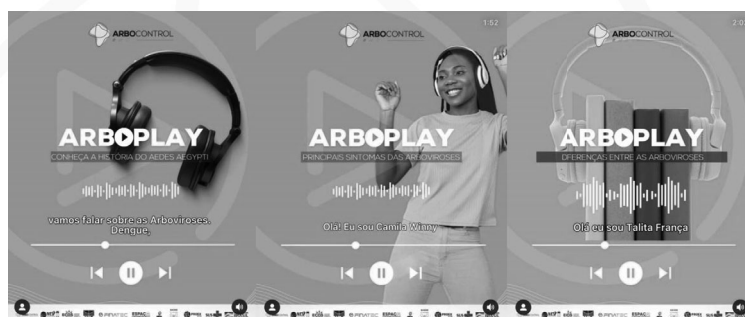
4.3.1 - Descrição do ArboPlay

As redes sociais digitais têm a capacidade de ampliar a audiência dos produtos audiovisuais. Pensando nisso, em janeiro de 2022 foi lançado o ArboPlay. O produto consiste em pílulas de conhecimento extraídas dos episódios da terceira temporada do podcast Saúde em Comunidades, com duração de dois minutos. O áudio é publicado no Instagram do projeto de extensão Espaço Experimental e disponibilizado aos nossos parceiros

pelo WhatsApp, fomentando o acesso ao episódio completo, disponível nas plataformas de áudio e nos demais canais.

Foram produzidos três episódios-síntese do Saúde em Comunidades, com o resumo das temáticas apresentadas anteriormente. Em todos os episódios produzidos contamos com a participação de profissionais da saúde, usuários do SUS e alunos voluntários dos projetos de extensão ligados à UFPB.

Figura 8 – Cards das publicações dos três episódios do ArboPlay



Fonte: Elaboração própria (2022)

4.4 - Recursos Visuais para Comunicação em Saúde: Infográficos Arbocontrol

Além dos produtos sonoros desenvolvidos pela equipe do Projeto ArboControl Nordeste, constituem partes das estratégias de comunicação em saúde a elaboração e a divulgação de infográficos e animações nas redes sociais do projeto (Instagram) e através de aplicativos de mensagens instantâneas (WhatsApp).

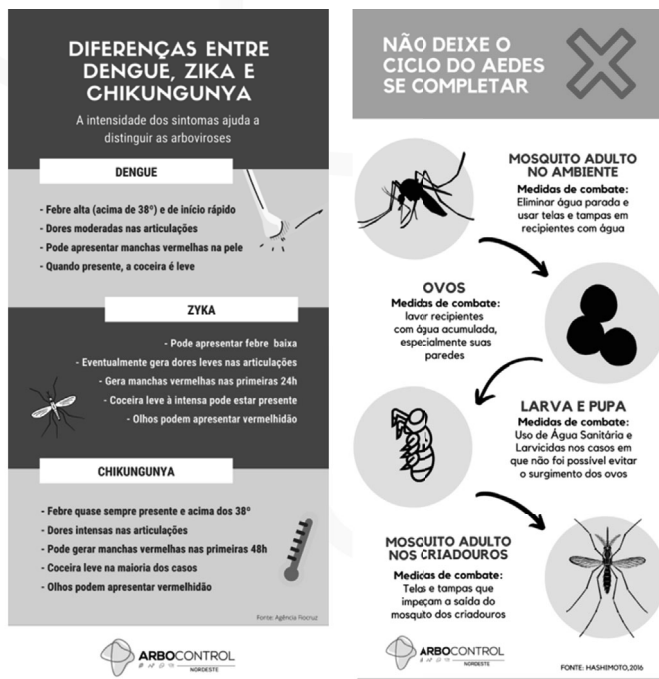
Nesse sentido, durante os meses de novembro de 2021 a janeiro de 2022 os produtos visuais foram elaborados, abordando as seguintes temáticas: quais ações tomar nos casos de infecção por dengue, zika ou chikungunya; medidas para evitar a proliferação do *Aedes aegypti*; número de casos prováveis de dengue, zika e chikungunya nos anos de 2020 e 2021; consequências das infecções por arboviroses; diferenças entre os sinais e sintomas da dengue, da zika e da chikungunya; medicações que não devem

ser utilizadas no tratamento das arboviroses; formas de interrupção do ciclo reprodutivo do *Aedes aegypti*.

Utilizou-se o software Canva para a criação dos infográficos, e os padrões de identidade visual seguiram os conteúdos visuais já veiculados pelo Projeto ArboControl, isto é, os materiais publicados anteriormente em plataformas digitais como Instagram e YouTube. Assim, a cor verde possui predominância na maior parte das artes desenvolvidas; as fontes utilizadas, em sua maioria, não possuem serifas; os formatos apresentam dimensões apropriadas para veiculação em stories na rede social Instagram, ou seja, possuem as proporções de 940 pixels horizontais e 2000 pixels verticais; e a resolução dos arquivos segue o padrão de 72 DPI, adequado para veiculação em dispositivos eletrônicos.

Ao total foram elaborados oito infográficos e duas animações abordando as temáticas citadas. O conteúdo teve sua veiculação definida para o mês de março de 2022.

Figura 9 – Exemplos dos infográficos desenvolvidos



Fonte: Elaboração própria (2022)

5 - Considerações finais


O alcance do Projeto ArboControl, oriundo da Universidade de Brasília e realizado a partir de convênio com o Ministério da Saúde, é ampliado a partir da Rede Brasil de Pesquisa, à qual estão integradas diferentes universidades públicas, realidades locais e regionais. Neste relato de experiência, apresentamos as atividades realizadas pelo núcleo regional Nordeste do Projeto ArboControl. Tais ações tiveram a Universidade Federal da Paraíba como polo, porém foram irradiadas para muitos lugares e por meio de diferentes atores, assegurando o rádio, em sua fase multiplataforma e convergente, como um relevante canal para prestação de serviços de utilidade pública.

As etapas descritas neste relato – que vão do levantamento de informações à distribuição de conteúdo informativos – estão alicerçadas no permanente diálogo, orientação e avaliação da equipe, formada por mais de 20 pessoas, entre a coordenadora regional, bolsistas e professoras voluntárias da Estação Nordeste do Projeto ArboControl, além de estudantes de graduação extensionistas dos projetos parceiros, no âmbito da UFPB. Integrada ao Componente 3 do ArboControl, a equipe tem feito reverberar as ênfases na educação e na informação, caras a esse projeto multidisciplinar.

Compreender os determinantes sociais de cada região estudada é fundamental para o planejamento das ações de comunicação em saúde. Assim, o Projeto ArboControl mobiliza a universidade pública para um olhar constante sobre os casos de dengue, zika e chikungunya.

O boletim da Gerência Executiva de Vigilância em Saúde da Secretaria de Estado de Saúde da Paraíba referente aos casos prováveis de arboviroses revela que, no ano de 2021, em números absolutos na 1ª Região (cuja sede é a capital do estado), foi identificado um total de 14.780 casos prováveis. Relacionando esse valor ao contingente populacional da região (1.300.465 pessoas, segundo o mesmo boletim), identifica-se que aproximadamente 1,14% da população da 1ª Região foi acometida pelos arbovírus no referido ano.

Já os números absolutos de casos prováveis das arboviroses vistos na 14ª Região no mesmo ano, cuja sede situa-se em Mamanguape, correspondem a 2.563. Considerando-se que o contingente populacional da região corresponde a 151.394 pessoas, tem-se que aproximadamente 1,7% da população dessa região foi acometida por arboviroses. São dados preocupantes. Assim, propor diálogos e parcerias com os gestores das distintas regiões do estado para conhecer melhor a realidade local pode ser uma das ações de continuidade do projeto, a partir do planejamento de estratégias que possam contribuir para a diminuição dos casos observados.



Levando em conta a importância vital de disseminar conteúdos sobre dengue, zika e chikungunya, a aproximação com a sociedade civil e os gestores de saúde situa a universidade como lócus privilegiado para a promoção da comunicação em saúde. É certo, portanto, que o Projeto ArboControl dissemina uma nova cultura de cuidado de si e do outro, unindo universidades públicas brasileiras, atores do Sistema Único de Saúde, a mídia e a comunidade em torno de um bem comum: o acesso a informação, educação e comunicação em saúde.

Referências

ALMEIDA, Lorena Sampaio; COTA, Ana Lídia Soares; RODRIGUES, Diego Freitas. Saneamento, arboviroses e determinantes ambientais: impactos na saúde urbana. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 10, p. 3857-3868, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/SYkNjBXG7JMCJxCjshr7sLB/?format=pdf&lang=pt>>.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Trad. Marcelo Kischinhevsky. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, v. 11, n. 1, p. 13-32, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315>>.

BUSS, Paulo Marchiori. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde. In: CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de (Orgs.). *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 15-53.

CAMPOS, Jonatan M et al. Arboviroses de importância epidemiológica no Brasil. *Observatório do Cuidado*, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.observatoriodocuidado.org/handle/handle/1486?locale-attribute=en>>.

KANTAR IBOPE MEDIA. Covid-19. Impactos no consumo de mídia | Rádio. Kantar Ibope Media, 2020. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/brasil-consumo-de-radio/>>. Acesso em: 02 out. 2020.

KANTAR IBOPE MEDIA. Inside Radio 2021. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina; BENZECRY, Lena. Podcasting tensiona categorizações e ganha, enfim, destaque como objeto de estudos. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, v. 11, n. 1, p. 6-12, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4333>>.

LOPES, Nayara; NOZAWA, Carlos; LINHARES, Rosa Elisa Carvalho. Características gerais e epidemiologia dos arbovírus emergentes no Brasil. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, v. 5, n. 3, p. 55-64, 2014. Disponível em: <<http://scielo.iec.gov.br/pdf/rpas/v5n3/v5n3a07.pdf>>.

LOPEZ, Debora Cristina. *Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica*. Covilhã: LabCom Books, 2010.

MEIRELES, Norma; MONTEIRO, Patrícia. Produção de podcasts na UFPB: mapeando iniciativas e condições de produção. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020.

MENDONÇA, Francisco de Assis; SOUZA, Adilson Veiga e ; DUTRA, Denecir de Almeida. Saúde pública, urbanização e dengue no Brasil. Sociedade & Natureza, v. 21, n. 3, p. 257-269, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sn/a/tRqQNr3nLXBNvqV3MpZGvhP/abstract/?lang=pt>>.

MIALHE, Fábio Luiz et al. Educação em saúde. In: PEREIRA, Antonio Carlos et al. Tratado de Saúde Coletiva em Odontologia. São Paulo: Editora Napoleão, 2009. p. 442-477.

PATTERSON, Jessica; SAMMON, Maura; GARG, Manish. Dengue, zika and chikungunya: emerging arboviruses in the New World. Western Journal of Emergency Medicine, v. 17, n. 6, p. 671-679, 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5102589/>>.

PELLEGRINI FILHO, Alberto; BUSS, Paulo Marchiori; ESPERIDIÃO, Monique Azevedo. Promoção da saúde e seus fundamentos: determinantes sociais da saúde, ação intersectorial e políticas públicas saudáveis. In: PAIM, Jairnilson Silva; ALMEIDA-FILHO, Naomar de (Orgs.). Saúde Coletiva: teoria e prática. Rio de Janeiro: Medbook – Editora Científica Ltda., 2013. p. 305-325.

RIBEIRO, Helena; VARGAS, Heliana Comin. Urbanização, globalização e saúde. Revista USP, n. 107, p. 13-26, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/115110>>.

PARAÍBA. Secretaria de Estado de Saúde da Paraíba. Gerência Executiva de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico Dengue, Chikungunya e Zika nº 01. Situação Epidemiológica das Arboviroses na Paraíba em 2021. Disponível em: <<https://paraiba.pb.gov.br/diretas/saude/consultas/vigilancia-em-saude-1/boletins-epidemiologicos>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

PARAÍBA. Secretaria de Estado de Saúde da Paraíba. Gerência Executiva de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico Dengue, Chikungunya e Zika nº 06. Semana Epidemiológica de 1 a 25 de 2021. Disponível em <<https://paraiba.pb.gov.br/diretas/saude/consultas/vigilancia-em-saude-1/boletins-epidemiologicos>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

PRATA, Nair. Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2008.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João. (Org.). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 25-52.

Entre a lagoa e a parte alta da cidade: memórias, reflexões e testemunhos acerca de duas oficinas de audiovisual sobre arboviroses em Maceió

Between the lagoon and the upper part of the city: memories, reflections and testimonies about two audiovisual workshops on arboviruses in Maceió

Raquel do Monte
Doutora em Comunicação. Docente na Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
rdomonte@gmail.com

Juliana Maia
Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
Julianamfl67@gmail.com

Jaciane Lira
Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
jacilira.s@gmail.com

Resumo

Duas oficinas que têm como norte pensar as arboviroses a partir da linguagem audiovisual, realizadas em comunidades periféricas de Maceió, tornam-se o ponto de partida para uma reflexão acerca da linguagem audiovisual e do processo de construção de narrativas sobre as doenças epidêmicas transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*. O primeiro aspecto em que a pesquisa debruçou-se diz respeito à instrumentalização do público presente na construção do olhar crítico sobre as campanhas em vídeo do governo em torno das arboviroses. Em seguida, foi proposta a produção de vídeos a partir do reconhecimento dos elementos da linguagem audiovisual. Palavras-chave: Arboviroses; Linguagem Audiovisual; Leitura Crítica da Mídia.

Abstract

Two workshops that aim to think about arboviruses from the audiovisual language, carried out in peripheral communities of Maceió, become the starting point for a reflection on the audiovisual language and the process of building narratives about epidemic diseases transmitted by the *Aedes aegypti* mosquito. The first aspect that the research addressed concerns the instrumentalization of the present public in the construction of a critical look at the government's video campaigns around arboviruses. Then, the production of videos based on the recognition of the elements of the audiovisual language was proposed. Keywords: Arboviruses. Audiovisual Language. Critical Reading of the Media.

1 - Introdução

Quase 20 km separam as duas localidades que abrigaram as oficinas “Arboviroses em Alagoas: leitura crítica e produção audiovisual”, ocorridas entre outubro e novembro de 2021 na cidade de Maceió. Traçar essa cartografia imaginária, que envolve as comunidades conhecidas como Benedito Bentes e Vergel do Lago, não apenas é um gesto que informa uma materialidade geográfica, mas indica também a reconstituição de espaços simbólicos nos quais sujeitos e alteridades são postos em fricção, promovendo, a partir da deriva de saberes, novos conhecimentos de mundo acerca das arboviroses. Ao todo, 60 pessoas estiveram reunidas durante algumas horas com um objetivo em comum: dialogar e construir, audiovisualmente, possibilidades de compreensão acerca de um fenômeno que não está apenas circunscrito ao campo da saúde pública, mas é dotado de uma espécie de polissemia e congrega, ao mesmo tempo, significados econômicos, sociais, culturais, históricos e, sobretudo, filosóficos. Foi seguindo esse percurso que nosso grupo – formado por três pesquisadoras, uma sênior e duas assistentes – reuniu-se e promoveu os encontros. Vários atores fizeram parte dessa rede local, como movimentos sociais, agentes populares de saúde, organizações não governamentais, moradores das comunidades e estudantes e professores do curso de Enfermagem de uma universidade pública, a saber, a Universidade Federal de Alagoas.

Ancorada numa proposta pedagógica transdisciplinar, que costura autores – como Paulo Freire (1996) e Jacques Rancière (2007) – e campos distintos – como a Pedagogia e a Estética –, nossa oficina foi construída a partir dos conceitos de emancipação e partilha e do recorte epistemológico que envolve a compreensão do que vem a ser a educação crítica da mídia. Postas em relação chaves conceituais e construções epistemológicas, articulamos teorias e práticas nesse processo, que envolve idealizar,

construir, dialogar e refletir a partir de encontros e materialidades. No interior dessa construção, nosso gesto metodológico envolve antes de tudo um duplo movimento: a reverberação da oficina em nós e a reflexão da experiência que deriva do encontro. Desse modo, surge-nos a seguinte pergunta: como nos debruçaremos sobre a experiência e a geografia física e humana que compuseram as oficinas, considerando seu espírito errante e a fugacidade que impregna todas as etapas do processo?



Para tanto, aparece como possibilidade de leitura e apreensão do nosso relato de experiência pensar a oficina a partir da imagem que traz em si a fricção entre sujeitos e alteridades. Sendo assim, relacionar-se com a materialidade da oficina é, antes de tudo, considerar que há uma instabilidade e uma abertura para a indeterminação, visto que ela acontece aqui através de uma reconstituição memorialística e de uma deriva afetiva. Pensar qualquer tentativa de sistematização que busque organizar discursivamente um olhar que se reinventa ao encontrar-se com o Outro exige alguns passos.

O primeiro deles nos indica um modo de vivenciar a experiência no que diz respeito ao nosso objeto de estudo, e que nesse sentido constitui um desejo de mergulho profundo naquele espaço simbólico de encontros e trânsito de saberes. De algum modo, é como se aqui houvesse a vontade latente de sermos afetadas (DELEUZE, 2010) por aquela atmosfera, reprimindo assim o desejo de categorizar e de lançar um olhar essencialmente cientificizante sobre a reflexão acerca das oficinas e, simultaneamente, sobre o fenômeno das arboviroses.

Diante do exposto, nosso relato desdobra-se e busca responder à seguinte questão: de que modo podemos apresentar, através de um gesto comparativista, as aproximações e os distanciamentos de percepção e afecção nas duas oficinas realizadas nas comunidades Benedito Bentes e Vergel do Lago? Para tanto, buscamos com o nosso movimento relatar as experiências vivenciadas ao realizarmos as duas oficinas e apresentar um levantamento socioeconômico e social das duas comunidades, para assim podermos contextualizar melhor a realidade de ambas. Simultaneamente, desejamos apontar as diferenças e as aproximações entre as duas comunidades, apresentando um pouco sobre a convivência dessas pessoas com as arboviroses.

2 - Sobre o Processo de Construção das Oficinas



No final de dezembro de 2021, o Ministério da Saúde divulgou o boletim epidemiológico que monitora as arboviroses no Brasil. Alagoas, conforme o



documento, registrou 7.956 casos no total. No geral, o Nordeste registrou a maior taxa de incidência de dengue do Brasil, totalizando 203,04 casos para cada 100 mil habitantes. Nesse ranking, Alagoas aparece em quinto lugar entre os estados da região que mais registraram casos de arboviroses durante o ano passado, apresentando uma taxa de transmissão de 216,0 para cada 100 mil habitantes, segundo dados da Secretaria de Saúde de Maceió apresentados em 2020. Esse cenário de algum modo repete uma recorrência histórica apresentada pelos boletins epidemiológicos anteriores, na qual a curva epidêmica acentua-se no estado. Assim, decidimos escolher duas regiões de Maceió que, apesar de distantes geograficamente, apresentam Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) abaixo da média municipal, bem como condições que os colocam em situação de vulnerabilidade quanto à ocorrência de arboviroses, segundo o levantamento dos dados vinculados à saúde ambiental.

Depois de sinalizarmos os locais possíveis de realização da primeira oficina, passamos para as fases de articulação e construção do material pedagógico que seria utilizado. No primeiro movimento, contatamos possíveis parceiros ligados a espaços sociais distintos e que atuam com saúde pública em Maceió. O primeiro deles foi o Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos (MTD), de que derivou a articulação com dois outros atores sociais: o Coletivo Afro Dendê e o projeto de extensão desenvolvido pelo curso de Medicina da Universidade Federal de Alagoas. Decidimos, então, realizar a atividade na sede do Coletivo Afro Dendê. Tal escolha sinalizou que o público que atenderíamos seria de crianças e adolescentes na faixa etária de 8 a 15 anos, todos moradores da região.

Nas reuniões com o nosso grupo de pesquisa, após contato com os articuladores locais, decidimos que produziríamos a oficina adotando o formato roda de diálogo, visto que política e pedagogicamente nos filiamos a uma compreensão de que o saber é construído a partir do apagamento das posições hierárquicas vinculadas às instâncias de poder que delimitam e instituem os que detêm o conhecimento e os que serão os possíveis receptores desse conhecimento. Sendo assim, nosso desejo foi o de, ao elegermos algumas chaves conceituais e epistemologias que nortearassem nossa reflexão, promover uma atmosfera teórica que, em fricção com o campo da saúde, criasse campos sensíveis de apreensão da realidade local e, conseqüentemente, de percepção sobre o fenômeno das arboviroses, a partir de um sistema linguístico audiovisual. Sobre a questão da produção e da compreensão ativa das audiovisualidades, cabe aqui destacar que elas envolvem dois eixos: o olhar crítico sobre os discursos acerca de dengue, zika e chikungunya nos discursos imagéticos e a percepção pela qual as comunidades locais fazem reverberar tais conhecimentos.



O primeiro conceito em que nos debruçamos para construir nossa oficina vincula-se essencialmente à ideia de autonomia na prática pedagógica, filiada a uma educação crítica que problematiza valores neoliberais e pauta-se numa prática educativo-crítica ou progressista (FREIRE, 1996). Sendo assim, nossa premissa, quando vislumbramos o momento do encontro com a comunidade, era criar possibilidades para a produção do conhecimento e caminhos para sua construção através do relato memorialístico e da experiência que envolve cada sujeito participante no que concerne especificamente às arboviroses. Diante do exposto, diríamos então, conforme o pedagogo pernambucano, que compreendemos a autonomia enquanto amadurecimento do ser para si, o que indica que ela é processo, é vir a ser (FREIRE, 1996, p. 37). No âmbito da nossa pesquisa e oficina, a expectativa é que o encontro possibilite uma sensibilização do grupo para essa questão ligada ao macrocampo da saúde pública. Desse modo, consideramos idealisticamente a historicidade e os demais processos de subjetivação dos sujeitos envolvidos (os inscritos, nós pesquisadoras e os que nos auxiliaram na articulação), apontando para a vinculação do conceito de autonomia apresentado na perspectiva freiriana.

Outra chave conceitual que iluminou nossos debates, a produção da oficina e sobretudo o momento do encontro aproxima-se do conceito de emancipação intelectual trazido filosoficamente por Jacques Rancière. Nossa apropriação das discussões feitas pelo autor francês auxiliou-nos a pensar o encontro que a oficina nos possibilitaria como um gesto político emancipatório, já que, a partir do paradigma da experiência pedagógica de Joseph Jacotot no século XIX, deflagra-se uma proposta de ensino na qual é possível aprender sem um mestre explicador, visto que todos são dotados de inteligência. Nisso consiste a afirmação da igualdade como ponto de partida de toda política emancipatória, ao invés de um objetivo a ser alcançado (RIBEIRO, 2015).

Partindo desse arcabouço teórico, construímos a oficina articulando três blocos que aconteceriam simultaneamente em um permanente diálogo, gesto que consolida nossa transdisciplinaridade. Trataríamos, então, ao mesmo tempo da linguagem audiovisual e da percepção crítica dos produtos midiáticos, tudo ancorado na discussão sobre arboviroses no contexto de como cada comunidade apreende o fenômeno de saúde pública:

A alfabetização crítica da mídia é uma resposta educacional de alfabetização, incluindo diferentes formas de comunicação de massa, cultura popular e novas tecnologias. Ela também aprofunda o potencial da alfabetização para analisar criticamente relações entre a mídia e as audiências, informação e poder. Com essa análise corrente a produção de mídia alternativa dá aos alunos o poder de criar suas próprias mensagens, que podem desafiar textos e narrativas de mídia. (KELLNER; SHARE, 2008, p. 691)

Quando falamos em mídia, estamos nos referindo a coisas que nos ocupam ao longo do dia: redes sociais, televisão, rádio, filmes, séries... São muitos os conteúdos que consumimos no nosso cotidiano, como notícias, propagandas e histórias. Praticamente toda a nossa visão de mundo parte de uma experiência que tivemos com o que vemos na mídia. Basta tomarmos, por exemplo, o modo como pensamos serem cidades como Nova York ou Paris. Fechamos os olhos e as imagens de filmes e reportagens que estão guardadas em nossas memórias criam para nós o “retrato” da cidade. Isso ocorre com praticamente tudo, das cidades às pessoas, passando pela cultura e por diversos outros tipos de conhecimentos. Desse modo, ao considerarmos que a mídia, e sobretudo a imprensa, produz em nós ideias, conceitos e visões de mundo, é necessário estarmos atentos e construirmos um olhar crítico sobre os meios de comunicação. Talvez a primeira coisa que devamos ter em mente, ao nos relacionarmos com conteúdos midiáticos, é o fato de se tratar de produtos ligados a empresas que têm interesses, projetos e visões de mundo, muitas vezes bem diferentes dos nossos. É por isso que a nossa postura questionadora e reflexiva deve estar sempre atenta. Palavras como “ideologia”, “poder” e “política” devem estar na nossa cabeça para podemos compreender essas questões.

3 - Oficina no Benedito Bentes

Entre os anos de 2000 e 2010, a Região Metropolitana de Maceió conseguiu evoluir nos indicadores socioeconômicos brasileiros. Os dados divulgados no Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras apontam Maceió com Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,721, sendo que em 2000 apresentava IDHM de 0,567. Em paralelo, lançando-se o olhar sobre as regiões da cidade, o bairro Benedito Bentes apresenta IDH de 0,522. Mesmo com a evolução, a Região Metropolitana de Maceió permanece atrás de outras capitais no ranking, ocupando o último lugar.

Construído em 1986, inicialmente como um complexo habitacional, Benedito Bentes é o bairro de Maceió que possui a maior extensão em área, com 24,62km². O bairro também é o mais populoso da capital alagoana, com uma população de 88.084 habitantes, de acordo com o Censo de 2010. A população é distribuída entre homens e mulheres, sendo 42.312 os habitantes do sexo masculino e 45.772 as habitantes do sexo feminino, número que corresponde a 51,96% de mulheres e 48,04% de homens. A maior parte desse número é composta por jovens e idosos, que juntos correspondem a 57.959 habitantes (65,8% da população do bairro). No entanto, é importante ressaltar que no Benedito Bentes há mais jovens que idosos. A faixa etária de 0 a 14 anos corresponde a 30,5% da população

do bairro, enquanto pessoas com mais de 65 anos correspondem a um total de 3,7%.

Hoje, o Benedito Bentes é formado por 15 conjuntos habitacionais e 7 loteamentos, além de condomínios residenciais e diversos aglomerados com a classificação de quebrada 2, conhecidos como grotas. Nesse contexto, de acordo com dados do Governo de Alagoas, o bairro é o que possui o segundo maior número de grotas, com um total de 10, fato que possui relação com a localização do bairro numa área de expansão urbana de Maceió, o que contribui para o aumento desse número.

É nesse cenário que está inserido o Conjunto Habitacional Cidade Sorriso 1, inaugurado em 2009, local onde realizamos a primeira oficina. Sendo um dos maiores do bairro e de Maceió, o conjunto beneficia famílias carentes da capital alagoana que viviam em cidades de lona, favelas e áreas de risco. Contudo, o bairro sofre com alguns problemas, como o descarte não ideal de lixo e a pouca frequência da coleta, o que contribui para a manifestação de doenças, entre elas as arboviroses.


Imagens 1 e 2 – Encosta que margeia a Cidade Sorriso. O lixo integra a paisagem da região



Fonte: Jaciane Lira

Nas fotos acima, visualizamos uma pequena grota localizada no final da rua da sede do Afro Dendê, onde foi realizada a primeira oficina. O local sustenta os fundos de algumas casas, mas também é possível perceber o descarte não ideal de lixo, o que contribui para a manifestação de arboviroses.

Só no primeiro semestre de 2021, Maceió confirmou quase 500 casos de dengue, de acordo com a Secretaria Municipal de Saúde (SMS). Ao todo,



foram 528 casos notificados; desses, 403 foram de dengue clássica, 60 de dengue com sinais de alerta e 3 de dengue grave. Os dados correspondem ao período de janeiro a junho de 2021, e, mesmo com o alto número, a quantidade de casos é 9,51% menor em relação ao mesmo período de 2020, que contou com 578 casos. Em 2021 também houve uma redução nos casos de chikungunya. Em 2020, foram 51 casos; já em 2021, 41, representando uma redução de 19,60%. O número de casos de zika também apresentou redução. Em 2020, foram 26 casos e, em 2021, 22, o que corresponde a 15,38% de redução. Mesmo com a redução no número de casos de arboviroses, vale ressaltar que o bairro Benedito Bentes foi o maior em número de registros, com um total de 45 notificações de casos de dengue.

Foi ao analisarmos o número de casos de arboviroses notificados nos bairros de Maceió e percebermos que o Benedito Bentes possuía a maior quantidade de registros que o escolhemos como o primeiro bairro onde ministrariamos a oficina “Arboviroses em Alagoas: leitura crítica e produção audiovisual”. Após articulações, chegamos ao Coletivo Afro Dendê, projeto com sede no Conjunto Habitacional Cidade Sorriso 1. A oficina foi realizada no dia 23 de outubro, tendo como público crianças e adolescentes de 8 a 15 anos, além da presença de Laércio Gomes, agente cultural responsável pelo grupo.

Para dar início à oficina, sentamos com os participantes numa roda de conversa, para, de algum modo, apagar a sensação de hierarquia. Nessa etapa inicial, as três pesquisadoras se apresentaram, apresentaram o Projeto ArboControl e falaram de sua importância e atuação. Durante esse momento, abordamos as arboviroses, reforçando modos de se proteger e proteger a comunidade. Para isso, durante a roda de conversa utilizamos como recurso slides de apresentação com tópicos e exemplos gráficos e imagéticos, a fim de tornarmos o tema mais dinâmico e de fácil entendimento.

Passada a introdução da oficina, adentramos os conceitos básicos de audiovisual e mídia, atentando para a linguagem e exemplos cotidianos, em vista da faixa etária dos participantes. Como exemplo, citamos as mídias sociais e falamos da sua importância para a comunicação e a saúde, visto que a maioria dos participantes, ainda que crianças e adolescentes, utiliza as mídias sociais para socialização e lazer.

Toda a oficina ocorreu de maneira a estimular os participantes a pensar criticamente sobre as campanhas de saúde, passando a refletir sobre questões como identificação, clareza de informações, realidades etc. Para isso, exibimos vídeos estaduais e nacionais de campanhas contra a dengue e iniciamos um debate, buscando estimular o olhar e trabalhar o intelecto dos participantes.

Todos os participantes eram alfabetizados, mas, para o objetivo de estimulá-los a desenvolver um olhar mais crítico, “Não basta saber ler e escrever, [...] é necessário saber interpretar o que se lê e questionar e investigar, ser capaz de ir além do que está escrito, para que assim haja um crescimento intelectual do sujeito, tornando-o cada vez mais crítico” (BITTENCOURT; FERREIRA; ROCHA, 2015, p. 3).

Assim, num ato pedagógico (SETTON, 2010, p. 10), transmitimos “o conhecimento e valores que as mídias se propõem”. Tal movimento foi, além de “um ato pedagógico, [...] também, comunicativo”. Com isso, conseguimos perceber, ainda durante a oficina, os participantes apontando as diferenças entre a realidade que vivem e a realidade mostrada nos vídeos das campanhas contra as arboviroses.

4 - Oficina no Vergel do Lago

A cidade de Maceió vem apresentando nas últimas décadas uma grande segregação econômica e socioespacial. Esse efeito, em parte, é uma consequência direta do processo de urbanização acelerado, que está associado à expansão do capitalismo industrial, e também se deve a desigualdades sociais e de concentração de renda que estão perpetuadas em nosso país e no mundo.

Vergel do Lago possui uma população de 31.588 habitantes, de acordo com o Censo do IBGE de 2010. Essa população está distribuída em uma área de 1,7 km². Além de ser um dos bairros mais antigos da cidade de Maceió, que teve origem de um enorme sítio de fruteiras localizado às margens da Lagoa Mundaú, habitado por grandes proprietários e pescadores, a localidade abriga pescadores e uma população que vive da extração de sururu.

Foi nesse cenário que encontramos a comunidade da Muvuca, às margens da orla lagunar. Os habitantes da região lutam com vários problemas, como a falta de saneamento básico adequado, e seus moradores têm como principal fonte de renda o sururu que é pescado na lagoa.

Um estudo realizado por estudantes da UFAL em 2011 aponta que as áreas mais atingidas pela dengue em Maceió no ano de 2009 foram os bairros Vergel do Lago, Bebedouro, Tabuleiro dos Martins, Benedito Bentes e Jacintinho.

Imagem 3 – Vista dos fundos da casa da Carol,
onde realizamos a segunda oficina



Fonte: Juliana Leandro

O fundo da maioria das casas da comunidade tem como “quintal” essa vista para a Lagoa Mundaú, e devido a essa proximidade, ao andarmos pelo local, podemos observar várias pessoas tratando o sururu para prepará-lo para a comercialização. A lagoa também é fonte de lazer, principalmente para as crianças, que aproveitam para mergulhar pela tarde.

Foi na comunidade da Muvuca que realizamos a segunda edição da nossa oficina. A localidade não possuía um espaço específico para a realização de ações ou atividades com os moradores. Segundo informações dos participantes da oficina, quando algo do gênero é realizado na comunidade, um dos moradores oferece sua residência para que sirva como sede. Foi na casa da Carol, que vive na região há alguns anos, que nosso projeto foi abrigado, graças à articulação da professora Edna, docente do curso de Medicina da UFAL, que já atua em várias ações no local e nos auxiliou durante todo o processo.

No domingo, dia 14 de novembro de 2021, realizamos nossa oficina. O evento foi aberto para todos os públicos, porém só mulheres participaram, e algumas levaram também os seus filhos. Para descontrair e criar um vínculo com aquelas mulheres, foram realizadas algumas atividades, como uma roda na qual cada uma se apresentava e compartilhava um pouco sobre a sua história de vida. Essa ação deixou as mulheres mais confortáveis com a nossa presença no local e mais dispostas a ouvir o que tínhamos para compartilhar.

Imagem 4 – Roda de conversa com mulheres e crianças que participaram do projeto



Fonte: Juliana Leandro

Realizamos um trabalho bastante informal, sem a utilização de slides, para conseguirmos captar melhor a atenção das participantes. Seguimos a oficina de uma forma semelhante à primeira experiência, na comunidade do Benedito Bentes, que realizamos no mês anterior: abordamos as arboviroses, refletindo sobre os modos de se proteger da epidemia e sobre como perceber os pontos de vulnerabilidade e transmissão da doença na comunidade. Decidimos não apenas abordar o termo, mas construir junto ao grupo um campo sensível ligado ao conceito de “arboviroses”, já que inicialmente a terminologia era algo completamente estranho para o grupo; porém, quando explicamos do que se tratava, muitas participantes relataram que já haviam sido afetadas por dengue e zika, por exemplo.

Introduzimos os conceitos básicos de audiovisual de uma forma bastante didática e acessível para que ficassem fáceis de compreender, usando como exemplo coisas que as participantes estavam acostumadas a consumir todos os dias, como novelas e vídeos compartilhados pelo aplicativo WhatsApp. Todas as mulheres adultas presentes no local eram alfabetizadas e conseguiram compreender rapidamente o que era o audiovisual, devido à nossa opção de trabalhar com uma linguagem simples e inserir os exemplos na realidade delas.

Fizemos a dinâmica sempre abrindo espaço para os questionamentos e as vivências das participantes, construindo assim uma rica troca de saberes, já que

[...] a educação jamais é uma dádiva, uma doação de uma pessoa que sabe àqueles que não sabem, mas algo que se apresenta como um desafio para educador e educando, um desafio que é a própria realidade composta de situações-problema, de inquietações, de angústias e de aspirações do grupo. Isto constitui a matéria-prima do processo educacional. (OLIVEIRA, 1989, p. 31)

Para as crianças presentes no local, que não demonstravam interesse por aquele conteúdo, realizamos uma competição de desenho, sugerida pela professora de Medicina da UFAL, Edna. Na competição, elas tinham que desenhar o mosquito *Aedes aegypti* e em seguida apresentar os seus desenhos e dar uma breve explicação sobre eles. Os melhores trabalhos foram recompensados com chocolates e balas.

5 - Discussões: Aproximações e distanciamentos das duas experiências

Diante da experiência vivenciada, é possível concluir que todo o projeto possibilitou uma imensa troca de olhares, aprendizagem e saberes. Chegamos às duas comunidades prontas para compartilhar nossos conhecimentos, e recebemos ao mesmo tempo muitas informações e vivências, mesmo com questões não previstas enfrentadas. Nesses encontros, que são processuais por natureza, fomos surpreendidas em diversos momentos, como por exemplo pela diferença de idade das crianças, que integravam a maioria do nosso público na oficina realizada na comunidade Cidade Sorriso, e ao vermos que, mesmo com pouca idade, os pequenos demonstraram bastante interesse no material apresentado, evidenciando a noção de comunidade que compartilham desde cedo.

Também foi possível perceber essa noção de comunidade na segunda oficina, realizada na localidade da Muvuca, onde as mulheres relataram as dificuldades enfrentadas em relação ao saneamento e à falta de água e citaram as ações que fazem parte de suas rotinas de modo que integrem toda a comunidade, além de contribuírem para a minimização dos problemas decorrentes. Ainda nessa comunidade, os moradores estão sempre mantendo contatos e realizando reuniões periódicas e ações em

prol da saúde, tanto a feminina quanto a masculina. Dessa forma, nota-se o cuidado e o comprometimento com o local, fato que também foi percebido com o grupo Afro Dendê, que, por meio do Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos (MTD), realiza ações de formação.

Além disso, ambas as comunidades nos receberam de braços abertos, com bastante interesse, e demonstraram desejo de compartilhar as experiências vividas quanto a dengue, zika e chikungunya. Esse fato foi percebido por nós ao constatarmos a entrega e a participação ativa nos debates, em que os participantes nos mostravam suas visões e as formas como as arboviroses podem afetar a realidade deles, bem como seus pensamentos críticos acerca das campanhas de prevenção produzidas pelo governo.

O apoio e a articulação da professora Edna e dos movimentos sociais locais foram fundamentais para que conseguíssemos realizar a segunda edição do encontro de formação, na comunidade da Muvuca. Lá nos deparamos com um público mais maduro e constituído inteiramente de mulheres acompanhadas de seus filhos. Não apresentamos slides nesse caso, mas de toda forma conseguimos passar a mensagem desejada, principalmente porque algumas das participantes já atuavam como agentes voluntárias de saúde. Foi necessário também adaptar a produção de material audiovisual pedida nas oficinas para algo mais atrativo, como os vídeos do TikTok, que conseguem cativar a atenção de públicos de várias idades. Passamos por dificuldades em receber um retorno desse material, mas ainda assim conseguimos obter resultados bastante satisfatórios para o nosso projeto.

Observamos que as duas localidades apresentaram semelhanças, como a receptividade, a participação, a absorção das informações e o senso de comunidade, mesmo que os participantes tivessem idades diferentes. No entanto, os quilômetros que separam os dois bairros têm seu papel. O Conjunto Habitacional Cidade Sorriso 1 conta com asfalto, melhor saneamento e infraestrutura, enquanto no Vergel do Lago a situação é mais precária, com falta de água, saneamento e infraestrutura. Ainda assim, no Cidade Sorriso o número de casos notificados de dengue chegou a ser o maior em 2021 entre os bairros de Maceió, e o Vergel do Lago segue sendo uma das áreas mais atingidas pela dengue na cidade. Essa proximidade de características entre os bairros, incluindo os altos números de casos de dengue e arboviroses, pode ainda levantar o debate sobre outros fatores relacionados que mantêm os bairros sempre entre os primeiros nos boletins municipais.

6 - Considerações finais

As oficinas que realizamos tinham como objetivo estimular os participantes a pensar criticamente sobre as campanhas de saúde e questionar temas como identificação, clareza de informações e realidades, já que muitas vezes o que é mostrado em campanhas não condiz de fato com a realidade vivida por boa parte do público-alvo, não o sensibilizando para as informações centrais ligadas à prevenção e à detecção das arboviroses. Além disso, pedagogicamente, buscamos trabalhar com uma linguagem simples de ser compreendida e realizamos nossas dinâmicas de forma a criar uma conexão com os participantes, para que dessa forma eles pudessem sentir confiança para se posicionarem nos debates, favorecendo assim a construção do diálogo e o trânsito de saberes.

Ao pensarmos, refletirmos e executarmos as duas oficinas, buscamos ocupar um lugar que visa a construir e trocar as informações sobre as arboviroses, com destaque para a instrumentalização da linguagem audiovisual a fim de que os participantes se tornassem produtores de conteúdo – movimento fundamental para as comunidades –, mas simultaneamente respeitando o saber dos participantes, criando possibilidades para que produzissem e refletissem com olhar crítico, o que pudemos perceber sendo despertado ao longo das oficinas nas duas comunidades.

É importante ressaltar que lidamos com públicos e realidades diferentes em ambas as oficinas, e, mesmo com algumas dificuldades de adaptação enfrentadas no início, conseguimos executar bem o que tínhamos em mente. O maior resultado obtido é sem dúvida perceber que o conteúdo ensinado foi absorvido pelo público e que pudemos ter esse momento de participar da história uns dos outros. Dessa forma, as oficinas constituíram uma troca entre pesquisadores e participantes. Entrar em contato tão de perto com realidades nunca presenciadas foi responsável por nos tirar de nossas zonas de conforto e nos fazer reforçar a maneira como fazemos ciência e aqueles para quem fazemos ciência. Tendo em vista o privilégio que temos por ocupar o espaço da academia, é necessário retornar esse conhecimento para a sociedade.

Referências

RIBEIRO, Bernardo Bianchi Barata. O fio vermelho da transformação: entre Marx e Spinoza. 2015. 253 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

BITTENCOURT, Ricardo Luiz de; FERREIRA, Diuliane Aparecida; ROCHA, Andresa Marcos Machado. Letramento midiático: um olhar além da sala de aula. LENDU: Linguagem, Ensino e Educação, v. 4, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/lendu/article/view/2613>>.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

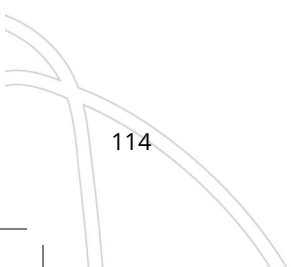
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. Trad. Márcia Barroso. Educação & Sociedade, Campinas, v. 29, n. 104 – Especial, p. 687-715, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/hcZr4mDdbgTfSy3NWt8RptQ/?format=pdf&lang=pt>>.

OLIVEIRA, Miguel Darcy de. Paulo Freire. In: O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 27-39.

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SETTON, Maria da Graça. Mídia e educação. São Paulo: Contexto, 2010.



Radionovela como estratégia de comunicação para a prevenção das arboviroses no campo

Radio soap opera as a communication strategy for the prevention of arboviruses in rural areas

Giovana Mesquita
Doutora em Comunicação. Docente no curso de Comunicação (CAA/UFPE).
giovana.mesquita@ufpe.br

Adna Rodrigues
Mestranda em Comunicação (UFPE).
adna.rodrigues@ufpe.br

Carolina Paz
Mestre em Promoção da Saúde. Docente no curso de Medicina (CAA/UFPE).
carolpaz07@gmail.com

Rodolfo Rodrigo
Mestrando em Comunicação (UFPE).
rodolfo.rodrigo@ufpe.br

Vitória Lima
Graduanda em Comunicação Social (CAA/UFPE).
vitorialima75@hotmail.com
Pedro Lourenço
Mestrando em Comunicação (UFPE).
pedrenco@gmail.com

Ricardo Lemos
Graduando em Comunicação Social (CAA/UFPE).
Nilton.ricardo@ufpe.br

Andayra França
Graduanda em Design (CAA/UFPE).
andayra.timoteo@ufpe.br

Laís Tavares
Graduanda em Comunicação Social (CAA/UFPE).
lais.carolyne@ufpe.br

Resumo

Este artigo faz um relato sobre a experiência da criação de uma radionovela que se propõe a levar, de forma lúdica, informação e orientação sobre as arbovirose para assentados/as e acampados/as do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra de Pernambuco (MST/PE). A radionovela Picada de ódio: a picada que ninguém gostaria de sentir na pele envolveu uma equipe de produção, redação, direção, edição, divulgação e monitoramento de redes sociais formada por sete estudantes de graduação e pós-graduação do curso de Comunicação Social da UFPE, dois deles bolsistas do Projeto ArboControl em Pernambuco, além de 15 radioatores e radioatrizes do MST. O projeto contou com a orientação e coordenação de professoras do curso de Comunicação Social e Medicina do Centro Acadêmico do Agreste da UFPE. Uma das reflexões deixadas após o processo produtivo da radionovela foi a importância de uma formação preocupada e comprometida com uma comunicação transformadora, a qual só acontece no diálogo, na troca, no respeito à autonomia das pessoas e organizações, para que tenham capacidade de decidir, de tomar o próprio destino em suas mãos. Palavras-chave: Radionovela; Comunicação; Saúde do Campo.

Abstract

This article reports on the experience of creating a radio soap opera which aims to bring information and guidance on arbovirose, in a playful way, to settlers and campers of the Brazil's Landless Workers Movement in Pernambuco (MST/PE). The radio soap opera Sting of hate: the sting that no one would like to feel on their skin involved a team of production, writing, direction, editing, dissemination and monitoring of social networks formed by seven undergraduate and graduate students of the Social Communication course from UFPE, with two scholarship holders from the ArboControl Project in Pernambuco, in addition to 15 radio actors and actresses from the MST/PE. The project was guided and coordinated by professors from the Social Communication and Medicine course at the Agreste Academic Center, UFPE. The reflections left after the production process of the radio soap opera was the importance of a training process concerned and committed to transforming communication, which only happens in dialogue, exchange, respect for people's and organization's autonomy, so that they have the capacity to decide, to take their destiny into their own hands. Keywords: Radio Soap Opera. Communication. Rural Areas.

1 - Introdução

Além da pandemia da covid-19, que há mais de dois anos constitui a maior crise sanitária e política do Brasil, outras doenças como as arboviroses continuam assolando o país, de norte a sul. No estado de Pernambuco – onde foi desenvolvido o trabalho de prevenção às arboviroses que será relatado neste artigo –, só no primeiro semestre de 2021, as notificações de chikungunya aumentaram em mais de 270% (PERNAMBUCO, 2021a). Ainda no ano de 2021, houve 46 óbitos suspeitos por arbovirose, com aumento de 68,3% dos casos graves de dengue (PERNAMBUCO, 2021b). Diante disso, o projeto de extensão “Solte sua voz: os invisíveis midiáticos”, que reúne professores e estudantes do curso de Comunicação Social e Medicina do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco, em Caruaru (PE), firmou uma parceria com o ArboControl, projeto coordenado por professoras da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília (FS/UnB) e do Núcleo de Estudos em Saúde Pública do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (NESP/CEAM/UnB) para trabalhar comunicação e saúde junto a comunidades pernambucanas. A parceria se ampliou, chegando até o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra de Pernambuco (MST/PE), e resultou na radionovela Picada de ódio: a picada que ninguém gostaria de sentir na pele.

Com o envolvimento de uma equipe de produção, redação, direção, edição, divulgação e monitoramento de redes sociais formada por sete estudantes de graduação e mestrandos do curso de Comunicação Social da UFPE, dois deles bolsistas do ArboControl em Pernambuco, além de 15 radioatores e radioatrizes do MST, o projeto contou com a orientação e coordenação de professoras do curso de Comunicação Social e Medicina do CAA/UFPE.

Neste texto trazemos um relato sobre a experiência da criação desse produto de mídia sonora, que se propõe a levar, de uma forma lúdica, informação e orientação sobre as arboviroses para comunidades do MST/PE, conteúdo que pode ser distribuído para assentados/as do MST de todo o Brasil, além de poder ser veiculado em rádios educativas, públicas e comunitárias.

A radionovela Picada de ódio foi dividida em três episódios, escritos, gravados, editados e montados de maneira remota entre setembro de 2021 e fevereiro de 2022. Para a produção, todos/as os/as estudantes, as professoras e os/as assentados/as do MST se mantiveram em casa, para que não fossem contaminados pela Covid-19, e os encontros com a equipe aconteceram por meio de reuniões on-line através do Google Meet, serviço de comunicação por vídeo. As reuniões mensais foram iniciadas em setembro de 2021, após uma semana de formação em mídias

sonoras e saúde organizada pela Coordenação Pernambuco do Projeto ArboControl. Nas reuniões, foram discutidas as diversas fases da produção, que envolviam: criação do texto da radionovela; elaboração do roteiro e do script; discussões sobre gravações; trilha sonora; sonoplastia; edição; montagem; criação de identidade visual para as capas dos episódios e para os cards de divulgação no Instagram; veiculação e divulgação em redes sociais.

Além dessas reuniões on-line, foi criado um grupo de WhatsApp para um diálogo entre as professoras, os/as estudantes, os radioatores e as radioatrizes, que foram orientados em cada uma das etapas de produção da radionovela. Junto à produção sonora, foram elaboradas estratégias para as redes sociais, pensadas não só para divulgar o conteúdo da radionovela, mas para falar sobre essa nova fase do Solte Sua Voz, com postagens sobre a parceira do projeto com a ArboControl e também com o MST. Também foi apresentado o cenário da radionovela, o Assentamento Antônio Conselheiro, localizado em Gameleira, Mata Sul de Pernambuco. O assentamento é dividido em três áreas: Alegre I, Alegre II e São Gregório, com mais de 150 famílias residentes, que lidam com as adversidades do dia a dia, inclusive com a presença do mosquito *Aedes aegypti*.

Assim, agregamos à nossa produção o que Kischinhevsky (2016) chama de rádio expandido, “que transborda para as mídias sociais e microblogs, fato que potencializa o seu alcance e a circulação de conteúdos, redesenhando as formas de apropriação pela audiência” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 147). Ainda de acordo com Kischinhevsky (2016), “o rádio expandido, remediado pelos meios digitais, pode oferecer não apenas seus elementos sonoros tradicionais – voz, música, efeitos –, mas também imagens, vídeos, gráficos, links para blogs e toda uma arquitetura de interação” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 133).

Essa presença para além das ondas hertzianas faz com que os conteúdos sonoros passem a ser consumidos de diferentes formas, como por meio de plataformas de *streaming*, a exemplo do Spotify, ou pelo WhatsApp, opção escolhida para a distribuição da radionovela.

Na perspectiva de rádio expandido, o projeto Solte Sua Voz buscou divulgar seus conteúdos usando todas essas possibilidades de compartilhamento da produção radiofônica, por meio de emissoras públicas, comunitárias e educativas, pela distribuição via WhatsApp ou pela disponibilização em serviços de *streaming* de áudios. A preocupação do Solte Sua Voz na prevenção das arbovirose que compartilham o mesmo inseto vetor (*Aedes aegypti*) foi se alinhar aos objetivos do ArboControl e promover conteúdos que façam chegar a ciência onde o povo está, contribuindo para uma Ciência Cidadã.

2 - Comunicação e Saúde da população do campo

A população do campo é caracterizada por “povos e comunidades que têm seus modos de vida, produção e reprodução social relacionados predominantemente com a terra. Neste contexto estão os camponeses, sejam eles agricultores familiares, trabalhadores rurais assentados ou acampados, assalariados e temporários que residam ou não no campo” (BRASIL, 2013, p. 8). Essa população tem particularidades que a distinguem da população urbana, não apenas em condições ambientais e epidemiológicas, mas também em aspectos culturais, educacionais e de produção do cuidado em saúde. Isso significa que as ações de cuidado em saúde, incluindo a comunicação em saúde, devem ser sensíveis a essas singularidades.

Em termos de determinantes sociais de saúde, a população do campo apresenta maior índice de analfabetismo, menor acesso a saneamento básico e maior pobreza (SARMENTO et al., 2015). Ademais, a população do campo sofre com diversos problemas:

- Migração para a zona urbana: Ao se deslocarem para a área urbana, os habitantes de zona rural perdem a sua rede social e se deparam com valores comunitários diversos daqueles do seu ambiente de origem, que podem causar ansiedade e frustração (OPAS, 2011);
- Disputas e conflitos em ambientes rurais: O Brasil é caracterizado por estimular a agroindústria e o latifúndio, gerando situações de desigualdade social, violência no campo e aumento da utilização de agrotóxicos (OPAS, 2011; BRASIL, 2013);
- Dificuldade de acesso a serviços de saúde: A distância dos grandes centros urbanos, que concentram a maior parte dos serviços de saúde, e a dificuldade de mobilidade são fatores que prejudicam o acesso dessa população a serviços de saúde (RÜCKERT; CUNHA; MODENA, 2018);
- Baixa qualificação das equipes de saúde no atendimento à população do campo: Essa população, segundo seu perfil, tende a integrar o conhecimento popular, o familiar e o comunitário para as práticas de saúde, valorizando a alimentação saudável, práticas religiosas e espirituais, o uso de plantas medicinais e conhecimentos populares (RÜCKERT; CUNHA; MODENA, 2018). Dessa forma, é imprescindível que o trabalho com essa população seja pautado pelo compartilhamento de experiências e pela valorização da integralidade em saúde e da visão ampliada da saúde.

Diante desse contexto, a comunicação em saúde para a população do campo deve considerar e valorizar as particularidades e as vivências dessa população, construindo espaços de diálogo para a promoção da saúde (CARVALHO, 2013). A comunicação em saúde é uma prática social que se dá entre profissionais e serviços de saúde, indivíduos, comunidades, grupos e organizações e que deve ter como valores a participação, a diversidade e a integração entre diferentes atores (CORIOLANO-MARINUS et al., 2014). A democratização da comunicação em saúde também tem o objetivo de levar importantes debates para o espaço público (MONTORO, 2008), realizando práticas comunicacionais que traduzam informações técnicas e científicas para as pessoas que demandam ou necessitam desse conteúdo, ampliando o diálogo entre a saúde e o povo.

O conceito de literacia em saúde também dá estrutura metodológica para o projeto. A literacia em saúde se preocupa em ampliar e diversificar as competências que indivíduos, grupos, comunidades e organizações podem desenvolver para buscar, compreender, avaliar e dar sentido a informações sobre saúde (PERES; RODRIGUES; SILVA, 2021). Dessa forma, todas as etapas da radionovela foram realizadas a partir da interação entre os participantes do projeto e o MST, acolhendo os conhecimentos, as práticas e as formas de organização da comunidade para que as informações sobre as arboviroses chegassem ao público de forma significativa. A escolha do rádio como principal mídia para as ações de comunicação com o MST se baseou na experiência dos participantes do projeto e no perfil da comunidade; também se reconheceu que o rádio muitas vezes é o único meio de comunicação, informação e diversão em alguns longínquos lugares do Brasil. Sendo um meio de comunicação mais acessível, por não exigir que o/a ouvinte seja alfabetizado/a para ter acesso a sua produção, o rádio é utilizado como meio de informação e entretenimento por moradores/as da cidade e do campo, seja para saber das notícias ou para diversão.

Com o transbordamento para as redes sociais e para aplicativos multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz, a exemplo do WhatsApp, o rádio surge como um grande aliado na comunicação em saúde, funcionando, conforme destaca Martínez-Costa (2009), como uma cadeia integrada de serviços de informação, entretenimento e educação, ao unir-se a outros serviços como texto e imagens.

3 - Radionovela: da venda de produtos à prevenção de doenças

Desde que surgiu no Brasil, há mais de 100 anos, o rádio passou por diversas transformações, e as radionovelas brasileiras nascem dentro desse

contexto de mudanças. Em 1932, quando o Decreto-Lei n.º 21.111 autorizou que as emissoras veiculassem anúncios publicitários, deixando de lado o viés educativo inicialmente planejado para o meio, inicia-se a fase de programas variados nas emissoras, provocando concorrência acirrada entre eles (BARBOSA FILHO, 2009).

Uma vez que a indústria e o comércio passam a ter forte influência sobre a programação radiofônica, o entretenimento – predominante em programas de auditório, radionovelas e humorísticos – passa a ocupar espaço no rádio, sobretudo entre as décadas de 1940 e 1950.

A origem das radionovelas é atribuída às chamadas soap operas americanas, lançadas na década de 1930 como estratégias narrativas curtas (com em média 15 minutos) para venda de produtos de limpeza e higiene pessoal. Em 1931, o gênero aterrissa em solos latino-americanos, sendo batizado de radionovela em Cuba. Chegando ao Brasil, as radionovelas de temática romântica tornam-se as preferidas do público. Casamentos, traições e conflitos amorosos estão entre os principais temas explorados e direcionados ao público feminino (DINIZ, 2009). A Rádio Nacional do Rio de Janeiro e a Rádio São Paulo, por exemplo, viraram especialistas nessa produção (CHAVES, 2007).

A radionovela se encaixa, segundo Barbosa Filho (2003), no gênero de entretenimento, mais especificamente como programa ficcional de drama. O gênero de entretenimento tem como característica principal a imaginação, cujos limites são inatingíveis e inesgotáveis, e possibilita uma exploração de maior profundidade do universo da linguagem do áudio, quando comparado a outros gêneros:

O drama, que é uma das expressões da representação do real e do cotidiano, caracteriza-se no rádio pela radiofonização, ou seja, pela tradução para a linguagem radiofônica de textos originais ou adaptados, inéditos ou publicados de obras literárias, peças de teatro, roteiros de cinema, vídeo e, obviamente, dos textos escritos especialmente para o áudio. (BARBOSA FILHO, 2003, p. 117)

A radionovela se diferencia dos outros formatos dramáticos (unitário e seriado) por seu formato exigir que o ouvinte acompanhe cada capítulo para entender a narrativa e a história contada (MESQUITA et al., 2019). Diferentemente do que se imagina, a radionovela não consiste na mera transferência de um texto para o rádio. Na produção, além do texto, que pode ser original ou adaptado, há uma preocupação com a interpretação dos radioatores e das radioatrizes, com as entonações, os timbres, as pausas e os silêncios, a fim de transmitir toda a emoção daquilo que os olhos não estão vendo. Ademais, os efeitos sonoros e a trilha sonora são

indispensáveis para a ambientação e a demarcação de temporalidades, e para produzir um efeito de realismo na produção.

A reunião de vários profissionais para que seja possível produzir uma radionovela é um dos aspectos apontados por Diniz (2009), que fala das especificidades desse tipo de produção:

Dar vida aos textos ficcionais não é tão simples quanto possa parecer. São necessários muitos profissionais e uma variedade de elementos composicionais para povoar o imaginário do ouvinte. Escritores, diretores, produtores, narradores, radioatores, contra-regras, sonoplastas, músicos, enfim, dependendo da peça e da estrutura da emissora, centenas de profissionais se envolvem em uma radionovela. (DINIZ, 2009, p. 106)

Ainda segundo Diniz (2009), alguns sistemas expressivos que constituem a linguagem radiofônica, como palavra, efeito sonoro, música e silêncio, ajudam na vivificação da trama.

Na realização da radionovela *Picada de ódio*, além de reunirmos todas as especificidades desse tipo de produção, buscamos também nos pautar pelo entendimento da comunicação como direito, fortalecendo seu papel educativo. Nisso, concordamos com Peruzzo (2007), ao afirmar que a participação direta no processo comunicativo ajuda a desenvolver pessoas:

O cidadão que passa a escrever para o jornalzinho; a falar no rádio; a fazer o papel de ator num vídeo popular; a criar, produzir e transmitir um programa de rádio ou de televisão; a discutir os objetivos, a linha editorial e os princípios de gestão do meio de comunicação; a selecionar conteúdos, etc., vive um processo de educação informal em relação à compreensão da mídia e do contexto onde vive. (PERUZZO, 2007, p. 1)

Apesar das dificuldades da realização feita a distância, durante um período de pandemia do coronavírus, recorreu-se ao gênero para uma criação voltada à prevenção das arboviroses, devido ao aumento do número de casos de infecção nos assentamentos e acampamentos do MST/PE. Dessa forma, ao utilizarem a radionovela como estratégia de comunicação para a prevenção das arboviroses no campo, os integrantes do projeto *Solte Sua Voz* se preocuparam em elevar o nível de conhecimento a respeito das doenças citadas e promover a mudança de atitude diante do risco. Segundo a Organização Mundial da Saúde, a comunicação para a saúde é essencial para o compartilhamento de conteúdos que envolvam a saúde, tendo como suporte os meios de comunicação ou outras tecnologias (GARCIA; EIRÓ-GOMES, 2021).

Apostamos na Comunicação Comunitária e Popular, que segundo Peruzzo é

[...] aquela desenvolvida no contexto das comunidades, dos movimentos sociais. É aquela comunicação feita a partir das comunidades, dos grupos sociais, e visa todo um processo de conscientização ou de mobilização e também procura a apropriação dos meios de comunicação, buscando os interesses dessas mesmas comunidades. Uma comunicação feita por eles e para eles. (PERUZZO, 2016, p. 1)

Dessa forma, mobilizamos os/as assentados/as do MST/PE para a criação, a produção, o gerenciamento e a distribuição da radionovela Picada de ódio.


Outro aspecto importante considerado na escolha da radionovela como produto de comunicação comunitária foi a dificuldade relatada pelos/as assentados/as de encontrar produções que se voltem para a realidade do campo. As campanhas de saúde, no entendimento deles, além de serem predominantemente veiculadas na mídia comercial, ainda são construídas dentro de uma lógica “prescrição/obediência”, colocando-os na posição de meros “pacientes”. Ao pensarmos um produto de comunicação em uma perspectiva dialógica, popular e comunitária, nossa tentativa é diminuir essa assimetria, na busca por uma produção em que a população do campo se reconheça, ao mesmo tempo que protagonize suas próprias narrativas.

4 - O Processo de produção da radionovela picada de ódio

Todo o processo de produção de uma radionovela contém etapas importantes para a construção da obra, envolvendo a adaptação ou criação do texto, a escalação do elenco e do narrador, a direção dos atores e das atrizes, a captação de áudio, a produção e a pesquisa de efeitos sonoros, a escolha da trilha sonora, a gravação, a edição, a montagem e, por fim, a divulgação e a distribuição.

As etapas de produção da radionovela Picada de ódio foram idealizadas e pensadas para que toda a sua criação fosse feita dentro de uma perspectiva dialógica, horizontalizada, tentando ainda ser um processo prazeroso e instigante para todos/as os/as envolvidos/as.

As diversas funções necessárias para a execução dessa radionovela foram divididas entre os estudantes e os integrantes do MST/PE: quem seria responsável pela criação do texto, pela edição, pela narração, pela sonoplastia, pela direção dos radioatores e das radioatrizes e



pelas produções para as redes sociais, e também quem daria vida aos personagens.

O processo de criação da história deu-se a partir das ideias surgidas durante a Oficina de Produção Sonora para Rádio Comunitária, oferecida pelos integrantes do projeto Solte Sua Voz para os membros do MST/PE em setembro de 2021. Além da preocupação com a escrita e com a criação da história, o momento de idealização da radionovela e de criação de seus personagens também foi importante para refletirmos sobre outros elementos da linguagem sonora que comporiam a produção, uma vez que, como destaca Ferraretto (2006), a linguagem sonora é composta não só da palavra, mas também do som, dos efeitos e do silêncio.

Assim, foi construída uma paisagem sonora do Assentamento Antônio Conselheiro, localizado na cidade de Gameleira, na Mata Sul do estado, trazendo-se para a radionovela uma ambientação próxima dos/as ouvintes, principalmente daqueles/as que vivem nos assentamentos do MST espalhados por todo o Brasil.

A produção teve como protagonistas o Mosquitão e a Mosquitona, que aterrorizam os/as moradores/as do assentamento, transmitindo dengue, zika e chikungunya por onde passam. Junto aos mosquitos, a radionovela trouxe outros personagens, como a Agente Popular de Saúde do Campo, figura de grande importância para a promoção e a educação em saúde nos assentamentos e acampamentos do MST. A agente também foi incorporada à radionovela para evidenciar o uso de chás e plantas medicinais no tratamento de vários problemas de saúde, integrando os saberes ancestrais e populares às práticas de saúde.

A prática da fitoterapia é estimulada pelo MST, que faz capacitações permanentemente para orientar os/as assentados/as sobre o uso de plantas medicinais. Também são personagens da radionovela comerciantes locais, mães de família, crianças e, é claro, negacionistas, que além de não acreditarem que as arboviroses existam ainda espalham notícias falsas para os/as moradores/as, como a de que cachaça com limão cura dengue, zika e chikungunya. É importante destacar que o compartilhamento de notícias falsas é danoso à saúde, e são necessários mecanismos de combate à desinformação (OPAS, 2020). A radionovela também teve o papel de trazer notícias confiáveis para a população.

Dividida em três episódios (“Preparem-se, eles chegaram!”, “E agora, o que fazer?” e “Finalmente, livres!”), a radionovela busca sempre chamar atenção aos perigos das arboviroses, às formas de prevenção, ao risco de notícias falsas e à importância da ciência.

4.1 - Direção de Elenco

Em virtude da pandemia de Covid-19 e por causa das diferentes cidades onde moram os/as assentados/as, a direção do elenco da radionovela *Picada de ódio*, composto por 15 radioatores e radioatrizes, foi realizada de forma exclusivamente remota, utilizando-se o aplicativo WhatsApp para facilitar a comunicação entre a responsável pela direção e os radioatores e as radioatrizes.

Por meio do aplicativo, foram distribuídos os scripts da radionovela, feitas as orientações para cada radioator e radioatriz e recebidas as gravações das falas. O processo de direção da radionovela foi dividido em três etapas: (1) a seleção do elenco, momento no qual os integrantes do MST/PE decidiram a que personagens da história dariam vida; (2) a direção das falas, momento em que a diretora deu orientações sobre as entonações e os ritmos que deveriam ser adotados pelos radioatores e pelas radioatrizes durante as gravações; e (3) o envio do material gravado para edição.

Mesmo com a distância territorial dos/as envolvidos/as na produção, ficou evidente a dedicação de todos/as por dar vida e identidade ao seu personagem e torná-lo próximo do ouvinte. A ausência de gravações com equipamentos profissionais e encontros presenciais não foi obstáculo para a criação da radionovela. Um ponto importante que necessita ser destacado na produção foi o fato de os membros do MST nunca terem feito produções de mídia sonora nem possuírem experiências anteriores como radioatores e radioatrizes. Contudo, isso não impediu que cada um seguisse as orientações dadas pela diretora de elenco. O resultado da produção já ganhou o mundo circulando pelo WhatsApp, e pode ser ouvido no Anchor (<https://anchor.fm/solte-sua-voz>) e em outras plataformas de *streaming* de áudio.

Para gravar as falas, foi utilizada a ferramenta de áudio do WhatsApp ou aplicativos gratuitos, como o Gravador de Voz. As gravações eram enviadas pelo WhatsApp, mesmo meio utilizado para a direção das falas. Após a análise e a escuta dos áudios pela diretora de elenco, de acordo com o script, os áudios poderiam ser aprovados ou regravados. Em seguida, todos os áudios eram transformados em arquivos mp3 e organizados nas pastas no Google Drive de cada episódio e de cada personagem, para depois serem enviados ao responsável pela edição e pela montagem final da radionovela.

Por fim, após a edição e confecção da primeira versão do episódio da radionovela, as orientadoras do projeto observavam se era necessário ou não realizar ajustes. Se sim, a diretora poderia solicitar que o radioator ou a radioatriz regravasse e enviasse o material novamente para a edição. Assim, o produto era editado novamente até chegar a sua versão final.

4.2 - Montagem e Edição

O processo de montagem e edição da radionovela *Picada de ódio* partiu da ideia de levar o ouvinte o mais próximo possível dos cenários de cada cena, a fim de gerar familiaridade e reconhecimento do ambiente retratado. Para isso, utilizamos sonoplastias originais gravadas pelos próprios integrantes e arquivos sonoros de plataformas gratuitas.

As trilhas utilizadas na radionovela foram de autoria de um dos docentes do curso de Comunicação Social da UFPE, havendo também músicas do próprio MST. Depois de finalizado o roteiro, com todas as marcações realizadas e com as locuções e os efeitos sonoros baixados no computador da equipe responsável pela edição, era o momento de juntar tudo para dar vida aos episódios da radionovela. Os personagens principais, o Mosquitão, a Mosquitona e a Agente Popular de Saúde do Campo, receberam cada um uma trilha sonora específica, o que facilitou o processo de identificação dos personagens e a ambientação da radionovela. Todos os episódios tiveram mais de uma edição. A primeira versão era realizada e ouvida pela equipe, que opinava sobre o episódio, e em seguida passava pelo processo de ajustes para veiculação.

4.3 - Produção de materiais gráficos

A identidade da radionovela *Picada de ódio* inspirou-se parcialmente nos elementos visuais dos melodramas mexicanos. O uso de uma tipografia mais ornamentada nos terminais, a presença da cor dourada como forma de sofisticação e a representação visual do sangue buscaram dar um toque mais passional à trama, que tem como protagonista o casal de mosquitos.

Cada ilustração buscou trazer a personalidade dos protagonistas com o apoio de elementos ligados ao comportamento de cada um na história (a dona de casa sobrecarregada e o marido folgado), ao mesmo tempo que dava um toque humorístico, visto que em alguns momentos os diálogos têm caráter cômico.

Outro fato relacionado à identidade foi a produção de cards correspondentes a cada episódio lançado. De forma a situar nossos ouvintes quanto ao andamento da narrativa, representamos visualmente as locações e os objetos presentes nas cenas de cada capítulo. Como a história se passa na zona rural do estado e não possuímos um banco de imagens produzido nesses espaços, recorremos a imagens da internet que se aproximassem da locação original, o assentamento do MST em Gameleira. Poderíamos citar esse ponto como o único obstáculo na produção dos materiais gráficos da radionovela. Com produção inteiramente remota,

não teríamos como produzir as fotos de cada local, devido à distância e à pandemia do coronavírus.

4.4 - Veiculação e divulgação nas redes

Para a veiculação da radionovela, utilizamos grupos de WhatsApp e rádios educativas, públicas e comunitárias, e disponibilizamos toda a produção em diferentes plataformas de *streaming* de áudio, que podem ser acessadas de qualquer lugar, em qualquer tempo e por qualquer indivíduo.


Além de disponibilizar os episódios nas plataformas de ancoragem da radionovela, a equipe de mídias sociais do Solte Sua Voz foi responsável por produzir textos que seriam veiculados no Instagram do projeto (@soltesuavozufpe) antes dos episódios, com o objetivo de apresentar o MST e o assentamento onde a história é vivenciada, na expectativa de ampliar a audiência e despertar a curiosidade dos/as ouvintes.

Dessa forma, o planejamento incluiu também a criação de conteúdos atrativos, além do monitoramento do tráfego de pessoas e dos horários para postagens na plataforma de *streaming* Spotify e no Instagram. Por fim, a equipe das redes sociais também realizou o trabalho de assessoria de imprensa, divulgando os releases para os veículos de comunicação, para o setor de comunicação do MST e para a ASCOM da UFPE.

5 - Conclusão

Com as transformações tecnológicas e a internet, a maneira de fazer, ouvir e interagir com o rádio também foi modificada. O rádio que nos acostumamos a ouvir ganhou uma nova cara e, hoje, está presente não apenas nas casas das pessoas, mas nos carros, nos celulares, nos tablets e nos computadores. Está na palma da mão, podendo ser ouvido em qualquer lugar e por qualquer pessoa, seja em programas ao vivo ou gravados.

Vivemos a era do rádio expandido; o rádio está presente em variados dispositivos com diversas possibilidades de conteúdos, conquistando cada vez mais adeptos e ouvintes. Com seu transbordamento para as redes sociais e para aplicativos multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz, a exemplo do WhatsApp, o rádio surge como um grande aliado na comunicação em saúde. Assim, o projeto Solte Sua Voz, em parceria com o ArboControl, voltou-se para a produção de conteúdos de comunicação, apostando na radionovela como uma estratégia de prevenção de arboviroses.



Para isso, a radionovela também se reconfigurou. No lugar de dramas e temáticas de amor, surgem temas como desinformação, prevenção e saúde, num enredo cada vez mais próximo do dia a dia das pessoas, misturando o ficcional com a realidade. A forma como os conteúdos são distribuídos também foi modificada. Da sala de casa, nos programas matinais do rádio, a radionovela passou agora para o WhatsApp, por meio do qual pode ser ouvida tanto por assentados e assentadas no interior de Pernambuco quanto na Venezuela, na Espanha e em outros lugares do mundo. Ainda é possível ter acesso a produções desse gênero por meio das plataformas digitais e de *streaming*, sem se deixar de lado a veiculação em rádios públicas, educativas e comunitárias.

A produção da radionovela Picada de ódio: a picada que ninguém gostaria de sentir na pele resultou em um produto de comunicação comunitária feito pelos/as assentados/as do MST/PE a partir de sua realidade, cultura e forma de vida, gerando um produto conectado com as necessidades de informação e educação em saúde. Todo o processo deixou algumas reflexões, que consideramos relevantes registrar. A primeira delas diz respeito às produções realizadas durante a pandemia, exigindo-se reconfigurações do trabalho com a radionovela. A falta de presencialidade numa produção como uma radionovela exige ainda mais capacitação e envolvimento da equipe. É complexo colocar em sintonia pessoas que estão a mais de 200 km de distância uma da outra.

Aprendemos também que é possível produzir conteúdos que atendam às demandas singulares de uma comunidade como o MST, diminuindo a distância entre a informação confiável de qualidade e a população do campo. Diante das dificuldades que essa população apresenta no Brasil, trazer o protagonismo da população do campo para o desenvolvimento de projetos de comunicação em saúde é cumprir um dever histórico da universidade como centro de extensão e divulgação de ciência de qualidade e comprometida socialmente.

Essa experiência demonstrou que é possível fazer da universidade um locus de produções de comunicação comunitária a favor das pessoas que mais necessitam, além de combater a desinformação. Por fim, entendemos que é importante um processo de formação preocupado e comprometido com uma comunicação transformadora, a qual só acontece no diálogo, na troca, no respeito à autonomia das pessoas, para que tenham capacidade de decidir, de tomar o próprio destino em suas mãos.

Referências

BARBOSA FILHO, André. Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. 48 p. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacoes_campo.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2022.

CARVALHO, Antônio Ivo de. Determinantes sociais, econômicos e ambientais da saúde. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. A saúde no Brasil em 2030: prospecção estratégica do sistema de saúde brasileiro: população e perfil sanitário, v. 2. Rio de Janeiro: Fiocruz/Ipea/Ministério da Saúde/Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, 2013. p. 19-38.

CHAVES, Glenda Rose Gonçalves. A radionovela no Brasil: um estudo de Odette Machado Alamy (1913-1999). Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CORIO-LANO-MARINUS, Maria Wanderley de Lavor et al. Comunicação nas práticas em saúde: revisão integrativa da literatura. Saúde & Sociedade, v. 23, n. 4, p. 1356-1369, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/v4qzCcwMMwyyz5TztzQ9sMg/?lang=pt>>.

DINIZ, José Alencar. A recriação dos gêneros eletrônicos analógico-digitais: radionovela, telenovela e webnovela. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

GARCIA, Andreia; EIRÓ-GOMES, Mafalda. Comunicação para a saúde em tempos de pandemia: a perspectiva dos utentes do serviço nacional de saúde. Comunicação e Sociedade, v. 40, p. 189-203. Disponível em: <<https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/3250>>.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

MARTINEZ-COSTA, María del Pilar. Un nuevo paradigma para la radio. In: MARTINEZ-COSTA, María del Pilar (Org.). Reinventar la radio. Pamplona: Eunat, 2009.

MESQUITA, Giovana Borges et al. Radionovela: literatura nas ondas do rádio. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém-PA – 2 a 7/09/2019.

MONTORO, Tânia. Retratos da comunicação em saúde: desafios e perspectivas. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 12, n. 25, p. 445-448, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/hNG5BPgfHZgCTZhvqgNjSBs/?lang=pt#>>.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Determinantes ambientais e sociais da saúde. Washington, DC: OPAS, FIOCRUZ, 2011. Disponível em: <<https://iris.paho.org/handle/10665.2/51687>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19. Folheto informativo. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=16>. Acesso em: 25 fev. 2022.

PERES, Frederico; RODRIGUES, Karla Meneses; SILVA, Thais Lacerda e. *Literacia em saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

PERNAMBUCO. Secretaria Municipal de Saúde de Pernambuco (SES-PE). Hospitais e UPAs lançam campanha de alerta sobre arboviroses em Pernambuco. 2021a. Disponível em: <<http://portal.saude.pe.gov.br/noticias/secretaria-executiva-de-atencao-saude/hospitais-e-upas-lancam-campanha-de-alerta-sobre>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

PERNAMBUCO. Secretaria Municipal de Saúde de Pernambuco (SES-PE). Secretaria Executiva de Vigilância em Saúde. Gerência de Vigilância em Arboviroses. Boletim Arboviroses SE 46 (03/01/2021 a 20/11/2021). 2021b. Disponível em <https://www.cievspe.com/_files/ugd/3293a8_7b195edd03b8450fb147ab7bf7731186.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2022.

PERUZZO, Círcia M. Krohling. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. *Lumina*, v. 1, n. 1, p. 1-29, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20989/11364>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

PERUZZO, Círcia M. Krohling. Comunicação popular e comunitária: um panorama brasileiro. *Portal Metodista*, 2016. Disponível em: <<https://portal.metodista.br/unesco/jbcc/noticias-jbcc/comunicacao-popular-e-comunitaria-um-panorama-brasileiro>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

RÜCKERT, Bianca; CUNHA, Daisy Moreira; MODENA, Celina Maria. Saberes e práticas de cuidado em saúde da população do campo: revisão integrativa da literatura. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, v. 22, n. 66, p. 903-914, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/7dzCsNGFskQnsn3fbVv6gNG/abstract/?lang=pt>>.

SARMENTO, Rackynelly Alves et al. Determinantes socioambientais e saúde: o Brasil rural versus o Brasil urbano. *Tempus – Actas de Saúde Coletiva*, v. 9, n. 2, p. 221-235, 2015. Disponível em: <<https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1718>>.

Do media training aos podcasts: as ações do ArboControl no Rio Grande do Norte

From media training to podcasts: the actions of ArboControl at Rio Grande do Norte

Lívia Cirne de Azevedo Pereira
Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
cirnelivia@gmail.com

Jorge Luiz Silva
Mestrando em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).
jornalismo.jorge.luiz@gmail.com

Smyrna Menezes Oliveira
Graduanda em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).
smyrnamenezes@hotmail.com

Resumo

O fortalecimento do combate às endemias provocadas pelo *Aedes aegypti* deve passar pelo campo da comunicação. Sem ela, o controle das arboviroses fica comprometido, tendo em vista que são de responsabilidade tanto do poder público quanto da população ações que diminuam os casos de dengue, zika e chikungunya em nosso país. O objetivo deste artigo é apresentar as principais ações que o ArboControl Rio Grande do Norte desenvolveu em Natal com servidores públicos da saúde, para melhor capacitá-los no campo da comunicação midiática e das redes sociais, além de expor a produção de conteúdo executada pelo ArboControl-RN. Desenvolveram-se atividades no Centro de Controle de Zoonoses da Prefeitura de Natal e na Unidade Básica de Saúde da Vila de Ponta Negra. Observou-se que a comunicação em saúde coletiva ainda é pouco valorizada na capital potiguar. Palavras-chave: ArboControl-RN; Media Training; Podcast; Prefeitura de Natal.

Abstract

The strengthening of the fight against endemic diseases caused by *Aedes aegypti* must go through the field of communication. Without it, the control of arboviruses is jeopardized, considering that it is responsibility of both government and population to take actions that reduce cases of dengue, zika and chikungunya in our country. The objective of this article is to present the ArboControl Rio Grande do Norte main actions regarding the development in Natal with public health workers on training in the media communication field and social networks, in addition to showing how the content production performed by ArboControl was carried out at the Zoonoses Control Center of the Natal City Hall and at the Basic Health Unit of Vila de Ponta Negra. It was observed that communication in public health is still undervalued in the Potiguar capital. Keywords: ArboControl-RN. Media Training. Podcast. City Hall.

1 - Introdução

O SUS é um jovem sistema de 32 anos. Se no campo da assistência à saúde existem gargalos, no campo da comunicação os desafios se amplificam. Apenas em 2017, após 29 anos de existência do SUS, foi realizada a 1ª Conferência Nacional de Comunicação em Saúde, com o objetivo central de discutir a democratização do acesso da população às informações sobre saúde (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2017). Ao longo das 54 páginas do relatório final da conferência, pode-se perceber que, além de a população não ter acesso a informação de qualidade sobre saúde, seja por limitações técnicas ou financeiras, os gestores e os trabalhadores também têm dificuldades de se comunicar com os usuários do SUS de maneira efetiva.

Pensando em minimizar essa lacuna com os servidores do SUS, promovemos media training e oficina de produção de conteúdos para redes sociais. Já para atender às demandas dos seus usuários, produzimos cartilha, reels e podcasts sobre o combate às arboviroses.

A coordenação do ArboControl no Rio Grande do Norte está sob a responsabilidade da professora doutora Lívia Cirne de Azevedo Pereira, ligada à UFRN, com auxílio dos bolsistas Jorge Luiz Silva e Smyrna Menezes Oliveira, ambos ligados à mesma instituição de ensino, sendo estudantes de pós-graduação e de graduação, respectivamente.

Nas próximas linhas, veremos os relatos das atividades, além das oportunidades e das dificuldades encontradas no estado do Rio Grande do Norte para o desenvolvimento do ArboControl.

2 - Media Training

Para Vera Dias (2007), a função do media training não é apenas treinar fontes a dar entrevistas nos veículos de comunicação, mas também conhecer melhor como se funciona o meio jornalístico e pensar a comunicação de maneira estratégica, antevendo inclusive possíveis crises de imagem.

Percorrendo essa linha de raciocínio, a equipe do ArboControl Rio Grande do Norte elaborou uma capacitação com duração de quatro horas para os servidores públicos que trabalham no combate às endemias na cidade de Natal-RN e estão lotados no Centro de Controle de Zoonoses, com sede na rua Sebastião Pinto, 880, Nova Descoberta.

O treinamento ocorreu no dia 4 de fevereiro de 2021 e contou com a presença de vinte servidores, incluindo a diretora do Centro de Zoonoses e a gerente técnica de zoonoses. Frequentemente eles concedem entrevistas em televisão, rádio, jornal impresso e blogs da cidade de Natal e região. Boa parte dos assuntos que comentam diz respeito ao combate e ao controle das arboviroses, segundo nos relataram durante a capacitação.

Figura 1 – Palestra no Centro de Zoonoses do município de Natal



Fonte: Acervo dos autores (2022) - Descrição da imagem: Da esquerda para o centro temos vinte servidores sentados em cadeiras na cor azul. No canto direito, em pé, está um homem negro de camisa de mangas compridas (Jorge, bolsista do ArboControl). O auditório é amplo, as paredes são da cor amarela; há duas janelas de vidro e uma mesa com projetor e computador em cima.

O media training foi dividido em três eixos: breve história da origem da comunicação; o mundo dos jornalistas; e media training (teoria e prática).

No primeiro eixo, com base nos estudos de José Marques de Melo (2003a), explicamos que a comunicação surge com a primeira comunidade humana, antes mesmo da fala, mas que com o desenvolvimento da linguagem ela foi ampliada.

A ideia de expor esse breve resumo aos presentes foi mostrar que o relato oral é considerado a primeira grande mídia da humanidade e que o ato de comunicar é muito antigo, datando do período neolítico. A maioria dos participantes da capacitação não tinha esses conhecimentos.

No segundo eixo, apresentamos um pouco de como surgiu o jornalismo. Informamos que entre os séculos XIV e XV, período da Idade Média, as notícias já circulavam esporadicamente pela Europa, mais precisamente em Veneza, que era um importante centro comercial. Contudo, o jornalismo nos moldes que vemos hoje surge no início do século XVII, na Alemanha, nos Países Baixos e na Inglaterra (DE MELO, 2003b).

A proposta desse eixo foi familiarizar os participantes com o mundo dos jornalistas. Eles conheceram também um pouco da rotina profissional do meio televisivo e do radiofônico, além do universo da internet. Mostramos como surge uma matéria, quais são os tipos de entrevistas, o que são pautas frias e quentes, dentre outros conceitos do campo jornalístico.

Na última parte do treinamento, demos sugestões de como um entrevistado deve se comportar nos diferentes meios de comunicação e quais são as melhores linguagens a serem usadas durante uma entrevista. No final, apresentamos exemplos de boas e más entrevistas na televisão e no rádio.

2.1 - Diálogo com os Servidores do centro de Zoonoses

Os vinte participantes do media training informaram que já concederam entrevistas em rádio e televisão na cidade de Natal. Nos últimos anos, tem aumentado a procura de blogueiros que também se interessam por temas voltados ao combate às arboviroses.

Boa parte dos servidores também criticou o papel da imprensa na cobertura de temas relacionados ao combate às arboviroses. Para eles, a imprensa distorce informações e, em muitos momentos, não dá destaque a temas de saúde coletiva.

Sobre o media training, eles informaram que foi a primeira vez que participaram de um treinamento de mídia. O conteúdo para eles foi algo novo e que agregará ao trabalho do dia a dia no relacionamento com a imprensa.

A direção do Centro de Zoonoses também relatou que a Assessoria de Imprensa da Secretaria de Saúde do município poderia dar maior atenção àquele departamento, já que existem muitas ações que podem gerar pautas para a mídia.

2.2 - Impressões da Equipe do Arbocontrol-RN

Tivemos dificuldades iniciais em realizar o primeiro media training no Centro de Zoonoses. A falta de comunicação que a gestão do centro relatou ter com a Assessoria de Imprensa da Secretaria de Saúde de Natal também pôde ser sentida pela equipe do ArboControl-RN.

Tentamos contato com a Assessoria de Imprensa por quase dois meses, e não obtivemos respostas. Depois desse insucesso, procuramos o Conselho Municipal de Saúde de Natal, que intermediou nosso encontro com o Departamento de Vigilância em Saúde e algumas unidades básicas de saúde.

Após essa importante ajuda do Conselho de Saúde, conseguimos articular as atividades presenciais do ArboControl. Realizamos uma reunião com a direção do Centro de Controle de Zoonoses no dia 24 de novembro de 2021, porém só conseguimos realizar o primeiro media training no dia 4 de fevereiro de 2022 em decorrência do excesso de burocracia, pois o projeto do ArboControl-RN deveria ser protocolado e aprovado pelo Setor de Educação Permanente, Articulação, Ensino e Serviço da Prefeitura de Natal. Ainda faremos outro media training com mais servidores do centro até o fim do Projeto ArboControl.

Observamos também que os servidores necessitam de um acompanhamento mais efetivo da Assessoria de Imprensa da Saúde e de capacitações constantes. Ficamos surpresos, pois eles nunca participaram de um treinamento de mídia, apesar de serem sempre convidados a conceder entrevistas à imprensa.

3 - Oficina de Produção de conteúdo para Redes Sociais

O Brasil possui o segundo maior número de usuários de internet do mundo. Com relação ao uso de redes sociais, ultrapassa continentes como o europeu e o asiático (PIESCO, 2015). Essa larga capilaridade mostra a forte influência das redes sociais em nosso país, e, quando falamos em comunicar a um público específico, não podemos relegá-las.

Para Raquel Recuero (2009), nas redes os atores sociais criam conexões e aumentam o seu capital social. Elas também servem de metáfora para novos agrupamentos sociais, como as dinâmicas temporais das conexões na internet, que evoluem em processos de cooperação, competição e conflito.

Pensando nessa nova estratégia de comunicação, que ganha cada vez mais força no Brasil e no mundo, decidimos elaborar uma oficina de

produção de conteúdo para redes sociais com agentes comunitários de saúde e enfermeiros da Unidade Básica de Saúde da Vila de Ponta Negra, Natal-RN. Essa unidade é uma das mais antigas da cidade; historicamente, a vila é composta em sua maioria por famílias de pescadores que povoaram a localidade antes do boom imobiliário que tem prejudicado a população local.

Agendamos uma reunião com a gerência da unidade de saúde no dia 13 de dezembro de 2021, e a oficina ocorreu no dia 11 de fevereiro de 2022. Ela reuniu onze agentes comunitários de saúde, cinco enfermeiras e a diretora da unidade.



Fonte: Acervo dos autores (2022) - Descrição da imagem: Ao centro e no fundo da imagem está uma mulher em pé, branca e de cabelos pretos, com camisa na cor branca e calça jeans (Smyrna, bolsista do ArboControl); ao seu lado há uma mesa com projetor e notebook mostrando imagens refletidas na parede da sala. Na sala, de paredes brancas e várias janelas, com visão para a praia de Ponta Negra, os funcionários estão sentados em semicírculo em cadeiras brancas de plástico assistindo à oficina.

Durante o encontro, os presentes puderam compreender melhor o universo das redes sociais e como utilizá-las no controle e no combate das arboviroses. Com base nos estudos de Recuero, explicou-se que as redes sociais são constituídas por dois elementos: os atores – pessoas, instituições ou grupos –, que formam os nós da rede, e as conexões, que promovem as interações ou os laços sociais.

Os servidores entenderam que, com as redes, podem desenvolver uma dinâmica de cooperação para a criação de conteúdos de combate às endemias, mas que esses conteúdos podem gerar também uma dinâmica de competição e conflito.

Na segunda parte da oficina, a equipe do ArboControl falou da importância da comunicação para o fortalecimento do SUS e lançou uma série de perguntas para que os presentes respondessem.

A turma foi dividida em dois grandes grupos para debater as seguintes indagações: que problemas ou oportunidades justificam o investimento em conteúdos sobre arboviroses na unidade de saúde? Que objetivos e resultados a unidade de saúde busca atingir com investimentos em conteúdo nas mídias sociais? Quais são os públicos ou os grupos de pessoas com que a unidade de saúde interage e os quais esta, de alguma maneira, auxilia no cumprimento dos compromissos sociais? O que é fundamental para que a nossa unidade de saúde comunique? O que é mais importante e adequado para ser comunicado a cada usuário do SUS daquela unidade?

Após a discussão dessas perguntas, eles produziram um post para Instagram sobre o controle das arboviroses e a campanha de vacinação contra a Covid.

3.1 - Diálogo com os Servidores da unidade básica de saúde da Vila de Ponta Negra, Natal-RN

Os grupos informaram que é importante desenvolver não só conteúdos sobre arboviroses, como também conteúdos voltados à promoção, à prevenção e ao tratamento relacionados à saúde da mulher, à saúde da criança, à saúde mental, ao planejamento familiar, dentre outros campos.

Eles comentaram que a unidade básica tem conta no Instagram, porém ela é pouco atualizada, até pelo fato de a unidade possuir uma grande demanda e não ter equipe específica para sua atualização. Por fim, eles esclareceram que a Vila de Ponta Negra é uma comunidade carente e não dispõe de recursos financeiros para bons pacotes de internet. Logo, boa parte da comunicação é feita pessoalmente, nas visitas domiciliares com os agentes comunitários de saúde.

3.2 - Impressões da equipe do ArboControl-RN

A equipe da Unidade de Saúde de Ponta Negra é engajada e tem interesse em melhorar sua comunicação com os usuários do SUS na localidade. Apesar de não ter apoio profissional para desenvolver produtos midiáticos, a equipe é criativa. Isso pode ser constatado pelas ideias que surgiram durante as dinâmicas promovidas nos dois grupos. Observa-se também uma falta de acompanhamento maior da Assessoria de Imprensa da Secretaria de Saúde de Natal com aquela unidade de saúde. Nunca houve orientação da assessoria para a manutenção da conta do Instagram que a unidade de saúde possui.

4 - Produtos

O ArboControl Rio Grande do Norte produziu três tipos de produtos, que foram apresentados aos dois grupos com os quais realizamos atividades presenciais: uma cartilha, uma série de podcasts e reels.

4.1 - Cartilha

A equipe ArboControl Rio Grande do Norte elaborou uma cartilha chamada "Vixi, Aedes, não!". As personagens principais são os potiguares Clara e João, de 7 anos, que não entendem o que são as arboviroses e buscam informações sobre essas doenças com os médicos da unidade de saúde do bairro Vila de Ponta Negra, em Natal. Doutora Juliana e doutor Lula explicam para as crianças tudo sobre dengue, zika e chikungunya e como ocorre a proliferação do mosquito Aedes. No final da cartilha, Carol chama a criançada para brincar de caça-palavras e faz um jornalzinho explicando o que aprendeu com os doutores do SUS.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022) - Descrição da imagem: Temos algumas páginas de exemplo da cartilha, todas com fundo verde. A primeira página é a capa da cartilha, com o título "Vixi, Aedes, não!" e dois mosquitos atrás do texto como marca d'água. Em outras páginas temos os personagens, desenhos de crianças e médicos bem coloridos que dialogam como em uma história em quadrinhos. Outras páginas têm a descrição em texto do conteúdo. Na última página de exemplo há um caça-palavras na temática das arboviroses.

4.2 - Podcast “você sabia?” e reels

O ArboControl RN também elaborou cinco episódios de spots chamados Você Sabia?. Eles estão disponíveis no Spotify e buscam mostrar curiosidades sobre as arboviroses. Desses episódios, podemos destacar dois.

O primeiro mostra uma alternativa de controle e combate às arboviroses com a utilização de peixinhos guppy (MARQUES, 2021). Eles se alimentam de larvas que podem surgir nos reservatórios de água; além disso, são resistentes a ambientes com cloro e baixa salinidade e se reproduzem facilmente, de forma que uma fêmea pode produzir até 100 filhotes por mês (LEITE, 2018).

O segundo episódio busca explicar o que são ovitrampas. Elas são armadilhas utilizadas para colher ovos do mosquito *Aedes aegypti* e monitorar se em determinado bairro ou comunidade há um alto índice de infestação do mosquito, ajudando as autoridades sanitárias a promover ações efetivas no controle de dengue, zika e chikungunya (BARBOSA et al., 2017). Na prática, um agente de endemias vai até uma residência e instala essa armadilha por alguns dias. A ovitrampa é um vaso de planta preto com infusão à base de feno para atrair os mosquitos fêmeas que buscam locais para pôr seus ovos. Dentro dos recipientes, são colocadas palhetas de Eucatex, nas quais os ovos ficam presos. Alguns dias depois, os agentes de endemias voltam à residência e recolhem a ovitrampa para analisar o material coletado. Quando há presença do mosquito *Aedes* na maioria das armadilhas, as autoridades em saúde intensificam o combate ao mosquito naquela região.



Esses episódios estão sendo transformados em reels para serem divulgados no Instagram, já que são áudios curtos, de um minuto.

5 - Metodologia

Em vista da elaboração dos trabalhos no RN, utilizamos um levantamento bibliográfico para o desenvolvimento das oficinas, das capacitações e dos produtos.

6 - Análise dos Resultados

A comunicação em saúde coletiva ainda é pouco valorizada pela Prefeitura de Natal, na atual gestão do prefeito Álvaro Dias (PSDB). Nas duas atividades presenciais com os servidores, observou-se que eles



não participam de capacitações ou treinamentos para a mídia nem são orientados sobre como produzir materiais para as redes sociais.

A Assessoria de Imprensa da Secretaria de Saúde divulga com pouca frequência as atividades do Centro de Zoonoses, conforme relatado por alguns servidores do órgão.

Essa falta de interesse também foi sentida pela equipe do ArboControl, que tentou contato com a Coordenação de Comunicação da Secretaria de Saúde, e não obteve respostas. Precisamos da intermediação do Conselho de Saúde do município para apresentarmos o projeto ao Centro de Zoonoses e a algumas unidades básicas de saúde.

7 - Intervenções Futuras

Recomenda-se que, pelo menos uma vez ao ano, ocorra media training no Centro de Zoonoses da Prefeitura de Natal. A falta de um acompanhamento sistemático enfraquece as ações de comunicação no combate às arboviroses.

Com relação à oficina de produção de conteúdo para redes sociais, ela pode ser estendida para as outras 58 unidades básicas de saúde distribuídas nos Distritos Sanitários Norte I e II, Sul, Leste e Oeste.

Referências

BARBOSA, Isabelle Ribeiro et al. Identificação de áreas prioritárias para a vigilância e controle de dengue e outras arboviroses transmitidas pelo *Aedes aegypti* no município de Natal-RN: relato de experiência. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 26, n. 3, p. 629-638, 2017. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/ress/2017.v26n3/629-638/>>.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. 1ª Conferência Nacional Livre de Comunicação em Saúde. Relatório Final. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <http://www.conselho.saude.gov.br/images/RELAT%C3%93RIO_CONFER%C3%8ANCIA_LIVRE_COMUNICA%C3%87%C3%83O_EM_SA%C3%9ADE_WEB.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2022.

DIAS, Vera. Com o potencializar o trabalho de sua assessoria de imprensa. In: LUCAS, Luciane (Org.). *Media training: como agregar valor ao negócio melhorando a relação com a imprensa*. São Paulo: Summus Editorial, 2007. p. 101-112.

DE MELO, José Marques. *História do pensamento comunicacional*. São Paulo: Paulus, 2003a.

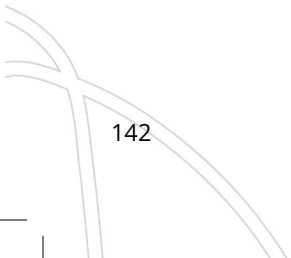
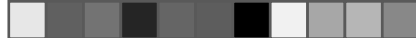
DE MELO, José Marques. *História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2003b.

LEITE, Brenda Santos. Estratégias de controle de *Aedes aegypti* (L., 1762) (Diptera: Culicidae): principais perspectivas para o manejo de epidemias de arboviroses. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Biomedicina, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/43180/1/Estrat%C3%A9giasControleAedes%20aegypti_Leite_2018.pdf>.

MARQUES, Andrey Dessoles et al. Os elos invisíveis entre desigualdade estrutural e arboviroses no Brasil: um debate à luz dos princípios de promoção da saúde. *International Journal of Development Research*, v. 11, n. 9, p. 50391-50397, 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/LeonardoMota/publication/357002259_Os_elos_invisiveis_entre_desigualdade_estrutural_e_arboviroses_no_Brasil_um_debate_a_luz_dos_principios_de_promocao_da_Saude/links/61b7a4161d88475981e89e77/Os-elos-invisiveis-entre-desigualdade-estrutural-e-arboviroses-no-Brasil-um-debate-a-luz-dos-principios-de-promocao-da-Saude.pdf>.

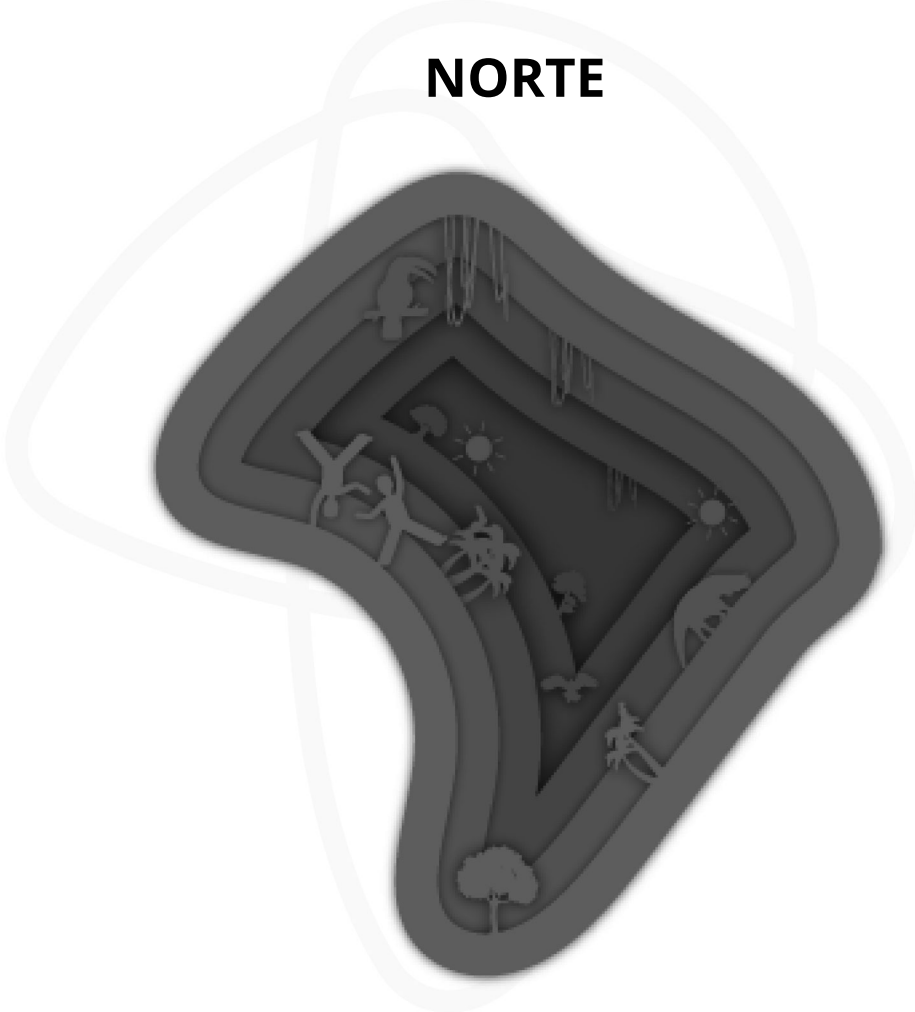
PIESCO, Juliana. Impacto da internet sobre os hábitos culturais da população jovem em São Paulo. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n. 1, p. 99-116, 2015. Disponível em: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/revista/Revista_CPF_nov2015.pdf>.

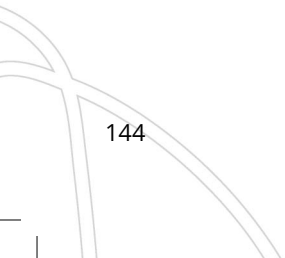
RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; SILVA, Fernando Firmino da. *Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009. p. 39-55.





NORTE





Comunicação em saúde e tecnologias digitais no combate às arboviroses na Região Norte do Brasil

Health communication and digital technologies in the fight against arboviruses in the North Region of Brazil

Marcelo Rodrigo da Silva
Doutor em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN). Docente e coordenador do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), campus Parintins (ICSEZ).
marcelorodrigo@ufam.edu.br

Francisco Dias do Nascimento
Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
francisco.dias872@gmail.com

Ralf Cordeiro Batista
Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
ralfscordeiro@gmail.com

Resumo

Este relato tem o objetivo de compartilhar experiências desenvolvidas nos sete estados da Região Norte do Brasil dentro da “Rede Brasil de Gestão da Informação e Tradução do Conhecimento em Saúde à Ciência Cidadã”, que integra o projeto “Arbovírus dengue, zika e chikungunya compartilham o mesmo inseto vetor: o mosquito *Aedes aegypti* – moléculas do Brasil e do mundo para o controle, novas tecnologias em saúde e gestão de IEC”, durante o período de junho de 2021 a fevereiro de 2022, especialmente aquelas que envolvem comunidades tradicionais como povos quilombolas e comunidades ribeirinhas. São apresentados e descritos produtos comunicacionais desenvolvidos em parceria entre instituições públicas de ensino superior e as comunidades atendidas com as ações. Entre as iniciativas apresentadas estão lives, podcasts, gibis e conteúdos audiovisuais veiculados em plataformas de redes sociais digitais. Palavras-chave: Comunicação em Saúde; Tecnologias Digitais; ArboControl; Comunidades Tradicionais; Região Norte.

Abstract

This report aims to share experiences developed in the seven states of the North Region of Brazil within the “Brazil Network for Information Management and Translation of Health Knowledge to Citizen Science”, which integrates the project “Arboviruses dengue, zika and chikungunya share the same insect vector: the *Aedes aegypti* mosquito – molecules from Brazil and the world for the control, new technologies in health and management of IEC”, during the period from June 2021 to February 2022, especially those involving traditional communities such as quilombola peoples and riverside communities. Communicational products developed in partnership between public institutions of higher education and the communities served by the actions are presented and described. Among the initiatives presented are lives, podcasts, comics, and audiovisual content broadcast on digital social media platforms. Keywords: Health Communication. Digital Technologies. ArboControl. Traditional Communities. North Region.

1 - Introdução

Após cinco anos de desenvolvimento, ampliando pesquisas e resultados, o projeto “Arbovírus dengue, zika e chikungunya compartilham o mesmo inseto vetor: o mosquito *Aedes aegypti* – moléculas do Brasil e do mundo para o controle, novas tecnologias em saúde e gestão de IEC”, criado pelo Laboratório de Educação, Informação e Comunicação em Saúde da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília (LabECoS/FS/UnB/CNPq-Brasil), formou a “Rede Brasil de Gestão da Informação e Tradução do Conhecimento em Saúde à Ciência Cidadã”. Desde junho de 2021, a rede é constituída por pesquisadores atuantes em instituições públicas de ensino superior de todas as unidades federativas brasileiras.

A iniciativa da Rede Brasil de pesquisadores surge dentro do terceiro componente do Projeto ArboControl, que se orienta pelo eixo Educação, Informação e Comunicação e propõe um conjunto de intervenções as quais utilizam, de maneira planejada e integrada, os enfoques, as técnicas e os recursos das três áreas mencionadas para facilitar, entre os indivíduos, as famílias e as comunidades, o acesso a informações com qualidade para a adoção e o compartilhamento ou a consolidação de comportamentos favoráveis à promoção da saúde e à prevenção de riscos e outros agravos.

É urgente a atuação com foco em educação, informação e comunicação em saúde com toda a população brasileira, em virtude do crescente número de incidência das arboviroses no início de 2022, mais particularmente nas regiões onde houve precipitações chuvosas mais severas e acima do

esperado para o período, com elevação da temperatura. É o que se verifica na Região Norte do Brasil, potencialmente em alguns estados específicos.

Conforme os dados da plataforma Info Dengue, iniciativa da Fundação Getulio Vargas em parceria com a Fiocruz, da terceira até a sexta semana epidemiológica de 2022 são estimados mais de 12,5 mil casos só de dengue, sem contar os casos estimados de zika e chikungunya. O cenário mais preocupante é o do estado do Tocantins, onde foram estimados 7,8 mil casos no período observado. O quadro a seguir apresenta em ordem decrescente os estados da Região Norte com maior quantitativo de casos estimados, conforme os dados da plataforma Info Dengue.



Quadro 1 – Total de casos estimados de dengue nos sete estados da Região Norte no período contemplado entre as Semanas Epidemiológicas 3 e 6

Unidade Federativa	Número de casos estimados
Tocantins	7.832
Rondônia	1.729
Pará	1.544
Acre	1.366
Amazonas	505
Roraima	25
Amapá	16

Fonte: Info Dengue (www.info.dengue.mat.br) – Fundação Getulio Vargas/Fiocruz

Conforme se percebe no quadro, o número preocupante de casos estimados evidencia a necessidade de ações urgentes para o combate à proliferação do mosquito vetor das arboviroses.

Para atender à urgência das ações de informação, educação e comunicação em saúde na Região Norte para o enfrentamento às arboviroses, a Rede Brasil de pesquisadores do Projeto ArboControl estabeleceu, por meio de parcerias interinstitucionais, uma equipe interdisciplinar e interinstitucional de estudos. Tendo em vista a relevância e a importância dos trabalhos, dos estudos e das pesquisas desenvolvidas em cada estado, faz-se necessário descrever a composição da rede e apresentar as iniciativas desenvolvidas, bem como os produtos resultantes desse trabalho colaborativo, até então.



Com o objetivo estratégico de adentrar nas regiões mais interioranas do país, bases de pesquisa foram estabelecidas em algumas cidades mais distantes das capitais. Dessa forma, a coordenação regional Norte está sob a responsabilidade do professor doutor Marcelo Rodrigo da Silva, docente efetivo e coordenador do curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em Parintins, região do Baixo Amazonas. Integram a equipe os pesquisadores Francisco Dias Nascimento e Ralf Cordeiro Batista.

No estado do Acre, a coordenação estadual está a cargo do professor doutor Francisco Aquinei Timóteo Queirós, docente efetivo do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Acre (UFAC), em Rio Branco. Juntamente a ele estão os pesquisadores Lisania Ghisi e Renato Menezes.

A coordenação dos trabalhos do Projeto ArboControl no estado do Amapá é conduzida pela professora doutora Nely Dayse Santos da Mata, docente efetiva do Departamento de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), em Macapá. Em sua equipe também estão as professoras voluntárias Luzilena Prudêncio e Camila Barbosa Nemer e os pesquisadores Sarah Bianca Trindade, Fabrícia Santos e Matheus Santos.

A coordenação estadual do Amazonas é gerida pelo professor doutor Márcio de Oliveira, docente efetivo da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em Manaus. Também integram sua equipe os pesquisadores Fran Walafe, Jessica Fernandes e Jefferson Araújo.

No estado do Pará, a equipe do projeto está sediada na cidade de Cametá e é coordenada pela professora doutora Benedita Celeste de Moraes Pinto, juntamente à professora doutora voluntária Andrea Silva Domingues. Ambas são docentes da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDUC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), campus Cametá. Com elas, atuam no projeto as pesquisadoras Rhana Beatriz, Camila Rodrigues e Renata Siqueira.

Os estudos e as pesquisas desenvolvidos no estado de Rondônia são coordenados pelo professor doutor Allysson Viana Martins, professor efetivo do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPGCIMES) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em Porto Velho. Também integram sua equipe os pesquisadores Cleisson Victor e Alana Bentes.

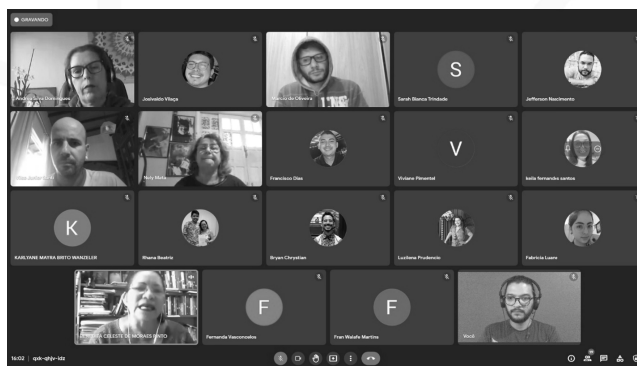
O coordenador do projeto no estado de Roraima é o professor doutor Vilso Junior Chierentin Santi, professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal

de Roraima (UFRR), em Boa Vista. Atuam com ele os pesquisadores Bryan Christian e Fernanda Jhady.

E, no estado do Tocantins, coordena as pesquisas e as ações do projeto a professora doutora Cynthia Mara Miranda, professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Tocantins (UFT), em Palmas. Também fazem parte da sua equipe os pesquisadores Keila Fernandes e Cristiano Viana.

Desde o início da implantação da Rede Brasil de pesquisadores do Projeto ArboControl, os integrantes de todo o país se reuniram mensalmente e os integrantes da Região Norte também se reuniram quinzenalmente para alinhar as produções e compartilhar com o grupo o andamento da pesquisa em cada estado. As experiências compartilhadas serviram de orientação para que as metodologias empregadas alcançassem melhores resultados e maior envolvimento com a população local. As reuniões aconteceram remotamente, por meio da plataforma Google Meet. Também foi criado um grupo de diálogo no aplicativo WhatsApp com os pesquisadores da Região Norte, além dos grupos criados para a gestão nacional da rede.

Figura 1 – Reunião dos pesquisadores da Região Norte



Fonte: Arquivo próprio dos autores

Alguns conteúdos teóricos e instrucionais criados pelas equipes estaduais para serem utilizados nas reuniões e nas oficinas com parceiros e lideranças locais foram compartilhados com os demais integrantes da região em uma pasta disponibilizada com livre acesso em um drive próprio. Assim como esses arquivos, algumas planilhas de dados também foram inseridas na pasta compartilhada. Em Parintins, foram mobilizados representantes de instituições e lideranças locais a fim de identificar as principais necessidades

e carências no tocante ao combate às arboviroses. Entre as instituições participantes estavam: União das Mulheres de Parintins (UMPIN); Coletivo de Mulheres Artistas de Parintins (Tamo Juntas); Coletivo Buriti – Quadrinhos de Parintins; Coletivo Mulheres de Fibrã da Amazônia (Colima); Associação do Movimento de Mulheres da Amazônia (Mani); Instituto Cultural Ajuri; Associação de Gays, Lésbicas, Transexuais e Travestis de Parintins (AGLTPIN); e Movimento Indígena.

Além de gerir o cronograma e a condução das reuniões regionais, a coordenação regional Norte do projeto participou de atividades nacionais, como a realização de lives (encontros on-line e ao vivo com transmissão pelo YouTube) juntamente a membros da coordenação nacional do projeto e representantes do Ministério da Saúde. Também participou do planejamento de ações dentro do projeto, como a elaboração de conteúdos e cursos a distância, a produção de textos para publicações nacionais e a organização de eventos como o concurso de talentos e o congresso do ArboControl. Integrou ainda as equipes de planejamento e gestão dos perfis do projeto nas redes sociais digitais, como o TikTok, o Facebook, o Instagram, o Twitter e o Spotify.

Figura 2 – Lives do Projeto ArboControl envolvendo a Região Norte



Fonte: Arquivo próprio dos autores

Tais aplicativos de redes sociais ganharam ainda mais força devido à instantaneidade de difusão e compartilhamento de informações pela internet e à capilaridade de dispositivos móveis de comunicação, a exemplo dos aparelhos celulares com acesso à rede, elementos determinantes da quarta revolução comunicativa (DI FELICE, 2014).

2 - Produções

Feita a devida apresentação das equipes constituídas para atuar na Região Norte do Brasil dentro do Projeto ArboControl, partimos para a apresentação das ações e dos produtos desenvolvidos, em especial aqueles voltados para a informação, a educação e a comunicação com povos tradicionais. A atuação das equipes de pesquisadores foi iniciada com um trabalho de diagnóstico local a partir de reuniões com líderes comunitários, educadores, agentes de saúde, representantes de instituições parceiras, representantes de instituições públicas de saúde e representantes de movimentos sociais.

Durante as reuniões, foram identificadas as principais fragilidades e necessidades locais no que diz respeito às ações de informação e conscientização da população no combate às arboviroses. A partir dos diagnósticos elaborados, foram planejados os produtos de comunicação que melhor atenderiam às demandas mais marcantes, de acordo com o público focado. A elaboração dos produtos levou em consideração, principalmente, recursos linguísticos e midiáticos que permitissem maior identificação e compreensão da população, de acordo com seus aspectos culturais, geográficos e sociais.

A seguir são destacadas algumas ações e produtos desenvolvidos em cada um dos sete estados da Região Norte. É importante frisar que os conteúdos aqui discutidos não representam a totalidade das ações realizadas, mas apenas uma amostragem do trabalho desenvolvido. A escolha dos trabalhos apresentados levou em consideração o seu impacto perante o público ao qual se dirigiram, conforme foi observado pela quantidade de compartilhamentos das mídias em aplicativos de conversação ou por meio das redes sociais digitais em dispositivos móveis.

O crescimento da demanda pelas comunicações via dispositivos móveis é constatado pelos dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (2019). Segundo a Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros de 2018, realizada pelo órgão por meio do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), apesar de apenas 63% dos domicílios da região Amazônica terem acesso à internet, a conexão móvel é a predominante, com 46% dos acessos.

Os produtos comunicacionais aqui apresentados configuram o alinhamento do Projeto ArboControl com a cultura midiática (SANTAELLA, 1992). Para Paiva (2008), quando falamos em cultura midiática apreciamos as conexões entre a oralidade, a visibilidade e a tecnicidade, num momento em que deixamos de ser meramente agentes passivos de uma comunicação e formação cultural massiva, excludente e vertical, e passamos à condição

de agentes ativos num processo mais participante, interativo, literalmente comunicacional.

No estado do Acre, podem ser citadas três produções que exploraram as linguagens das historinhas em quadrinhos (HQs) e das mídias sonoras. A primeira delas é o podcast ControlCast, disponibilizado na plataforma Spotify. As produções em áudio trazem informações sobre os cuidados cotidianos para a prevenção da proliferação do vetor das arboviroses com uma linguagem jornalística e próxima da realidade local, a exemplo do caso da cheia no município de Tarauacá-AC.

Outra produção em áudio é a série ZapControl, que apresenta pílulas de informações relacionadas ao combate às arboviroses com uma duração de um minuto e linguagem coloquial. Os áudios são acompanhados por cards informativos que trazem também um diálogo verbal ilustrativo, elaborado com expressões e gírias comumente utilizadas pela população local em seus diálogos corriqueiros por meio de aplicativos de conversação instantânea, como é o caso do WhatsApp.

Figura 3 – Mosaico de produções do estado do Acre



Fonte: Acervo de produções ArboControl – Região Norte

A equipe do estado do Acre também criou a publicação bem-humorada “Aedynho em... Big Dengue Brasil”, que utiliza o repertório simbólico do programa televisivo Big Brother Brasil, veiculado pela emissora Globo de televisão, para compartilhar conteúdos visuais e verbais em torno da temática do combate às arboviroses, fazendo uso de recursos como a sátira e a ironia para criar uma narrativa ao mesmo tempo cômica e informativa.

No estado do Amapá, a equipe estadual desenvolveu um trabalho junto aos habitantes do Quilombo Curiaú. Foram realizadas reuniões e oficinas com representantes, líderes e membros da comunidade. Também foram criadas pela equipe duas cartilhas digitais em formato de histórias em quadrinhos com informações educativas e instrucionais sobre os cuidados no combate às arboviroses e as diferenças entre os sintomas de dengue, zika e chikungunya.

Figura 4 – Reunião no Quilombo Curiaú e produções do estado do Amapá



Fonte: Acervo de produções ArboControl – Região Norte

No estado do Amazonas, foi desenvolvida uma iniciativa em parceria com o projeto Pulsa Dança na Comunidade (PUDAN), fomentado pela Prefeitura de Manaus com o apoio do Coletivo Kanauã, para promover a educação e a conscientização do público infantojuvenil sobre o combate às arboviroses. A parceria resultou na realização do evento “Mostra de Dança Todos contra o Mosquitinho”, na Escola de Ballet Josimar Maciel. Ao final da iniciativa, foram exibidos os trabalhos produzidos pelos participantes sobre o tema do combate às arboviroses.

No estado do Pará, a equipe estadual desenvolveu seus trabalhos com as comunidades quilombolas do Umarizal e do Igarapé Preto, em Cametá-PA. Os pesquisadores produziram dois artigos científicos apresentados em congressos acadêmicos, além da defesa da primeira dissertação de mestrado da Região Norte dentro do Projeto ArboControl, intitulada “Educação, saúde e saberes das matas: práticas de cura no Cupijó, Cametá-PA”, de autoria da pesquisadora Márcia de Jesus Oliveira Valente.

A equipe do Pará produziu, ainda, uma série de tirinhas com informações sobre a transmissão e os sintomas de dengue, zika e chikungunya. Os produtos utilizaram em sua linguagem elementos culturais das populações locais a fim de alcançar maior identidade e reconhecimento do público, aproximando-o dos produtos criados. A equipe também elaborou uma sequência de vídeos intitulados “Tio Kulê e seus amiguinhos na luta contra arboviroses”, em que é usada uma linguagem bem-humorada e coloquial, mais voltada para o público infantojuvenil, visando a sua instrução sobre os cuidados cotidianos para se evitar a proliferação do mosquito *Aedes aegypti*.

Figura 5 – Tirinhas criadas pela equipe do estado do Pará





Fonte: Acervo de produções ArboControl – Região Norte

No estado de Rondônia, a equipe de pesquisadores do Projeto ArboControl, em parceria com os integrantes do Grupo de Pesquisa em Mídias Digitais e Internet (MÍDI/UNIR), produziu uma série de vídeos para veiculação em plataformas digitais, a exemplo do TikTok. Trata-se de vídeos que utilizam a linguagem de humor dos memes (DAWKINS, 2007) da internet para compartilhar pílulas de informação sobre a importância e a necessidade do combate aos focos do mosquito transmissor das arboviroses. Além do TikTok, essas mídias também são veiculadas em plataformas como o Instagram e o Facebook.

Os memes possuem um considerável potencial de transmissão de informações em virtude de sua grande circulação na cultura midiática. Shifman (2013) propõe três dimensões culturais que permitem às pessoas interagir por meio de memes: conteúdo (ideias e ideologias), forma (percepção sensorial) e postura (posição dos usuários). Para a autora, embora os memes se espalhem em um ambiente micro, seu impacto está no ambiente macro, pela velocidade e pelo alcance de difusão e divulgação cultural.

Knobel e Lankshear (2007) conceituam “meme” como “um termo popular para descrever a rápida aceitação e propagação de uma ideia particular apresentada como um texto, imagem, linguagem, ‘movimento’, ou alguma outra unidade de ‘material’ cultural” (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007, p. 202).

Figura 6 – Conteúdos audiovisuais criados pela equipe do estado de Rondônia



Fonte: Acervo de produções ArboControl – Região Norte

A equipe do estado de Roraima desenvolveu suas produções em parceria com o Observatório Cultural da Amazônia e do Caribe (Rede Amazoom), por meio da veiculação de conteúdos do Projeto ArboControl na plataforma da rede. As iniciativas, as ações e os produtos desenvolvidos por todos os estados da Região Norte foram veiculados nas ambiências virtuais da Amazoom e replicadas em aplicativos de conversação instantânea como o WhatsApp.

No estado do Tocantins, uma das iniciativas de maior destaque, além das oficinas com representantes das redes públicas de saúde e de ensino, foi a produção do podcast “Zuzucast – o podcast mais zoado que você vai ouvir”, com uma série de episódios que trazem como personagem principal a mosquita Zuzu. Os episódios têm caráter informativo, mas também utilizam uma linguagem cômica e marcada pelos recursos do humor e da ironia. Os programetes também apresentam entrevistas com profissionais locais que falam sobre a importância de combater os focos de proliferação do *Aedes aegypti*.



Estudando o humor, Maingueneau (1997) argumenta que o riso é derivado da alegria, da comédia; é quando o homem deixa de lado suas tensões e cai num estado de bem-estar, de prazer. O tom cômico da linguagem desses produtos audiovisuais pode ser alcançado tanto por uma composição gráfica que contenha texto e imagem quanto por apenas uma imagem. Os sentidos da mensagem são determinados pelas expressões corporais ou faciais das pessoas e/ou pelas cenas. E, com o intuito de explorar mais fortemente o humor nessas mensagens, são escolhidas imagens que estimulem o riso do espectador.

Todas as produções apresentadas neste relato estão reunidas às produções das outras regiões do Brasil na plataforma do Projeto ArboControl (www.ArboControl.unb.br) e em suas redes sociais digitais.

3 - Considerações finais

A atenção à linguagem dos produtos criados pelas equipes de pesquisadores da Região Norte evidencia a necessidade de aproximação com o cenário histórico, social e cultural do público para o qual se destinam, especialmente comunidades tradicionais como os povos quilombolas e ribeirinhos. Principalmente nos estados do Amapá e do Pará, evidenciou-se mais fortemente a atenção às comunidades quilombolas no direcionamento de ações, iniciativas e produtos de educação e informação para o combate às arboviroses.

A aproximação com esses públicos apresentou-se como de fundamental importância para o projeto, marcadamente em virtude da necessidade de



fortalecer e preservar a saúde das populações quilombola e ribeirinha, expostas de forma mais agravante à severidade dos períodos chuvosos da Região Norte, bem como à elevação do nível dos rios e à dificuldade de acesso e locomoção até unidades públicas de saúde.

Consideram-se como enriquecedoras e bem-sucedidas as iniciativas, na medida em que se apresentam como ferramentas de potencialização das ações do Ministério da Saúde do governo federal brasileiro que têm o objetivo de estimular e preparar a população para proteger sua própria saúde e a de sua comunidade a partir de medidas simples e eficazes de atenção e combate aos focos de proliferação do mosquito *Aedes aegypti* em suas residências, nos terrenos baldios das localidades em que habitam ou em espaços públicos de uso dos comunitários.

As plataformas multimídia e a diversidade de linguagens verbais e audiovisuais são recursos indispensáveis para o alcance de resultados positivos e eficientes em qualquer empreitada de saúde pública. Ações estratégicas de comunicação que reconheçam as especificidades locais de cada público e as assimilem como mecanismo de aproximação e reconhecimento alcançarão maior potencial de inteligibilidade e adoção por parte do público. Na medida em que os membros de uma comunidade se reconhecem nos produtos comunicacionais com os quais interagem, torna-se mais fácil a replicação das informações assimiladas em sua vida cotidiana.

Este relato de experiência apresenta-se como uma semente de estímulo ao desenvolvimento de novas ações com objetivos semelhantes e busca fomentar discussões sobre inquietações que envolvem novas práticas cotidianas de uso das tecnologias de comunicação no contexto da educação para a saúde e para a cidadania, bem como o desenvolvimento de novas formas de produção midiática para otimizar a comunicação pública direcionada aos habitantes das diversas comunidades espalhadas pelo Brasil.

Referências

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros: TIC Domicílios 2018. São Paulo: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2019. Disponível em: <https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028-tic_dom_2018_livro_eletronico.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

DAWKINS, Richard. O gene egoísta. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 2010.

DI FELICE, Massimo. As formas digitais do social e os novos dinamismos da sociedade contemporânea. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling; KUNSCH, Waldemar Luiz. Relações públicas comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora. São Paulo: Summus, 2014. p. 26 a 43.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. ESCOLA DE MATEMÁTICA APLICADA; FUNDAÇÃO FIOCRUZ. Info Dengue. Disponível em: <<https://info.dengue.mat.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. Online memes, affinities, and cultural production. In: KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. A new literacies sampler. Nova York: Peter Lang, 2007. p. 199-227.

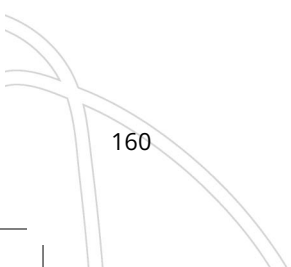
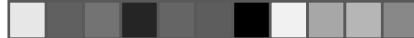
MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso. 3 ed. Campinas: Pontes, 1997.



PAIVA, Cláudio Cardoso de. Elementos para uma epistemologia da cultura midiática. Culturas Midiáticas, Paraíba, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/cm/article/view/11622>>.

SANTAELLA, Lucia. Cultura das mídias. São Paulo: Experimento, 1992.

SHIFMAN, Limor. Memes in a digital world: reconciling with a conceptual troublemaker. Journal of Computer-Mediated Communication, State College, PA, v. 18, n. 3, p. 362-377, 2013. Disponível em: <<https://academic.oup.com/jcmc/article/18/3/362/4067545>>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. Rede Amazoom. Disponível em: <<https://www.redeamazoom.org/>>. Acesso em: 10 jan. 2022.





As estratégias lúdicas para a construção de conhecimentos sobre arboviroses em um quilombo na Amazônia Brasileira

Playful strategies for building knowledge about arboviruses in a quilombo in the Brazilian Amazon

Luzilena de Sousa Prudêncio
Doutora em Saúde Coletiva. Docente na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).
luzilenarohde21@gmail.com

Matheus Lopes dos Santos
Graduando do bacharelado em Enfermagem pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).
matheuslopes778@gmail.com

Sarah Bianca Trindade
Graduanda do bacharelado em Enfermagem pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).
sarahbiancatrindade@gmail.com

Fabricia Luane da Silva Santos
Graduanda do bacharelado em Enfermagem pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).
fablua14@gmail.com

Camila Rodrigues Barbosa Nemer
Mestre em Enfermagem. Docente na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).
camila.barbosa@unifap.br

Nely Dayse Santos da Mata
Doutora em Ciências. Docente na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).
nelysmata@gmail.com

Resumo

Objetivo: Relatar a experiência de um grupo de pesquisa/extensão quanto ao uso de estratégias lúdicas sobre arboviroses para a construção de conhecimentos com crianças quilombolas do ensino fundamental. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo de caráter qualitativo, pontuado como relato de experiência acerca da vivência do desenvolvimento do Projeto ArboControl na Região Norte do Brasil, no estado do Amapá, tendo o Quilombo do Curiaú como localidade escolhida para desenvolvimento do estudo. **Resultados:** Fez-se necessário buscar estratégias que despertassem a atenção dos alunos e conseguissem fixar os assuntos a respeito das arboviroses, tais como a morfologia do vetor, seus modos de transmissão e reprodução e os sinais e sintomas de dengue, zika e chikungunya. Como estratégias lúdicas para dinamização, as atividades foram jogos da memória, quebra-cabeças, vídeos educativos, músicas e desenhos. No desenvolvimento das oficinas, o vídeo educativo foi um dos recursos audiovisuais mais utilizados, principalmente em formato de animação voltado para o público infantil. **Considerações finais:** O uso de estratégias lúdicas traz benefícios de socialização entre os participantes e favorece o ensino e o aprendizado. **Palavras-chave:** Lúdico; Conhecimento; Arboviroses; Quilombolas.

Abstract

Objective: To report the experience of a research/extension group regarding the use of playful strategies on arboviruses to build knowledge with quilombola children in elementary school. **Methodology:** This is a descriptive qualitative study, punctuated as an experience report about the development experience of the ArboControl Project on the Northern Region of Brazil, in the state of Amapá, having the quilombo of Curiaú as the chosen location for the development of the study. **Results:** It was necessary to seek strategies that would arouse the students' attention and manage to fix issues regarding arboviruses, such as the morphology of the vector, its modes of transmission and reproduction, and the signs and symptoms of dengue fever, zika virus and chikungunya. The recreational strategies used to boost the activities were memory games, puzzles, educational videos, songs, and drawings. In the development of the workshops, educational videos were one of the most used audiovisual resources, mainly in animation format aimed at children. **Final considerations:** The use of playful strategies brings benefits of socialization among the participants and favors teaching and learning. **Keywords:** Playful. Knowledge. Arboviruses. Quilombolas.

1 - Introdução

O processo de ensino-aprendizagem é de extrema importância, pois o educador deve construir o conhecimento buscando proporcionar ao educando a compreensão do que foi transmitido. Além disso, ensinar não é transferir conhecimento, mas a partir da transmissão criar possibilidades para sua produção ou para a construção do ensino-aprendizagem; é permitir que o educando crie possibilidades, raciocínios e sugestões quanto ao que lhe foi passado, com probabilidade de acertos e erros, ou seja, é fornecer a ele todos os elementos que irão permitir o alcance do verdadeiro conhecimento, com a busca constante (ADONA; VARGAS, 2013).


Costa et al. (2021) ressaltaram a importância do lúdico no processo de ensino-aprendizagem por permitir a troca de conhecimento e reflexão de forma descontraída. O educando deixa o papel de passividade durante o processo e torna-se ativo, havendo assim uma interação, além de um maior interesse pela temática abordada. Sendo assim, a utilização de jogos como ferramentas de ensino permite maior compreensão e envolvimento.

O estudo de Bataglion e Marinho (2019) destaca a importância de jogos e brincadeiras como vivências lúdicas capazes de promover uma prática humanizada no contexto da saúde, pois podem ser utilizadas como veículo de interação com as crianças, refletindo em manifestações de prazer, felicidade e maior envolvimento por parte delas. Dessa forma, o estudo traz o lúdico como um instrumento privilegiado para gerar benefícios à saúde das crianças.

Por sua vez, Rodrigues et al. (2011) ressaltam a necessidade de pesquisas e educação em saúde voltadas para grupos étnicos específicos, dentre eles os quilombolas, visando à obtenção de informações relevantes para o planejamento da atenção à saúde nesses contextos. De encontro a isso, Souza (2016) destaca a invisibilidade da infância quilombola nas produções de conhecimento acadêmico-científicas e discute que a infância brasileira se apresenta com diferentes experiências, a partir das quais as crianças elaboram diversos significados (de si, do outro, do mundo etc.).

Os autores ressaltam que, no contexto quilombola, a infância está atrelada principalmente ao território e ao grupo/ancestralidade, e que, mesmo diante das invisibilidades e do enfrentamento de desigualdades, dentro do que é possível as crianças quilombolas produzem cultura e se mostram na sua forma de ser/pensar/agir no mundo.

Dentre as possibilidades de ações educativas e estratégias lúdicas voltadas às crianças quilombolas, destaca-se a temática das arboviroses. Santos et al. (2019) revelam que a educação em saúde sobre a temática das arboviroses, no contexto do vetor *Aedes aegypti*, é de suma importância



para que haja intervenções efetivas, abordando os meios de transmissão, prevenção e tratamento.

O saneamento básico precário, a coleta de lixo inadequada e a falta de informações são alguns fatores que podem contribuir para a proliferação do mosquito *Aedes aegypti*, impactando negativamente a saúde dessa população (SANTOS et al., 2019). Sendo assim, as atividades educativas promovem maior interação e troca de experiências, constituindo uma importante estratégia de conscientização e mudanças de atitudes no contexto da prevenção e do controle do mosquito (SANTOS et al., 2019). Os autores reforçam que as questões de vulnerabilidade vivenciadas nas comunidades quilombolas – relacionadas tanto ao contexto da saúde como ao ambiental – e a educação em saúde como meio de transformação social justificam estudos e ações voltados para essa temática.

Corroborando o afirmado, Santos e Andrade (2020) mostram em seu estudo que ações realizadas com crianças quilombolas sobre promoção da saúde e prevenção das arboviroses podem, por meio da educação em saúde ambiental, promover e despertar mudanças nos comportamentos das crianças e no enfrentamento do mosquito transmissor. Santos (2019) demonstra a necessidade de dar enfoque a novas metodologias educativas específicas que possam dirimir as vulnerabilidades presentes nas comunidades quilombolas, com o intuito de transmitir de forma eficaz os conhecimentos necessários para a mudança das práticas em saúde.

A extensão universitária em uma comunidade quilombola pode beneficiar a interação da universidade com a comunidade por meio de ações que promovam a saúde, principalmente em comunidades vulneráveis. Nessas ações, podem ser construídos novos e diferentes saberes com a troca de conhecimentos, sem que um saber diminua o outro. Os autores ressaltam que, dentre as comunidades caracterizadas como econômica e socialmente vulneráveis (embora os locais onde elas vivem sejam frequentemente ricos em recursos naturais), encontram-se os remanescentes quilombolas (SIQUEIRA et al., 2017).

Considerando a relevância de pesquisas com comunidades quilombolas, este estudo tem como objetivo relatar a experiência de um grupo de pesquisa/extensão quanto ao uso de estratégias lúdicas sobre arboviroses para a construção de conhecimentos com crianças quilombolas matriculadas em uma escola do ensino fundamental.

2 - Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo de caráter qualitativo, pontuado como relato de experiência acerca da vivência do desenvolvimento do Projeto ArboControl na Região Norte do Brasil, no estado do Amapá.

O Projeto ArboControl tem vínculo com os docentes da Universidade Federal do Amapá desde agosto de 2021. O Quilombo do Curiaú foi escolhido como localidade para o desenvolvimento da pesquisa de campo, sendo uma Área de Proteção Ambiental (APA) situada a 10 km do centro da cidade de Macapá, capital do estado.

O Quilombo do Curiaú é habitado por 1.500 pessoas e possui uma área de 21.676 hectares, sendo reconhecido legalmente como Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú, com um perímetro de 47,3 km e que abriga cerca de 180 famílias em sete comunidades: Curiaú de Dentro, Curiaú de Fora, Casa Grande, Curralinho, Mocambo, Pescada do Pirativa e Fugido (PRUDÊNCIO, 2017).

Durante o mapeamento da comunidade quilombola, foram identificados os seguintes serviços e instituições: uma unidade básica de saúde, um museu/centro cultural, duas igrejas, duas escolas – a Escola Estadual José Bonifácio e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Joanna Santos da Silva –, o Conselho de Comunidades Quilombolas (CECADA), a Associação de Mulheres e o grupo cultural Raízes do Bolão, de músicas regionais.

A equipe executora do projeto é composta por três professoras e três acadêmicos do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Amapá. O desenvolvimento das atividades ocorreu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Joanna Santos com crianças de faixa etária dos 7 aos 12 anos, no período de novembro de 2021 a janeiro de 2022, quinzenalmente.

As atividades do projeto foram disponibilizadas a duas turmas: uma com crianças de 7 a 9 anos do turno da tarde e outra com crianças entre 10 e 12 anos do turno da manhã, totalizando 28 alunos. Foram realizados oito encontros, quatro com cada turma. O primeiro encontro em ambas as turmas teve o objetivo de realizar o contato inicial com as crianças; os encontros seguintes serviram ao desenvolvimento das atividades das oficinas.

As oficinas eram planejadas previamente pela equipe executora em reuniões na plataforma Google Meet. Nesses momentos se decidia pelo tema, pela dinâmica, pela distribuição das funções entre os acadêmicos e pela cronometragem da oficina, que não poderia exceder uma hora de duração.

Os acadêmicos foram orientados a propor atividades práticas a serem desenvolvidas junto às crianças, utilizando sempre sua criatividade e participação; ressaltou-se que o material deveria ser adequado e respeitar a fase de desenvolvimento infantil. Por se tratar de uma escola recém-inaugurada – que completará um ano de funcionamento no mês de agosto de 2022 –, inexistiam ações voltadas para arboviroses, o que culminou na efetivação das atividades propostas por este estudo.

Diante disso, ao se proceder às atividades desenvolvidas com as crianças, tornou-se necessário buscar estratégias que despertassem a atenção e conseguissem fixar os assuntos relacionados às arboviroses, tais como sua morfologia, seus modos de transmissão e reprodução e os sinais e sintomas de dengue, zika e chikungunya.

No primeiro momento da oficina, eram distribuídos crachás confeccionados com o nome do aluno, sua foto, série e data de nascimento. Posteriormente, eram exibidos vídeos de curta-metragem a respeito do assunto que seria trabalhado no dia; consecutivamente era utilizada uma estratégia lúdica de ensino. O grupo sempre levava em consideração que se tratava de crianças, optando por dinâmicas como quebra-cabeça, jogo da memória, jogo do balão e atividades de desenhar e colorir. Ao final de cada oficina, as crianças avaliavam as atividades do dia por meio do grau de satisfação, pintando imagens de carinhas felizes, neutras ou tristes.

3 - Resultados e discussão

A utilização de atividades lúdicas foi a forma de abordagem escolhida – após conversa dos pesquisadores com as crianças do ensino fundamental, os professores e o diretor da escola – para trabalhar assuntos relacionados às arboviroses (dengue, zika e chikungunya), tendo em vista que essa estratégia traz benefícios de socialização entre os participantes e favorece o aprendizado.

O ato de brincar é importante para o desenvolvimento infantil, uma vez que proporciona diversão e novas habilidades sociais e emocionais para a criança, como reconhecer a sua realidade e poder expressar seus sentimentos (LOPES et al., 2020).

Os assuntos abordados foram: a morfologia do vetor *Aedes aegypti*; os sinais e sintomas de dengue, zika e chikungunya; e ações de prevenção. Os processos das atividades foram divididos em quatro encontros com cada turma em sala de aula. No primeiro encontro, foi realizado o acolhimento com os professores e os alunos e foram pactuados os dias e os horários das atividades, além dos temas a serem abordados.

As estratégias recreativas utilizadas para a dinamização das atividades foram jogos da memória, quebra-cabeças, vídeos educativos, músicas e desenhos. No desenvolvimento das oficinas, o vídeo educativo foi um dos recursos audiovisuais mais utilizados, principalmente em formato de animação voltada para o público infantil. Segundo Martinello e Giacomazzo (2020), os recursos audiovisuais possibilitam o ensino através de recursos lúdicos, que tornam o aprendizado um processo mais atrativo para a criança e proporcionam uma aprendizagem mais dinâmica.

3.1 - 1ª oficina: A morfologia do vetor e as formas de prevenção das arboviroses

A primeira oficina enfocou a morfologia do vetor e as formas de prevenção das arboviroses. Inicialmente, foi reproduzido um vídeo educativo para o diálogo sobre as arboviroses. O vídeo, com duração de 1 minuto e 21 segundos, retratava uma criança com características de detetive, detalhando a forma do mosquito *Aedes aegypti* e como combatê-lo.

Em seguida, realizou-se uma dinâmica para analisar a percepção das crianças quanto ao conhecimento adquirido. A atividade consistia na utilização de balões com perguntas referentes ao conteúdo do vídeo. As crianças passavam os balões para os colegas ao lado enquanto uma música tocava concomitantemente; ao parar a canção, a criança que estava com o balão respondia ao questionamento.

Outra estratégia aplicada foi um jogo de quebra-cabeça para o ensino da morfologia do mosquito *Aedes aegypti*. O objeto, elaborado manualmente pela equipe, foi construído com uma imagem do mosquito impressa em papel fotográfico. Segundo Adona e Vargas (2013), o jogo de quebra-cabeça é uma forma lúdica que auxilia o desenvolvimento psíquico, neurológico e psicomotor; ademais, é capaz de desenvolver habilidades como capacidade de concentração, noção espacial e percepção visual.

Também foi utilizado um jogo da memória com imagens que representavam ações de prevenção às arboviroses, como tampar a caixa d'água, armazenar o lixo de forma adequada, colocar areia ao redor dos vasos de plantas, virar as garrafas de cabeça para baixo e limpar as calhas. O intuito foi fortalecer o aprendizado dos alunos acerca das ações que poderiam desenvolver em casa e em locais que frequentam para evitar a proliferação dessas doenças.

O jogo da memória é conhecido por estimular a capacidade de observação e a memória. Sua aplicação possibilita compreender a importância de sua utilização, sendo algo de fácil adesão pelas crianças

e que contribui para o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas (FLORENTINO, 2018).

Nas atividades desenvolvidas, as crianças manifestaram expectativa e empolgação para participar da oficina. Durante a dinâmica dos balões, as crianças ajudaram os seus colegas na resposta aos questionamentos, demonstrando trabalho em equipe. Após finalizarem as atividades, elas insistiram para realizar as recreações novamente.

3.2 - 2ª Oficina: Prevenção das arboviroses

Na segunda oficina, o objetivo foi trabalhar as ações de prevenção às arboviroses. Foi exposto um vídeo educativo com duração de 1 minuto e 13 segundos que demonstrava as formas de combate à proliferação do mosquito *Aedes aegypti*, tais como colocar areia no vaso das plantas, lavar os recipientes com água e fechá-los com tampa adequada, virar garrafas de cabeça para baixo, fechar latas de lixo e descartá-lo de maneira adequada, guardar pneus em local coberto e limpar as calhas do telhado para não acumularem água.

Em seguida, as crianças foram estimuladas a criar desenhos que representassem as ações de prevenção à proliferação do mosquito; posteriormente, cada criança explicou o seu desenho para os colegas. Os educadores devem reconhecer a importância do desenho como elemento-chave no processo educativo, pois na primeira infância, antes de a criança dominar a escrita, o desenho se torna uma das primeiras formas de expressar emoção, desejo e realidade. A criança precisa se comunicar e expressar sua imaginação, e encontra no papel e no lápis a oportunidade de exteriorizar tudo o que a afeta (COSTA et al., 2017).

Além disso, de acordo com Miguel e Oliveira (2018), o desenho pode expressar diversos significados, como influências, conceitos e princípios que estejam consolidados ou em construção na identidade da criança. A apresentação do desenho a partir da interpretação da criança representa uma atribuição de significados superior à que o adulto poderia obter através de sua avaliação, tendo em vista que a imaginação da criança pode revelar diversas narrativas e sentidos.

Ao término das atividades, as crianças foram convidadas a avaliar a oficina e as dinâmicas propostas através da marcação de imagens que foram confeccionadas em um mural de cartolina. O grau de satisfação, em unanimidade, foi bom. Em decorrência disso, observou-se uma interação maior na segunda oficina, na qual as crianças reproduziam ações de prevenção das arboviroses em suas falas e seus desenhos.

3.3 - 3ª oficina: Construindo a capacidade para a identificação de sinais e sintomas das arboviroses

3.3.1 - Crianças do primeiro turno

Nesta oficina utilizaram-se estratégias distintas. Para as crianças do primeiro turno, procedeu-se à exposição de um vídeo com duração de 5 minutos e 6 segundos a respeito dos sinais e sintomas das arboviroses, com a finalidade de promover nos alunos a capacidade de atentar para casos de dengue, zika e chikungunya. Inicialmente, realizou-se uma dinâmica de socialização entre os alunos. Após o vídeo, utilizou-se a técnica da tempestade de ideias, uma dinâmica na qual as crianças relatam palavras relacionadas a tudo que aprenderam nas oficinas anteriores sobre dengue, zika e chikungunya, por meio do aplicativo Nuvem de Palavras, ou Word Cloud.

Quanto ao uso das ferramentas pedagógicas, que incluíam as ações dos participantes em relação às atividades e aos conteúdos, a nuvem de palavras ajuda na elaboração do conteúdo – a definição de inclusão educacional – e na abordagem do trabalho em grupo. Além disso, observou-se que o planejamento das ações instrucionais formativas deve fornecer aos alunos as ferramentas adequadas para fazerem conexões entre leitura/aprendizagem e entre o que é aprendido individualmente e interpretado coletivamente, para sistematizar a ideia principal (PRAIS; ROSA, 2017).

Em seguida, empregou-se o Marabaixo como instrumento lúdico e interdisciplinar. Foi composta uma paródia sobre arboviroses com a música Marabaixo, de Luiz Gonzaga, construída pelas crianças através de versos que possuíam o ritmo da música local. O Marabaixo é uma manifestação cultural que possui origem em comunidades afrodescendentes do estado do Amapá e expressa os valores da religião e a história do povo negro do local, representando as manifestações religiosas e a herança deixada por seus ascendentes (IPHAN, 2018).

3.3.2 - Crianças do segundo turno

Ainda na terceira oficina, com as crianças do segundo turno, realizou-se a explanação de um vídeo com duração de 5 minutos e 6 segundos a respeito dos sinais e sintomas das arboviroses, com a finalidade de promover nos alunos a capacidade de atentar para casos de dengue, zika e chikungunya. Inicialmente, realizou-se ainda uma dinâmica de socialização entre os alunos.

Nessa brincadeira, os crachás com o nome dos alunos eram colocados dentro de uma caixa; o participante que tirava o crachá com o nome de algum colega deveria fazer um elogio a esse colega ou citar uma qualidade dele. Essa atividade foi desenvolvida como forma de interação lúdica, para promover a aproximação entre os alunos.

Após a dinâmica, os pesquisadores distribuíram desenhos para colorir, os quais consistiam em imagens dos principais sinais e sintomas da dengue. Durante o processo de colorir, a criança utiliza sua criatividade e consegue dar sentido aos desenhos através das cores. As colorações escolhidas pelas crianças são influenciadas pela realidade que elas vivenciam, a qual instiga a representação do seu cotidiano por meio das cores e das formas utilizadas em seus desenhos. A capacidade da criança de relacionar as cores à sua realidade demonstra o avanço no desenvolvimento de suas capacidades de expressão (BOMBONATO; FARAGO, 2016).

Dessa forma, compreende-se que as cores utilizadas para a caracterização de personagens e ambientes construídos pela criança podem representar a percepção acerca da sua realidade, a qual traz aspectos característicos de sua região e sua cultura. Nos desenhos elaborados pelos alunos, notou-se a representação de seus traços étnico-culturais. Isso reforça a importância da aplicação do desenho como uma abordagem eficaz no ensino lúdico; a partir dele, pode-se promover a expressão da imaginação e do pensamento da criança.

Em seguida, a equipe conversou com as crianças e o professor responsável pela turma para a gravação de um vídeo abordando alguns aspectos das arboviroses (dengue, zika e chikungunya). As crianças realizariam a encenação do vídeo. Assim, previamente à gravação, foi enviado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e um Termo de Assentimento para que os pais ou responsáveis autorizassem a participação da criança, atendendo à Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Apenas uma criança não teve autorização dos pais para participar do estudo. O roteiro do vídeo foi elaborado previamente pelos pesquisadores, adotando-se uma linguagem simples e acessível para facilitar a fala das crianças durante as gravações.

Após a gravação, o vídeo foi editado e disponibilizado na plataforma digital YouTube. O vídeo tem duração de 1 minuto e 2 segundos e aborda assuntos como: o que são a dengue, a zika e chikungunya; como é sua transmissão, seus sinais e seus sintomas; quais são as ações de prevenção. Posteriormente, o vídeo foi apresentado em sala de aula para as crianças. Elas demonstraram felicidade e entusiasmo ao assistirem às suas participações no vídeo.

4 - Considerações finais

A pesquisa permitiu identificar que as crianças quilombolas participantes deste estudo foram protagonistas na construção de conhecimentos sobre as arboviroses, e as estratégias lúdicas utilizadas pelos pesquisadores foram um mecanismo importante para esse processo de ensino-aprendizagem.

As estratégias lúdicas, como vídeos, quebra-cabeças, desenhos, danças, músicas, dentre outros, contagiaram as crianças no sentido de favorecerem o entendimento sobre temas complexos que envolvem as arboviroses, como a morfologia do vetor, seus modos de transmissão e reprodução e os sinais e sintomas de dengue, zika e a chikungunya.

O saber quilombola foi visibilizado, construindo-se conhecimento por meio da sua música e dança – no caso, com o Marabaixo. Nesse ambiente cultural, foi possível produzir conhecimento acadêmico e científico sobre as arboviroses tendo as crianças em uma posição de aprendizado, mas também de ensino.

Este estudo, portanto, evidenciou a relevância do uso de estratégias lúdicas como instrumento de ensino que potencializou e viabilizou o ensino e o aprendizado de crianças quilombolas. Por conseguinte, traz possibilidades para que outros estudos sejam desenvolvidos, abordando as estratégias lúdicas como mecanismo que favorece o aprendizado, não retirando do ensino sua característica primária.

Referências

ADONA, Claudia Piscinini; VARGAS, Christine Lima. O quebra-cabeça como possibilidade de ensino-aprendizagem na disciplina de Educação Física. In: PARANÁ. Secretária de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. 2013. Curitiba: SEED/PR, v. 1. (Cadernos PDE) Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_edfis_artigo_claudia_aparecida_piscinini.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2022.

BATAGLION, Giandra Anceski; MARINHO, Alcyane. O lúdico em contexto de saúde: inter-relações com as práticas humanizadas. *Motrivivência – Revista de Educação Física, Esporte e Lazer*, Florianópolis, v. 31, n. 1-19, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2175-8042.2019e54349>>.

BOMBONATO, Giseli Aparecida; FARAGO, Alessandra Côrrea. As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos. *Caderno de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 171-196, 2016. Disponível em: <<https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/30042016104546.pdf>>.

COSTA, Ana Maria de Oliveira da et al. A importância do desenho na educação infantil I. *Anais do Congresso de Iniciação Científica Estágio e Docência do Campus Formosa: Prática Pedagógica e a Formação Docente: Teoria e Realidade*, Goiás, v. 2, p. 1-12, 2017. Disponível em: <<https://anais.ueg.br/index.php/ciced/article/view/10428>>. Acesso em: 27 fev. 2022.

COSTA, Maria Tereza Teles Coelho Aguilar et al. Lúdico como tecnologia educativa para envolvimento de acompanhantes na segurança do paciente pediátrico: estudo qualitativo. *Texto e Contexto – Enfermagem*, v. 30, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0651>>.

FLORENTINO, Raiane. Jogo da memória sobre mapas temáticos – uma forma divertida de aprender geografia. *Revista Brasileira de Cartografia*, Minas Gerais, v. 69, n. 9, p. 1769-1781, 2018. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/revistabrasileiracartografia/article/view/44092>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

IPHAN. Dossiê de Registro Marabaixo. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARABAIXO.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2022.

LOPES, Nadja Caroline Bezerril et al. Abordagens lúdicas e o enfrentamento do tratamento oncológico na infância. *Revista Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 28, e53040, p. 1-7, 2020. Disponível em: <<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/01/1146547/abordagens-ludicas-53040-pt.pdf>>.

MARTINELLO, Ana Caroline; GIACOMAZZO, Graziela Fátima. As contribuições da linguagem audiovisual nas práticas educativas na educação infantil. *Saberes Pedagógicos – Revista do Curso de Graduação de Pedagogia – UNESC*, Santa

Catarina, v. 4, n. 3, p. 21-39, 2020. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/pedag/article/viewFile/6197/5433>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

MIGUEL, Gilvone Furtado; OLIVEIRA, Nilda Jaqueline Rodrigues. O uso do desenho para a aprendizagem na educação infantil. Revista Acadêmica Multitemática do IESA, Mato Grosso, v. 1, n. 2, p. 105-117, 2018. Disponível em: <<https://revista.institutoiesa.com/wp-content/uploads/2020/10/10-O-USO-DO-DESENHO-PARA-A-APRENDIZAGEM-NA-EDUCACAO-INFANTILNILDA-JAQUELINE.pdf>>.

PRAIS, Jacqueline Lidiane de Souza; ROSA, Vanderley Flor da. Nuvem de palavras e mapa conceitual: estratégias e recursos tecnológicos na prática pedagógica. Nuances – Estudos sobre Educação: estudos sobre educação, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 201-219, 2017. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/4833>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

PRUDÊNCIO, Luzilena de Sousa. Itinerários terapêuticos de quilombolas: um olhar bioético sobre a atenção e o cuidado à saúde. 273 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/178311/347117.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

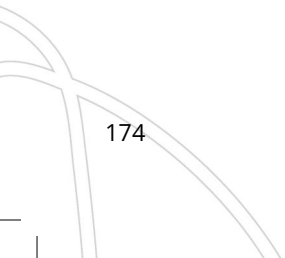
RODRIGUES, Sabrina Alessandra et al. Educação em saúde em comunidades quilombolas. Revista Gaúcha de Odontologia, Porto Alegre, v. 59, n. 3, p. 445-451, 2011. Disponível em: <http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-86372011000400014>. Acesso em: 27 fev. 2022.

SANTOS, Antonio Carlos dos; ANDRADE, Ivanilza Moreira de. A educação em saúde ambiental como estratégia no combate às arboviroses: experiência realizada na comunidade quilombola Canto Fazenda Frade, município de Oeiras, Piauí, Brasil. Archives of Health, v. 1, n. 5, p. 210-224, 2020. Disponível em: <<https://latinamericanpublicacoes.com.br/ojs/index.php/ah/article/view/74>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SANTOS, Daniel Batista Conceição dos et al. Educação em saúde: combate ao *Aedes aegypti* em comunidade quilombola. Revista Enfermagem Atual, v. 89, n. 27, 2019. Disponível em: <<https://www.revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/406>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SIQUEIRA, Samylla Maira Costa et al. Atividades extensionistas, promoção da saúde e desenvolvimento sustentável: experiência de um grupo de pesquisa em enfermagem. Escola Anna Nery, v. 21, n. 1, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/8JpTVtG3kzhMQPSNH6pnbMm/?lang=pt#>>. Acesso em: 20 de fev. 2022.

SOUZA, Márcia Lúcia Anacleto de. Crianças quilombolas: sujeitos (in)visíveis nas “dobras do impossível”. Linha Mestra, v. 10, n. 30, p. 1465-1469, 2016. Disponível em: <<https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/814/744>>. Acesso em 20 fev. 2022.



Comunicação e Saúde: experiências locais do controle das arbovirozes em Palmas

Communication and Health: local experiences of arbovirus control in Palmas

Cynthia Mara Miranda

Pós-doutora em Comunicação pela UFMG. Professora associada do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e líder do grupo de pesquisa Comunicação, Direitos e Igualdade (CODiG).
cynthiamara@uft.edu.br

Keila Fernandes Santos

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da UFT. Graduada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa pelo Centro Universitário da Fundação Educacional Guaxupé (Unifeg) e integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Direitos e Igualdade (CODiG).
fernandesantos.keila@gmail.com

Cristiano Alves Viana

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da UFT. Graduado em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) pela UFT e integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Direitos e Igualdade (CODiG).
cristianoviana.br@gmail.com

Resumo

No campo das arbovirozes (dengue, zika e chikungunya), estimular o uso de evidências científicas nas ações de comunicação para a promoção da saúde favorece a prevenção e o combate a essas doenças junto à população. Nessa direção, o presente relato de experiência é resultado do Projeto ArboControl Brasil, realizado em Palmas-TO. Para o desenvolvimento da proposta, foi realizado diagnóstico das ações de prevenção e combate das arbovirozes do município de Palmas, e foram coletados os resultados de duas oficinas junto aos sujeitos participantes nas ações estratégicas do projeto para o desenho de estratégias de comunicação voltadas aos/às usuários/as do Sistema Único de Saúde (SUS). Palavras-chave: Comunicação; Saúde; Arbovirozes; Palmas.

Abstract

In the field of arboviruses (dengue, zika and chikungunya) encouraging the use of scientific evidence in communication actions for health promotion favors their prevention and combat with the population. In this direction, the present experience report is the result of the ArboControl Brasil Project carried out in Palmas-TO. For the development of the proposal, a diagnosis of the prevention and combat actions of arboviruses in the municipality of Palmas was carried out and the results of two workshops were collected with the subjects participating in the strategic actions of the project for the design of communication strategies for users of the Unified Health System (SUS). Keywords: Communication. Health. Arboviruses. Palmas.

1 - Introdução

O acesso à saúde diz respeito à garantia dos direitos humanos e sociais. Se a concepção contemporânea de direito nos leva a crer que os direitos humanos e sociais são indissociáveis, indivisíveis e correlacionados, podemos afirmar que comunicação e saúde são campos afins e inseparáveis, estando o acesso à saúde diretamente relacionado ao acesso e à prática da comunicação. Em outros termos, o direito à saúde só pode ser plenamente exercido pelos indivíduos e pela coletividade se o direito à comunicação também lhes for assegurado.

O acesso a recursos infocomunicacionais (informação e tecnologias da comunicação) pode potencializar a promoção da saúde e a prevenção de doenças (GARCÍA DEL CASTILLO et al., 2020; RANA; ALAM; GOW, 2020). Com o contexto de crise na saúde global decorrente da pandemia da covid-19 e suas variantes, que se espalharam pelo mundo, esses recursos assumem um papel ainda mais central para divulgar medidas de prevenção e popularizar o debate científico sobre o tema.

No campo das arboviroses (dengue, zika e chikungunya), foco do presente relato de experiência, estimular o uso de evidências científicas nas ações de educação, informação e comunicação para a promoção da saúde facilita a adoção e o compartilhamento ou a consolidação de comportamentos favoráveis da população para o combate e a prevenção de riscos e outros agravos provocados pelas referidas arboviroses.

Nessa direção, as reflexões que serão apresentadas a seguir são resultado da participação das autoras e do autor do relato de experiência no Projeto Integrado ArboControl Brasil, no Componente 3, voltado para

ações em educação, informação e comunicação, por meio da coordenação estadual no estado do Tocantins.

Para o desenvolvimento da proposta, partimos para a apresentação do contexto em que a pesquisa foi aplicada no estado do Tocantins, com foco, especificamente, no município de Palmas, trazendo dados populacionais, ambientais, culturais e epidemiológicos. Na sequência, será apresentada uma sistematização do diagnóstico realizado com ênfase nas ações de prevenção e combate às arboviroses no município de Palmas e o relato de experiência de duas oficinas junto aos sujeitos participantes/envolvidos direta e/ou indiretamente nas ações estratégicas do projeto, com mediação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para o desenho de estratégias de informação voltadas aos/às usuários/as do Sistema Único de Saúde (SUS).

A estratégia metodológica adotada foi a análise qualitativa (YIN, 2016), mediante o levantamento documental das ações da Secretaria Municipal de Saúde de Palmas voltadas à prevenção e ao controle das arboviroses no período de julho de 2021 até janeiro de 2022, além da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2008), materializada na realização de duas oficinas para desenho de estratégias de informação direcionadas aos/às usuários/as do SUS. Por fim, apresentamos algumas considerações sobre a importância das ações coordenadas em educação, informação e comunicação para a promoção da saúde voltadas ao controle das arboviroses.

2 - Dados populacionais, ambientais, culturais e epidemiológicos do município de Palmas

O Tocantins, estado mais novo da Federação brasileira, foi criado com a promulgação da Constituição de 1988, a partir do desmembramento do antigo norte de Goiás. A capital, Palmas, foi fundada em 20 de maio de 1989, após a criação do Tocantins pelo governador José Wilson Siqueira Campos, que contratou um projeto arquitetônico e urbanístico para a construção da cidade. Esta começou a ser construída pelos trabalhadores que vieram do interior do Tocantins e de vários outros estados do país. A partir do dia 1º de janeiro de 1990, com o avanço da sua construção, Palmas passou a ser a capital definitiva do estado.

Segundo dados estimados da população residente no Brasil e unidades da federação produzidos pelo IBGE (2021), a capital possui cerca de 313.349

habitantes. A capital se destaca por apresentar uma formação multicultural e de diversidade étnica significativa. Segundo Lima et al. (2018),

[a] contribuição das regiões brasileiras na formação da população de Palmas, segundo dados do Censo Demográfico do IBGE para o ano de 2010, foi capitaneada pela própria Região Norte com 56,7% dos imigrantes. A Região Nordeste contribuiu com 21,5%, destacando-se o Estado do Maranhão. As demais regiões, Sudeste, Sul e Centro-Oeste, contribuíram, respectivamente, com, aproximadamente, 5,9%, 2,2% e 12,6%. Claramente se destaca a migração interna e, logo em seguida, a migração das regiões fronteiriças. Ainda segundo dados do IBGE, Palmas foi a capital com a maior taxa de crescimento anual da população (5,21%), muito em função da migração. (LIMA et al., 2018, p. 137)

Abordar a identidade cultural de Palmas, nesse sentido, é algo muito complexo, tendo em vista o seu acentuado e diversificado fluxo migratório, composto por indivíduos que trazem do lugar de origem culturas de diversas raízes, somando-se a isso o seu pouco tempo de existência (32 anos). Palmas reúne uma miscelânea de elementos mesclados entre símbolos da cultura tradicional e da cultura moderna, que fomentam uma transformação sociocultural nos indivíduos (BEZERRA, 2013).

O município apresenta uma área composta por 2.219 km², e seu relevo é caracterizado pelas Serras do Carmo e do Lajeado, sendo que a cidade se mantém em uma planície entre a serra e o lago represado formado pela Usina Hidrelétrica de Lajeado. O Rio Tocantins é o principal rio que banha o município de Palmas.

Palmas, uma cidade planejada, foi construída a partir de um projeto (plano diretor); entretanto, com o crescimento populacional e ações do governo estadual que modificaram o plano diretor original, surgiram problemas. Para Bazoli (2019), houve um modelo de ocupação desordenado de Palmas, baseado em interesses políticos e imobiliários, com controle estatal sobre as terras comercializadas e/ou distribuídas de maneira aleatória aos critérios técnicos.

Na mesma direção, Reis (2010) pontua que os grandes vazios urbanos ainda presentes na capital à espera de valorização imobiliária são reflexo do desenfreado processo de especulação imobiliária por que a cidade vem passando desde o início de sua construção. Para Oliveira e Bessa (2015), com a expansão irregular da capital,

Pela ação do próprio governo estadual, ocorreu o desvirtuamento do projeto original, resultando na implantação parcial do que fora projetado, bem como na expansão da mancha urbana, com a formação de periferias,

distantes da área central, permeadas por grandes vazios urbanos, quer dizer, por terras urbanas destinadas para fins de edificação, mas que permanecem vazias à espera de valorização. (OLIVEIRA; BESSA, 2015, p. 16)

Os vazios urbanos da capital resultam no aumento dos gastos públicos com infraestrutura e serviços como saneamento básico, drenagem pluvial e coleta de lixo, serviços esses que, ofertados em toda a extensão territorial do município, poderiam atuar diretamente no controle das arboviroses.

Conforme destacado por Gonçalves et al. (2019), o estado do Tocantins e consequentemente Palmas estão inseridos na área da Amazônia Legal, portanto apresentam aspectos ambientais e socioeconômicos favoráveis ao desenvolvimento do vetor *Aedes aegypti*. A área é considerada endêmica, com riscos evidentes de novas epidemias.

O clima predominante em Palmas é o tropical, caracterizado por apresentar duas estações definidas durante o ano: estação chuvosa no verão, de novembro a abril, e estação seca no inverno, de maio a outubro. Na longa estação chuvosa, observa-se propensão para a infestação do mosquito, que encontra condição favorável para seu desenvolvimento em decorrência do acúmulo de água parada em lixos nas ruas e nos quintais, com grande extensão de terrenos baldios sujos.

O espaço urbano fragmentado da capital, constituído, de um lado, pela área coberta pelo plano diretor e, do outro lado, pela área em que foram formadas as periferias distantes da área central da cidade, é um retrato atual da desigualdade social que expulsa a população pobre para as periferias.

Mesmo com as implicações da fragmentação do espaço urbano da capital aqui relatadas, no que se refere aos desafios da gestão dos municípios brasileiros em várias áreas, como educação, saneamento e saúde, o ranking produzido pelo Connected Smart Cities e Mobility (2021) colocou Palmas em 39º lugar no indicador saúde, que diz respeito a oferta de leitos, profissionais qualificados, cobertura de atendimento, investimentos públicos no setor e mortalidade infantil. O ranking Connected Smart Cities (2021) contemplou dados e informações de todos os municípios brasileiros com mais de 50 mil habitantes, totalizando 677 cidades.

De acordo com levantamento documental realizado pela equipe do Projeto ArboControl (Tocantins), atualmente a capital apresenta 100% de cobertura pela atenção básica, formada por 85 equipes de saúde da família, 34 unidades de saúde, 482 agentes comunitários de saúde, 75 equipes de saúde bucal, 85 agentes de combate às endemias (dedicados ao combate das arboviroses), 15 supervisores de área e 3 supervisores gerais vinculados à Unidade de Vigilância e Controle de Zoonoses (UVCZ). Embora a cobertura dos serviços de atenção básica seja ampla, o quantitativo de agentes de

combate às endemias tem se mostrado insuficiente para tirar o município da posição de endêmico para as arboviroses.

Conforme dados dos boletins epidemiológicos fornecidos pela Secretaria Municipal da Saúde de Palmas referentes ao período de janeiro a dezembro de 2021, houve um total de 7.558 casos notificados (suspeitos) de arboviroses, sendo 6.964 casos notificados de dengue; 308 casos notificados de chikungunya; e, por fim, 286 casos notificados de zika. Dos casos notificados de arboviroses, 3.822 foram confirmados pelas unidades de saúde do município de Palmas, sendo 3.782 casos confirmados de dengue, 26 casos confirmados de chikungunya e 14 casos confirmados de zika. Os dados destacados da capital no ano de 2021 apontam para o avanço da incidência das arboviroses na população e também para a imprecisão sobre o número de casos confirmados, já que, do universo de 7.558 casos notificados, apenas 3.882 (50,5%) foram confirmados pelas unidades de saúde. Destaca-se ainda que a subnotificação se deve ao fato de que muitas pessoas não procuram a rede de saúde para receber o diagnóstico.

Já na primeira quinzena de 2022, o alto índice de infestação do mosquito da dengue em Palmas levou a UVCZ a planejar ações de borrifação de inseticida de ultrabaixo volume, os chamados carros fumacê, em 40 quadras e bairros da capital.

O número de casos notificados e confirmados até a primeira quinzena de fevereiro de 2022 revelam um crescimento ainda maior em relação ao ano anterior. O Boletim de Monitoramento das Arboviroses da Secretaria Municipal da Saúde de Palmas (semana epidemiológica 06) traz os dados acumulados desse período e demonstra que já são 6.305 os casos notificados (suspeitos) de arboviroses, sendo 6.058 casos notificados de dengue, 169 casos notificados de chikungunya e 78 casos notificados de zika. Considerando o número de casos confirmados de arboviroses desse período, Palmas contabiliza 1.670, dos quais 1.650 são de dengue, 19 de chikungunya e 1 de zika.

Nessa direção, cabe destacar que os dados epidemiológicos são reflexo das relações entre espaço urbano, questões ambientais, aspectos demográficos, culturais e socioeconômicos, que interferem na compreensão e na prevenção de muitas doenças e, assim, merecem constante atenção da gestão pública. A seguir, será apresentado o levantamento de algumas ações para o controle das arboviroses no município de Palmas.

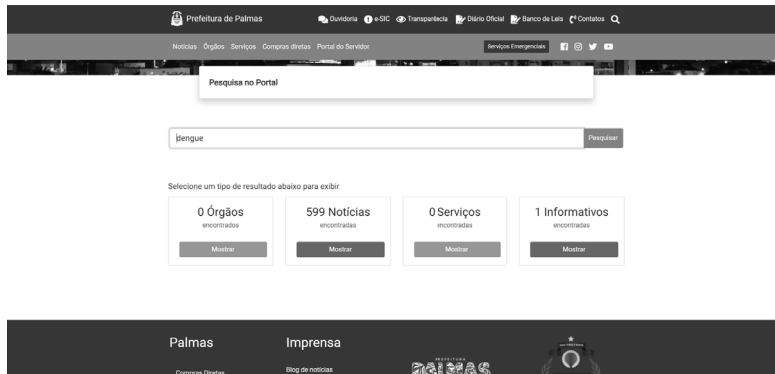
3 - Informação e comunicação para o controle das arboviroses em Palmas

Ao longo do segundo semestre de 2021, a equipe ArboControl (Tocantins) realizou o levantamento das ações de prevenção e combate às arboviroses do município de Palmas no site institucional da Prefeitura de Palmas. A escolha do mapeamento no site levou em consideração que ele é uma das ferramentas da gestão pública para garantir a transparência das informações, permitindo que cidadãos e cidadãs possam acessá-las. A intenção inicial da equipe era realizar o levantamento no site da Secretaria Municipal de Saúde para coletar dados como boletins epidemiológicos, relatórios de ações, atas de reuniões, cartilhas etc., mas isso não foi possível. Os problemas identificados no site, no que diz respeito à falta de acessibilidade das informações e navegabilidade, tornaram o levantamento inviável. O site da Semus apresenta 19 temas destacados na página inicial, e um deles é “Vigilância Sanitária”.

Cada tema está interligado a um link que direciona para uma nova janela relacionada ao assunto em destaque. As informações sobre prevenção e combate às arboviroses estão relacionadas com a área da vigilância sanitária; contudo, ao se clicar no link relacionado ao referido tema, não há nenhuma informação disponível, apenas um campo para inserção do CPF/CNPJ, o qual aparenta ser um campo para buscar informações de empresas que possivelmente disponibilizam serviços para a referida pasta.

Com a inviabilidade de realizar o mapeamento das informações sobre prevenção e combate às arboviroses no site da Semus, a equipe concentrou a procura das informações no site geral da Prefeitura de Palmas, que também apresentou limitações para busca de documentos sobre as ações de prevenção e combate às arboviroses. Diferente do site da Semus, em que não havia ferramenta para busca, o site da prefeitura disponibiliza a lupa para buscas, e, assim, utilizando-se a palavra-chave “dengue”, alcançaram-se 588 notícias, 1 informativo e nenhum documento sobre ações de prevenção e combate às arboviroses do município de Palmas.

Figura 1 – Pesquisa sobre dengue



Fonte: Captura da tela da ferramenta de busca do site institucional da Prefeitura de Palmas

O volume acentuado de notícias é decorrente da impossibilidade de aplicar ferramentas de filtragem por ano: a busca capturou notícias produzidas pela equipe da Semus. Mediante o resultado da busca, a equipe ArboControl (Tocantins) procedeu ao mapeamento das ações voltadas para prevenção e combate às arboviroses noticiadas. Contudo, limitamos o recorte temporal à análise das notícias publicadas no segundo semestre de 2021 e no mês de janeiro de 2022, período que corresponde à realização da pesquisa ArboControl no estado do Tocantins.

A gestão da informação e comunicação é uma estratégia imprescindível no controle das arboviroses dengue, zika e chikungunya, e, se a população não tem acesso a ela, não pode se beneficiar mais amplamente das ações em saúde. A disponibilização de informações diversificadas, além de notícias (cartilhas, boletins epidemiológicos, atas de reuniões, relatórios) sobre as arboviroses, nessa direção, pode contribuir para a instrução da população.

Como preconizado pela Lei nº 12.527 de 2011, a administração pública deve assegurar ao cidadão o direito fundamental de acesso à informação, divulgando informações de interesse público, independentemente de solicitações.

Para possibilitar o acesso a ferramentas de busca mais precisas, optou-se por direcionar a busca no site Google. Pelo Google, foi possível filtrar o ano de publicação das notícias e especificar o domínio relacionado à Prefeitura de Palmas, o que garantiu maior precisão. Foram selecionadas 27 notícias, conforme quadro abaixo:

Quadro 1 – Relação de notícias no site da Semus

Data	Notícia
28/01/2022	Blitz educativa chama a atenção da população quanto ao combate ao mosquito <i>Aedes aegypti</i> – Prefeitura Municipal de Palmas (TO)
28/01/2022	Ação da FMA retira cerca de 50 pneus de praça da Capital – Prefeitura Municipal de Palmas (TO)
25/01/2022	Blitz educativa chama a atenção da população quanto ao combate ao mosquito <i>Aedes aegypti</i>
24/01/2022	Saúde Municipal realiza blitz educativa sobre eliminação do <i>Aedes aegypti</i> nesta terça, 25
21/01/2022	Carro fumacê continua com suas atividades de borrifacção neste final de semana em bairros de Palmas
21/01/2022	Em continuidade às ações contra o <i>Aedes aegypti</i> , Vigilância Sanitária inspeciona estabelecimentos públicos e comerciais
19/01/2022	Prefeitura de Palmas reforça combate ao <i>Aedes aegypti</i> com fumacê
19/01/2022	Agentes visitam casas para detectar focos da dengue em Palmas

14/01/2022	<p>Maior parte dos criadouros do <i>Aedes aegypti</i> em Palmas é removível e está nos domicílios, aponta Saúde Municipal</p>
11/01/2022	<p>Prefeitura de Palmas intensifica ações de combate ao <i>Aedes aegypti</i> em toda a Capital</p>
05/01/2022	<p>Para conter focos da Dengue, UVCZ realiza ingresso forçado em construção abandonada</p>
28/12/2021	<p>Semus orienta sobre quando procurar UPA ou Unidade de Saúde em casos de suspeita de dengue – Prefeitura Municipal de Palmas (TO)</p>
20/12/2021	<p>Palmas usa novo larvicida no combate e controle do <i>Aedes aegypti</i> – Prefeitura Municipal de Palmas (TO)</p>
15/12/2021	<p>Saúde de Palmas mobiliza população em blitz educativa sobre prevenção da dengue – Prefeitura Municipal de Palmas (TO)</p>
26/11/2021	<p>Saúde orienta sobre cuidados com a dengue no período chuvoso – Prefeitura Municipal de Palmas (TO)</p>
25/11/2021	<p>Blitz informativa e divulgação de resultado de concurso marcam encerramento da semana de mobilização contra a dengue – Prefeitura Municipal de Palmas (TO)</p>

22/11/2021	Mobilização do Dia D contra a dengue inclui blitz informativa e concurso de audiovisual – Prefeitura Municipal de Palmas (TO)
21/11/2021	Prefeitura de Palmas leva ação contra a dengue para escolas a partir do dia 22 de novembro – Prefeitura Municipal de Palmas (TO)
18/11/2021	Prefeitura de Palmas inicia 'Capacitação em Manejo Clínico das Arboviroses com ênfase em Dengue' – Prefeitura Municipal de Palmas (TO)
16/11/2021	Prefeitura de Palmas leva palestra sobre conscientização da dengue a escolas municipais – Prefeitura Municipal de Palmas (TO)
15/11/2021	Saúde e Educação lançam campanha de combate à dengue na rede municipal de ensino de Palmas – Prefeitura Municipal de Palmas (TO)
03/11/2021	Beneficiários do Cras Morada do Sol recebem orientações de combate à dengue – Prefeitura Municipal de Palmas (TO)
03/11/2021	Agentes de endemias intensificam ações de combate ao <i>Aedes aegypti</i> e ao mosquito palha – Prefeitura Municipal de Palmas (TO)
16/09/2021	Técnicos de controle de endemias serão capacitados para o uso de novo larvicida contra o <i>Aedes aegypti</i>

09/09/2021	Especialista alerta sobre diferenças entre os sintomas da dengue e da covid-19 – Prefeitura Municipal de Palmas (TO)
23/08/2021	Agentes da Semus fazem entrada forçada em residências para combater o mosquito <i>Aedes aegypti</i> – Prefeitura Municipal de Palmas (TO)
14/07/2021	Médicos da Semus são orientados sobre manejo clínico de casos suspeitos e confirmados de dengue em Palmas

Fonte: Elaborado pelos/as autores/as

Conforme destacado no quadro, no mês de julho de 2021 foi publicada uma notícia a respeito da capacitação de médicos que atuam nas Unidades de Saúde da Família (USF) sobre o manejo clínico de pacientes suspeitos e confirmados para a enfermidade. A capacitação foi realizada pela Secretaria Municipal de Saúde (Semus) por meio da Atenção Primária e da Vigilância em Saúde.

No mês de agosto, foi publicada uma notícia sobre fiscalização de residências irregulares, com a entrada forçada em residências por meio de denúncias de infestação do mosquito *Aedes aegypti*.

No mês de setembro de 2021, foram publicadas duas notícias: uma sobre a diferença entre os sintomas da dengue e da covid-19 e outra sobre a capacitação técnica realizada pela UVCZ para 113 agentes de combate às endemias no uso de novo larvicida para controle do mosquito *Aedes aegypti*.

No mês de outubro, a Secretaria Municipal de Saúde não publicou nenhuma notícia sobre as arboviroses. No mês de novembro, foram publicadas nove notícias, que versaram sobre ações de combate às arboviroses, com intensificação de visita aos imóveis, em razão do período chuvoso; orientação para a população com palestra em Centro de Referência de Assistência Social (Cras); campanha de mobilização de combate à dengue nas escolas municipais; mobilização do “Dia D”; e blitz informativa com divulgação do resultado do concurso de vídeos acerca do tema combate à dengue.

No mês de dezembro de 2021, foram publicadas três notícias que destacam ações de mobilização da população, com blitz educativa; orientação para que a população buscasse uma unidade de saúde em casos de suspeita de dengue; e informação para a população sobre o novo larvicida utilizado pela Semus para combater e controlar o *Aedes aegypti*.

Janeiro de 2022, que coincidiu com o aumento de casos das arboviroses na capital, foi o mês de um número amplo de notícias publicadas: nove. As notícias abordaram ações de combate; a intensificação das visitas dos agentes de endemia para detectar focos de dengue em residências, estabelecimentos comerciais e públicos; a aplicação de fumacês para combater o *Aedes aegypti*; e blitz educativas para orientar a população.

As informações contidas nas notícias selecionadas permitem algumas reflexões. É possível observar que o município de Palmas-TO, em seu site institucional, busca contato com a população por meio quase exclusivamente de sua assessoria de comunicação, a qual realiza grande parte das ações de comunicação de combate ao vetor. Em análise das notícias do período estabelecido, um total de 18 notícias veiculadas busca a divulgação de ações dos agentes políticos e de saúde em relação ao combate às arboviroses, como capacitação técnica e fiscalização dos agentes de endemias em vistoria de imóveis, a inspeção da Vigilância Sanitária (Visa) em órgãos públicos e privados e os trabalhos com o carro do fumacê; um total de 8 divulga ações de agentes de comunicação intersetorial ligadas à mobilização social, como palestras em escolas, “Dia D” contra a dengue, blitz informativa e concurso audiovisual; já campanhas publicitárias foram citadas uma única vez.

Sobre a realização dos Planos de Comunicação, Mobilização e Publicidade de Ações, a Semus intensificou suas atividades de assessoria de comunicação nos meses de dezembro de 2021 e janeiro de 2022 e suas atividades de comunicação intersetorial e mobilização social nos meses de novembro de 2021 e janeiro de 2022; isso talvez seja um indicativo de período epidêmico, podendo ser considerado como nível 2 ou 3 (conforme orientações do Plano de Contingência Nacional para Epidemias de Dengue, 2015).

Já os meses de agosto de 2021, com a divulgação de “entrada forçada de agentes da Semus em residências”; novembro de 2021, com a divulgação de que o bairro “Morada do Sol” foi alvo de campanhas de orientação de combate à dengue; e, por fim, dezembro de 2021, com a divulgação de “espaços médicos” para atendimento à população, indicam que a população de Palmas ainda resiste à colaboração para o combate ao vetor em períodos não chuvosos. Durante o período chuvoso (meses de novembro e dezembro), a Semus intensifica o seu trabalho de conscientização, focando a população palmense mais afetada com trabalhos localizados (bairro Morada do Sol), e não somente com campanhas sem público-alvo definido.

4 - Desenho de estratégias de informação sobre prevenção e combate às arboviroses para os/as usuários/as do SUS

No mês de julho, a equipe ArboControl (Tocantins) realizou o levantamento de atores sociais para apresentação do projeto de pesquisa e articulação para a realização da primeira oficina no estado. Nesse primeiro mapeamento, foram selecionadas as seguintes organizações: Associação Brasileira de Enfermagem/Tocantins (ABEn-TO), Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde/Tocantins (Aneps-TO), Conselho Municipal de Saúde de Palmas, Federação das Associações Comunitárias e de Moradores do Tocantins (Facomto), Unidade de Vigilância e Controle de Zoonoses de Palmas (UVCZ), Defensoria Pública do Estado do Tocantins (DPE-TO). No dia 29 de julho, às 17h, pela plataforma Google Meet, foi realizada a primeira reunião on-line para apresentação da pesquisa a parceiros em Palmas. Informações sobre a prevenção e o combate das arboviroses em Palmas puderam ser levantadas a partir do relato de cada participante. Cada instituição presente relatou as ações realizadas, e foram apontadas as limitações da gestão municipal para uma ação mais eficaz e ampla na área das arboviroses em todas as regiões do município.

Um dos consensos apresentados na reunião sobre o tema foi a necessidade de produção de um conteúdo em saúde mais acessível para a população, utilizando canais como o aplicativo WhatsApp e outras redes sociais. Depois da apresentação da pesquisa e do diálogo com os participantes, ficou estabelecida a data de 13 de setembro para a realização da primeira oficina, e, como desdobramento da primeira oficina, a equipe ArboControl (Tocantins) decidiu realizar uma segunda oficina voltada ao público jovem e secundarista no dia 25 de novembro de 2021. A seguir será apresentada uma síntese dos resultados.

4.1 - Oficina 1

A oficina 1 foi realizada na modalidade on-line no dia 13 de setembro, das 14h18min às 15h26min, pela plataforma virtual Google Meet, com a presença da equipe ArboControl (Tocantins) e a participação de sujeitos de entidades envolvidas direta e/ou indiretamente nas ações estratégicas do projeto: um representante do Núcleo de Saúde da Defensoria Pública do Estado do Tocantins, dois representantes da Federação das Associações Comunitárias de Moradores do Tocantins (Facomto), um representante da

Associação Brasileira de Enfermagem – Regional Tocantins e da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (Tocantins).

A oficina foi dividida em cinco etapas: (a) etapa 1 – apresentação da equipe do projeto e explicação sobre a dinâmica da oficina; (b) etapa 2 – exibição de um vídeo de 5 minutos com teor informativo sobre as arboviroses; (c) etapa 3 – exibição de um bloco de quatro vídeos sobre prevenção e combate às arboviroses, sendo o primeiro de enfoque testemunhal, o segundo com foco na mobilização social, o terceiro sobre controle social e o quarto e último vídeo com teor mais emocional; (d) etapa 4 – encerramento da oficina; (e) etapa 5 – avaliação da oficina e sugestões dos participantes.

O material selecionado para utilização na oficina, descrito no quadro abaixo, foi recortado de campanhas publicitárias do Ministério da Saúde sobre prevenção e combate às arboviroses.

Quadro 2 – Vídeos de campanhas informativas

Descrição do vídeo	Período de realização	Duração
Vídeo 1 – It's SEG Company	Ano de 2015	5'6"
Vídeo 2 – Campanha de combate a dengue, zika e chikungunya (vídeo testemunhal)	1º Governo Dilma Rousseff	28"
Vídeo 3 – Campanha de combate a dengue, zika e chikungunya (mobilização social)	1º Governo Dilma Rousseff (Dia D de combate a dengue e chikungunya)	30"
Vídeo 4 – Campanha de combate a dengue, zika e chikungunya (controle social)	2º Governo Dilma Rousseff (Participação voluntária do médico Drauzio Varella)	29"
Vídeo 5 – Campanha publicitária com o slogan "Um mosquito pode prejudicar uma vida. E o combate começa por você. Faça sua parte e converse com seu vizinho"	Governo Michel Temer Participação de pessoas comuns: - Rosineide Mota – PE (perdeu a filha para a dengue); - Luciano Alencastro – CE (professor que sofre de chikungunya); - Suzana Lima – Recife-PE (perdeu uma filha para a zika)	1'29"

Fonte: Elaborado pelos autores

Ao longo da oficina, foi realizado um levantamento do conhecimento empírico dos participantes sobre as arboviroses, e pôde-se notar que, em razão de serem sujeitos envolvidos direta ou indiretamente com o assunto, eles demonstraram ter conhecimento sobre as formas de prevenção e combate às arboviroses. Além disso, participantes relataram ter promovido e/ou participado de atividades relacionadas em suas entidades.

Durante a exibição, os presentes dialogaram sobre a qualidade, o formato e a possibilidade de alcance dos vídeos para distintos públicos. O primeiro vídeo, mais informativo, com duração de 5 minutos, foi apontado como um vídeo completo, instrutivo e mais adequado para ser exibido em contexto educacional (sala de aula).

A partir da discussão dos vídeos pelos participantes, verificaram-se os seguintes posicionamentos relacionados ao tamanho da mídia: vídeos longos não alcançam a comunidade a que pertencem os líderes, mas vídeos menores que podem ser vistos pelo aparelho de celular têm maior alcance, via rede social. Sobre a acessibilidade, houve somente uma única manifestação, acerca do vídeo de enfoque testemunhal (vídeo 2), relatando que sua linguagem seria a mais apropriada a ser utilizada, visto ser concisa e direta. Com relação ao formato ideal de mídia, os relatos disseram respeito mais ao tamanho ideal para postagem em redes sociais do que à tipologia do texto a ser produzido. Houve manifestação a respeito da necessidade de veiculação de podcasts e da produção de uma série de cápsulas para postagem sequencial em rede social. Sobre a utilização de personalidades reconhecidas na área da saúde para a realização da campanha, a proposta foi aceita e elogiada, mas também se levantou a sugestão de convidar alguém com reconhecimento regional, e não somente nacional. E, por fim, sobre a utilização do apelo emocional nas campanhas, a ideia não agradou a nenhum dos participantes.

4.2 - Oficina 2

A equipe ArboControl (Tocantins), após a avaliação da primeira oficina, decidiu planejar a realização de uma segunda oficina, voltada para o público de estudantes secundaristas. O objetivo da mudança do público-alvo da oficina foi captar a percepção dos jovens sobre as informações institucionais fornecidas pelo Ministério da Saúde para o controle e o combate das arboviroses. A oficina foi realizada das 8h30min às 10h do dia 25 de novembro de 2021 no Colégio Estadual Dom Alano Marie Du Noday (Palmas-TO), com alunos do ensino médio, de forma presencial, obedecendo aos protocolos sanitários de prevenção à covid-19.

A oficina contou com a presença da equipe ArboControl (Tocantins), de Edmundo Bolha, professor da disciplina de Biologia, e de nove alunos das turmas do ensino médio, do período matutino.

A organização da oficina levou em consideração a opinião da comunidade escolar para planejar a contribuição do projeto a tal comunidade. Para isso, os objetivos da pesquisa ArboControl foram articulados com a Base Nacional Curricular do Ensino Médio das áreas de Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, com atividades que ampliassem a participação dos jovens em práticas de formação de opinião centradas na esfera jornalística e midiática – como a produção de conteúdo sobre arboviroses para ampla divulgação em rede social específica, o TikTok do Projeto ArboControl nacional – e coleta de sugestões para produção de conteúdo sobre as arboviroses voltado à juventude.

A oficina foi dividida em quatro etapas: (1) apresentação da equipe do projeto, explicação da dinâmica da oficina e recolhimento dos Termos de Cessão de Imagem assinados; (2) avaliação da comunidade escolar acerca da produção de conteúdo sobre arboviroses, com apresentação de dois vídeos pré-selecionados sobre o assunto em discussão, conforme o Quadro 2; (3) orientações básicas sobre produção de imagens e vídeos; e (4) atividade prática compreendendo a produção de vídeos para o aplicativo TikTok.

Quadro 3 – Vídeos de campanhas informativas

Descrição do vídeo	Período de realização	Duração
Vídeo 1 – It's SEG Company	Ano de 2015	5'6"
Vídeo 2 – Campanha de combate a dengue, zika e chikungunya (controle social)	2º Governo Dilma Rousseff (Participação voluntária do médico Drauzio Varella)	29"

Fonte: Elaborado pelos autores

Os estudantes secundaristas que participaram da oficina possuíam conhecimento empírico e informacional sobre as arboviroses, visto que a maioria deles relatou ter contraído dengue. A partir da discussão dos vídeos pelos participantes, verificaram-se os seguintes posicionamentos: preferência pelo vídeo 2 – Campanha de combate a dengue, zika e chikungunya, devido à duração de 29 segundos. O vídeo 1 – It's SEG Company revelou algumas informações novas aos alunos, mas a grande maioria já possuía conhecimento sobre o assunto. Para os participantes, o vídeo poderia ser exibido em contexto educacional, mas, para consumo

imediatamente por meio das redes sociais, não despertaria interesse, pelo tempo de duração de 5 minutos e 6 segundos.

A maioria dos alunos demonstrou ter conhecimento do TikTok, aplicativo de mídia para criar e compartilhar vídeos curtos, mas pontuou que utiliza mais o Instagram como rede social principal. Os vídeos não foram produzidos durante a oficina; foram enviados posteriormente pelos alunos. A chuva intensa durante a oficina prejudicou a produção de vídeos no pátio externo do colégio.

O diálogo e a troca de saberes são caminhos sempre importantes para se ampliar o entendimento sobre determinado problema ou situação. Sendo assim, a realização das duas oficinas descritas acima possibilitou aos pesquisadores deste projeto uma perspectiva empírica e mais próxima da vivência cotidiana dos atores sociais e dos alunos secundaristas acerca das arboviroses na cidade de Palmas. As experiências relatadas pelos participantes expandiram a compreensão do problema, considerando-se que os sujeitos representam grupos sociais distintos e, por isso, portadores de opiniões e críticas diversificadas sobre o tema em questão.

Na primeira oficina, houve momentos de debates que revelaram pontos de dissenso entre os atores sociais, sobretudo quando o assunto era a responsabilidade dos órgãos de saúde na condução das políticas de prevenção e controle das arboviroses no município de Palmas. Por outro lado, houve também consenso sobre a necessidade de se investir na contratação de mais agentes de combate às endemias e na realização permanente de campanhas educativas, informativas e de comunicação. Apreende-se das oficinas que – em não havendo uma solução definitiva para afastar o mosquito *Aedes aegypti* das cidades e não tendo sido descoberta uma forma de tornar inócuos os vírus de dengue, zika e chikungunya – a alternativa mais viável para a mitigação dos impactos causados pelas doenças é o engajamento de todos os grupos sociais e indivíduos, cada um atuando dentro dos limites de suas atribuições. O poder público tem grande responsabilidade, já que é o gestor das políticas e dos recursos destinados à prevenção, ao controle e ao tratamento das arboviroses. As comunidades e os indivíduos também têm grande responsabilidade, uma vez que os focos do mosquito são encontrados majoritariamente nas residências; portanto, o ambiente doméstico precisa ser vistoriado frequentemente para se evitar a proliferação do vetor.

5 - Considerações finais

As experiências locais do controle das arboviroses em Palmas coletadas por meio da análise de notícias publicadas pela Secretaria Municipal de Saúde e relatadas pelos participantes das duas oficinas, apesar de



diversificadas, não aparentam ser contínuas. A data de publicação das notícias demonstrou que o fluxo de produção de informação foi ampliado com o aumento da infestação do mosquito (mês de janeiro) para se alcançar um público mais amplo. As ações precisam ser contínuas, e não apenas concentradas quando a situação da infestação do mosquito aumenta.

Além disso, levando em consideração o direito do cidadão ao acesso às informações de interesse público, independentemente de solicitações, o site institucional da Secretaria Municipal de Saúde precisa disponibilizar informações sobre as ações permanentes do órgão, pois disponibilizar apenas notícias de forma dispersa no site geral da prefeitura não é suficiente nem adequado para promover a adoção de comportamentos favoráveis da população no combate e na prevenção de riscos e outros agravos provocados pelas referidas arboviroses.

Nos tempos atuais, eficiência em comunicação requer integração e complementaridade. Várias estratégias precisam ser empreendidas ao mesmo tempo para se alcançarem os diferentes e segmentados públicos. A informação que circula nos veículos de comunicação locais (mídia espontânea) ainda se mostra relevante, uma vez que as TVs, os rádios, os portais e os sites de notícias possuem audiência considerável. Ademais, as notícias publicadas nesses canais são replicadas também nos aplicativos de troca de mensagens e em outras mídias digitais, fazendo com que esses conteúdos se disseminem rapidamente. Observa-se que a tendência atual é destacar as “novas” formas de comunicação para se alcançarem os diversos públicos que estão consumindo informação de um jeito diferente, se comparados com a audiência daqueles grupos acostumados aos meios de comunicação tradicionais. A experiência com as oficinas apontou para a preferência dos participantes pelas novas formas de comunicação.

A comunicação pública (feita por assessorias de prefeituras e órgãos públicos), nessa direção, está se adequando a essa tendência e se adaptando em termos de segmentação de mídias e de linguagem. Entre as notícias selecionadas, uma delas relatou a organização de um concurso de vídeos de 30 segundos promovido entre as escolas do município com a temática do combate à dengue. Os vídeos foram postados na página do Instagram de cada unidade participante e estiveram à disposição do voto popular.

A publicidade e a propaganda também são elementos complementares ao processo de comunicação social, uma vez que esse recurso comunicacional surpreende e atrai a atenção dos públicos por meio de uma linguagem que explora a criatividade. As campanhas, se bem elaboradas, são capazes de transmitir informação e, principalmente, envolver as pessoas, gerar sentidos e promover a mobilização individual e coletiva, culminando por vezes em mudança de hábitos. Portanto, é importante lançar mão da integração de todos os recursos comunicacionais e midiáticos possíveis para que as questões de saúde pública – neste caso, as arboviroses –



sejam ampla e permanentemente divulgadas com ênfase na prevenção dos problemas, e não no controle ou nos tratamentos das doenças. As arboviroses são, em sua maioria, problemas evitáveis e, portanto, torna-se até um lugar-comum afirmar que a prevenção é uma alternativa que detém o sofrimento humano e o dispêndio de recursos públicos que poderiam ser canalizados para outras tantas demandas da saúde pública em Palmas, no Tocantins e em todo o Brasil.

Por fim, destacamos, sem intenção de concluir, mas abrindo uma possibilidade para novos estudos, que ações coordenadas em educação, informação e comunicação para a promoção da saúde voltadas ao controle das arboviroses precisam ser intensificadas para o público escolar (educação infantil, básica e ensino médio), visto que os estudantes da educação básica ainda estão em fase de amadurecimento e aprendizado constante, e mudanças significativas em hábitos socioculturais trarão resultados positivos em curto e longo prazo no contexto escolar e também no local onde os estudantes residem.

Referências

BAZZOLI, João Aparecido. Palmas em Foco: contradições de uma cidade planejada. Palmas: EDUFT, 2019.

BEZERRA, Nilva Aparecida Pacheco. Migração em Palmas/TO: a felicidade no imaginário social. 2013. 176 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2013.

GARCÍA DEL CASTILLO, José Antonio et al. Social networks as tools for the prevention and promotion of health among youth. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 33, n. 13, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1186/s41155-020-00150-z>>.

GONÇALVES, Caio Willer Brito et al. Análise de aspectos epidemiológicos da dengue no estado do Tocantins. *Revista de Patologia do Tocantins*, v. 6, n. 4, p. 13-19, 2020. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/patologia/article/view/7125/16446>>.

LIMA, Abraão Cavalcante et al. Determinantes da emigração para Palmas (TO). *Hegemonia*, Brasília, n. 23, p. 132-159, 2018. Disponível em: <[https://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/revista_hegemonia_23/George%20Cunha%20\(8\).pdf](https://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/revista_hegemonia_23/George%20Cunha%20(8).pdf)>.

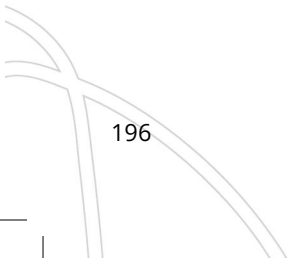
OLIVEIRA, Claudia Fernanda Pimentel de; BESSA, Kelly Cristine de Oliveira. O espaço urbano de Palmas/TO: dispersão, periferias, vazios urbanos e transporte público por ônibus. *Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities Research Medium*, Ituiutaba, v. 6, n. 1, p. 15-40, 2015. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/braziliangeojournal/article/view/27711>>.

REIS, Patrícia Orfila Barros dos. Palmas: entre muros, vazios urbanos e ausência de vitalidade. *Arquitextos*, São Paulo, v. 3379, p. 117-03, 2010. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.117/3379>>.

RANA, Rezwanul Hasan. ALAM, Khorshed; GOW, Jeff. Health outcome and expenditure in low-income countries: does increasing diffusion of information and communication technology matter? *Information Technology for Development*, v. 26, n. 3, p. 506-524, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/02681102.2019.1678455>>.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

YIN, Robert K. Pesquisa qualitativa do início ao fim. Porto Alegre: Penso, 2016.



Dengue, zika, chikungunya: a experiência de um projeto realizado em Manaus-AM

Dengue, zika, chikungunya: the experience of a project conducted in Manaus-AM

Márcio de Oliveira
Doutor em Educação. Docente na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
marcio.1808@hotmail.com

Jefferson Araújo do Nascimento
Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
jota.nascimento.am@gmail.com

Fran Wallafe dos Santos Martins
Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
Licenciado em Dança pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
franwmartins@gmail.com

Resumo

Quando o assunto é saúde, os pactos coletivos certamente alcançam resultados mais significativos. Com relação às arboviroses, a partir do momento em que a comunidade em geral adota atitudes de prevenção e combate às doenças, todos/as saem ganhando. Posto isso, o presente texto tem o objetivo de relatar um projeto nacional – o ArboControl – que está sendo desenvolvido no município de Manaus-AM. Para atingirmos o objetivo, vamos utilizar o formato do relato de experiência, embasando teórica e cientificamente as experiências apresentadas. Concluímos que é fundamental que práticas de combate e prevenção às arboviroses sejam realizadas constantemente, iniciando com crianças pequenas, a fim de criar corresponsabilidade em relação aos cuidados com a saúde. Junto a isso, destacamos que, por meio de atividades lúdicas, o trato com o assunto das arboviroses se torna de mais fácil compreensão para as crianças. Por fim, destacamos que o Projeto ArboControl conseguiu oferecer oficinas sobre dengue, zika e chikungunya, ressaltando seus principais aspectos, além de mobilizar a comunidade para pensar estratégias de prevenção do mosquito *Aedes aegypti*. Palavras-chave: Arboviroses; Saúde; Educação; Manaus-AM.

Abstract

When it comes to health, collective pacts certainly achieve more significant results. In relation to arboviruses, from the moment the community in general adopts attitudes to prevent and fight diseases, everyone wins. That said, the present text aims to report a national project – ArboControl – that is being developed in the city of Manaus-AM. To achieve the objective, we will use the experience report format, theoretically and scientifically basing the experiences presented. We conclude that it is essential that practices to combat and prevent arboviruses are conducted constantly, starting with young children, in order to create co-responsibility in relation to health care. In addition, we emphasize that, through playful activities, dealing with the subject of arboviruses becomes easier for children to understand. Finally, we emphasize that the ArboControl Project managed to offer workshops on dengue, zika and chikungunya, highlighting their main aspects, in addition to mobilizing the community to think about strategies of prevention of the *Aedes aegypti*. Keywords: Arboviruses. Health. Education. Manaus-AM.

1 - Introdução

Dengue, zika e chikungunya têm preocupado especialistas da área da saúde por conta do aumento de casos que vem ocorrendo nos últimos tempos. As arboviroses são doenças causadas pelo vírus cujo vetor é o mosquito *Aedes aegypti* e que pode ser transmitido para animais e indivíduos.

A doutora Rosemary Costa Pinto, representando a Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas, destaca que “[...] o vírus da dengue foi introduzido no Amazonas em 1998 e, desde então, tem sido responsável por surtos e epidemias que variam de magnitude e extensão. A maior epidemia da dengue [...] ocorreu em 2011, com mais de 60 mil casos notificados” (AMAZONAS, 2020, p. 1).

Em se tratando do Brasil, dados recentes do Boletim Epidemiológico 07 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022) revelam que, considerando as informações sobre dengue e chikungunya “[...] referentes às notificações ocorridas entre as semanas epidemiológicas (SE) 1 a 7 (2/1/2022 a 19/2/2022), disponíveis no Sinan Online”, ocorreram 90.335 casos prováveis de dengue, o que corresponde a uma taxa de incidência de 42,3 casos por 100 mil habitantes no país. Com isso, houve um aumento de 43,2% de casos registrados para o mesmo período analisado no ano de 2021.

A partir do cenário apresentado, o presente texto tem como objetivo relatar como um projeto nacional – o ArboControl – está sendo desenvolvido no município de Manaus-AM. Considerando que todos os estados do país são participantes do referido projeto, aqui vamos destacar as principais ações realizadas na Região Norte, mais especificamente no estado do Amazonas, no município de Manaus.

O “Projeto Integrado ArboControl: arbovírus dengue, zika e chikungunya compartilham o mesmo inseto vetor: o mosquito *Aedes aegypti* – moléculas do Brasil e do mundo para o controle, novas tecnologias em saúde e gestão da informação, educação e comunicação” é uma proposta de investigação no âmbito da Faculdade de Ciências da Saúde (FS/UnB) e do Núcleo de Estudos em Saúde Pública do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília (NESP/CEAM/UnB) (ARBOCONTROL, s/d). Esse projeto tem quatro componentes: (1) Pesquisa para o controle do vetor; (2) Novas tecnologias em saúde; (3) Educação, informação e comunicação para o controle do vetor; e (4) Formação e capacitação profissional. O presente texto se debruça na terceira vertente, com uma aproximação bastante enfática com a área da educação.

Este relato se divide em três seções. Em um primeiro momento serão apresentados alguns dados acerca das arboviroses na Região Norte, justificando a necessidade de ações coletivas com o intuito de combater o mosquito *Aedes aegypti*. Na sequência, vamos discutir sobre a realização do Projeto ArboControl em Manaus-AM, destacando algumas das atividades feitas no município. Por fim, traçaremos algumas considerações sobre o trabalho desenvolvido, relacionando a necessidade de realizar atividades pedagógicas junto às crianças com a consciência coletiva de combate e prevenção das arboviroses.

2 - Arboviroses – quadro epidemiológico na Região Norte

A Região Norte do Brasil é composta por sete estados: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. Esse território possui uma população aproximada de 17,2 milhões de habitantes em um espaço com cerca de 3.853.676,9 km², formando uma densidade demográfica de 4,5 habitantes/km². É a maior região do país, mas a menos populosa e menos povoada do Brasil (INFOESCOLA, 2014).

Relacionando a Região Norte com a pesquisa sobre arboviroses, é possível destacar que a área da Floresta Amazônica é uma das maiores reservas de arbovírus do mundo, por conta das condições climáticas favoráveis e da grande diversidade da fauna (BATISTA, 2007). Isso posto,

fica evidente a necessidade de unir esforços para o trabalho de combate às arboviroses nessa região do país, no intuito de cuidar desse espaço, que pode ser considerado um gigantesco criadouro de mosquito.

Ainda usando como recorte temporal a SE 7 para dengue e chikungunya e a SE 6 para zika no ano de 2022, apenas na Região Norte foram registrados 14.211 casos de dengue, 531 de chikungunya e 125 de zika, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 – Casos de dengue, chikungunya e zika
– Região Norte, SE 7 e SE 6 de 2022

Estado	DENGUE	CHIKUNGUNYA	ZIKA
Rondônia	1.088	60	14
Acre	818	4	4
Amazonas	528	8	1
Roraima	11	1	1
Pará	1463	44	5
Amapá	16	0	1
Tocantins	10.287	414	99

Fonte: Adaptado de Ministério da Saúde (2022)

O Quadro 1 revela o tamanho do problema em relação às arboviroses em todos os estados que compõem a Região Norte. Os números por si sós dão a dimensão da necessidade de a sociedade agir – coletivamente – no combate a tais doenças, buscando principalmente a prevenção da proliferação do mosquito causador dessas enfermidades.

Combater as arboviroses é uma tarefa necessária, mas cheia de desafios, principalmente pelo fato de que é preciso realizar um pacto coletivo a partir do qual todas as pessoas façam a sua parte, se responsabilizando pelo problema e por sua solução, a fim de se alcançar uma melhoria nos índices de saúde. Esta última, por sua vez, é compreendida a partir do “[...] paradigma biopsicossocial, numa perspectiva multidimensional. Mais do que a ausência da doença, é concebida como um bem-estar integral, advindo da interação das dimensões biológica, psicológica e social” (KAMIMURA; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019 p. 7).



3 - O projeto ArboControl em Manaus-AM

Dentre os objetivos do Projeto ArboControl, destacamos o de realizar oficinas de produção de conteúdo em municípios das cinco regiões brasileiras com maior incidência das arboviroses dengue, zika e chikungunya para tradução do conhecimento à população de risco, visando à sustentabilidade das campanhas e ações de educação, informação e comunicação produzidas pelo Ministério da Saúde (ARBOCONTROL, s. d). Utilizando esse objetivo como pano de fundo, a equipe do estado do Amazonas trabalhou em duas frentes principais: (1) oficinas sobre arboviroses com líderes comunitários/as e comunitários/as de Manaus-AM; e (2) discussão sobre arboviroses com crianças pequenas e mostra de dança sobre o assunto. Nesta seção, vamos apontar alguns aspectos em torno do trabalho realizado.

As oficinas sobre arboviroses ocorreram de forma virtual, a fim de garantir o distanciamento social, por conta da pandemia de covid-19 vivenciada pelo mundo desde março de 2020. Na ocasião, distinguimos dois momentos: (a) uma primeira discussão com os/as líderes comunitários/as; e (b) uma segunda discussão com comunitários/as que residem em Manaus-AM.

A primeira oficina ocorreu no dia 10 de agosto de 2021 e contou com a participação de cinco líderes comunitários/as dos seguintes segmentos: Rede de Adolescentes e Jovens Vivendo e Convivendo com HIV/Aids do Amazonas (RAJVCAM); Associação Beneficente O Pequeno Nazareno; Grupo Nós Com Elas Venezuelanas; Associação de Travestis, Transexuais e Transgêneros do Amazonas (Assotram); e Coordenadoria Regional de Educação de Itacoatiara. Durante as discussões, apresentamos o Projeto ArboControl e convidamos os/as participantes a refletir sobre os conhecimentos locais; os meios de prevenção em relação a dengue, zika e chikungunya; os sintomas das doenças mencionadas; as possibilidades de contrair as doenças em ambientes propícios ao acúmulo de água parada; a importância da atuação de agentes públicos/as no monitoramento dos ambientes, a fim de diminuir os focos de mosquito; e as unidades básicas de saúde que fazem atendimento para o caso de doenças.

Aplicamos um questionário com as lideranças e obtivemos alguns resultados preliminares. Indagados/as sobre a coleta de lixo em seus bairros, 20% disseram que não há coleta regular em sua localidade. Acerca da existência de campanhas de combate ao mosquito e ainda sobre as doenças em suas comunidades, 40% afirmaram não existirem tais ações. Com relação aos canais de comunicação com o objetivo de ampliar o acesso da comunidade em geral a informações importantes, objetivas e nítidas, 60% apontaram a TV como canal de comunicação mais eficaz para



receber informações/conhecimentos sobre dengue, zika e chikungunya. Esse momento serviu para chamar atenção para os objetivos do projeto e também para nos instigar a convidar os/as comunitários/as a participar da oficina seguinte.

A segunda oficina contou com uma entrevista investigativa exploratória com dez participantes, via Google Meet, durante uma live-oficina intitulada “Dengue, zika e chikungunya em foco” – que contou com a participação da doutora Regina Maria Pinto de Figueiredo, pesquisadora da Gerência de Virologia da Fundação de Medicina Tropical do Amazonas –, realizada no dia 9 de novembro de 2021. O momento de discussão possibilitou conversar sobre a coleta de lixo no município e as redes de esgoto; os focos de água parada em ambientes públicos, a exemplo de parques, ruas, calçadas etc.; as campanhas de prevenção de arboviroses; os métodos de prevenção e combate de dengue, zika, chikungunya etc.

As duas oficinas serviram para colocar em debate um assunto que diz respeito a toda a sociedade: as arboviroses e nosso papel no enfrentamento e combate a elas. O movimento de falar e ouvir abriu espaço para reflexões acerca das responsabilidades das pessoas em prol do bem coletivo, sobretudo no que se refere à educação em saúde. Dias et al. (2022, p. 240) expõem que “[...] a educação em saúde é um elemento indispensável para o enfrentamento às arboviroses que deverá ser implementada de forma conjunta e articulada às demais estratégias de combate vetorial”. As autoras ainda destacam que as ações educativas “[...] de combate ao *Aedes aegypti* contribuem para melhoria do conhecimento e mudança de comportamento das comunidades, sensibilizando a população a gerenciar os ambientes que habitam” (DIAS et al., 2022, p. 240).

A segunda atividade que queremos destacar aqui é a discussão sobre arboviroses com crianças pequenas e a realização de uma mostra de dança sobre o assunto. No dia 21 de fevereiro de 2022, os integrantes da Estação Amazonas do Projeto ArboControl realizaram uma mobilização com um grupo de crianças participantes de um projeto social de ballet. Na ocasião, foram apresentadas figuras para as crianças (de modo lúdico) a fim de chamar atenção para a gravidade das arboviroses.

Imagem 1 – Oficina sobre arboviroses com crianças pequenas – fevereiro de 2022



Fonte: Acervo dos pesquisadores (2022) - Descrição da imagem: Grupo com quatro adultos/as e quatro crianças. Um dos adultos mostra figuras sobre combate e prevenção às arboviroses, enquanto as crianças prestam atenção. As crianças são quatro meninas vestidas com roupa de ballet.

De maneira a alcançar o terceiro eixo do Projeto ArboControl, com ênfase em educação, informação e comunicação para o controle do vetor, entendemos que as artes cênicas são instrumentos importantes para debater diversos problemas sociais, assim como chamar atenção e sensibilizar quem aprecia a temática abordada.

No dia 25 de fevereiro de 2022, o Projeto Pulsa Dança na Comunidade (PUDAN) organizou uma mostra de dança intitulada Todos contra o Mosquitinho, uma realização do Coletivo Kanauã com o apoio do Projeto ArboControl e da Prefeitura Municipal de Manaus-AM. A mostra foi resultado de um trabalho de dois meses, contando com aulas de dança, oficinas de saúde e educação sobre arboviroses, ensaios e a construção da conscientização da comunidade para os cuidados contra o *Aedes aegypti*.

Imagem 2 – Mostra de dança “Todos contra o Mosquitinho” – fevereiro de 2022



Fonte: Acervo dos pesquisadores (2022) - Descrição da imagem: Grupo com nove crianças meninas, vestidas com roupa de mosquito *Aedes aegypti*. Todas elas dançam. Ao fundo, uma janela com cortina vermelha. Na parede está escrito “Ballet Josimar Maciel”.

A partir da abordagem triangular criada pela arte-educadora Ana Mae Barbosa, que se ancora em fazer artisticamente, ver e contextualizar, propusemos uma ação que levasse as crianças a visualizar como a dengue está inserida em seu cotidiano, em suas casas, escolas, comunidades, igrejas etc. Em um segundo momento, realizamos uma oficina na qual foram apresentadas diversas imagens e vídeos lúdicos, iniciando assim uma construção sobre onde as crianças estão inseridas em meio a esses conhecimentos, frequentemente técnicos e complexos.

Conforme expõem Ferreira e Falkembach (2012, p. 70):

Nossa proposta tem como intenção, ao mesmo tempo, privilegiar os movimentos que as crianças inventam e nos apresentam e trazer elementos para desafiá-las a ir além, para que possam crescer, desenvolver sua dança e a dança do grupo, com consciência sobre seu corpo e sobre o mundo.

Assim, no terceiro momento pusemos em prática o fazer artístico na abordagem de Ana Mae Barbosa, que já tínhamos visto e contextualizado. Os instrutores do PUDAN contribuíram na criação coreográfica dentro

dessa temática, colocando as crianças como protagonistas da criação, não apenas como bailarinas, mas como intérpretes de suas próprias criações no combate ao *Aedes aegypti*.

A oficina e a apresentação de dança realizada com as crianças pequenas tiveram o objetivo de – utilizando aspectos lúdicos – chamar atenção para um problema bastante grave: as arboviroses. As atividades possibilitaram que as crianças tivessem contato com um tema preocupante, porém de uma forma leve, de maneira que pudessem construir conhecimento acerca do assunto.



Nesse sentido, conforme apontam Dias et al. (2022, p. 240), intervenções educativas em torno das doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti* “[...] são ações estratégicas que devem ser implementadas de forma participativa e contínua, com métodos ativos, os quais demonstraram resultados mais satisfatórios na promoção à saúde”. Tais ações estratégicas devem também configurar práticas cotidianas e duradouras, em vez de apenas atividades pontuais.

4 - Algumas considerações

Foi objetivo deste texto expor brevemente as experiências do trabalho realizado, as percepções da equipe ArboControl Amazonas nos sete meses de pesquisa na cidade de Manaus-AM e a importância das experiências como contribuição para a discussão acerca das arboviroses na região amazônica.

O surgimento da covid-19 e seu grande avanço no estado do Amazonas, principalmente na capital, Manaus-AM, ocasionaram muita preocupação e inúmeras mortes, sobretudo durante seu momento de pico, entre os anos de 2020 e 2021, que diminuiu somente após o surgimento da vacina. Tal situação fez com que as campanhas e a preocupação com as doenças ocasionadas pelas arboviroses, principalmente a dengue, a zika e a chikungunya, fossem “deixadas de lado”, o que fez aumentar os números de casos. A maior preocupação se dá justamente no período de inverno amazônico, no qual as chuvas são mais intensas, aumentando os locais propícios para a proliferação de mosquitos.

A falta de campanhas e a diminuição de ações de combate às arboviroses revelam um grau de prejuízo para a saúde coletiva, visto que os casos aumentam visivelmente; isso se torna uma preocupação a mais, pois as doenças podem afetar um número maior de pessoas e comunidades. É fundamental que as práticas de prevenção e combate a dengue, zika e chikungunya sejam executadas cotidianamente, a partir de atividades corriqueiras. Todas as pessoas precisam se sentir corresponsáveis no



processo de cuidado à saúde, e essa percepção deve ser iniciada ainda na fase infantil, por meio de práticas pedagógicas nas escolas e em ambientes frequentados pelas crianças.

A criação da Estação Amazonas do Projeto ArboControl e do núcleo em Manaus-AM contribuiu para a realização de oficinas que ajudaram tanto os líderes de associações quanto a comunidade a conhecer mais sobre essas doenças, que causam tanta preocupação em nossa região. No ano de 2021, segundo a Fundação de Vigilância Sanitária do Amazonas, só na capital houve um total de 5.564 casos de dengue, 124 casos de zika e 164 casos de chikungunya, números muito maiores que os do ano anterior (AGÊNCIA AMAZONAS, 2021).

Dessa forma, foram fundamentais os debates e a exposição nas oficinas virtuais com os/as líderes e os/as comunitários/as. Também foram fundamentais os materiais produzidos, como o banner e o folder, e o material lúdico elaborado para a oficina na escola de ballet, já que os/as alunos/as tinham idade entre 4 e 5 anos e necessitavam de uma linguagem mais simples para melhor compreensão, também sendo utilizados materiais de leitura sobre o tema já produzidos pelo ArboControl. Tudo isso foi realizado por meio de pesquisas e da organização da equipe, e o resultado foi a mostra de dança, trazendo para as crianças e ampliando para pais/mães, responsáveis e a comunidade em geral os conhecimentos das doenças causadas pelas arboviroses, utilizando a arte para chamar atenção para um assunto tão importante, gerando debates e fazendo com que as informações chegassem a lugares de difícil acesso.

Defendemos, ainda, com base em Dias et al. (2022, p. 2014), que “[...] gestores e representantes da sociedade civil dialoguem frequentemente com todos os segmentos da comunidade para identificar quais fatores são preponderantes para o controle vetorial, uma vez que cada comunidade possui suas particularidades”. É fundamental a busca de “[...] um ambiente isento de doenças vetoriais, [com] mobilizações coletivas, investimentos em saúde, segurança, lazer, infraestrutura, principalmente saneamento básico” (DIAS et al., 2022, p. 240).

Assim, almejamos que este trabalho continue proporcionando ainda mais um amplo conhecimento e, conseqüentemente, melhores resultados no processo de prevenção e cuidados com a saúde coletiva, chamando a atenção do poder público para o crescimento de casos a fim de que haja investimentos em pesquisas e campanhas.

4 - Referências

AMAZONAS. Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas. Boletim Epidemiológico das Arboviroses, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/edicoes/2020/boletim-epidemiologico-vol-51-no-01/view>> . Acesso em: 01 mar. 2022.

ARBOCONTROL. O Projeto ArboControl. Brasília: s. d. Disponível em: <<https://ArboControl.unb.br/>>. Acesso em: 01 mar. 2022.

BATISTA, Weber Cheli. Mapeamento das arboviroses do estado de Rondônia. 2017. 108 f. Tese (Doutorado em Biotecnologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

DIAS, Ítala Keane Rodrigues et al. Ações educativas de enfrentamento ao Aedes aegypti: revisão integrativa. Ciência & Saúde Coletiva, n. 27, v. 1, p. 231-242, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/F3BmRZ5bBDSJLxYNpWjTwzp/#>>.

FERREIRA, Taís; FALKEMBACH, Maria Fonseca. Teatro e dança: nos anos iniciais. Porto Alegre: Mediação, 2012.

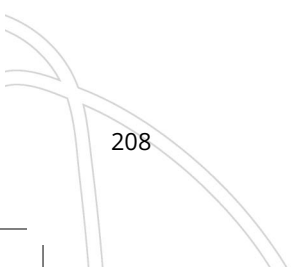
INFOESCOLA. Região Norte. 2014. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/geografia/regiao-norte/>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

KAMIMURA, Quésia Postigo; OLIVEIRA, Adriana Leonidas de; OLIVEIRA, Edson Aparecida de Araújo Querido (Orgs.). Saúde em diferentes contextos: trabalho, educação, cuidado, economia e gestão. Taubaté, SP: EdUnitau, 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Coronavírus (Covid-19). 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>. Acesso em: 02 mar. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Boletim Epidemiológico 07. Brasília: Secretaria de Vigilância em Saúde, 2022. Disponível em: <<http://plataforma.saude.gov.br/anomalias-congenitas/boletim-epidemiologico-SVS-07-2022.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2022.

AGÊNCIA AMAZONAS. Controle vetorial: FVS-RCP realiza ação para combater dengue, malária, zika e chikungunya em penitenciárias de Manaus. 2022. Agência Amazonas, 2021. Disponível em: <<http://agenciaamazonas.am.gov.br/noticias/control-vetorial-fvs-rcp-realiza-acao-para-combater-dengue-malaria-zika-e-chikungunya-em-penitenciaria>>. Acesso em: 02 fev. 2022.



Partilhando experiências e vivências: ações da equipe ArboControl Estação Norte – Cametá-PA

Sharing experiences and existences: actions of the team ArboControl North Station – Cametá-PA

Rhana Beatriz Maia de Freitas
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), linha de pesquisa Culturas e Linguagens da Universidade Federal do Pará – Campus Universitário do Tocantins, Cametá. Grupos de pesquisa da UFPA: História, Educação e Linguagem na Região Amazônica (HELRA) e pesquisadora/bolsista Finatec do Projeto ArboControl Rede Norte, Pará/Cametá.
rhana.j28@gmail.com

Renata Ferreira Siqueira
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), linha de pesquisa Culturas e Linguagens da Universidade Federal do Pará – Campus Universitário do Tocantins, Cametá. Grupos de pesquisa da UFPA: História, Educação e Linguagem na Região Amazônica (HELRA) e pesquisadora/bolsista Finatec do Projeto ArboControl Rede Norte, Pará/Cametá.
renatasiqueira12@hotmail.com

Benedita Celeste de Moraes Pinto
Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), linha de pesquisa Culturas e Linguagens da Universidade Federal do Pará – Campus Universitário do Tocantins, Cametá. Grupos de pesquisa da UFPA: História, Educação e Linguagem na Região Amazônica (HELRA) e Quilombos e Mocambeiros: História da Resistência Negra na Amazônia (QUIMOHRENA). Coordenadora/bolsista Finatec do Projeto ArboControl Rede Norte, Pará/Cametá.
celpinto18@gmail.com

Andrea Silva Domingues
PNPD do Programa de Pós-Graduação em História Global da Universidade Federal de Santa Catarina. Grupos de Pesquisa da UFPA: História, Educação e Linguagem na Região Amazônica (HELRA), Quilombos e Mocambeiros: História da Resistência Negra na Amazônia (QUIMOHRENA), Discurso, Sentido, Sociedade e Linguagem (DISENSOL) e coordenadora voluntária do Projeto ArboControl Rede Norte, Pará/Cametá.
andrea.domingues@gmail.com

Resumo

O presente relato de experiência tem como objetivo descrever a trajetória das ações realizadas pela equipe do Projeto ArboControl – Rede Pará/Cametá, Estação Norte, que teve como meta em sua primeira etapa desenvolver atividades (reuniões, rodas de conversa) e produtos (charges, histórias em quadrinhos, panfletos) que pudessem auxiliar as lideranças, representantes de comunidades tradicionais, no conhecimento das formas de tratamento e prevenção das arboviroses dengue, zika e chikungunya. Como delineamento metodológico, utilizou-se a prática da História Oral, mediante entrevistas e a aplicação de questionários às lideranças e aos membros das comunidades por mídias digitais, através do aplicativo de mensagem WhatsApp – tendo sido criado um grupo para que o contato com as lideranças participantes da pesquisa fosse constante. Através de ações com e para as comunidades atendidas até o presente momento pela Estação Pará/Cametá, observamos a importância de o tratamento e a prevenção das arboviroses dengue, zika e chikungunya estarem em constante movimento, articulando-se com a educação em espaços escolares e não escolares, de forma ativa e como uma proposta pedagógica democrática, pautada na dialogicidade. Palavras-chave: Arboviroses; Amazônia Tocantina; Práticas de Cura.

Abstract

The present experience report aims to describe the trajectory of the actions carried out by the ArboControl Project team – Pará/Cametá Network, North Station, which aimed, in its first stage, to develop activities (meetings, conversation circles) and products (cartoons, comics, pamphlets) that could assist leaders, representatives of traditional communities, in the knowledge of the forms of treatment and prevention of arboviruses dengue, zika and chikungunya. As a methodological, the practice of Oral History was used, through interviews and the application of questionnaires to the leaders and members of the communities through digital media, through the WhatsApp messaging application – with the creation of a group so that contact with the leaders participating in the research was constant. Through actions with and for the communities attended so far by the Pará/Cametá Station, we observed the importance of the treatment and prevention of arboviruses dengue, zika and chikungunya being in constant movement, articulating with education in school and non-school spaces, actively and as a democratic pedagogical proposal, based on dialogicity. Keywords: Arboviruses. Tocantina Amazon. Healing Practices.

1 - Introdução


Os saberes tradicionais dos povos que residem em comunidades ribeirinhas, quilombolas e indígenas da Amazônia Tocantina constituem uma das principais formas de existência e resistência. É por meio do simbolismo desses saberes que os/as moradores/as se posicionam politicamente, reivindicando seus direitos enquanto cidadãos, e reforçam a resistência relativa às práticas culturais e sociais de subsistência que por séculos lhes foram negadas.

São esses saberes tradicionais repassados pela oralidade entre os/as moradores/as das comunidades que dão suporte às práticas de cura tradicionais, bem como às formas de tratamento de doenças comuns e das arboviroses dengue, zika e chikungunya. Cotidianamente, os/as residentes da região da Amazônia Tocantina próxima do município de Cametá-PA costumam tratar as doenças ou qualquer outro problema relacionado ao corpo com remédios caseiros extraídos de plantas medicinais cultivadas em casa, mesmo com a chegada do sistema de saúde a essa localidade.

É através das memórias dos moradores dessas comunidades tradicionais que se torna possível a reconstrução de um contexto histórico, permitindo um compartilhamento de experiências e a aproximação entre o sujeito narrador e o pesquisador; nessa aproximação, ambos se mantêm em um constante desenvolvimento que considera não somente o que o sujeito fala, mas também o sentido de sua fala. Visto que o caminhar da história desses povos é contado e recontado pelos representantes e guardiões da memória presentes nesses espaços, “os narradores orais têm dentro de sua cultura certas ajudas para a memória. Muitas histórias são contadas repetidas vezes ou discutidas” (PORTELLI, 1997, p. 33).

O Projeto ArboControl – Rede Pará/Cametá, Estação Norte: “Educação e Saúde: Saberes Tradicionais e Práticas de Cura na/da Amazônia Tocantina” é coordenado pelas professoras Benedita Celeste de Moraes Pinto (bolsista Finatec) e Andrea Silva Domingues (voluntária) e compõe a Rede Nacional “ArboControl: Gestão da Informação, Educação e Comunicação no controle das arboviroses dengue, zika e chikungunya”, da Universidade de Brasília. Atualmente, integram esse projeto as duas professoras coordenadoras, duas bolsistas de pós-graduação, três pesquisadoras voluntárias, dois bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFPA) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e uma aluna de graduação voluntária.

Através de sua rede de apoio, composta por professoras e alunos da Universidade Federal do Pará e da Universidade Federal de Santa Catarina e por representantes de comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhas da Amazônia Tocantina, o projeto visa a produzir conhecimentos relacionados



à saúde das comunidades tradicionais no que tange às arboviroses dengue, zika e chikungunya, ajudando a construir alternativas para a prevenção das doenças, a promoção da saúde e a organização de um sistema equânime de saúde.

Nesse contexto, o Projeto ArboControl – Cametá/Pará representa uma instância importante e estratégica para o desenvolvimento e a consolidação de pesquisas e ações que foquem os saberes e as práticas de cura utilizadas pelos/as moradores/as das comunidades tradicionais como forma de tratamento das doenças causadas pelas arboviroses, de modo a qualificar a inserção da universidade na realidade social e no atendimento às demandas que envolvem a produção de conhecimento científico. Isso se dá mediante o apoio das lideranças tanto das comunidades tradicionais quanto das que estão à frente das unidades básicas de saúde presentes nessas localidades, que têm acesso às informações e aos resultados do projeto, mantendo-se uma efetiva integração entre pesquisadores e comunidade.

Subjacente a essas considerações teóricas iniciais sobre a atividade de pesquisa, o processo constituinte de grupos de pesquisa e a finalidade e a importância da pesquisa, o Projeto ArboControl – Rede Pará/Cametá, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará e sob responsabilidade nacional da Universidade de Brasília (UnB), propõe-se como espaço organizador e gerador de conhecimento na área de gestão da informação, educação e comunicação no controle das arboviroses dengue, zika e chikungunya. Além disso, intenciona tornar-se um banco de dados para projetos de atenção à saúde dos povos que residem em comunidades ribeirinhas, quilombolas e indígenas da Amazônia Tocantina, em consonância com as políticas públicas, e acolhe pesquisadores emergentes de iniciação científica e pós-graduação.

Nesse contexto, o presente relato de experiência tem como objetivo descrever a trajetória das ações realizadas pela equipe do Projeto ArboControl – Rede Pará/Cametá, Estação Norte, que teve como meta em sua primeira etapa desenvolver atividades (reuniões, rodas de conversa) e produtos (charges, histórias em quadrinhos, panfletos) que pudessem auxiliar as lideranças, representantes de comunidades tradicionais, no conhecimento das formas de tratamento e prevenção das arboviroses dengue, zika e chikungunya. Também buscamos realizar diálogos e trocas de experiências com os/as colaboradores/as, a saber, lideranças quilombolas, indígenas e ribeirinhas, enfermeiras, técnicos e trabalhadores das matas e das águas, sobre as práticas de cura tradicionais vivenciadas em seu cotidiano, para que possamos em uma segunda etapa compreender a relação das unidades básicas de saúde com as vivências diárias de práticas de cura dos/as moradores/as dessas comunidades; ou seja, procuramos compreender se há um processo de educação em saúde ou se vigora um padrão biomédico, assentado no modelo da medicina formal e atrelado a

ações voltadas, por exemplo, a orientações farmacológicas e à realização de exames.

2 - Lócus das ações e comunidades envolvidas

Este relato dialoga com as experiências dos saberes tradicionais dos povos que residem em comunidades ribeirinhas, quilombolas e indígenas da Amazônia Tocantina, além de pessoas que já têm contato com tais comunidades, como professores, moradores e pessoas vinculadas à área da saúde, no que diz respeito às formas de tratamento das arboviroses dengue, zika e chikungunya, às práticas de cura utilizadas cotidianamente, aos remédios farmacológicos e à relação das UBS e dos agentes de saúde com a comunidade local.

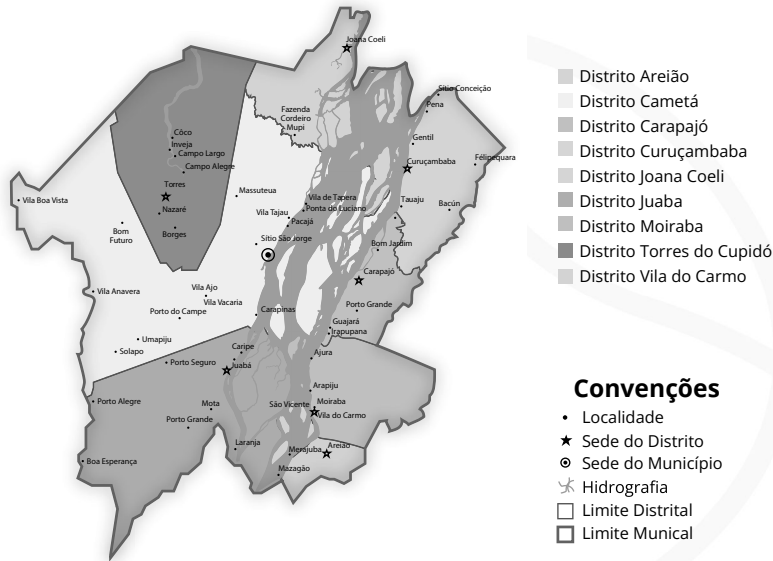
Fez-se necessário caminhar e navegar pelas estradas, matas e águas da Amazônia Tocantina para perceber como essas intermediações se constituem, e também as “memórias e os discursos que estabelecem os saberes, as formas de tratar, ensinar e aprender as práticas de cura, observando o presente, o passado, para melhor compreender os discursos produzidos na contemporaneidade pelos narradores e narradoras com que dialogamos” (DOMINGUES; VALENTE, 2020, p. 2).

Por se tratar de localidades que já participam do trabalho de pesquisa desenvolvido pela professora Benedita Celeste de Moraes Pinto, o contato inicial com as lideranças foi simples, o que facilitou o trabalho das pesquisadoras. Contudo, esse momento tinha um viés diferente, trazendo a relação entre educação e saúde; o intuito era que o projeto pudesse chegar a essas localidades levando informações sobre as arboviroses e entender as formas de uso dos saberes tradicionais diante desses adoecimentos, pelo fato de tais comunidades não possuírem posto médico, ou, quando há presença médica, esta não ser constante.

Cameté é um município do estado do Pará, situado à margem esquerda do Rio Tocantins, sendo o lócus principal da pesquisa. Possui, segundo levantamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), cerca de 139.364 habitantes distribuídos por uma faixa territorial que abrange uma área de 3.081.367 km², entre várzeas, campos e área urbana. Como se visualiza na imagem abaixo, o município de Cameté dispõe de uma faixa territorial cercada por ilhas e vilas, envolvida pelo Rio Tocantins, organizada em distritos no mapa em diferentes cores. Chega-se a Cameté por meio de rios e estradas via Transcameté, Arapari e Alça Viária.



Imagem 1 – Distritos de Cametá

Distritos do Município de Cametá



Fonte: Adaptado por Wanzeler e Ferreira a partir de dados do IBGE (2015) e do Ibama (2012). Disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Localizacao-do-municipio-de-Cameta-e-seus-distritos-administrativos_fig1_338245044>.

Os povos que residem nessas localidades possuem um vínculo histórico relacional baseado no extrativismo vegetal, na agricultura familiar e no comércio, tendo a terra, as florestas e os rios como um bem comum a todos. Além disso, o deslocamento das ilhas (ambiente onde residem pescadores ribeirinhos, extrativistas e agricultores) para a cidade de Cametá se dá principalmente mediante transportes fluviais, como barcos, voadeiras, cascos (canoas) e rabetas (embarcações de pequeno porte feitas de madeira e que comportam o motor na popa). O deslocamento entre os distritos e a cidade (zona urbana) ocorre por meio de transportes coletivos e particulares, tais como caminhões, ônibus, carros, entre outros. Nesse contexto, há também uma dimensão extensiva de trocas de saberes com as bases conceituais tradicionais e atuais que envolvem a sociedade através de mecanismos experienciais, evidenciados historicamente por meio da oralidade, como afirma Pinto (2007). Trata-se de



Práticas, saberes, devoções, crenças, orações e ritos [que], com suas menções simbólicas, vão sendo repassados oralmente pelos mais velhos e são assimilados por meio de uma educação informal, na qual o agente receptor (jovem, adultos e criança) vive, prepara, recria, repassa e renova tais conhecimentos, através da organização das festas, das curas com rezas e ervas, da forma de viver e trabalhar coletivamente; além de tentar preservar a identidade que se encontra enraizada no legado cultural dos remanescentes de quilombolas, apontando-lhes rumos para começar a construir uma nova vida, com melhores condições, exigindo a inclusão social e o respeito, tanto no que tange a sabedoria, luta e resistência do povo negro, quanto no que se referente à diversidade e às diferenças étnicas e culturais das quais se constitui o povo brasileiro. (PINTO, 2007, p. 16)

Há muitas maneiras de saber que podem ser e são passadas através da convivência cotidiana e da transmissão de valores culturais. Nesse processo, a educação é entendida como uma prática interativa e social dos seres humanos; assim, pode estar imbricada em diferentes perspectivas e em diferentes espaços (ALBUQUERQUE, 2012).

No cotidiano da Amazônia Tocantina, a educação não formal; é experienciada nos espaços socioculturais regidos pela organização econômica, religiosa e medicinal, dinamizada por meio dos conhecimentos étnicos e valorativos dos sujeitos que residem há mais tempo nas comunidades. Esses sujeitos vivenciaram ou conhecem os saberes da cura de males do corpo – saberes repassados de geração em geração – e fazem uso deles no tratamento das doenças comuns e, principalmente, das arboviroses dengue, zika e chikungunya, que têm afetado essas comunidades.

Esses saberes exercem um papel de fundamental importância no processo de formação pessoal dos/as moradores/as, já que a educação social, de acordo com Albuquerque (2012, p. 12), apresenta “[...] uma forma singular de inteligibilidade do real fincada na cultura, com a qual determinados grupos reinventam o cotidiano, criam estratégias de sobrevivência, transmitem seus saberes e perpetuam seus valores e tradições”.

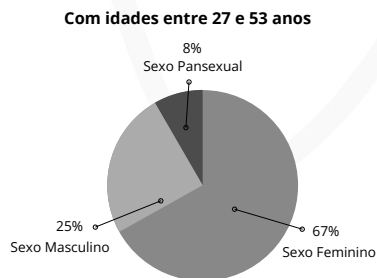
Nesse contexto, a natureza é o elo que fortalece os saberes das práticas de cura presentes nas comunidades, pois é dela que os moradores retiram as plantas medicinais para o tratamento de doenças. Apesar das inúmeras possibilidades apresentadas pela medicina convencional, as plantas medicinais, para esses/as trabalhadores/as das matas e das águas, continuam sendo a alternativa para o tratamento das enfermidades que os/as atingem. Comunidades tradicionais indígenas, quilombolas e ribeirinhas, residentes do interior de nosso país, especialmente em áreas rurais, ainda

apresentam em seu meio o uso popular de plantas medicinais como forma preventiva de tratamentos de diferentes dores do corpo (DOMINGUES; VALENTE, 2020, p. 17).

Subsidiado por essas considerações, o propósito das ações desenvolvidas pelo projeto é oferecer, às lideranças das seguintes localidades: Ilha do Xingu – Cametá/PA; Distrito de Curuçambaba – Cametá/PA; Distrito de Juaba – Cametá/PA; Vila de Areião – Comunidade Quilombola de Icatu; Comunidade Quilombola de Bailique Centro – Baião/PA; Comunidade Quilombola de Umarizal – Baião/PA; Comunidade Cristã São José – Distrito de Juaba; Quilombo de Igarapé Preto; Comunidade Quilombola Umarizal; Comunidade Remanescente de Quilombolas Tomásia; e Comunidade Indígena Assurini do Trocará, informações e dados relevantes para a ampliação do conhecimento e a análise de estratégias de saúde referentes às arboviroses, além de fornecer subsídios que instrumentalizem os processos decisórios referentes ao planejamento e à organização dos serviços oferecidos a essa população. O projeto intenciona partilhar e construir coletivamente ações com e para essas comunidades, buscando assim aprimorar o conhecimento sobre os saberes tradicionais da forma que elas considerarem melhor para seu bem viver.

Para tal, mapeamos as lideranças das comunidades tradicionais e realizamos um levantamento sobre as práticas de cura presentes no cotidiano desses moradores e as formas de tratamento das arboviroses dengue, zika e chikungunya. Com isso, obtivemos o contingente das lideranças que residem nas comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas divididas entre os municípios de Cametá, Baião, Oeiras do Pará, Mocajuba, Moju e Tucuruí, o que correspondeu a um quantitativo de 12 lideranças. O gráfico a seguir elucida dados das lideranças participantes nas ações desenvolvidas pelo Projeto ArboControl – Rede Pará/Cametá, Estação Norte.

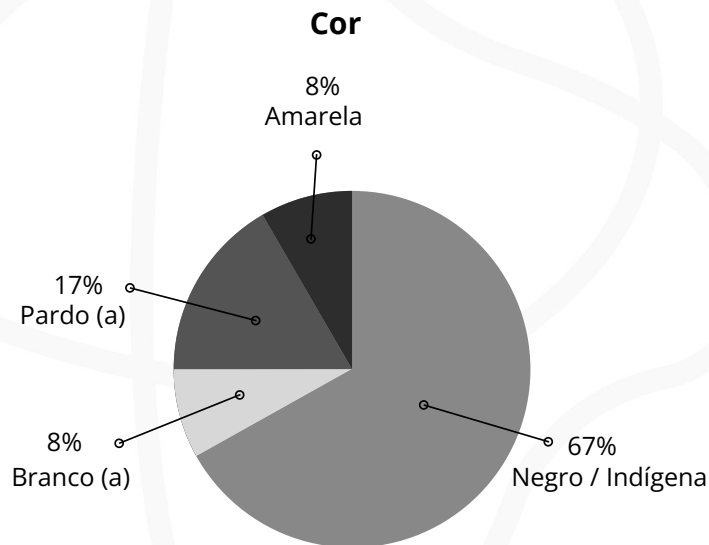
Gráfico 1 – Mapeamento das lideranças das comunidades envolvidas no Projeto ArboControl quanto a sexo e idade



Fonte: Dados do questionário elaborado pelo grupo do Projeto ArboControl – Rede Pará/Cametá, 2021

Os sujeitos que participam das ações desenvolvidas pelo Projeto ArboControl – Rede Pará/Cametá residem em vilas e distritos próximos ao município de Cametá-PA e possuem em sua maioria ensino médio e superior completos. As localidades não possuem saneamento básico; o abastecimento de água se dá por meio de poços artesianos, cisternas e até mesmo da água do rio. Os residentes são atendidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), nas unidades básicas de saúde presentes em algumas comunidades ou nos municípios próximos.

Gráfico 2 – Mapeamento das lideranças das comunidades envolvidas no Projeto ArboControl quanto a cor, segundo o IBGE

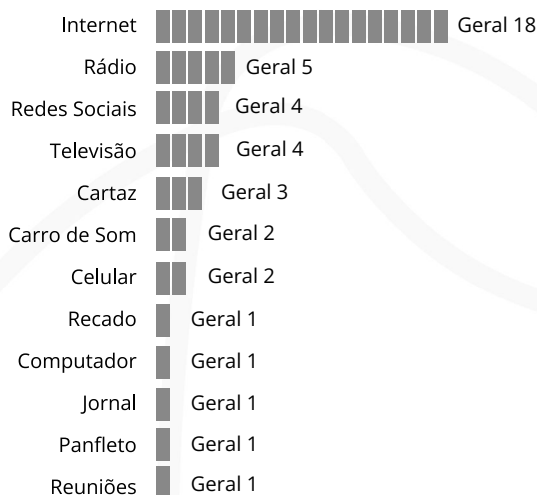


Fonte: Dados do questionário elaborado pelo grupo do Projeto ArboControl – Rede Pará/Cametá, 2021

Através do questionário feito pelas pesquisadoras, identificamos que a escola é o principal espaço de circulação de informações. Desse modo, se a intenção é ampliar o conhecimento sobre as arboviroses, o projeto precisa integrar a escola, com professores, diretores, coordenadores, alunos e responsáveis. Além da escola, há outros meios de comunicação usados nas comunidades.

Gráfico 3 – Canais de comunicação nas localidades participantes do Projeto ArboControl

Meios de comunicação



Fonte: Dados do questionário elaborado pelo grupo do Projeto ArboControl – Rede Pará/Cametá, 2021

Nessas comunidades, a coleta seletiva de lixo e a limpeza dos quintais são realizadas pelos/as próprios/as moradores/as, que procuram manter o ambiente onde vivem limpo para evitar a proliferação de mosquitos transmissores das arboviroses, entre outras doenças que afetam essas localidades. Vale ressaltar que já houve casos de dengue em tais comunidades, e as ações de combate à doença têm sido realizadas por meio da visita de ACS às casas, realizando palestras no sentido de conscientizar os/as moradores/as sobre os cuidados a serem tomados na prevenção das arboviroses. Quando os/as moradores/as são acometidos/as por alguma doença, seja ela arbovirose ou não, desde que não apresentem sintomas graves, são atendidos/as na própria comunidade, que em sua grande maioria faz uso das plantas medicinais para tratar e curar tais doenças.

Podemos ilustrar a seguir a visita de ação de panfletagem do Projeto ArboControl – Rede Pará/Cametá, Estação Norte às comunidades quilombolas de Igarapé Preto e Umarizal, que ocorreu na semana de comemoração da Consciência Negra e teve o intuito de conscientizar a população sobre os cuidados a serem tomados no combate às arboviroses dengue, zika e chikungunya.

Imagem 2 – Visita do Projeto ArboControl –
Rede Pará/Cametá, Estação Norte



Fonte: Arquivo de pesquisa do Projeto ArboControl – Rede Pará/Cametá (2021)

Descrição da imagem: Duas pessoas conversam em uma das ruas da comunidade; atrás estão casas e árvores. Uma das pessoas é a pesquisadora, vestida com calça preta e blusa salmão, com uma bolsa preta e branca; a outra é um morador da comunidade, que veste uma bermuda preta e uma blusa branca, com o panfleto do projeto nas mãos.

As ações desenvolvidas pela Estação Pará/Cametá contemplaram reuniões e oficinas realizadas virtualmente com as comunidades para buscar saber as representações dos/as moradores/as residentes na região da Amazônia Tocantina sobre as práticas de cura tradicionais, as formas de tratamento das arboviroses e como as autoridades sanitárias locais agem quanto à prevenção e ao tratamento de tais doenças. Além disso, realizaram-se oficinas para dialogar sobre o tratamento de sintomas comuns a essas doenças e o tratamento utilizado por cada comunidade. Com a pandemia de covid-19 e as dificuldades de acesso aos serviços de saúde oferecidos na

zona urbana para obtenção do diagnóstico de doenças, as populações que residem na zona rural “buscam adaptarem-se aos recursos que possuem para tratar seus problemas de saúde, o que atribui a essas medidas credulidade e uma corrente de fortalecimento dos saberes ancestrais” (DOMINGUES; VALENTE, 2020, p. 12).

Para amenizarem ou curarem seus problemas de saúde, os povos dos rios e das matas recorrem aos recursos da medicina popular, manipulada pelos moradores guardiões dos saberes.

O uso de plantas medicinais no Brasil é uma prática cultural exercida desde tempos remotos e que vem sendo praticada até a contemporaneidade por diferentes gerações. Trata-se de uma tradição, principalmente no que tange a sintomas primários de cuidados com a saúde. Em muitas comunidades tradicionais (ribeirinhas, quilombolas, indígenas, rurais), as plantas medicinais são um dos meios mais acessíveis para o tratamento de diversas doenças, e tais plantas são cultivadas das mais variadas formas nos quintais (BEVILACQUA, 2010 apud DOMINGUES; VALENTE, 2020, p. 6).

Vale ressaltar que as práticas de tratamento e cura de doenças nas comunidades – práticas repassadas de geração em geração para manter a tradição – são realizadas em sintonia com a natureza. Isso requer cuidado com o domínio dos saberes na hora do manuseio das plantas medicinais, pois “a prática de curar exige conhecimentos específicos que lidam com a vida do outro, da cultura dos povos das matas e suas relações com ela que são reproduzidas através da oralidade, com suas próprias regras” (DOMINGUES; VALENTE, 2020, p. 18).

Portanto, a medicina tradicional é uma prática curativa viva nas comunidades participantes do Projeto ArboControl Pará, pois é por meio dos recursos naturais disponibilizados por ela que os/as moradores/as procuram sanar as dores do corpo e as doenças causadas pelas arboviroses dengue, zika e chikungunya. Ela também constitui uma prática cultural de resistência às pressões da medicina moderna, que na maioria das vezes utiliza os recursos das plantas medicinais para fabricar remédios farmacológicos voltados ao tratamento primários das doenças e não dá os devidos créditos aos saberes dos portadores de conhecimento que residem nas comunidades tradicionais.

3 - Caminhos metodológicos: os passos da pesquisa-ação

Visando a melhorias e inovações das ações de educação, informação e comunicação em vários setores do Estado e da sociedade civil organizada

a fim de traduzir o conhecimento à comunidade acadêmica, à população e aos gestores do Sistema Único de Saúde (SUS) e contribuir nas tomadas de decisões, o Projeto ArboControl – Rede Pará/Cametá, Estação Norte, no âmbito do Componente 3 – Educação, Informação e Comunicação para o controle do vetor, possibilita um trabalho em conjunto para a definição de objetivos e percursos a serem trilhados, almejando o alcance de produtos de interesse comum aos participantes, respeitando as regionalidades e as singularidades do território brasileiro.

Assim, no processo de feitura deste estudo, a História Oral foi eleita como método, por se caracterizar como umas das modalidades mais adequadas para ouvir os sujeitos silenciados arbitrariamente nas análises de suas vidas, condições e realidades, dando visibilidade às expressões relatadas por sujeitos protagonistas sobre os saberes tradicionais referentes aos cuidados e à cura das arboviroses, que cotidianamente reinventam e ressignificam as lógicas de sociabilidade nos espaços onde estão inseridos.

Devido à pandemia de covid-19, o Projeto ArboControl – Rede Pará/Cametá, Estação Norte realizou inicialmente um levantamento de dados on-line em órgãos oficiais do governo e ONGs com o intuito de coletar contatos e informações necessárias sobre as ações e as notícias de saúde, bem como sobre o tratamento das arboviroses dengue, zika e chikungunya no lócus da pesquisa-ação. Posteriormente, foram utilizadas outras estratégias de pesquisa; a fim de resguardar a saúde dos colaboradores e dos pesquisadores do grupo, que teriam que se deslocar de um lugar a outro para as entrevistas, optamos por realizar a coleta de dados, as entrevistas e a aplicação de questionários às lideranças e aos membros das comunidades por meio de mídias digitais, através do aplicativo de mensagem WhatsApp. Um grupo foi criado para que o contato com as lideranças participantes da pesquisa fosse constante. Além disso, desenvolvemos atividades por meio do aplicativo Google Meet, de modo a respeitar os preceitos construídos pela História Oral, visto que as “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (PORTELLI, 1997, p. 31). Foi por meio dos diálogos, do compartilhamento de imagens e áudios de atividades culturais e políticas e de convites para eventos que se concretizaram as trocas de experiências com as lideranças via aplicativo WhatsApp.

Portanto, houve utilização de recursos da netnografia. Devido às normas sanitárias decorrentes da pandemia de covid-19, a coleta de dados consistiu em mais um desafio, visto que se tornaram ainda mais limitadas as manifestações linguísticas, gestuais, corporais e visuais das pessoas entrevistadas, levando-se em consideração os problemas de acesso à internet na região tocantina, que tendem a dificultar o contato e o diálogo on-line com os sujeitos da pesquisa.

Mesmo diante dos desafios enfrentados no decorrer da coleta de dados, a netnografia fez-se presente nesta pesquisa por constituir uma ferramenta metodológica que amplia as possibilidades oferecidas pela etnografia tradicional, permitindo o estudo de objetos, fenômenos e culturas que emergem das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Principalmente neste momento, em que não podemos ir a campo realizar a pesquisa, muito menos manter contato físico com as pessoas, as interações e a coleta de dados só são possíveis através de mediações estabelecidas por recursos tecnológicos. Segundo Kozinets (2014), a netnografia configura-se como uma pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo on-line, usando comunicações mediadas por computador como fontes de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal. Contudo, ela não elimina a possibilidade da pesquisa etnográfica, caso sua realização se torne viável com as medidas de segurança autorizadas pelas agências de saúde, o avanço da vacinação na região e a autorização dos/as narradores/as sujeitos da pesquisa.

Assim, a aproximação interativa junto às comunidades foi possível a partir de contatos realizados pelos aplicativos WhatsApp e Google Meet em momentos distintos; realizamos reuniões virtuais com as lideranças comunitárias de localidades indígenas e quilombolas e com pessoas que já têm contato com tais comunidades, como professores, moradores e pessoas vinculadas à saúde municipal. Essas reuniões visavam a esclarecer e compreender mais sobre o projeto e as formas de intervenção e participação junto às comunidades locais e aos demais participantes. Na ocasião, foi aplicado um questionário voltado a questões cotidianas que permitissem entender como funciona o diálogo e o contato com o poder público local no que tange à saúde e ao controle e à prevenção das arboviroses dengue, zika e chikungunya; buscou-se entender também como a população trata tais doenças através dos saberes “formal” e “informal”.

Além disso, realizamos reuniões para discutir o desenvolvimento de produtos como cartilhas com saberes locais e práticas integrativas para a saúde, quadrinhos, conteúdo audiovisual para o aplicativo TikTok, bem como panfletos com informações sobre as arboviroses – o combate, os sintomas e os tratamentos –, distribuídos nas comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhas, na feira e nos bairros de Cametá.

Realizamos ainda oficinas com as lideranças para dialogar sobre como as arboviroses atingem tais populações, ouvindo-as sobre o que as aflige, como a falta de orientação adequada do poder público local. Apresentamos vídeos que pudessem orientar a população em relação a tais doenças e aos seus diagnósticos. Por sua vez, as lideranças tiveram oportunidade de partilhar suas experiências e seus conhecimentos sobre a produção e a forma de utilização do tratamento caseiro das arboviroses.

4 - Atuar em tempos de pandemia: Ações coletivas

É importante mencionar que, em virtude da pandemia de covid-19, a partir da qual o distanciamento social passa a ser uma das medidas propostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como meio para conter a disseminação do vírus, houve mudanças significativas na vida pessoal e profissional das pessoas, que se viram obrigadas a mudar radicalmente suas rotinas e a forma de se relacionarem com o outro. Neste momento atípico, recorreremos ao uso de novas formas de comunicação interpessoal, principalmente aquelas mediadas por recursos tecnológicos que necessitam muitas vezes de acesso à internet, para manter a interação entre as pessoas nos ambientes virtuais. Com esses recursos, o diálogo se dá de maneira instantânea e não há necessidade de estabelecer contato físico, ou seja, os sujeitos não precisam estar próximos uns dos outros para manterem um diálogo, já que estão conectados virtualmente.

Diante disso, as ações desenvolvidas pelos pesquisadores do Projeto ArboControl – Rede Pará/Cametá, Estação Norte têm sido realizadas por meio de encontros estabelecidos com as lideranças das comunidades regionais em ambientes virtuais. De acordo com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), considera-se meio virtual aquele que necessita de acesso à internet (como e-mails, sites eletrônicos, formulários disponibilizados por programas etc.), bem como de telefone (ligação de áudio ou de vídeo, uso de aplicativos de chamada etc.) e de outros programas e aplicativos que utilizam esses meios (CONEP, 2021). Esses encontros tiveram a finalidade de identificar as potencialidades e as lacunas de temáticas sobre as arboviroses dengue, zika e chikungunya nas comunidades tradicionais e a maneira como essas doenças são prevenidas.

Como já dito, o levantamento dos contatos das lideranças foi fácil, por conta do trabalho de pesquisa desenvolvido pela professora Benedita Celeste. Contudo, a principal dificuldade foi o acesso à internet por essas lideranças para que participassem de nossas atividades; em certos momentos era possível o contato, em outros não. Ainda assim, a receptividade foi positiva, e a participação ocorreu de acordo com as possibilidades. O mundo tecnológico facilitou o contato entre as pessoas; dessa forma, utilizamos a tecnologia em nosso benefício. Após a primeira reunião com as lideranças, um grupo no aplicativo WhatsApp foi criado para facilitar a comunicação entre todos e se tornou o principal canal de comunicação entre os participantes neste período pandêmico.

Dessa forma, todas as nossas primeiras ações e atividades foram feitas no ambiente virtual: questionário, reuniões, oficinas/rodas de conversa,

compartilhamento de produtos e informativos, convites de eventos e articulações políticas/sociais.

A dificuldade de acesso à internet fez com que construíssemos outras estratégias para alcançar todas as localidades que aceitaram participar do projeto. Identificamos que a comunidade ribeirinha da Ilha do Xingu, próxima ao distrito de Curuçambaba, em Cametá-PA, não participou de nenhuma de nossas atividades on-line. Para a participação efetiva dessa comunidade, portanto, nossa ação deveria ser presencial, dentro dos protocolos de saúde definidos pela OMS. Utilizamos a Escola Municipal Jacaré Xingu como ponto estratégico; conseguimos assim valorizar o espaço da escola para a divulgação das informações sobre as arboviroses e colocar em prática os objetivos do projeto, além de trabalhar com as crianças da comunidade, que se tornam agentes de disseminação de informações em suas residências.

5 - Resultados alcançados

Nosso contato com as lideranças possibilitou que identificássemos as principais formas de comunicação presentes nas localidades, pois, mesmo em um mundo tecnológico, as maneiras mais simples de se comunicar ainda prevalecem. Sendo assim, o grupo logo definiu os produtos comunicativos a serem desenvolvidos para que as informações sobre as arboviroses se mantivessem entre os moradores, mesmo depois de nossas reuniões e oficinas.

Nesse sentido, cada uma das pesquisadoras desenvolveu um tipo de produto comunicativo. A principal inspiração foram as artes que, antes presentes nos jornais impressos, dominaram a internet, como charges e quadrinhos, e o gênero textual, que une informações e desenhos para promover reflexões, sendo de rápido entendimento e compartilhamento. A intenção é que as charges e os quadrinhos possam ser utilizados tanto no ambiente virtual quanto na sala de aula, pois neles estarão contidas informações sobre o combate às arboviroses e os sintomas que essas doenças podem causar, além de se adequarem à linguagem e à realidade das comunidades. Assim como os informativos rápidos, são importantes também as cartilhas, pequenos livros que contêm informações mais amplas sobre determinados temas. Desenvolvemos, assim, uma cartilha com remédios caseiros que servem ao combate e ao controle dos sintomas comuns das arboviroses e se encaixam na proposta das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS).

Para dar visibilidade ao Projeto ArboControl, a Estação Pará/Cametá participou de alguns eventos apresentando e publicando resumos referentes ao plano de trabalho da equipe, à pesquisa em desenvolvimento e a seus produtos comunicativos. Esses eventos foram o IV Colóquio da Linha de




Pesquisa Culturas e Linguagens do PPGEDUC/UFGA, o Café ConsCiência – UFGA, o II Seminário Corpo, Educação, Resistências e Movimentos Sociais Afro e Indígenas na Amazônia e a 3ª Jornada Virtual Internacional em Pesquisa Científica.

A dificuldade de acesso à internet pelos moradores da comunidade ribeirinha Ilha do Xingu fez com que criássemos um pequeno projeto integrando as aulas de ciências na escola da comunidade com o uso de nossos produtos comunicativos. A atividade foi desenvolvida com o auxílio de um álbum seriado feito de tecido TNT, contendo imagens impressas com informações sobre as arboviroses: o ciclo de vida do mosquito/carapanã *Aedes aegypti*, o combate à proliferação do mosquito/carapanã, as doenças causadas por ele, seus sintomas e as formas de prevenção. Buscando tornar a atividade mais dinâmica, com a possibilidade de colocar em prática as informações apresentadas, levamos para os alunos um jogo de tabuleiro de corrida com o tema “Corrida contra o *Aedes aegypti*”, disponibilizado no site: www.dengue.sc.gov.br. Ao final, propusemos que a escola, junto aos alunos, construísse um jogo de tabuleiro de corrida sobre o *Aedes aegypti*, desta vez de acordo com a realidade da comunidade, usando barcos, tambores que armazenam água, a limpeza dos quintais, entre outros elementos.

Ainda é eficaz como meio de comunicação o uso de panfletos e cartazes impressos nas localidades. Sendo assim, construímos e confeccionamos, com recursos próprios, materiais panfletários com informações sobre as arboviroses: combate, sintomas, tratamentos e informações sobre o vetor, para serem distribuídos nas comunidades. Com linguagem simples, esse material pode ser usado em ações de panfletagem nas comunidades, na área da feira livre e nos bairros periféricos de Cametá. O panfleto contém informações sobre as arboviroses e um quadrinho; a intenção era ter em um material informações sobre o combate às arboviroses, mas também um chamado à reflexão.

Também como resultado da Estação Pará/Cametá, foi feita a defesa de mestrado da pesquisadora Marcia Oliveira Valente no Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC) da UFGA/Cametá, que tinha como tema “Educação, saúde e saberes das matas: práticas de cura no Cupijó, Cametá-PA”. O trabalho faz uma discussão sobre os caminhos escolhidos para a cura do corpo, transmitidos pela educação e pela saúde.

Diante de todos os resultados alcançados durante o percurso do Projeto ArboControl, identificou-se a importância das ações organizadas pela equipe juntamente às lideranças das comunidades tradicionais da Amazônia Tocantina, as quais puderam fazer de nossos encontros e nossas rodas de conversa um espaço de partilha, de troca de saberes e experiências diferenciadas, vividas cotidianamente entre matas, rios e florestas. Através de ações com e para as comunidades atendidas até o presente momento pela Estação Pará/Cametá, observamos a importância de o tratamento



e a prevenção das arboviroses dengue, zika e chikungunya estarem em constante movimento, articulando-se com a educação em espaços escolares e não escolares, de forma ativa e como uma proposta pedagógica democrática, pautada na dialogicidade. É preciso utilizar diferentes formas de comunicação para atingir povos e comunidades para além do espaço capitalista e urbanizado.

Referências

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. Beberagens indígenas e educação não escolar no Brasil colonial. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Ofício Circular nº 2/2021/ CONEP/SECNS/MS. Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual. Brasília, 24 de fevereiro de 2021.

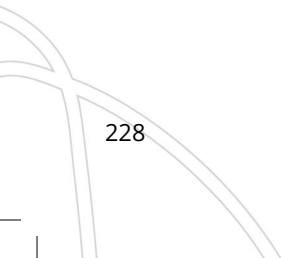
DOMINGUES, Andrea Silva; VALENTE, Marcia de Jesus Oliveira. Transitando pelo itinerário terapêutico: discurso e saberes na Amazônia Tocantina. Organon – Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 35, n. 70, p. 1-16, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/103311>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

DOMINGUES, Andrea Silva; VALENTE, Márcia de Jesus Oliveira. Saberes e práticas de cura no Rio Cupijó da Amazônia Paraense. ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, n. 15, p. 8-22, 2021. Disponível em: <<http://periodicos.uea.edu.br//index/contracorrente/article/view/2010>>. Acesso em: 10 fev.2022.

KOZINETES, Robert V. Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Memória, oralidade, danças, cantorias e rituais em um povoado amazônico. Cametá: BCMP Editora, 2007.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Revista Projeto História, São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>>. Acesso em: 08 fev. 2022.



Produção de conteúdo digital sobre arboviroses em Rondônia: experiência no Instagram e no TikTok do @grupomidi

Production of digital content on arboviruses in Rondônia: @grupomidi's experience on Instagram and TikTok

Allysson Viana Martins

Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. Professor de Jornalismo e coordenador do MíDI – Grupo de Pesquisa e Mídias Digitais e Internet na Universidade Federal de Rondônia (UNIR).
allyssonviana@unir.br

Alana Beatriz Bentes dos Santos

Estudante de Jornalismo e bolsista do MíDI – Grupo de Pesquisa e Mídias Digitais e Internet na Universidade Federal de Rondônia (UNIR).
bentesalana@gmail.com

Cleisson Vitor Soares Pereira

Estudante de Jornalismo e bolsista do MíDI – Grupo de Pesquisa e Mídias Digitais e Internet na Universidade Federal de Rondônia (UNIR).
sclissonvictor@gmail.com

Resumo

A infraestrutura de Porto Velho está ligada ao desejo de expansão desenfreada do governo militar ditatorial. É nesse contexto, contando com particularidades da Amazônia, que experimentamos formas de comunicar sobre o combate às arboviroses em Rondônia, sobretudo em sua capital, uma vez que a histórica falta de planejamento básico pode contribuir com um ambiente propício para a proliferação do *Aedes aegypti*, mosquito vetor de dengue, zika e chikungunya. De 2019 a 2020, houve um aumento de 240% de casos de notificação compulsória da dengue em Porto Velho, fazendo com que essas doenças não estejam controladas na região. Com a pandemia da covid-19 e o aumento de acesso à internet, especialmente via smartphone, publicamos cinco vídeos no Instagram e dez exclusivos no TikTok do @grupomidi, vinculado à Estação Rondônia do projeto ArboControl e em diálogo com representantes dos bairros Castanheira e Nacional, localizados em

regiões estratégicas e com características propícias para a disseminação dessas doenças. No Instagram, os vídeos tiveram mais de 15 mil visualizações, que se somam às mais de 5 mil no TikTok. As peças sobre zika e chikungunya obtiveram menor número de acessos, possivelmente porque os produtos mais gerais – sobre as arboviroses, o mosquito transmissor e as formas de combatê-lo, além de um sobre a dengue – são assuntos mais comuns. A avaliação específica da comunidade porto-velhense sobre essas produções, das quais cinco foram selecionadas como amostragem, e a oficina sobre criação de vídeos curtos para redes sociais estão previstas para as etapas finais do projeto. Palavras-chave: Arboviroses; Redes Sociais; Instagram; TikTok.

Abstract

Porto Velho's infrastructure is linked to the dictatorial military government's desire for unbridled expansion. In this context, with particularities of the Amazon, we experimented with ways of communicating about the fight against arboviruses in Rondônia, especially in its capital, because the historical lack of basic planning can contribute to an environment conducive to the proliferation of *Aedes aegypti*, mosquito vector of dengue, zika and chikungunya. From 2019 to 2020, there was a 240% increase in cases of compulsory notification of dengue in Porto Velho, causing these diseases to be uncontrolled in the region. With the covid-19 pandemic and the increase in internet access, especially via smartphone, we published five videos on Instagram and ten exclusive videos on TikTok from @grupomidi, linked to the Rondônia station of the ArboControl Project and in dialogue with representatives of the Castanheira and Nacional neighborhoods, located in strategic regions and with characteristics conducive to the spread of these diseases. On Instagram, the videos had more than 15,000 views, which adds to the more than 5,000 on TikTok. The productions about zika and chikungunya had less access, possibly because the more general products concern more common subjects – the arboviruses, the mosquito and the ways to fight it, in addition to one about dengue. A specific evaluation of these productions, of which five were selected as samples, by the community of Porto Velho and the workshop on the creation of short videos for social networks are planned for the final stages of the project. Keywords: Arboviruses. Social Networks. Instagram. TikTok.

1 - Introdução

Durante o período de repressão militar mais recente no Brasil, indivíduos de outros estados e do interior de Rondônia migraram para Porto Velho.

Essa grande migração ocorreu devido a propagandas do governo militar ditatorial que falavam dessa região como o novo Eldorado, em decorrência das obras que o governo realizava no local, como a construção da BR-364 no trecho de Porto Velho a Cuiabá. A maioria dessas pessoas era pobre e vinha para a região em busca de uma vida melhor, com a promessa de terras, emprego e até da possibilidade de enriquecimento por meio dos garimpos ou dos latifúndios. Enquanto isso, o governo buscava povoar e desenvolver a região, além de proteger melhor as fronteiras que ficam longe do governo central (BORZACOV, 2016; BARBOZA; TAMBORIL, 2016).

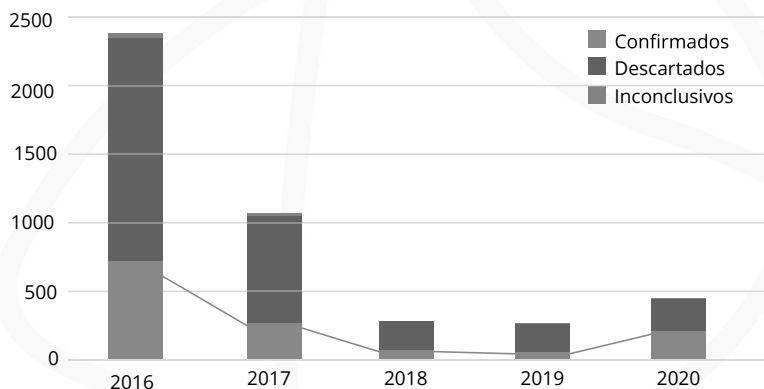
Esses sujeitos, em sua maioria, quando chegavam a Porto Velho, não encontravam nem as riquezas nem as oportunidades que o governo havia prometido. A cidade não tinha estrutura para receber todos eles; assim, seus bairros foram formados por meio da ocupação de áreas desabilitadas ou propriedades privadas. Aos poucos, casas, ruas, comércios, hospitais e escolas iam sendo construídos. As ocupações, entretanto, não ocorriam pacificamente; aconteceram muitos conflitos entre os donos dessas propriedades e aqueles que as ocuparam. Esse processo levou a mortes e ações judiciais, com as pessoas sendo expulsas ou ganhando o direito de viver nas terras ocupadas. Porém, até os dias atuais, muitas famílias ainda vivem em uma situação incerta, sem ter o direito da sua propriedade garantido por lei, porque o governo ainda não legalizou a situação de certos bairros (BORZACOV, 2016).

A estrutura de Porto Velho está, então, estritamente ligada ao governo repressivo militar e ao seu desejo de expansão desenfreada. Atualmente, a cidade possui cerca de 520 mil habitantes, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), com 75 bairros divididos entre as Zonas Norte, Sul, Leste e Oeste. É nesse contexto de ocupação desordenada, com particularidades próprias da Amazônia, principalmente em regiões ribeirinhas, que precisamos descobrir quais são as melhores formas de comunicar sobre o combate às arboviroses em Rondônia, sobretudo em sua capital, uma vez que a histórica falta de planejamento básico em infraestrutura pode contribuir com um ambiente propício para a proliferação do *Aedes aegypti*, mosquito vetor da dengue, da zika e da chikungunya. Para Souza et al. (2021, p. 13), “as medidas de prevenção são fundamentais e eficientes na redução do número de contágios por dengue, sendo necessário, que tais ações sejam intensificadas por meio de propagandas conscientizadoras”, uma percepção de 77% dos entrevistados na capital rondoniense.

De 2016 até 2019, os registros de notificação compulsória da dengue em Porto Velho apresentaram uma diminuição; porém, já no primeiro ano da pandemia da covid-19, em 2020, é possível observar um aumento de 240% dos casos (ver Gráfico 1). De janeiro a outubro de 2021 (PORTO..., 2021), foram registrados 429 casos de dengue, 44 de zika e 57 de

chikungunya, fazendo com que essas doenças ainda não sejam consideradas como controladas na região, sobretudo nos períodos chuvosos. Embora profissionais de saúde realizem ações de conscientização nos bairros mais vulneráveis da cidade sobre os perigos dessas doenças, é preciso um aprimoramento nas demais formas de comunicação, como as que propomos aqui, ocupando redes sociais como Instagram e TikTok e adaptando a mensagem para uma linguagem própria desses espaços.

Gráfico 1 – Registro dos casos de dengue em Porto Velho de 2016 a 2020



Fonte: Souza et al. (2021)

No cenário encontrado pela equipe, que iniciou sua atuação em outubro de 2021, com finalização prevista para maio de 2022, a pandemia da covid-19 se impôs como um grande limitador devido à impossibilidade de uma constante relação presencial com a comunidade porto-velhense, tendo em vista a preservação da saúde dos moradores da cidade e também da equipe executora. Esse impedimento nos permitiu experimentar novas formas de comunicação sobre as arboviroses, em especial a digital e voltada aos dispositivos móveis e às redes sociais Instagram e TikTok. De acordo com a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) (COM CRESCIMENTO..., 2020), ainda antes da crise sanitária, de 2018 a 2019, Porto Velho teve um crescimento de 17% de acesso à internet, com 14,6 mil novos pontos. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), em 2019, menos de 17% dos domicílios de Rondônia não possuíam acesso à internet, número melhor do que os 38% de 2016 (EM 2019..., 2021). Os idosos representaram o grupo que mais passou a utilizar internet, proporcionalmente, e o smartphone (98,6%) foi a principal tecnologia para acesso. Portanto, não apenas os mais jovens devem ser alcançados pelas nossas produções digitais, voltadas para a conscientização das arboviroses.

2 - Referencial Teórico

2.1 - Rondônia em Perspectiva

A historiografia de Rondônia tem sido periodizada em ciclos econômicos. Embora não haja consenso sobre essa abordagem, ela é a mais frequente na bibliografia disponível, sendo os Ciclos da Borracha (1870-1945), da Mineração (1950-1971) e da Colonização (1970-2010) os mais recorrentes e parecendo indicar uma maior convergência entre historiadores. O último ciclo possui como referência o encerramento do mandato de Ivo Cassol como governador de Rondônia, tornando-se, com Valdir Raupp, um dos imigrantes que alcançaram o cargo político máximo do estado, consolidando a ascensão desse grupo. Despontou, nos séculos XVII e XVIII, um Ciclo das Bandeiras (TEIXEIRA; FONSECA, 1998; OLIVEIRA, 2007) e, mais recentemente, um Ciclo das Usinas (2008-2016), referente à construção das usinas de Jirau e Santo Antônio, no Rio Madeira.

O Território Federal do Guaporé surgiu oficialmente em 1943, tornando-se depois, em 1956, o estado de Rondônia. A delimitação aconteceu em função da presença da exploração da borracha no médio e no alto Rio Madeira e nos vales de seus diferentes afluentes e formadores. Mesmo com o final dos períodos de maior pujança da borracha, na década de 1940, alguns jornais se mantiveram e outros surgiram no contexto da manutenção das estruturas administrativas do território federal na fronteira com o Estado boliviano, tendo como cenário uma sociedade cuja principal atividade era a mineração. Nesse período, que segue até os primeiros anos da década de 1970, a população de Rondônia era rarefeita e se concentrava em duas cidades: Guajará-Mirim, na fronteira com a Bolívia e às margens do Rio Mamoré, e Porto Velho, no médio Rio Madeira. As duas cidades eram os pontos extremos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), surgida no período áureo da exploração da borracha amazônica – com as obras ocorrendo entre 1907 e 1912, dando origem à cidade de Porto Velho (OLIVEIRA, 2007). Nesse contexto, e em função da importância estratégica que a região assumiu na política conhecida como imperialismo brasileiro, implementada por Getúlio Vargas, foi criado o Território Federal do Guaporé.

É a partir do início dos anos 1970 que o Território Federal de Rondônia passa por profunda transformação. O deslocamento de milhares de imigrantes do centro-sul brasileiro, incentivados por uma política oficial do governo federal para a ocupação do oeste do país, começa a de fato alterar os cenários locais. A propaganda oficial anunciava terras gratuitas e infraestrutura para o cultivo e o escoamento da produção, com slogans como “Uma terra sem homens para homens sem-terra” e “Integrar para não entregar”, prometendo a distribuição de terras àqueles que se deslocassem

para a Amazônia (OLIVEIRA, 2007; SOUZA, 2001). Rapidamente arrendatários, meeiros e trabalhadores urbanos de diversos estados, com destaque para Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Espírito Santo, convergiram para Rondônia, atraídos pela possibilidade de se tornarem proprietários rurais. A região teve, ao longo de duas décadas, um crescimento populacional próximo a 1000%. Os números absolutos desse período mostram que em 1970 a população do estado era de 111 mil habitantes, e chegou a 1,13 milhão em 1991 (PERDIGÃO; BASSEGIO, 1992).

O período foi marcado por grandes transformações na história do então Território Federal de Rondônia, com a chegada de migrantes em busca de terras para agricultura. A estratégia do governo federal, através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) – que recebeu a responsabilidade de gerir o assentamento da população que se deslocava –, foi alocar os imigrantes em diferentes pontos do território. Para isso estabeleceu os Projetos Integrados de Colonização (PIC), que implementavam uma malha viária aberta para dar acesso aos lotes onde os colonos seriam assentados, com um centro urbano planejado para dar apoio à população rural (BECKER, 1991). A convivência entre colonos, seringueiros e homens da floresta alterou as práticas por conta da necessidade de sobrevivência, pois tinham em comum o fato de estarem, em certa medida, à margem das ações de instituições oficiais (COLFERAI, 2009).

Todos os centros urbanos inaugurados pelo Incra tornaram-se cidades, e na área de cada um dos cinco PICs atualmente se localiza ao menos uma das dez cidades mais importantes de Rondônia. Houve ainda a implantação de dois Projetos de Assentamento Dirigidos (PAD), voltados para a comercialização de terras e a implantação de lavouras extensivas. O fluxo migratório, no entanto, mostrou-se maior e mais duradouro do que o previsto pelos organismos estatais. Ainda no final da década de 1970, foram implementados os Projetos de Assentamento Rápidos (PAR) para dar conta da quantidade de pessoas que chegavam em busca de terras, e no princípio da década de 1990 assentamentos eram constituídos. O militar Jorge Teixeira era governador do Território Federal de Rondônia desde 1979, e o transformou em estado em 22 de dezembro de 1981, durante o governo Figueiredo, com a instalação ocorrendo em 4 de janeiro de 1982 (RIBEIRO, 2011). Com a transformação de Rondônia em estado, os militares buscavam “assegurar a condição majoritária do partido do governo, a Arena, no Congresso Nacional” (NASCIMENTO, 2019, p. 32); isso no momento em que o país já iniciava seu processo de reabertura à democracia.

O cenário e as conjunturas populacionais, políticas e econômicas de Rondônia se alteraram profundamente com a colonização agrícola. O território federal era composto por dois municípios, Guajará-Mirim e Porto Velho, até 1977, quando são criados cinco novos: Ariquemes, Ji-Paraná, Vilhena, Pimenta Bueno e Cacoal. Em 1981, Rondônia se torna Estado. No

final da década de 1980, eram 24 municípios – atualmente são 52. O impacto representado pela expansão das estruturas administrativas, pela distribuição populacional e pela mudança na matriz econômica a partir da colonização faz de Rondônia um espaço sui generis entre os estados da Região Norte.

2.2 - Tecnologias e conteúdos digitais

O contexto da cibercultura (LÉVY, 1999; SANTAELLA, 2003; LEMOS, 2002; JENKINS, 2009) permite uma maior produção e disseminação de conteúdo para quem possui acesso às tecnologias digitais. Esse tipo de democratização da informação diminui a exclusividade que as empresas midiáticas tinham no processo comunicacional, em especial, com sua circulação na sociedade, no momento em que a instituição jornalística é cada vez mais desacreditada. A propagação midiática dos conteúdos digitais, sobretudo a partir da lógica de uma cultura da conexão (JENKINS, 2014), é intensificada pelas possibilidades de interação e engajamento dos consumidores na internet.

Diante de uma quantidade cada vez mais expressiva de dispositivos portáteis, fáceis de manusear e com preços acessíveis, a produção e a circulação de conteúdos (em seus mais variados formatos) têm sido potencializadas. Com a adequação das redes sociais à vida cotidiana, o espalhamento da informação acontece de forma espontânea ou impulsionada. As tecnologias digitais conectadas em mobilidade, funcionando por redes digitais e sem fio, além de capturarem as informações, permitem a sua publicação em tempo real e em ambientes de circulação ampla (LEMOS, 2004; BRIGGS, 2013; CANAVILHAS; SATUF, 2014; SILVA, 2015). Essa relação mais próxima dos consumidores com os produtores faz com que o conteúdo se molde às expectativas, aos interesses e às necessidades daqueles que circulam e propagam de modo quase ininterrupto os produtos digitais. Por causa das redes sociais, Zago (2010; 2011) propõe até um novo modelo de (re)circulação do conteúdo, problematizando o uso dessas mídias para além do consumo tradicional da informação.

Essa menor dependência do intermediário oportunizou o engajamento direto entre os indivíduos, que possuem maior controle sobre a produção e a circulação de informação. Como resultado desse processo, o jornalismo teve sua exclusividade reduzida na produção e na mediação da informação (BORCEZI; MORAIS, 2019), e as redes sociais representam digitalmente as melhores possibilidades de expressão e socialização no ciberespaço, sobretudo nas relações entre uma instituição e o público em geral, através das lógicas profissionais das mídias sociais. Essas interconexões não se restringem aos níveis pessoais das associações, principalmente a partir do final da década de 2000, quando adquirem aspectos mais empresariais

(AYRES et al., 2010; BRAMBILLA, 2011). Tais espaços redefiniram as dinâmicas de comunicação entre as pessoas, que passam a ser mais horizontais, em tempo real, interativas, digitais, de múltiplos fluxos, ou seja, representam uma transformação na mediação da informação.

A mediação pelas tecnologias digitais possibilitou que as interações, agora através de computadores, fossem transportadas a um novo ambiente, o ciberespaço. As redes sociais proporcionaram não apenas um emissor, mas vários participantes que possuem função no processo de comunicação, de maneira mais ou menos decisiva. Além disso, Bernardazzi (2016) defende que, no momento em que a cibercultura se desenvolve pelas redes sociais, o YouTube aparece como um espaço que fomenta a discussão da mudança de paradigma e de consumo desses usuários mais ativos. A plataforma permite que os vídeos sejam avaliados, comentados e compartilhados. Desde então, diversas outras redes sociais têm surgido e captado a atenção, principalmente, de um público mais adepto à internet e, por vezes, mais jovem, como o Instagram, de 2010, e sobretudo o TikTok, de 2016 (AMEAÇADO..., 2022).

3 - Metodologia

A equipe da Estação Rondônia do Projeto ArboControl é formada pelo coordenador, Allysson Martins, e por dois bolsistas, Alana Santos e Cleisson Pereira. O primeiro trabalho foi a leitura sobre as arboviroses e sua incidência não apenas em Porto Velho, mas em Rondônia e até na Região Norte, que, com seus rios e floresta, veem os casos de arboviroses aumentarem principalmente nas estações mais chuvosas. Segundo a Agência Estadual de Vigilância em Saúde (AGEVISA), em Rondônia o lixo doméstico é um dos principais motivos para a proliferação do *Aedes aegypti*, mosquito transmissor da dengue, da zika e da chikungunya (PARAGUASSU, 2017). Dessa forma, uma das principais soluções seria a conscientização da população para a limpeza constante desses locais, que se transformam em criadouros do mosquito, aliada, evidentemente, ao trabalho corriqueiro de limpeza urbana realizado pelos municípios.

Nos períodos de surtos de casos, tanto o governo do estado quanto a prefeitura de Porto Velho realizam ações com carros de fumaça, que jogam inseticida pelas casas, e campanhas de conscientização à população, que recebe até visitas de agentes de saúde; essas ações arrefeceram durante a pandemia da covid-19, podendo gerar um aumento nos casos (SÉRGIO, 2017). Mais recentemente, com as tecnologias digitais, em especial as redes sociais, mais presentes no cotidiano das pessoas, as campanhas contra o mosquito *Aedes aegypti* têm sido disseminadas também nesses espaços, e

o governo vem investindo até em campanhas patrocinadas e impulsionadas (ver Figura 1).

Figura 1 – Publicações no Instagram do Governo de Rondônia de 16 a 23 de fevereiro de 2022



Fonte: Instagram @governoro

No segundo momento, em breve levantamento das matérias sobre arboviroses entre 2017 e 2021, encontramos 8 no Portal do Governo do Estado de Rondônia e 17 no site da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Velho, demonstrando a preocupação do município com as doenças e seu mosquito transmissor. Ao considerarmos mesmo as características históricas da cidade, de ocupação desordenada e ribeirinha, e a falta de infraestrutura básica em algumas regiões como problemáticas para a disseminação das arboviroses, nossa atenção se voltou para os bairros Castanheira, um dos maiores da cidade, com 14 mil habitantes, e Nacional (Figura 2).

Figura 2 – Mapa de Porto Velho com os bairros



Fonte: Google Maps

Os bairros são periféricos – no sentido mais próprio do termo, pois se encontram distantes do centro e nas saídas da capital rondoniense – e apresentam problemas estruturais que propiciam a proliferação do mosquito transmissor, como já mencionado. Embora o bairro Castanheira – perto da zona rural, com matas e riachos – esteja entre os mais afetados da cidade pelas arboviroses (PORTO..., 2021), o Nacional também se encontra em estágio de vulnerabilidade no tocante à sua infraestrutura, principalmente por estar ao lado do Rio Madeira, conforme evidenciado durante visita técnica (ver Figura 3).

Figura 3 – Imagens feitas durante visita ao bairro Nacional, guiada pelo representante



Fonte: Elaboração própria

Os bairros possuem uma infraestrutura precária, com bueiros, esgotos e valas cheios de lixo jogados de forma indevida, facilitando a proliferação do mosquito transmissor das arboviroses. O Nacional ainda tem casas construídas próximo ao rio, sofrendo constantemente com alagações e o aparecimento de animais peçonhentos e silvestres. Foi neste terceiro momento que entramos em contato com os representantes dos bairros – João Bosco Pereira Filho, presidente da Associação Comunitária Amigos do Bairro, no Castanheira, e Uilian Pereira Obrigon, presidente do Instituto Tucumã, no Nacional – para verificar a melhor estratégia de produção de conteúdo comunicacional, a fim de informar e conscientizar a população sobre o problema das arboviroses, sobretudo apresentando estratégias para combatê-las.

A visita técnica e a conversa com os representantes dos bairros supracitados nos fizeram ter a ideia de trabalhar com vídeos curtos, produções digitais próprias das redes sociais, em especial do Instagram e do TikTok, uma vez que esses espaços estão cada vez mais no cotidiano das pessoas, e não apenas dos mais jovens. Neste quarto momento, começamos a desenhar o roteiro dos vídeos, após decidirmos que seriam 15 produções, 5 para o Instagram (vídeos de até 1 minuto, mais bem trabalhados e com temáticas específicas) e 10 para o TikTok (seguindo as tendências de viralização da plataforma, adaptando a mensagem para o combate das arboviroses).

Com ring light para melhoria de iluminação e microfone de lapela para captação de áudio, sobretudo nos vídeos de 1 minuto, os vídeos foram gravados todos com os smartphones dos próprios bolsistas, seguindo os roteiros previamente elaborados. Os vídeos, especialmente os maiores, tiveram imagens de apoio da internet e foram editados com auxílio do Adobe Premiere, na sala e nos computadores do MÍDI – Grupo de Pesquisa em Mídias Digitais e Internet da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). As produções para o TikTok foram gravadas diretamente no aplicativo, valendo-se de seus filtros, e, em algumas ocasiões, editadas no aplicativo CapCut, também através dos smartphones dos próprios bolsistas.

A próxima etapa compreende uma nova conversa com os representantes dos bairros para espalhamento do material produzido e avaliação das peças pelos moradores das regiões, através de formulário do Google enviado via WhatsApp. Das 15, foram selecionadas 5 como amostragem para a avaliação, a fim de garantir maior participação desse público específico: 3 vídeos do Instagram, sobre as arboviroses e o mosquito, as formas de combatê-lo e especificamente a dengue; e 2 tendências do TikTok, ou seja, adaptação para o tema das arboviroses dos vídeos populares na plataforma, cujos áudios são reencenados por várias contas. Ademais, teremos ainda uma oficina sobre a produção de vídeos curtos para redes sociais, em que serão ensinadas técnicas de iluminação, captação de áudio e edição de vídeo.

4 - Resultados

Os 15 vídeos foram publicados durante dois meses, do final de dezembro de 2021 até o meio de fevereiro de 2022, nas contas do Instagram e do TikTok do @grupomidi. O MÍDI é um grupo de pesquisa em mídias digitais, mas também produz conteúdo voltado à divulgação científica nas redes sociais, sobretudo no Instagram, já possuindo um público de mais de 7 mil seguidores para alcance e retorno, mesmo que indireto, das peças sobre as arboviroses. Ainda assim, nesta rede social, apenas 5 vídeos foram publicados, enquanto o TikTok recebeu a veiculação de todos os

15 produtos. No Instagram, foi criado um guia chamado ArboControl, em que podem ser acessadas e compartilhadas todas essas produções (ver Figura 4).

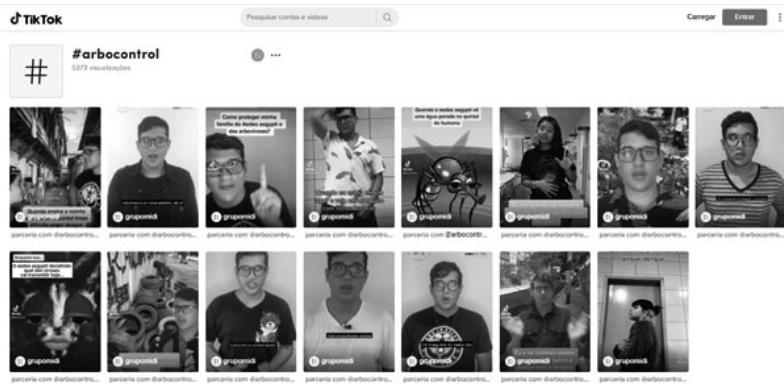
Figura 4 – Guia das publicações sobre arboviroses no Instagram do MíDI (@grupomidi)



Fonte: Instagram @grupomidi

Esses cinco vídeos foram mais gerais, explicando sobre as arboviroses e o seu mosquito transmissor, as formas de combate do *Aedes aegypti* e denúncia de espaços irregulares, e três deles detalham cada uma das arboviroses: dengue, zika, chikungunya. Já os dez vídeos exclusivos para o TikTok seguiram os virais que estavam em alta (tendência) na plataforma, mas sempre adaptando a mensagem para o combate das doenças, em especial da dengue. Essas produções podem ser acessadas pela tag #ArboControl (<https://vm.tiktok.com/ZML6mVJGh/>) (ver Figura 5).

Figura 5 – Produções sobre arboviroses no TikTok do MÍDI (@grupomidi)



Fonte: TikTok @grupomidi

Os vídeos sobre arboviroses produzidos pela Estação Rondônia do Projeto ArboControl obtiveram algum sucesso, ao menos em termos de número e alcance (ver Figura 6). As peças sobre zika e chikungunya foram as que menos obtiveram visualizações, mas ainda assim com uma boa média, de 2.500 acessos, enquanto o vídeo mais visto foi o da dengue, com mais de 3.600 acessos, seguido pelas formas de combater o *Aedes aegypti* e pela explicação geral do que são as arboviroses e de quem transmite essas doenças. Esses dados, de 22 de fevereiro de 2022, revelam que os produtos tiveram mais de 15 mil visualizações, isto é, uma média maior do que 3 mil para cada vídeo, contando-se apenas os dados do Instagram. No TikTok, a tag #ArboControl apresenta mais de 5.300 visualizações no total dos 15 vídeos, um número inferior ao encontrado no Instagram, mas notadamente de um público mais diverso, que não tem costume de acompanhar as produções do MÍDI. No Instagram o @grupomidi possui mais de 7 mil seguidores, já no TikTok são menos de 200.

Figura 6 – Visualizações dos vídeos sobre arboviroses no Instagram do MÍDI (@grupomidi)



Fonte: Instagram @grupomidi

5 - Considerações finais

As doenças causadas pela fêmea contaminada do *Aedes aegypti* são chamadas de “arboviroses”, e compreendem dengue, zika e chikungunya. Em Rondônia, um dos principais problemas para a proliferação do mosquito e o aumento de casos é o lixo doméstico, sobretudo quando não há uma constante conscientização da população para a limpeza desses locais. Em Porto Velho, foram estabelecidos diálogos com lideranças dos bairros Castanheira e Nacional, localizados em regiões estratégicas da capital rondoniense e com características propícias para a disseminação dessas doenças.

A nossa intenção era experimentar novas formas de comunicação sobre as arboviroses, em especial a digital e voltada aos dispositivos móveis e às redes sociais Instagram e TikTok, a fim de conscientizar a comunidade local sobre as doenças e as formas de evitá-las ao se combater a proliferação do mosquito. Para isso, foram publicados 15 vídeos, 5 com aproximadamente 1 minuto cada e mais didáticos e explicativos, e 10 exclusivos do TikTok, com formatos mais virais, pensando nas tendências dessa plataforma, e de tamanho curtíssimo – menos de 20 segundos.

As peças sobre zika e chikungunya foram as que obtiveram menor número de visualizações no Instagram, possivelmente porque os vídeos mais gerais sobre as arboviroses, o mosquito transmissor (*Aedes aegypti*) e as formas de combatê-lo, além daquele sobre a doença da dengue, são assuntos mais comuns para a maior parte dos seguidores do MÍDI nas redes sociais. Esses temas podem ter causado um engajamento maior, principalmente no compartilhamento dos conteúdos mencionados, gerando também, portanto, um maior alcance dessas produções. O TikTok apresentou números mais modestos, provavelmente porque é uma rede social em que o MÍDI possui atuação mais discreta e um número de seguidores muito baixo.

Mesmo sem o retorno específico das produções sobre arboviroses pelos moradores dos bairros Castanheira e Nacional, podemos dizer que os vídeos obtiveram boa recepção do público, pela quantidade de visualizações nas contas do @grupomidi. Ainda assim, as avaliações quanti-qualitativas dos moradores de Porto Velho poderão nos informar melhor no tocante ao efeito causado pelos vídeos, sobretudo se nossa principal intenção foi alcançada, a saber, conscientizar a população sobre os problemas das arboviroses, através de uma estratégia comunicacional nas redes sociais, a fim de criar produtos semelhantes àqueles que circulam nesses espaços. Para isso, os representantes dos bairros, junto com nossa equipe, apresentaram cinco vídeos (três do Instagram e dois do TikTok) aos moradores de Porto Velho e aplicaram um questionário para que eles possam analisar detidamente as produções. Esse retorno nos permitirá ainda alinhar a oficina sobre produção de vídeos curtos para redes sociais, quando serão ensinadas técnicas de iluminação, captação de áudio e edição de vídeo.

Referências

AMEAÇADO pelo TikTok, Facebook luta para atrair jovens. *Correio Brasileiro*, 2022. Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/tecnologia/2022/02/4982502-ameacado-pelo-tiktok-facebook-luta-para-atrair-jovens.html>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

AYRES, Marcel; CERQUEIRA, Renata; DOURADO, Danila; SILVA, Tarcízio (Orgs.). #Mídias Sociais: perspectivas, tendências e reflexões. PaperCliQ, 2010.

BARBOZA, José Joaci; TAMBORIL, Francisca. Porto Velho, segregada e irregular: assim surge uma Cidade. In: COSTA SILVA, Ricardo Gilson da (Org.). Porto Velho, urbanização e desafios para uma cidade centenária. Porto Velho: Edufro, 2016. p. 130-155.

BECKER, Bertha. Amazônia. São Paulo: Ática, 1991.

BERNARDAZZI, Rafaela. Youtubers e as relações com a produção audiovisual. In: Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), São Paulo, 2016.

BORCEZI, Daniela; MORAIS, Carlos Willians Jaques. Fact-checking e a circulação da notícia política: o discurso sobre o fim da Cracolândia. *Revista Ícone*, Recife, v. 17, n. 1, p. 72-84, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/view/237623>>.

BORZACOV, Yêdda Pinheiro. Os bairros na história de Porto Velho. Porto Velho: Porto Madeira Gráfica & Comunicação Visual, 2016.

BRAMBILLA, Ana (Org.). Para entender as mídias sociais. Salvador: Edições VNI, 2011.

BRIGGS, Mark. Journalism next: a practical guide to digital reporting and publishing. 2 ed. EUA: SAGE, 2013.

CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan. Jornalismo em transição: do papel para o tablet... ao final da tarde. In: FIDALGO, António; CANAVILHAS, João (Orgs.). Comunicação digital: 10 anos de investigação. Covilhã: Livros Labcom, 2014. p. 33-58.

COLFERAI, Sandro Adalberto. Jornalismo e identidade na Amazônia: as práticas culturais legitimadas no jornal Diário da Amazônia como representações identitárias de Rondônia. 2009. 198 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

COM CRESCIMENTO de 67% no acesso à internet por meio de provedores regionais, Rondônia recebe o evento itinerante ABRINT na Estrada. Channel 360º, 2020. Disponível em: <<https://www.channel360.com.br/com-crecimento->

de-67-no-acesso-a-internet-por-meio-de-provedores-regionais-rondonia-recebe-o-evento-itinerante-abrint-na-estrada>. Acesso em: 22 fev. 2022.

EM 2019, Rondônia tinha mais de 16% das casas sem acesso à internet, diz IBGE. G1, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2021/04/15/em-2019-rondonia-tinha-mais-de-16percent-das-casas-sem-acesso-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Biblioteca IBGE. 2018.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry. Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

LEMOS, André. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEMOS, André. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. Revista Razón y Palabra, n. 41, 2004. Disponível em: <<https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibermob.pdf>>.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos. Multipartidarismo e governabilidade em Rondônia: a configuração ao Sistema Partidário Estadual na Transição Democrática. 2019. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

OLIVEIRA, Ovídio Amélio de. Desenvolvimento e colonização do estado de Rondônia. 6 ed. Porto Velho: Dinâmica, 2007.

PARAGUASSU, Mara. Mais uma vez pesquisa aponta que lixo doméstico é o principal criadouro do mosquito da dengue. Portal do Governo do Estado de Rondônia, 2017. Disponível em: <<https://rondonia.ro.gov.br/mais-uma-vez-pesquisa-aponta-que-lixo-domestico-e-o-principal-criadouro-do-mosquito-da-dengue/>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

PERDIGÃO, Francinete; BASSEGIO, Luiz. Migrantes Amazônicos: Rondônia: a trajetória da ilusão. São Paulo: Loyola, 1992.

PORTO Velho registra mais de 400 casos de dengue em 2021, diz prefeitura. G1, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2021/10/07/porto-velho-registra-mais-de-400-casos-de-dengue-em-2021-diz-prefeitura.ghtml>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

RIBEIRO, Aurení Moraes. Entre a repressão e a resistência – memória de jornalistas que trabalharam na imprensa de Porto Velho. Informação & Comunicação, v. 14, n. 1, p. 14-30, 2011. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/80654>>.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SÉRGIO, Paulo. Governo encerra mapeamento de infestação e ajuda municípios no combate ao mosquito transmissor da dengue, chikungunya e zika. Portal do Governo do Estado de Rondônia, 2017. Disponível em: <<https://rondonia.ro.gov.br/governo-encerra-mapeamento-de-infestacao-e-ajuda-municipios-no-combate-ao-mosquito-transmissor-da-dengue-chikungunya-e-zika/>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

SILVA, Fernando Firmino da. Jornalismo móvel. Salvador: EDUFBA, 2015.

SOUZA, Carla Monteiro de. Gaúchos em Roraima. Porto Alegre: ediPUCRS, 2001.

SOUZA, Vytor Hugo Staut de et al. Análise epidemiológica dos casos de dengue no município de Porto Velho-RO. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 3, p. 1-14, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.34117/bjdv7n3-621>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

TEIXEIRA, Marco Antonio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro. História regional: Rondônia. Porto Velho: Rondoniana, 1998.

ZAGO, Gabriela da Silva. Circulação jornalística no Twitter: apontamentos para discussão. In: Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Luís: SBPJOR, 2010, p. 1-14.

ZAGO, Gabriela da Silva. Recirculação jornalística no Twitter: motivações dos interagentes para filtrar e comentar notícias. In: Anais do I Confibercom, São Paulo, 2011, p. 1-16.

Realização



Apoio a gestão



Apoio a pesquisa





Editora ECoS
Volume - I, julho de 2022
Tipografia utilizadas:
(Corpo de Texto) Opens Sans Ligh
(Capitulares) Opens Sans Bold
(Caracteres especiais) Opens Sans Regular